



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

KELLEN CRISTINA COSTA ALVES BERNARDELLI

**EURIDES PEREIRA DE SOUZA: A SINGULARIDADE DE SER PROFESSORA
NO ENSINO RURAL DE UBERLÂNDIA - MG, 1966 – 1997**

**UBERLÂNDIA
2019**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

KELLEN CRISTINA COSTA ALVES BERNARDELLI

**EURIDES PEREIRA DE SOUZA: A SINGULARIDADE DE SER PROFESSORA
NO ENSINO RURAL DE UBERLÂNDIA - MG, 1966 – 1997**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), na Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Sônia Maria dos Santos

**UBERLÂNDIA
2019**

KELLEN CRISTINA COSTA ALVES BERNARDELLI

**EURIDES PEREIRA DE SOUZA: A SINGULARIDADE DE SER PROFESSORA
NO ENSINO RURAL DE UBERLÂNDIA - MG, 1966 – 1997**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), na Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Sônia Maria dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

B522e
2019

Bernardelli, Kellen Cristina Costa Alves, 1978-
Eurides Pereira de Souza [recurso eletrônico] : a singularidade de ser
professora no ensino rural de Uberlândia - MG, 1966 - 1997 / Kellen
Cristina Costa Alves Bernardelli. - 2019.

Orientadora: Sônia Maria dos Santos.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de
Pós-Graduação em Educação.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2021.5512>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Educação. I. Santos, Sônia Maria dos, 1960-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU:37

Gloria Aparecida - CRB-6/2047
Bibliotecária



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ATA DE DEFESA

Programa de Pós-Graduação em:	Educação			
Defesa de:	Tese de Doutorado Acadêmico, 27/2019/217, Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED			
Data:	Dezesseis de agosto de dois mil e dezenove	Hora de início: 10:10	Hora de encerramento: 13:30	
Matrícula do Discente:	11513EDU024			
Nome do Discente:	KELLEN CRISTINA COSTA ALVES BERNARDELLI			
Título do Trabalho:	"Eurides Pereira de Sousa: A Singularidade de Ser Professora no Ensino Rural de Uberlândia - MG, 1966-1997"			
Área de concentração:	Educação			
Linha de pesquisa:	História e Historiografia da Educação			
Projeto de Pesquisa de vinculação:	"Historia e perspectivas da formação de professores da educação básica"			

Reuniu-se no Anfiteatro/Sala 1G129, Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Francisca Izabel Pereira Maciel - UFMG; Cecilia Maria Aldigueri Goulart - UFF; Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro - UFU; Sônia Maria dos Santos - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a), e Armindo Quilici Neto - UFU, presidente da mesa.

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Armindo Quilici Neto, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Superior, em 16/08/2019, às 13:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Francisca Izabel Pereira Maciel, Usuário Externo**, em 16/08/2019, às 13:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **CECILIA MARIA ALDIGUERI GOULART, Usuário Externo**, em 16/08/2019, às 13:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Betania de Oliveira Laterza Ribeiro, Professor(a) do Magistério Superior**, em 16/08/2019, às 13:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sonia Maria dos Santos, Usuário Externo**, em 16/08/2019, às 14:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1470511** e o código CRC **EF863484**.

*Dedico este trabalho
à professora pesquisada,
Eurides Pereira de Souza,
por todo trabalho à educação
e à vida das pessoas.*

AGRADECIMENTOS

"Dai graças ao Senhor porque Ele é bom, eterna é a sua misericórdia!" (Salmo 117). Agradecer a Deus por este trabalho não é uma ação *pro forma*, mas sim, um verdadeiro reconhecimento da ação do amor e da misericórdia Divina em minha vida e na da minha família.

Que me desculpem os racionalistas, mas agora é a hora do choro...

Obrigada, mamãe Darci, por sempre me encorajar a vencer os desafios da vida. Inclusive a não desistir desta pesquisa.

Papai Edésio, apesar da sua ausência no plano terrestre, sinto o seu cheiro e o aperto do seu abraço me afagando e me dando parabéns. Estaria muito feliz se estivesse aqui.

Obrigada, Fabrício Renato, meu esposo, pelo companheirismo e pelos cuidados com nossas filhas na minha ausência.

Sobre cuidados, ninguém melhor a agradecer, a não ser a Dinair. Mais que uma funcionária, uma amiga nas horas certas e incertas. Dina, você sabe da sua importância em todo esse processo, também foi mãe das meninas, para que eu pudesse realizar o sonho do doutorado. Quantas vezes me trouxe café para que eu ficasse atenta às escritas. Obrigada, para sempre!

Aos meus irmãos, Marcos Fernando e Fabiana, que nos bastidores sempre me apoiaram e me incentivaram. Os nossos irmãos são nossos melhores amigos!

Nos agradecimentos da minha dissertação, eu dizia: "No jardim da minha vida existem várias outras lindas flores: as minhas sobrinhas, Myllena e Gabriela, minhas filhas de coração". Meninas, hoje esse jardim se encontra expandido, com a vinda do Arthur, irmão de vocês, e depois com o nascimento da Mariana e da Maísa, minhas filhas biológicas e também de coração.

Muito carinho também à Thainá, Gabriel, Gabrielli e Antony. Que chegaram depois mais conquistaram o meu coração.

Para Esther minha cunhada que se tornou minha amiga, um grande abraço. Reconheço a importância do meu cunhado Marcos em nossas vidas, homem trabalhador e sacerdote da sua família. Reconhecimento também ao carinho que Maria das Graças tem com minhas filhas, como avó paterna, assim como os titios Giuliano e Júnior.

Mariana e Maísa, a mamãe trabalhou muito e brincou pouco nos últimos dias deste trabalho, mas todo esforço valerá a pena. Aprendam que não há vitória sem dedicação, disciplina e amor.

Vovózinha, meu amor, minha segunda mãezinha. Que privilégio tê-la conosco! Obrigada por tudo!!!! Depois de Maria, mãe de Jesus, a senhora é a referência de mulher na minha vida. Aos meus outros avós que partiram, gratidão!

Às minhas madrinhas, gratidão. Madrinha Sirlei, em cada verso das epígrafes deste trabalho soavam sua meiguice e seu amor à literatura.

Agradeço a todos os tios, tias, primos, primas e afilhados. Que me desculpe o resto da população, mas a nossa família é a melhor do mundo! Nubia, Lívia, Francis, Leila, Rhaine, Adriano Carlos, Lidiane, Suzana, Renata, Egno, Rafael. UFA! São muitos primos...

Os laços de amizade não se reduzem a um período de convivência em um determinado espaço. Nós carregamos os amigos dentro do coração. Vocês são anjos que Deus colocou em minha vida. Trazendo para cá as palavras do cantor Roberto Carlos... não preciso nem dizer tudo isso que eu lhes digo, mas é muito bom saber que vocês são meus amigos!

Como na dissertação, novamente eu agradeço à 55^a Turma de Pedagogia da UFU (Luciana, Andréa, Ivânia, Patrícia, Janaina, Adriana Melo); aos amigos da Cooperativa Agropecuária Ltda. de Uberlândia – CALU (Luciana, Fabiana, Márcia e Núbia); do SESI Gravatás; da Rede Estadual de Ensino de Minas Gerais; da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia, em especial aos amigos e colegas da Escola Municipal Professor Jacy de Assis (Tânia, Anézia, Francielle, Andréa, Luciana Barbosa, Leila e Gisley) e do Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz – CEMEPE (Denise Giaretta, Rejane Moreira e Carol).

Aos amigos e colegas de trabalho, Mariana Martins, Priscila, Celine, Vanessa, Rochele Analúcia, Flávia, Pâmela, Paula, Divina, Edna, André Sabino, Selma, Laís Agranito (para sempre Esebiana), Lucielle, Mariane Éllen, Márcia Cristina, Luciana Muniz, Vaneide, Léa, Clarice, Beloní, Joyce, Jhonatan, Janine, Eliana Carleto, Denize Rizzotto, Peróla Pereira, Rôsania Bacci, Eliana Garcia, Rita Roger, da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia - ESEBA, meu muito obrigada! Eu hoje trabalho na escola onde um dia sonhei estar. Agradeço a tolerância, paciência e os incentivos da minha área, Educação Infantil, e da Alfabetização Inicial. A licença-qualificação a mim concedida foi crucial para a realização deste trabalho. Sem ela, não teria tempo hábil para concretizá-lo.

Aos amigos e colegas do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC, polo Universidade Federal de Uberlândia, lugar em que aprendi a ser melhor professora-formadora (Marília, Salete, Elaine, Rejane, Cida, Eliane, Rosa, Raquel, Ronaldo, Mariana, Renata, Fabiana, Valéria, Gilda, Rosi, Sandra e Andreia.

Casa Rede, reduto de pessoas do bem em busca do ensino-pesquisa-extensão e formação, representada por Tia Sônia, Euclides, Agson Zago, Gabriela e estagiários. Parte da tese foi construída nesse espaço de acolhida.

Aos amigos feitos nos laços acadêmicos e na vida: Polyana Roberta, Graciane Gomes, Anderson Baía, Rosângela Guimarães, Fabrício Valentim, Juliano Guerra, Gabriela Marques, Geracilda Silva, Marisa Marra, Monalisa, Márcia Cabrera, Izabel Rozetti, Renata Neiva, Tânia Cristina, Carla Jacinto, Welbert Pinheiro, Maria Cristina e muitos outros.

Agradecimentos especiais à minha irmã biológica Fabiana Costa Alves e irmãs-amigas, Jane Santos Reis e Lucília Pereira Carrijo, obrigada por todo cuidado comigo na minha recuperação cirúrgica. Colaborando que eu me tornasse uma pós-graduanda mais saudável e bonita. Assim como também fazem a Hag, Ilzy, Cristiane e Sandra.

À equipe multiprofissional que também colaboraram com a minha saúde para que eu pudesse fazer um melhor trabalho: Bruno Simão (nutri), Cristiane Sena (psico), Lygia Nucci (personal), Thiago Castro (psiquiatra) e Cairo Brito (gastro).

À James, do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED, agradeço a acolhida, o bom humor e a eficiência com que sempre nos atendeu.

Agradeço as contribuições dos servidores da Fundação Helena Antipoff, em especial à senhora Miriam, do Memorial Helena Antipoff. À acolhida dos servidores do acervo de Helena Antipoff, na Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais. Agradeço a disponibilidade de servidores da Área Administrativa de Recursos Humanos da Prefeitura Municipal de Uberlândia, em relação à pasta funcional da professora Eurides Pereira de Souza; e à secretaria escolar da Escola Municipal Olhos D'Água, senhora Regina, pelo acesso aos documentos arquivados da Escola Municipal Saudade.

Professora Dra. Sônia Maria dos Santos, minha orientadora. Carinhosamente chamada por nós, orientandos, de “Tia Sônia”. Você se fez mãe, daquelas que batem e assopram, e se fez amiga num momento tão especial, mas conturbado, da minha vida. Nossos laços acadêmicos e de amizade nos cercaram ao longo de nossas vidas. Obrigada por tudo!

Os meus agradecimentos à Profa. Dra. Francisca Izabel Pereira Maciel e à Profa. Dra. Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro pelas sugestões que deram ao texto que levei para a qualificação do Doutorado, assim como aos membros da Banca de Defesa, a saber, novamente, as professoras doutoras Francisca Izabel Pereira Maciel e Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro, à Profª. Dra. Cecília Maria Aldigheri Goulart e ao Profº. Dr. Armindo Quillici pelas contribuições.

Gratidão à Mônica Machado Brito pela correção textual, formatação do texto e pelas nossas conversas sobre família, literatura e plantas. Gratidão também à Rafael Guerra Rocha, irmão do meu grande amigo Juliano Guerra Rocha, pelo tratamento das imagens.

Por fim, agradeço à pessoa inspiradora de todo esse trabalho: Eurides Pereira de Souza. São pessoas como a senhora que nos movem a fazer o melhor trabalho para os nossos alunos. A sua história de vida representa, neste trabalho, todos os professores leigos ou licenciados, que trabalharam no Ensino Primário Rural do País e que, por meio do seu fazer pedagógico e das práticas educativas, realizaram a mediação cultural nas comunidades onde trabalharam. Meu muito obrigada!

Escreverás meu nome com todas as letras,
Com todas as datas
– e não serei eu.
Repetirás o que me ouviste,
O que leste de mim, e mostrarás meu retrato
– e nada disso serei eu.
Dirás coisas imaginárias,
Invenções sutis, engenhosas teorias
– e continuarei ausente.
Somos uma difícil unidade,
De muitos instantes mínimos
– e isso seria eu.
Mil fragmentos somos [...]

Cecília Meireles/Biografia

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - 7 de setembro de 1990, em frente ao Fórum de Uberlândia	50
Figura 2 - Festa Junina na Escola Municipal Saudade no ano de 1989	52
Figura 3 - 7 de setembro de 1988 na Escola Municipal Saudade.....	70
Figura 4 - Aula expositiva sobre os Símbolos Nacionais e o amor à pátria.....	70
Figura 5 - Quarto anexo à Escola Municipal da Sucupira – Fazenda Sucupira	72
Figura 6 - Pai que leva os filhos e outros alunos para a Escola Municipal Saudade – meio de transporte: charrete	73
Figura 7 - Foto da casa construída em Uberlândia	76
Figura 8 - Bênção para a Turma de Auxiliar de Enfermagem do Hospital Santa Clara	77
Figura 9 - Mapa rodoviário de Minas Gerais (2012).....	78
Figura 10 - Estação Mogiana; atual terminal central de ônibus da cidade	78
Figura 11 - Foto de Dona Beja	84
Figura 12 - Vista aérea da Araxá da época.....	86
Figura 13 - Grande Hotel Araxá.....	87
Figura 14 - Fachada do primeiro prédio da Escola Estadual Delfim Moreira, em Araxá.....	89
Figura 15 - Fachada do prédio atual da Escola Estadual Delfim Moreira.....	90
Figura 16 - Hospital Santa Clara – anos 1950	93
Figura 17 - Irmãs e vizinhos no aniversário da Angélica (irmã).....	97
Figura 18 - Entrega de diploma do curso preparatório.....	108
Figura 19 - Eurides em frente à Fundação Helena Antipoff (anos 70)	122
Figura 20 - Eurides com diploma de Magistério	123
Figura 21 - Entrega de Diplomas da Fundação Helena Antipoff (sem data)	123
Figura 22 - Frente do “Certificado de Conclusão do Curso de Qualificação Profissional, nível de 2º Grau, para o Magistério de 1ª à 4ª Séries de 1º Grau”.....	124
Fonte: Pasta funcional de Eurides Pereira de Souza. Figura 23 - Verso do “Certificado de Conclusão do Curso de Qualificação Profissional, nível de 2º Grau, para o Magistério de 1ª à 4ª Séries de 1º Grau”.....	124
Figura 24 - Recorte de reportagem sobre Curso de Habilitação de Professores leigos em nível de 1º e 2º graus	127

Figura 25 - Recorte do Jornal Mensageiro Rural	127
Figura 26 - Datas cívicas, sociais e religiosas	128
Figura 27 - Ensino dos Símbolos Nacionais	130
Figura 28 - Estátua de Helena Antipoff nos jardins de sua fundação	132
Figura 29 - Documento da nomeação de Eurides como professora municipal (1968)	154
Figura 30 - Atestado de conduta (1968).....	155
Figura 31 - Portaria 621, de 24 de julho de 1974	156
Figura 32 - Folha de informações e despachos (1993).....	159
Figura 33 - Mudança de cargo.....	161
Figura 34 - Pagamento de terceiro quinquênio	162
Figura 35 - Portaria nº 1.875, de 20 de março de 1991	164
Figura 36 - Folha de Informações e Despachos – suspensa a conversão de licença-prêmio em dinheiro.....	166
Figura 37 - Gozo da licença-prêmio temporariamente suspenso	167
Figura 38 – IPREMU indefere análise de tempo por dobra de turno	170
Figura 39 – IPREMU aposenta Eurides P. de Souza por tempo de serviço	172
Figura 40 - Decreto ratifica aposentadoria da Profa. Eurides P. de Souza.....	173
Figura 41 - Formatura do Mobral, 1972	179
Figura 42 - Preparação do lanche na Escola Municipal Saudade.....	189
Figura 43 - Professora e alunos na área externa da Escola Municipal Saudade.....	192
Figura 44 - Detalhes de instituições	194
Figura 45 - Danças regionais - 1978.....	196
Figura 46 - Cavalhada em 1978 – Comunidade da Escola Municipal Saudade.....	197
Figura 47 - Ex-alunos em um baile na Escola Municipal Saudade - 1977.....	198
Figura 48 - Frente da Capela da Saudade - 2017.....	199
Figura 49 - Durante a missa realizada especialmente para suas “Bodas de Prata”	201
Figura 50 - Saída da procissão com as imagens de São Sebastião e Nossa Senhora Aparecida	201

Figura 51 - Procissão da missa de “Bodas de Prata”	202
Figura 52 - Travessia de charrete – entre a igreja e a escola.....	203
Figura 53 - Lista de aniversariantes de 03 de agosto de 1978.....	204
Figura 54 - Recepção da comunidade à professora Eurides após a missa.....	205
Figura 55 - As homenagens na Escola Municipal Saudade	206
Figura 56 - Apresentação do alfabeto.....	206
Figura 57 - Diploma de Mérito.....	207
Figura 58 - Homenagem de uma supervisora escolar – 25 anos de Magistério	208
Figura 59 - Painel da aposentadoria	209
Figura 60 - Eurides com os colegas da Escola Municipal Olhos D’Água	209
Figura 61 - Cartão de uma supervisora da Escola Municipal Olhos D’Água	210
Figura 62 - Mensagem de aluna	211
Figura 63 - Quadro de Eurides na biblioteca.....	212
Figura 64 - Conclusão de série	212
Figura 65 - Escola Municipal Olhos D’Água na atualidade – 2019.....	213
Figura 66 - Inauguração da Biblioteca Eurides Pereira de Souza - 1998	215
Figura 67 - Alunos na biblioteca – 1996	216
Figura 68 - Aniversário de Eurides - 2019	227
Figura 69 - Frente da Escola Municipal Saudade – 2019.....	227

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CALU - Cooperativa Agropecuária Ltda. de Uberlândia
CBMM - Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração
CAMIG - Companhia Agrícola de Minas Gerais
CEAI - Centro Educacional de Assistência Integrada ao Idoso
CEMEPE - Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz
CENAFOR – Centro Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal para a Formação Profissional
CNAE - Campanha Nacional da Alimentação Escolar
COMIG - Companhia Mineradora de Minas Gerais
EJA – Educação de Jovens e Adultos
ESEBA – Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia
FAe - Faculdade de Educação
GPERH - Grupo de Pesquisas em História do Ensino Rural
IFG - Instituto Federal de Goiás
IPES - Instituto de Estudos Políticos e Sociais
IPREMU - Instituto de Previdência Municipal de Uberlândia
LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização
PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais
PMU – Prefeitura Municipal de Uberlândia
PNAIC - Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa
PNE - Plano Nacional de Educação
PPGED-UFG – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia
SEE - Secretaria Estadual de Educação
SESC – Serviço Social do Comércio
SESI - Serviço Social da Indústria
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais
UFU – Universidade Federal de Uberlândia
USAID - Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional

RESUMO

A pesquisa está inserida no campo da História da Educação e tem como objeto de estudo a história de vida, formação e as práticas educativas da professora alfabetizadora Eurides Pereira de Souza. Dessa forma, nosso objetivo central consiste em investigar a trajetória de vida de uma professora primária no Ensino Rural de Uberlândia no período de 1966 a 1997, enfocando suas práticas educativas desenvolvidas principalmente em escolas rurais do município de Uberlândia – Minas Gerais. O estudo historiográfico pautou-se em uma investigação que teve como fio condutor a seguinte questão/problema: Como Eurides Pereira de Souza, mulher, pobre, parda e leiga, na condição de mediadora cultural, desenvolveu sua prática educativa em comunidades no Ensino Rural de Uberlândia? E como objetivos específicos, procuramos recuperar a trajetória de vida da professora primária no Ensino Rural, por meio de sua obra educacional; a formação realizada na Fundação Helena Antipoff, de leiga a normalista; o delineamento da identidade profissional, por meio do ciclo profissional docente e da carreira; e a revelação das práticas educativas, por meio de documentos iconográficos e das memórias da professora pesquisada. A pesquisa buscou contribuir com elementos histórico-pedagógicos para a discussão da história docente de professores e do Ensino Rural no País, especificamente, na Universidade Federal de Uberlândia. Como metodologia, optamos pela História Oral, por meio de entrevistas realizadas com a professora Eurides. Dessa forma, as narrativas são nossas fontes primárias, complementadas por fontes iconográficas, e com a documentação disponibilizada na Seção de Recursos Humanos da Prefeitura Municipal de Uberlândia e na Fundação Helena Antipoff. Utilizamos como subsídio teórico referências no campo da Nova História Cultural, com as contribuições de Burke (1997) e Le Goff (1994; 2002; 2003). Para a compreensão do método da História Oral, buscamos Alberti (2005), Thompson (1992; 2002) e Bosi (1998). O trabalho com a Iconografia, utilizamos Kossoy (1998) Ciavatta (2004). O contexto da História de Vida Joso (2004). Para Memória Halbwachs (1990) e Nora (1993). As discussões em torno da Cultura Escolar, Julia (2001). À respeito da Mediação Cultural, estudamos Sirinelli (1998;2003). Os estudos sobre o Ensino Rural se basearam em Lima (2001; 2017; 2018). E por fim, os Saberes docentes com Tardif (2002) e Nôvoa (1992; 2005) e Ciclo Profissional Docente, com os destaques de Huberman (2000). Defendemos a tese de que as práticas educativas da mediadora cultural e professora Eurides Pereira de Souza promoveram o acesso das comunidades escolares rurais a saberes educativo-culturais, extrapolando os muros escolares. A contradição nessa tese se revela na apreensão de uma mulher, parda, pobre e leiga no magistério, a qual poderia ter continuado em seu trabalho de doméstica, mas que na sua singularidade, superou todas as evidências contrárias e quis marcar as comunidades por onde passou com práticas educativas, as quais extrapolaram o fazer pedagógico previsto nos programas de ensino da rede municipal de educação de Uberlândia, Minas Gerais.

Palavras-chave: História de Vida. Práticas Educativas. Mediação Cultural. Ensino Rural.

ABSTRACT

The research is inserted in the field of the History of Education and has as object of study the life history, formation and the educational practices of the literate teacher Eurides Pereira de Souza. Thus, our main objective is to investigate the life trajectory of a primary teacher in rural education in Uberlândia from 1966 to 1997, focusing on her educational practices developed mainly in rural schools in the city of Uberlândia - Minas Gerais. The historiographic study was based on an investigation that had as its guiding thread the following question / problem: How Eurides Pereira de Souza, a woman, poor, brown and lay, as a cultural mediator, developed her educational practice in communities in the Rural Education of Uberlandia? And as specific objectives, we seek to recover the life trajectory of the primary teacher in rural education, through her educational work; the formation held at the Helena Antipoff Foundation, from lay to normalist; the delineation of professional identity through the professional teaching cycle and career; and the disclosure of educational practices through iconographic documents and memories of the researched teacher. The research sought to contribute historical-pedagogical elements to the discussion of the teaching history of teachers and rural education in the country, specifically at the Federal University of Uberlândia. As a methodology, we chose Oral History through interviews with Professor Eurides. Thus, the narratives are our primary sources, complemented by iconographic sources, and with documentation available from the Human Resources Section of the Uberlândia City Hall and the Helena Antipoff Foundation. We use as theoretical support references in the field of New Cultural History, with the contributions of Burke (1997) and Le Goff (1994; 2002; 2003). To understand the Oral History method, we sought Alberti (2005), Thompson (1992; 2002) and Bosi (1998). Working with Iconography, we use Kossoy (1998) Ciavatta (2004). The Context of Life Story Josso (2004) .For Memory Halbwachs (1990) and Nora (1993). Discussions about School Culture, Julia (2001) Concerning Cultural Mediation, we studied Sirinelli (1998; 2003), Rural Education studies were based on Lima (2001; 2017; 2018) and, finally, the Teaching Knowledge with Tardif (2002) and Nóvoa (1992; 2005) and Teaching Professional Cycle, with the highlights of Huberman (2000) We defend the thesis that the educational practices of cultural mediator and teacher Eurides Pereira de Souza promoted the access of rural school communities to educational-cultural knowledge, extrapolating the school walls The contradiction in this thesis is revealed in the apprehension of a woman, brown, poor and lay in the teaching profession, who could have continued in her work as a maid, but who, in her uniqueness, surpassed all the contrary evidence and wanted to mark the communities wherepassed with educational practices, which went beyond the pedagogical practice provided for in the teaching programs of the municipal education network of Uberlândia, Minas Gerais.

Keywords: Life Story. Educational practices. Cultural Mediation. Rural education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO I - POR ONDE PASSAMOS	37
1.1 Fundamentos da nova História Cultural	40
1.1.1 Escola dos Annales	40
1.1.2 História e Memória	46
1.1.3 O Campo das Representações	56
1.2 Passos metodológicos	60
1.2.1 Pesquisa bibliográfica e documental	60
1.2.2 História Oral	61
1.2.3 Iconografia.....	68
CAPÍTULO II - QUEM É EURIDES PEREIRA DE SOUZA?	75
2.1 Infância de Eurides Pereira de Souza	75
2.2 Contextualização Histórico-política de Uberlândia.....	77
2.3 A vinda da família Pereira de Souza	82
2.4 Eurides: aluna em Araxá e em Uberlândia	88
2.5 A juventude de Eurides.....	92
CAPÍTULO III - FORMAÇÃO DOCENTE DE EURIDES PEREIRA DE SOUZA: DE LEIGA À NORMALISTA	100
3.1 Algumas considerações históricas da formação de professores	100
3.2 Eurides Pereira de Souza: de leiga a normalista.....	103
3.3 Apontamentos sobre a formação em Ibirité.....	135
CAPÍTULO IV - CARREIRA DOCENTE E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DA PROFESSORA EURIDES PEREIRA DE SOUZA	141
4.1 Saberes docentes e construção de identidades.....	141
4.2 As fases do ciclo de vida profissional	146
4.3 A Carreira docente de Eurides Pereira de Souza.....	153
CAPÍTULO V - EURIDES PEREIRA DE SOUZA: PROFESSORA NA ESCOLA E NA VIDA	175
5.1 Contexto histórico-político do Brasil (1966 a 1997).....	175

5.2 Cultura escolar e mediação cultural.....	182
5.3 O Ensino Rural e a Escola Municipal Saudade	186
5.4 Festas de calendário e datas comemorativas	195
5.5 A Igreja – Capela da Saudade.....	199
5.6 Homenagens	204
5.7 A construção de uma biblioteca e a aposentadoria de Eurides.....	212
POSSÍVEIS DESCOBERTAS	219
REFERÊNCIAS	228
APÊNDICE A	244
APÊNDICE B.....	253
APÊNDICE C.....	316

INTRODUÇÃO

A Dona Eurides dava aula lá (*Saudade*).

A Dona Alzira, a Dona Maria Siman.

A Maria Helena que veio de Tupaciguara.

Não eram tias. Eram dona professora.

Era uma beleza declamar versinhos.

Um terror o dia de tomar tabuada.

Sirlei Rodrigues Rosa

A Escola Municipal Saudade é o “lugar”. A professora Eurides, a “pessoa”. É desse ambiente que o poema acima fala. Assim como a poeta, Rosa (2003), nasci e cresci na comunidade chamada “Saudade” – zona rural do município de Uberlândia. Antes de mim, minha família materna, desde 1962, mudara-se para lá, vindas da comunidade rural “Tenda dos Morenos”, *locus* do fundador de Uberlândia – Felisberto Alves Carrejo.

Nos anos de 1960, grande parte da população se localizava nas áreas rurais. Como não havia escolas próximas às residências, as crianças, para estudar, andavam a pé por quilômetros de distância. Nesse contexto, nasce uma oportunidade para a população rural da comunidade Saudade e, em 1966, é inaugurada a Escola Municipal Saudade. Não sabemos se foi fruto de reivindicações ou ação do Poder Público em vista da necessidade da região.

Foi nessa escola que minha mãe e todos os seus irmãos estudaram. Ela diz que, quando não havia transporte para as professoras, todas que ali passavam dormiam na sua casa, mas a que mais se hospedava ali, criando laços de amizade, foi a professora Eurides.

Onze anos depois da inauguração da tão sonhada escola, acontece o matrimônio de meus pais. Meu pai, filho de fazendeiro importante da região, não estudou na escola, pois meu avô paterno contratava professores particulares, um tipo de educação doméstica que a elite agrária adotava. O novo casal se instalou em uma fazenda da família paterna, denominada Desengano, a sete quilômetros da escola.

Nasci em 1978 e fui alfabetizada em casa aos seis anos, por minha mãe e pela professora pesquisada, que ali também passou a dormir. Aos sete, fui estudar na Escola Municipal Saudade, mas, por já estar alfabetizada, fiz prova e fui classificada para a 2^a Série do 1º Grau (Reforma Educacional nº 5.692/71). Outra professora, Edna, ministrava as aulas. Aulas mornas, sem vida. Meu pai me levava de moto. No outro ano meu irmão entrou e, no seguinte, minha irmã. Como eu estudava pela manhã e eles, à tarde, passamos a ficar o dia todo na escola. A rodovia municipal que levava à Coalbra¹ estava sendo asfaltada; às vezes acabávamos de chegar à escola de carona com os caminhões de cascalho.

Somente na 4^a Série pude ser aluna oficial da professora Eurides, quando retornou da Escola Municipal da Sucupira para a Saudade. As turmas eram multisseriadas. Lembro-me do trabalho coletivo e da Pedagogia Ativa sendo realizada. Tínhamos contato com cinema, teatro, festas, atividades coligadas com a igreja (próxima). Ajudávamos no lanche, na limpeza, brincávamos na grama, andávamos na estrada cheia de terra. A escola era o lugar mais alegre do mundo.

No ano de 1989², com as nucleações das escolas rurais, a Escola Municipal Saudade foi fechada e seus alunos passaram a estudar na Escola Municipal Olhos D'Água. Foi ofertado transporte escolar, que, por sinal, estava em péssimas condições.

Em 1990, a 6^a série, atual 7º ano do Ensino Fundamental, era ofertada somente à noite na Escola Municipal Olhos D'Água, e por isso me mudei para casa de parentes na cidade de Uberlândia. Fiz o restante do 1º Grau (Ensino Fundamental) e o 2º grau (Ensino Médio) na Escola Estadual Professor José Ignácio de Souza³, sendo que o Ensino Médio na modalidade Técnico em Contabilidade. Durante todo o tempo da minha formação na Educação Básica, fui monitora em sala e dava aulas particulares em casa e em domicílio, para amigos e colegas, ora gratuitas, ora remuneradas. Inclusive,

¹ Coque e Álcool da Madeira S.A. – COALBRA, Sociedade de Economia Mista, dotada de personalidade jurídica de direito privado, vinculada ao Ministério da Agricultura, constituída nos termos da Lei nº 6.768, de 20 de dezembro de 1979. A indústria foi criada com a finalidade de produzir e utilizar combustíveis líquidos derivados da madeira, e dos subprodutos desta. Fonte: <<https://www2.camara.leg.br/.../decreto-84465-7-fevereiro-1980-433875-estatutocoalbra>>. Acesso em: 21 jul. 2019.

² ARAÚJO, Caroline Abreu e LIMA, Sandra Cristina Fagundes de. **História do Ensino Rural no município de Uberlândia-MG** (1950 a 1979): os sujeitos e suas práticas. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/viewFile/12181/7775>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

³ Para a história desta instituição ver: SANTOS, José Pereira dos. **Criação da Escola Estadual Professor José Ignácio de Souza** – 1966 - 1969. (Dissertação de mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

depois de uma reviravolta em nossa vida, com a separação de meus pais em 1997, o ofício se tornou uma fonte de renda.

Uma vida tão envolvida por escola, sendo aluna-trabalhadora (trabalhava no departamento Contábil da Cooperativa Agropecuária Ltda. de Uberlândia - CALU), teve por consequência a escolha de um curso de licenciatura noturno: Pedagogia, na Universidade Federal de Uberlândia - UFU. A aluna que acumulava conceitos As não se graduou da mesma maneira. Nesse período, acumulava faltas, pelo cansaço do trabalho, e conceitos Bs e Cs, pelas emoções abaladas com a separação da família. Embora o quadro apresentado, após a graduação fui aprovada nos concursos da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais em 2002, e na Secretaria de Educação do Município de Uberlândia, em 2003 – ambos no cargo de Orientador Educacional⁴. Antes de assumir os cargos, já havia me desligado da CALU (2001), ministrado aulas particulares para alunos de uma escola confessional de Uberlândia e, por fim, conseguido uma vaga como secretária escolar numa unidade do Serviço Social da Indústria - SESI.

Nesse período, uma amiga de faculdade e eu fomos chamadas a tomar posse (2002) na Escola Estadual Fernão Dias, no município de Pirapora (superintendência escolhida para fazer o concurso). Trabalhamos lá no segundo semestre de 2002 e já em 2003 conseguimos transferência para Uberlândia. Nossa situação financeira era precária, por conta da baixa remuneração do Estado de Minas Gerais, mas como eu tinha sido aprovada no concurso da Secretaria Municipal de Educação, nova esperança pairava. Minha amiga conseguiu transferência, depois de um tempo, de Uberlândia para sua cidade natal, Monte Alegre de Minas.

De volta a Uberlândia, trabalhei como orientadora educacional⁵ no Ensino Médio diurno na Escola Estadual José Ignácio Castilho e no Ensino Médio noturno na Escola Estadual Teotônio Vilela, tentando adequar a carga horária com o outro cargo, mas tive que me exonerar deste, já que não podemos acumular dois cargos de especialista da Educação. Optei pelo Ensino Municipal, pelas condições de trabalho e salário.

⁴ GARCIA, Regina Leite. Orientação Educacional afinal a quem serve? **Caderno Cedes**. Nº 6, p 28 a 36, 1983.

⁵ O trabalho do pedagogo na Rede Estadual de Ensino segue a lógica da divisão de trabalho entre supervisor pedagógico (formação docente) e orientador educacional (formação discente). Na Rede Municipal, apesar de o cargo ter a mesma nomenclatura, o trabalho sugerido nas Diretrizes, fruto da Formação Continuada com os pedagogos, é o trabalho global (formação docente e discente), com um número menor de turmas.

Até então eu não havia ministrado aula como docente escolar e, por orientação de uma vizinha que percebia nosso esforço pela sobrevivência, foi sugerido que eu prestasse o concurso para professora substituta na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia - ESEBA, o qual me daria boa formação para o exercício docente no Ciclo de Alfabetização Inicial. Contrariando todas as expectativas, passei em 1º lugar para ministrar aulas na 1ª série (atual 2º ano), por dois anos de contrato (2003/2004). Trabalhava durante o dia como docente e à noite como pedagoga da Educação de Jovens e Adultos - EJA na Escola Municipal Afrânio Rodrigues da Cunha (1º semestre/2003), na Escola Municipal Prof. Oswaldo Vieira Gonçalves (2º semestre/2003) e na Escola Municipal Prof. Jacy de Assis (2004). Nesta mesma escola, nos anos de 2005 a 2007, como já havia terminado meu contrato na ESEBA, pude trabalhar as 30 horas semanais no município, atuando como pedagoga do Ciclo de Alfabetização, no período vespertino. Todo o aprendizado da Escola de Aplicação da UFU e da formação inicial na graduação subsidiaram meu trabalho. Eu queria provar para mim e para meus pares que era possível realizar um trabalho de qualidade, com o que nos era disponibilizado, mesmo numa comunidade carente. Essa experiência criou laços acadêmicos e de amizade.

Quando tive a oportunidade de trabalhar com a infância, a minha infância surgiu na memória, assim como aquele espaço mais alegre do mundo para mim, a Escola Municipal Saudade, e a professora Eurides. Eu pensava nela como modelo docente: o que fazia para que os alunos e as famílias gostassem dela? Como ministrava aulas tão vivas? Por que e para que tanta disposição – andava a pé, ficava longe da família – em ensinar, em realizar mediações culturais, um certo jeito de levar urbanidade para a “roça”? Esses pensamentos ficaram presentes em mim, mas guardados...

Se todo conhecimento é um autoconhecimento e toda formação é uma autoformação (JOSSO, 2004), o que dizer da formação com os pares (FORMOSINHO, 2009)? A formação experienciada⁶ na ESEBA e em especial com uma pedagoga amiga na Escola Municipal Prof. Jacy de Assis me levaram para a pesquisa. A princípio parecia algo distante, já que eu não havia construído um currículo com publicações. Ela fazia mestrado e me incentivou ao ponto de sentar comigo e construirmos um projeto que se transformou na dissertação “HISTÓRIA E MEMÓRIA DO LICEU DE

⁶ TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e formação profissional**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

UBERLÂNDIA, MG – 1928 a 1942”⁷, defendida em 2007 pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia - PPGED-UFG, sob orientação do Prof. Dr. Geraldo Inácio Filho. Durante a pesquisa fui liberada pela Secretaria Municipal de Educação somente um dia a cada semana. Já casada, desde julho/2004, mas sem filhos, consegui cumprir as exigências.

No início do ano letivo de 2008, fui convidada para trabalhar no Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais "Julietta Diniz" - CEMEPE⁸, colaborando com a coordenação na Formação Continuada, com os pedagogos da Rede Municipal de Ensino. A coordenadora não se candidatou novamente, por conta de licença-maternidade, e então me indicaram para o cargo. Assim, fui eleita pelos pares em 2009 e 2010 para coordenar a formação no município. Durante o período de trabalho no CEMEPE, também realizávamos outras atividades, como: visita técnica às escolas; parcerias na formação de outras áreas; atendimento ao público docente; trabalho com os gestores escolares; participação da implantação e monitoramento do PDE⁹-Escola, reuniões diversas, entre outros. Mas a atividade mais marcante foi a construção das “Diretrizes para o trabalho dos(s) Pedagogos(as) na Rede Municipal de Ensino de Uberlândia”. Ela se iniciou em 2006, por iniciativa da coordenação 2006/2008. Em razão de ter realizado pesquisa histórica-educacional no mestrado, me incluí no grupo de trabalho “História da Educação”. Como o trabalho coletivo é lento e profundo, conseguimos concluir a obra, que na verdade é inconclusa (FREIRE, 1996).

Apesar de gostar muito do trabalho realizado, sempre quis galgar condições melhores de carreira e salário, pois, além da possibilidade de exercer melhor a profissão, desde a separação dos meus pais, com 17 anos eu me tornara arrimo de família. A partir de 2008, surgiram muitos concursos docentes de carreira federal. Aventurei-me a prestar alguns e, a cada concurso, mais estudo, mais aprendizado. Em 2010, passei para o cargo de docente no Instituto Federal de Goiás - IFG, Campus Itumbiara, e na ESEBA. Escolhi a ESEBA, por conta da experiência vivida, por trabalhar com crianças e continuar morando na minha cidade natal.

⁷ BERNARDELLI, Kellen Cristina Costa Alves. **HISTÓRIA E MEMÓRIA DO LICEU DE UBERLÂNDIA, MG – 1928 a 1942.** (Dissertação de mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, 2007.

⁸ LEÃO, Eliana. **História e representações sociais:** o CEMEPE na visão dos educadores da rede municipal de ensino de Uberlândia: (1991-2000). (Dissertação de mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, 2005.

⁹ PDE – Plano de Desenvolvimento da Escola. “É considerado um processo de planejamento estratégico desenvolvido pela escola para a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem”. Disponível em: <www.portal.mec.gov.br>. Acesso em: 19 jul. 2018. Ver também SAVIANI, 2007.

Exonerei-me do cargo na Prefeitura e tomei posse em 03 de agosto de 2010, na ESEBA, no Ciclo de Alfabetização, propositalmente na data de aniversário da minha professora alfabetizadora, Eurides Pereira de Souza. Os caminhos da alfabetização se cruzam novamente.

Retornar para a ESEBA foi um misto de sentimentos: alegria de ser aprovada em 1º lugar novamente e satisfação pela oportunidade de trabalho com condições de trabalho incomparáveis, mas saudade das relações acadêmico-afetivas da Rede Municipal de Ensino, incluindo o trabalho de formação com os(as) pedagogos(as). Minhas mestras profissionais da ESEBA, em sua maioria, tinham se aposentado, era preciso construir os laços nesse lugar.

Os saberes necessários para exercer o papel de pedagogo (UBERLÂNDIA, 2008) apresentam algumas diferenças dos saberes necessários para docência (FREIRE, 1996). Nesse sentido, foi uma nova construção do ser professora (FONSECA, 1997). Iniciei o 2º semestre/2010 numa sala de 1º ano do Ensino Fundamental, o que não foi nada fácil, pois, para algumas crianças, eu tinha tirado o lugar da professora anterior. No ano de 2011, a coordenação e a direção da escola pediram para que eu trabalhasse como coordenadora pedagógica, por conta da minha experiência, pois a colega que estava na coordenação sairia de licença-qualificação para cursar o doutorado. Na Escola de Aplicação não existe este cargo, como nas Redes de Ensino Municipal e Estadual: ou você é técnico ou docente; o 1º ciclo, composto pela Alfabetização Inicial e pela Educação Infantil, se reveza na função.

No final do ano letivo citado, retorno para a sala de aula, pela falta de professores contratados, realizando dupla função, e, em novembro, infelizmente saio de licença médica por conta de intercorrência na minha gestação. Retorno da licença-maternidade em 2012, para a sala de aula, onde continuei até julho de 2017.

No final do ano de 2012 fui convidada a compor o polo de Uberlândia/UFU como formadora do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC. Realizamos o trabalho até fevereiro de 2015, quando pedi para sair do grupo, em prol da minha aprovação no curso de Doutorado em Educação pelo PPGED-UFU. Nesse ínterim, tive outra gestação com intercorrência, problemas de saúde com as filhas e o marido e eu própria, além do choque da morte de meu pai por latrocínio. Então, por que enveredar para a pesquisa numa época tão difícil? Por dois grandes motivos: estudar seria um momento de aliviar a alma. E o outro: fiz opção por História Oral, precisava da depoente para construirmos as narrativas.

Trabalhar no Ciclo de Alfabetização na ESEBA e como formadora do megaprojeto PNAIC me mobilizou a pesquisar “EURIDES PEREIRA DE SOUZA: A SINGULARIDADE DE SER PROFESSORA NO ENSINO RURAL DE UBERLÂNDIA - MG, 1966 – 1997”.

Os cadernos de formação do PNAIC, em especial da Educação do Campo¹⁰, serviram de inspiração para que a minha memória procurasse saber mais sobre esta memória, a memória da Professora Eurides, um exemplo de alfabetização bem-sucedida.

Mediante o contexto, o tema para esta pesquisa de doutoramento surgiu da necessidade de tornar público, tanto para a academia, quanto para a sociedade em geral, em especial aos profissionais de Educação, o legado de uma professora que iniciou sua carreira docente durante o Regime Militar, em 1966, e trabalhou até 1997 no Ensino Rural da Rede Municipal de Ensino de Uberlândia, quando se aposentou. Todavia, faremos o recorte temporal de 1966 a 1997, por considerarmos toda a sua trajetória profissional docente e a riqueza política-histórica-educacional do período, em que procuraremos evidenciar seus subsídios teóricos de formação, sua carreira e suas práticas educativas enquanto mediadora cultural (SIRINELLI, 1998).

O contexto histórico que permeia o período inicial do recorte é marcado, localmente, pelo ideário republicano, que ainda persiste no Regime Militar no município de Uberlândia: “Ordem e progresso” é o lema, pois a cidade é considerada a “Eldorado do Cerrado”, via de acesso para a nova capital do País, Brasília, inaugurada em 1960. Mas, a maioria da população do município ainda residia na área rural, como citado anteriormente.

O trabalho nos levou a pesquisar a história de vida de Eurides Pereira de Souza, sua formação, sua carreira e as práticas culturais no Ensino Rural de Uberlândia. Ela nasceu em 03 de agosto de 1942 no município de Araxá – Minas Gerais. Sendo primogênita de um casal que teve mais sete filhos; o pai, pedreiro, e a mãe, enfermeira leiga. Fez o curso primário no Grupo Escolar Delfim Moreira¹¹ em Araxá, concluindo-o no Grupo Escolar Coronel Carneiro¹² na cidade de Uberlândia – MG, quando em 1952

¹⁰ BRASIL, 2012a, 2012b, 2012c, 2012d, 2012e, 2012f, 2012g, 2012h..

¹¹Para a história desta instituição ver: GASPAR, Maria de Lourdes Ribeiro. **Ecos do progresso:** práticas e representações sociais no Grupo Escolar Delfim Moreira (1908 a 1931). (Dissertação de Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

¹² Para a história desta instituição ver: LIMA, Sandra Cristina Fagundes. História do Grupo Escolar Coronel Carneiro, Uberlândia-MG (1946 -1971). **Cadernos de História da Educação** – v. 9, n. 2 – jul./dez. 2010.

sua família muda de residência para o último município, em busca de melhores condições de trabalho.

Naquele tempo a vida era muito difícil. Eu, como irmã mais velha, ajudava criar meus irmãos mais novos. Logo depois do primário em Uberlândia, comecei a trabalhar no hospital com a minha mãe. Mulher, cor parda e filha de família humilde, trabalhei como doméstica, porque não quis seguir a carreira de saúde, pois teria que ir para São Paulo estudar. A minha mãe era enfermeira leiga. Um dia me falaram que precisavam de uma professora na zona rural e resolvi me aventurar. (SOUZA, 2018, p. 236).

Assim, ingressou no Magistério como professora leiga em 1966, na Rede Municipal de Ensino de Uberlândia, em classes multisseriadas na zona rural, na Escola Municipal Lembrança. Nesta época as professoras se hospedavam nas casas de alunos, porque não havia transporte escolar diário. Então, ficava reservada apenas para alguns finais de semana a visita ao lar. O trajeto da casa dos alunos onde se hospedava para a escola, e da escola para a casa, era feito em sua maioria a pé: “Cheguei a andar na estrada de terra, até 16 km por dia, sendo 8 quilômetros para ir para a escola e 8 quilômetros para voltar. Tinha que madrugar todos os dias. Quando eu conseguia carona com algum conhecido, era um alívio.” (SOUZA, 2018, p. 247).

Já em 1967, com um novo prefeito, as professoras da zona rural foram beneficiadas pelo transporte escolar, que lhes permitiu residir em suas casas. Mas, em 1971, muda o governante municipal e as professoras voltam a se hospedar na comunidade onde ministram aulas. “O prefeito novo justificou que era preciso que nós conhecêssemos a comunidade. Mas sabíamos que era corte nas despesas.” (SOUZA, 2018, p. 285). Neste período, era comum existirem nas casas dos grandes fazendeiros professoras particulares, as quais eram contratadas para realizar a formação primária dos filhos destes; mas ficavam relegados à educação pública os filhos dos funcionários e/ou trabalhadores rurais desfavorecidos.

Em 1967, a Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia inaugura a Escola Municipal Saudade, onde Eurides ministrou aulas na maior parte do tempo. A inauguração dessa escola pela iniciativa pública foi um marco, pois na época o município arcava apenas com o salário dos professores. Nesse sentido, percebemos a omissão pelos governos municipais em aprovar políticas públicas de investimento e incentivo à criação de novos estabelecimentos de ensino, assim como a manutenção dos existentes. As escolas do Ensino Rural contavam, para seu funcionamento, com a

iniciativa da comunidade rural e dos fazendeiros, que muitas vezes assumiam as despesas de construção ou liberações de salas no interior de suas próprias casas para a docência, além de alojar os professores, como citado anteriormente.

As primeiras professoras das escolas públicas rurais provocavam certo rebuliço, ora por serem “moças diferentes” que chamavam atenção pela maneira de se vestir, pelas formas de expressão, ora como modelo tradicional de professoras, causando, com seus comportamentos e formação, grande admiração à comunidade da época.

Depois de uma década como professora leiga, Eurides Pereira de Souza concluiu o curso de qualificação profissional, nível de 2º Grau, para o Magistério de 1ª à 4ª Série de 1º Grau na Fundação Estadual de Educação Rural Helena Antipoff, no município de Ibirité – Minas Gerais.

Era muito difícil viajar, mas o curso valeu a pena. Aprendemos muitas coisas, que hoje não se ensina na Faculdade. Vinham professoras da Delegacia de Ensino de Belo Horizonte. Quando recebi o diploma, foi uma honra: agora sou professora de verdade! (SOUZA, 2018, p. 256).

Da Escola Municipal Saudade, Eurides experienciou outras comunidades, a saber: Escola Municipal Sucupira, Escola Municipal Tenda dos Morenos e, por fim, Escola Municipal Olhos D’Água, onde deixou sua marca institucionalizada na criação e na consolidação da biblioteca escolar, a qual leva seu nome. É nesse espaço, trabalhando duplamente como bibliotecária e professora eventual, que a professora se aposenta.

Por meio dos fatos que emergem de suas memórias em entrevista inicial, é possível desvelar a sua formação, as concepções pedagógicas e suas práticas educacionais, por um instante positivistas, outras vezes escolanovistas, pois Eurides tinha como centro principal o aluno e rejeitava os castigos físicos, tornando mais notória a formação de um aluno ativo, despertando o saber e valorizando qualidades e experiências dos educandos.

O que se pode inferir é que Eurides Pereira de Souza foi uma educadora de fato preocupada não somente com o repasse dos conteúdos, mas com o acompanhamento de seus alunos, preparando-os para a aquisição de algumas competências, realizando mediação cultural e tendo imenso orgulho de vê-los bem-sucedidos na vida, provando dessa maneira que a escola não é somente um espaço da transmissão de conhecimentos, mas, sobretudo, de transformação e crescimento dos educandos, por meio da dedicação docente ao que se faz.

Essa relação de missão e profissão rendeu à professora conflitos e conquistas na vida pessoal e profissional, pois, ao levar certa urbanidade para a zona rural, como novos estilos musicais, culinária sofisticada e tendências da última moda, encontrou resistências, mas que, ao passar dos anos, foram incorporadas à vida de muitas famílias das comunidades do entorno das escolas pelas quais passou. Por outro lado, Eurides também sofreu influências dessas famílias, em seu modo de ser e estar.

Outro dado interessante é que esta professora, por escolha, não se casou e não teve filhos.

Eu cuidava e educava os alunos como meus filhos. Fui pedida em casamento por filho de fazendeiro e por funcionário de fazenda, mas eu pensava: “Se eu me casar, terei que parar de trabalhar e estudar”. Então, resolvi não casar e me dedicar à profissão. (SOUZA, 2018, p. 241).

Segundo Del Priore (1997), a história da mulher no Brasil só ganhou musculatura a partir dos anos 1970, atrelada à explosão do feminismo, à História das Mentalidades e à História Social. Na atualidade, em âmbito nacional, vários trabalhos são realizados por pesquisadores enfatizando a história da mulher, como também valorizando suas memórias: Almeida (1998), Mignot (2003), Perrot (1998), Morais (2003), Mota (2003), dentre outros autores.

Nos encontros de pesquisas, já são apresentados vários trabalhos que contemplam trajetórias e memórias de mulheres professoras, mas ainda há muito que se pesquisar em nossa região, Triângulo Mineiro, em especial no município de Uberlândia. Dessa maneira, elencamos algumas categorias para análise, baseadas nos depoimentos de Eurides Pereira de Souza:

- 1) a recuperação da trajetória de vida da professora primária no Ensino Rural, por meio de sua obra educacional;
- 2) a formação realizada na Fundação Helena Antipoff, de leiga a normalista;
- 3) o delineamento da identidade profissional, por meio do ciclo profissional docente e da carreira;
- 4) a revelação das práticas educativas, por meio de documentos iconográficos e das memórias da professora pesquisada.

Procuramos nesta pesquisa contextualizar histórico-politicamente a trajetória de vida da professora, uma vez que a abordagem da história local é de suma importância para entender as particularidades regionais, como afirma Martins (2002), ao dizer que a História local é uma História circunstancial, ou seja, uma História dos pormenores, de

uma situação em um dado momento, não só de protagonistas como também de coadjuvantes, História intimista dos vizinhos e dos grupos locais.

Reconstruir a trajetória individual, analisar as memórias, sua formação e as práticas educativas de Eurides Pereira de Souza no recorte histórico de 1966 a 1997 possui também uma relevância social, uma vez que a maioria da comunidade desconhece essa história e a memória escrita dessa mulher professora; assim, o papel do historiador se cumpre na sua pesquisa histórica, ao revelar o social no tempo presente.

Dessa forma, nosso objetivo central consiste em investigar a trajetória de vida de uma professora primária no Ensino Rural de Uberlândia no período de 1966 a 1997, enfocando suas práticas educativas desenvolvidas principalmente em escolas rurais do município de Uberlândia – Minas Gerais.

Conforme nos explica Pinheiro (2019), para efeitos da pesquisa, práticas educativas se constituem num conjunto de procedimentos que se materializam dentro de um campo de produção simbólica, para formação humana; e efetivados através da ação de um mediador cultural.

O estudo deste tema adota como referencial teórico a Nova História ou História Cultural para analisar a trajetória e a memória de uma mulher professora numa determinada realidade social, como atesta Gomes (2004, p. 9):

(...) estudos de história da educação estão se beneficiando das transformações mais amplas da área de história e, mais precisamente, de uma história cultural [...] que se tem dedicado a recortar o tema das práticas da leitura e da escrita, bem como dar especial atenção à questão de gênero.

As memórias de Eurides Pereira de Souza refletem uma escrita de si. Dessa forma, a História Nova, especialmente a do cotidiano, se mostra adequada como base teórica, pois, como afirma Vainfas (1993, p. 274),

A história da vida cotidiana e privada é, finalmente, a história dos pequenos prazeres, dos detalhes quase invisíveis, dos dramas abafados, do banal, do insignificante, das coisas deixadas “de lado”. Mas nesse inventário de aparentes miudezas, reside a complexidade através da qual a história se faz e se reconcilia consigo mesma.

É partindo desse encontro e da reconciliação da História consigo mesma, realçando principalmente o enfoque do privado, do cotidiano, do cultural e do social,

que procuramos revelar a trajetória e obra dessa mulher, nas miudezas do cotidiano, considerando sua história intimamente ligada ao social, ao político e ao educacional.

As pesquisas que envolvem História de Vida, gênero biográfico, foram duramente criticadas pelos historiadores da Escola dos Annales, que consideravam a biografia um recurso tradicional da História Positivista. Bourdieu (2004) nos alerta inclusive sobre a ilusão biográfica, pois não conseguimos abranger toda uma vida. Entretanto, atualmente, a biografia como gênero histórico é retomada justamente por um dos idealizadores da Nova História, Jacques Le Goff, o historiador-autor das biografias de São Luís e de São Francisco. Na introdução da biografia de São Luís, Le Goff (2002) afirma que "a biografia histórica é uma das maneiras mais difíceis de fazer história".

Segundo Pinheiro (2019, p. 61),

[...] o gênero biográfico é tipo textual que se constrói a partir de uma base real e imaginativa em torno do sujeito biografado. A tensão entre o vivido e o imaginado promove o surgimento de um texto que se realiza como histórico e ficcional, sem se negar sua autenticidade, através da força imposta pela documentação e das vozes que elaboram o sujeito narrado.

As memórias de Eurides estão permeadas de lembranças, ideias e imagens do passado, mas também de esquecimentos, paixões, frustrações, sonhos e alegrias, reconstruindo o sentido de sua vida e de sua atuação profissional, refazendo suas trajetórias e vivências, que não são apenas particularmente suas, mas do grupo em que estava inserida, como demonstra Halbwachs (1990, p. 14): “A aventura pessoal da memória, a sucessão dos eventos individuais, da qual resultam mudanças que se produzem em nossas relações com os grupos com os quais estamos misturados e nas relações que se estabelecem entre esses grupos”.

As memórias que compõem a biografia da professora Eurides foram obtidas por suas narrativas de acordo com o método da História Oral de Vida. Para tanto, foram elaboradas entrevistas semiestruturadas, com o propósito de se ter um norte das questões principais que foram sendo levantadas, mas também, por não terem sido rígidas, possibilitaram aos entrevistados a apresentação de informações que se acharam necessárias.

As entrevistas foram gravadas e transcritas. Após isso, foram cruzadas as informações com os documentos iconográficos e com os documentos escritos da pasta funcional da Área Administrativa de Recursos Humanos da Prefeitura Municipal de

Uberlândia; da Fundação Helena Antipoff e do Acervo Helena Antipoff, da Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais.

A opção pelo método da História Oral de Vida nasceu do privilégio de termos nosso objeto vivo e em potencial, suprindo também as lacunas presentes em documentos oficiais, uma vez que a natureza de tais fontes, por si só, não seria capaz de biografar a professora Eurides. Em consonância com Alberti (2005, p. 22), “a entrevista de história oral permite também recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares etc.”.

Então, é nesse sentido que pensamos enfocar Eurides Pereira de Souza: nas suas práticas cotidianas, nos seus gestos, na sua atuação marcante como professora leiga e depois normalista, já naquela época em busca de sua autonomia, conquistada muitas vezes a duras penas, porém submetida de algum modo às pressões da sociedade rural onde convivia, pois, mesmo tendo o seu salário e exercendo uma profissão, em seu papel social compartilhava do espaço tradicional da mulher – uma vez que, no campo, sentia-se vigiada mediante as desconfianças dos familiares dos alunos quanto às “ideias modernas” ou “influências perniciosas” que poderia trazer para aquele ambiente, já que ela possuía tantos livros, discos e também se interessava por radionovelas, coisas a que os pais dos alunos preferiam que seus filhos não tivessem acesso, e por isso era melhor que a professora também não tivesse.

Com todas essas dificuldades, um novo comportamento é esculpido na vida dessa mulher. Era uma chance de possuir um espaço próprio no tecido social, uma aliança entre o desejo de desempenhar um trabalho remunerado e as aspirações afetivas que lhe foram legadas pela sociedade. Outra vantagem era que a função desempenhada no magistério se apresentava como uma forma de quebrar os grilhões domésticos e privados. O magistério primário era a oportunidade que as mulheres possuíam para ingressar no mercado de trabalho ou, como afirma Almeida (1998, p. 30),

Uma profissão revestida de dignidade e prestígio social fez que ser professora se tornasse extremamente popular entre as jovens e, se a princípio temia-se a mulher instruída, agora tal instrução passava a ser desejável, desde que normatizada e dirigida para não oferecer riscos sociais.

Pensando a mulher professora, considerando-a como um indivíduo na sociedade, incita a curiosidade da história dessa mulher. O que imaginava essa jovem de 24 anos

numa comunidade rural completamente diferente da sua criação urbana, na solidão legada pela distância do seu lar? Eurides fazia parte de um conjunto de mulheres em busca de sua profissão e com o diferencial marcante de não desejarem apenas ser mães e esposas, com a disposição de pagar um preço, como mostra Muller (2000, p. 8):

O preço da autonomia era a solidão pelo afastamento geográfico dos familiares, solidão pelo espaço social que ela passara a ocupar e a tornava diferente de outras mulheres de sua geração. Sua liberdade era muitas vezes negociada, transigida e limitada pelos preconceitos da época e pelo grupo social a que pertencia. Os sapatos altos, as roupas elegantes enunciavam uma condição econômica de manter. A autonomia e a independência que os estudos e o salário propiciavam não devia ser proclamada abertamente. E, ainda por cima, deveria ser o sustentáculo da sua família e dos filhos das demais famílias, seus alunos.

O estudo de suas memórias também conduz à descoberta de referências históricas que nem sempre são abordadas oficialmente, como declara Sousa (2000, p. 54):

Utilizando memórias de alunos e professores, no intuito de apontar caminhos para a pesquisa, queremos esboçar aqui a possibilidade de identificar, por meio delas, certas referências históricas que conduziram à perda de dimensão histórica da experiência docente brasileira, cujos efeitos se fazem sentir, ainda hoje na diluição da identidade docente e na fragilidade do reconhecimento da irreduzibilidade e singularidade da relação pedagógica.

Trabalhar com memórias e trajetórias de vida é trilhar um território acidentado, pois trata-se de envolver-se com a paixão, os sonhos, os desejos, as vontades, a nostalgia, que escapam muitas vezes das rédeas da razão; mas essa experiência conduz à ampliação do conhecimento do passado e permite compreender a sociedade do período através do indivíduo que ali viveu.

Como reconstituir a história de um sujeito “esquecido” ou “não conhecido pelos atuais docentes?” Há muitos detalhes de sua experiência cotidiana, de vários momentos de sua vida sobre os quais não sabemos, ou porque não é possível saber ou porque ela esqueceu de contar, ou não quis contar. Para Ricoeur (2007), o esquecimento faz parte do trabalho da lembrança. Por outro lado, Lopes (2004) chama de “inconfessa biografia”, quando os autores narram alguns aspectos de suas vidas, e não todos.

Cabe aqui, com as possibilidades e limitações apresentadas, que cada leitor, ao fazer a sua leitura, elabore também as suas inquietações e se lance em busca de outras possibilidades.

Mediante o exposto defendemos a tese de que as práticas educativas da mediadora cultural e professora Eurides Pereira de Souza promoveram o acesso das comunidades escolares rurais a saberes educativo-culturais, extrapolando os muros escolares.

O trabalho apresenta cinco capítulos, a saber: Capítulo I – “Por onde passamos” – trata-se de um capítulo teórico-metodológico, no qual apresentamos a matriz teórica da “Nova História Cultural”, a importância da Escola dos Annales, os conceitos de História e Memória e o Campo das Representações. Os passos metodológicos abrangem as Pesquisas Bibliográfica e Documental; História Oral e Iconografia.

No Capítulo II – “Quem é Eurides Pereira de Souza? Infância, Juventude e Discência”, relatamos a infância de Eurides Pereira de Souza, a vinda da família Pereira de Souza para Uberlândia e apresentamos a contextualização histórico-política de Uberlândia. Por fim, retratamos a Eurides aluna e sua juventude.

No Capítulo III – “Formação Docente de Eurides Pereira de Souza: de leiga à Normalista”, iniciamos fazendo algumas considerações históricas da formação de professores. Depois vamos a Ibirité, Minas Gerais precisamente à Fundação Helena Antipoff, desvendar a passagem de leiga a normalista. Concluímos o capítulo com apontamentos sobre a formação realizada na instituição citada.

O Capítulo IV, “Carreira docente e construção de identidade da professora Eurides Pereira de Souza”, concentra o aporte teórico a respeito dos saberes docentes e a construção de identidades, por Nóvoa (1992) e Tardiff (2002) e, com Huberman (2000). Em seguida, traçamos as fases do ciclo de vida profissional da professora pesquisada e posteriormente, analisamos sua carreira docente, sob a luz dos documentos acessados na Área Administrativa de Recursos Humanos da Prefeitura Municipal de Uberlândia.

A última seção é denominada Capítulo V – “Eurides Pereira de Souza: Professora na Escola e na Vida”. Apresentamos o contexto histórico-político do Brasil (1966 a 1997), no período da docência de Eurides. Em seguida, trazemos à tona os conceitos de cultura escolar e mediação cultural e suas relações para subsidiar a discussão das práticas educativas realizadas pela professora Eurides no Ensino Rural do município de Uberlândia, Minas Gerais. Depois evidenciamos o papel da Escola

Municipal Saudade, por terem sido lá as marcas mais profundas de suas práticas educativas como mediadora cultural. Abordamos festas de calendário e datas comemorativas; a relação da igreja, Capela da Saudade, com a escola e com a comunidade; evocamos as homenagens recebidas nessa trajetória; e, por fim, ressaltamos a criação e a consolidação da biblioteca escolar na Escola Municipal Olhos D'Água, assim como a aposentadoria de Eurides, no mesmo espaço.

CAPÍTULO I - POR ONDE PASSAMOS

O caminho a percorrer é por demais obtuso
 Os troncos e galhos de mais perto vejo,
 Mas não me seguro,
 Há pouca força nas mãos.

O caminho é de pedras e nelas piso
 Como quem caminha sobre brasas.
 Os trilhos apertam meu desejo
 E meus pés sangram rejeição.

Sirlei Rodrigues Rosa

Metodologia/Fundamentação teórica são caminhos de pedras e brasas para quem se aventura na pesquisa, com maior intensidade para quem vem de formação tão genérica como a Pedagogia. Apesar de a metodologia estar imbricada no trabalho, é importante destacá-la, na tentativa de contribuir com os leitores e/ou pesquisadores, em seus próximos trabalhos.

Esta pesquisa tem como função não apenas relatar fatos, mas promover uma reflexão a partir da análise das memórias de Eurides Pereira de Souza, e assim compor sua trajetória individual, além de apresentar uma configuração da sociedade, sobretudo rural, compreendida entre 1966 e 1997, enfocando a condição feminina de Eurides em vários momentos de sua caminhada.

A escolha pelo recorte temporal (1966 a 1997) abrange todo o período de docência da professora Eurides Pereira de Souza, percorrendo sua trajetória individual, naquele que se constituiu, também, num período fértil nos cenários político-social-educacional.

As entrevistas foram eleitas como fontes primárias de informação submetidas a análises, já que, de acordo com Amado (1995, p. 125), “pesquisas baseadas em fontes orais publicadas nos últimos anos têm demonstrado a importância das fontes orais para a reconstituição de acontecimentos do passado recente”.

As análises realizadas adotaram o referencial teórico-metodológico da Nova História, por esta possibilitar o conhecimento do cotidiano, das memórias, dos

protagonistas anônimos, dos microtemas, o que corresponde ao nosso trabalho. Como declara Vainfas (1993, p. 274),

A história da vida cotidiana e privada é, finalmente, a história dos pequenos prazeres, dos detalhes quase invisíveis, dos dramas abafados, do banal, do insignificante, das coisas deixadas “de lado”. Mas, nesse inventário de aparentes miudezas, reside a complexidade através da qual a história se faz e se reconcilia consigo mesma.

A opção metodológica também é uma construção, uma vez que foram realizadas várias reflexões ao longo da pesquisa, com questionamentos constantes aos documentos coletados, às memórias analisadas e às entrevistas realizadas, por meio de um diálogo com as fontes.

Como salientamos, a fonte primária adotada é a oral, por meio de entrevista à professora pesquisada. A entrevista é uma fonte oral que, devido às especificidades técnicas, constitui uma produção documental importantíssima para o historiador.

A categoria de análise de maior importância nesta pesquisa são as memórias da professora Eurides. Para Souza (2006), a História de Vida, na área de Educação, tem sido utilizada em pesquisas na formação inicial ou continuada de professores ou naquelas centradas nas memórias e autobiografias de professores.

Quando um professor nos permite ouvir a sua voz, ele nos dá acesso às suas experiências de vida e o seu ambiente sociocultural, que são ingredientes da pessoa que somos, do nosso sentido do eu. Como é nossa vida, dentro e fora da escola, sua identidade e Cultura têm impacto sobre a prática educativa. (GOODSON, 1995, p. 28).

A metodologia adotada permite refazer os eixos considerados estratégicos na vida do sujeito investigado, os quais compõem o estudo: sua vida antes, durante e depois da escola; a opção pelo Magistério; o curso de preparação do Magistério; o exercício profissional e a aposentadoria. Desse modo, trabalhar com metodologias e fontes dessa natureza é lidar com a subjetividade, ou seja, com paixões, emoções, frustrações, esquecimentos e não ditos (SOUZA, 2015).

De acordo com Sousa (2015, p. 29),

Ao trabalharmos com histórias de vida de professores, é possível observarmos como estes se sentem como professores e como se constituíram, como encararam a profissão e suas diversas etapas, além do conhecimento de todo um percurso que foi mediado pelo universo social por meio das ideias e práticas em circulação.

Nesse sentido, Nora (1993, p. 09) nos aponta a diferença entre História e Memória, no trabalho de reconstituição dessas trajetórias de vida:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinhas vitalizações. A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente, a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica.

Outro estudioso no campo da Memória, Paul Ricoeur (2007), cita que a Memória não é História, mas um dos seus elementos. Cientistas estudiosos da Memória foram levados a aproximar a Memória de fenômenos ligados às ciências humanas e sociais. O estudo da Memória social é um meio fundamental de abordar problemas do tempo e da História (SOUSA, 2015, p. 36).

O autor ainda afirma que o esquecimento faz parte do trabalho da lembrança. Por outro lado, Lopes (2004) chama de “inconfessa biografia”, quando os autores narram alguns aspectos de suas vidas, e não todos.

Eurides não escreveu sua história como fez Nevinha Santos, demonstrada na tese “Ser e fazer-se professora no Piauí no século XX: a história de vida de Nevinha Santos”, da professora doutora da UFPI, Jane Bezerra de Sousa, que dialogou entre o individual e o sociocultural numa pluralidade de memórias de outros mundos, de outros tempos sociais. Tentamos nesta pesquisa, por meio das narrativas da docente, da iconografia, de documentos e da bibliografia relativa ao tema, contribuir com a Memória Social, já que “As escolas se constituem em celeiros da Memória, espaços nos quais se tece parte da Memória social.” (SOUSA, 2015, p. 38). Eurides é um caso de metonímia, no qual seu nome passou a ser significado de “escola”.

A seguir discorremos sobre eixos conceituais e metodológicos importantes adotados nesta pesquisa, que evidenciam os caminhos percorridos ao longo de sua realização.

1.1 Fundamentos da nova História Cultural

1.1.1 Escola dos Annales

Consideramos como início dos estudos historiográficos o alargamento de fontes proposto pela *Revista dos Annales*, na França, a partir de 1929 – quando aconteceu a chamada “Revolução da historiografia francesa”, adotada neste trabalho. Essa revolução estava imbuída de um pensamento questionador, se considerarmos as características que reinavam na pesquisa histórica da época.

A História Tradicional Positivista utiliza como fonte os documentos oficiais e não oficiais escritos. Os seus sujeitos são grandes personagens que geralmente aparecem como construtores da História. Ela estuda os fatos do passado numa sequência linear e progressiva do tempo. São essas características que ainda marcam o ensino de História da Educação Básica e os materiais didáticos. Essa forma de abordagem exclui o registro da ação humana e valoriza ações individuais.

O Positivismo Histórico ou História Tradicional dominou o século XIX. Mas foi discutido, questionado e transformado ao longo do século XX. “Assim, desse movimento de críticas e diálogo nasceu e desenvolveu-se, a partir da Escola dos Annales, a chamada ‘Nova História’.” (FONSECA, 2003, p. 41).

Considera-se a fundação da revista ‘Annales’, em 1929, obra de Marc Bloch e Lucien Febvre, como o ato que fez nascer a nova história. As ideias da revista inspiraram a fundação, em 1947, por Lucien Febvre, de uma instituição de investigação e de ensino de investigação em ciências humanas e sociais [...] a substituição da história-conto pela história-problema, a atenção pela história do presente. (LE GOFF, 1994, p. 129-130).

A *Revista dos Annales* se dividiu em três gerações: a primeira, comandada por Lucien Febvre e Marc Bloch, objetivava abordar os objetos sob a visão econômica e social. A segunda fase é chamada de Era Braudel, dirigida por Fernand Braudel. Essa geração fez nascer a revolução quantitativa, a qual foi aplicada no campo econômico, depois se direcionou para outros campos. Braudel cria centros de pesquisas e discute a pluritemporalidade (tempo-longo, tempo-médio e tempo-curto) e suas relações.

“A revolução quantitativa, como foi chamada, foi primeiramente sentida no campo econômico, particularmente na história dos preços. Da economia espalhou-se para a história social, especialmente para a história populacional.” (BURKE, 1997, p.

67). E, na terceira geração, essa tendência invadiu a História Cultural – a história da Religião e a História das Mentalidades.

O principal objetivo de Febvre e Bloch foi a construção de uma Nova História. Esse objetivo foi compartilhado por muitos pesquisadores, num longo período. Os expoentes das duas primeiras gerações foram precedidos pelo método comparativo e regressivo, cujo foco era a preocupação com a colaboração interdisciplinar, os métodos quantitativos e as mudanças na longa duração.)

Magalhães (2004, p. 128) vai ao encontro dessa pluritemporalidade, quando afirma: “As abordagens historiográficas de tipo meso e tipo micro aproximam-se das vias epistêmicas da Nova História, abertas à interdisciplinaridade, às totalidades, à atualidade e às novas temáticas, metodologias e fontes”.

O autor também afirma que “O tempo é uma categoria estruturante da investigação e da narrativa histórica, pelo que a heurística e o exercício hermenêutica são também uma fase de construção do tempo institucional.” (MAGALHÃES, 2004, p. 161). A produção historiográfica tem em vista uma teorização e uma longa duração do conhecimento científico.

Por último, a direção do periódico fica a cargo de Le Goff e Le Roy Laduril, com influência de outros jovens historiadores, como Chartier. Agora, a História Total é deixada para trás, e é a História das Mentalidades a “menina dos olhos” desta terceira geração.

Todas essas fases contribuíram para a pesquisa histórica no sentido de oferecer novas abordagens e novas perspectivas aos objetos pesquisados. Com isso, a História renovou-se teórica e metodologicamente.

A corrente francesa foi a responsável por isso, já que é a que oferece maior interdisciplinaridade e rompeu com a historiografia tradicional.

É a História Nova quem critica a escola metódica, pois a História é muito mais que política. Ela também conseguiu sistematizar fontes ampliadas: iconográficas, fotos, cartas, fontes orais.

A Escola dos Annales é uma lenta construção científica e social, uma historização total, que se desenvolveu conferindo coerência e abordagens complexas e multifacetadas: visando ao contraponto e à superação do positivismo e da segmentação teórico-metodológica [...] A historiografia ‘marxista’, que em parte se constituiu e tem se (re)constituído [...] desenvolveu uma utensilagem teórica e prática com objetivos definidos, nos planos da descrição/compreensão e da interpretação/explicação. (MAGALHÃES, 2004, p. 109).

Notamos que um grande avanço da História Nova é se lançar a pedir mais da história vivida, investigar mais, pois os métodos tradicionais sempre pediram muito pouco. Historiadores precedentes à História Nova já tinham o gosto pela investigação das causas; a curiosidade pelas civilizações; o interesse pelo material, pelo cotidiano, pela Psicologia.

Concordamos com Le Goff (1994), quando aponta:

No Ocidente, alguns historiadores de qualidade esforçaram-se por mostrar que não só o marxismo podia fazer uma boa aliança com ‘a história nova’, como também estava próximo dessa história, por sua consideração pelas estruturas, a sua concepção de uma história total, o seu interesse pelo domínio das técnicas e das atividades materiais. (LE GOFF, 1994, p. 128).

E também:

Eric Hobsbawm afirmou que a história nova não era renúncias às grandes questões nem um abandono da investigação das causas por uma ligação ao princípio de indeterminação, mas sim a continuação de empreendimentos históricos do passado, por outras vias. Então a nova história tem objetivos de alargamento e aprofundamento da história científica: a crítica do documento, o novo tratamento dado ao tempo, as novas relações entre material e ‘espiritual’, as análises do fenômeno do poder sob todas as suas formas e não só do político. (LE GOFF, 1994, p. 143).

Peter Burke (1997) fala da variedade de acolhimentos em relação à revista. Por exemplo, na Inglaterra, foi saudada pelo marxista Eric Hobsbawm, como afirmado acima por Le Goff (1994), pois: “os Annales eram um aliado na luta contra o domínio da história política tradicional.” (BURKE, 1997, p. 113). Mas, o que distinguiu Bloch e Febvre dos marxistas era o fato de que não combinavam seu entusiasmo pela História Social e Econômica com a crença de que as forças sociais e econômicas tudo determinavam.

Tanto Peter Burke (1997) quanto Le Goff (1994) atribuem a Michel Foucault a importante contribuição dada por este à Escola dos Annales na terceira geração, como preocupação em ampliar os temas da História. Foucault contribuiu e recebeu contribuições.

De modo geral, podemos elencar as três grandes contribuições dos Annales:

Em primeiro lugar, a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema. Em segundo lugar, a história de todas as atividades humanas e não apenas história política.

Em terceiro lugar, visando completar os dois primeiros objetivos, a colaboração com outras disciplinas, tais como a geografia, a sociologia, a psicologia, a economia, a linguística, a antropologia social, e tantas outras [...]. Esse movimento pode ser fases. Em sua primeira fase, de 1920 a 1945, caracterizou-se por ser pequeno, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a história tradicional, a história política e a história dos eventos. [...] A segunda fase do movimento, que mais se aproxima verdadeiramente de uma ‘escola’ com conceitos diferentes (particularmente estrutura e conjuntura) e novos métodos (especialmente a ‘história serial’ das mudanças na longa duração). Na história do movimento, uma terceira fase se inicia por volta de 1968. É profundamente marcada pela fragmentação. A influência do movimento, especialmente na França, já era tão grande que perdera muito das especificidades anteriores. (BURKE, 1997, p. 12).

E acrescenta:

[...] a mais importante contribuição do grupo dos Annales, incluindo-se as três gerações, foi expandir o campo da história por diversas áreas. O grupo ampliou o território da história, abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais. Essas extensões do território histórico estão vinculadas à descoberta de novas fontes e ao desenvolvimento de novos métodos para explorá-las. (BURKE, 1997, p. 126).

Interessante é que a revista foi planejada, desde seu início, para ser algo mais do que outra revista histórica. Pretendia exercer liderança intelectual nos campos da História Social e Econômica (BURKE, 1997) e pouco a pouco se converteram no centro de uma escola histórica. Febvre escreveu manifestos e programas em defesa de uma História em que houvesse pesquisa interdisciplinar, uma História voltada para problemas, para a sensibilidade. Por isso, os saberes geográficos, sociológicos e antropológicos tinham um considerável interesse na abordagem dos Annales.

Na terceira geração, ninguém dominou o grupo como fizeram Febvre e Braudel. O policentrismo prevaleceu. Esta é a única que incluiu mulheres. Alguns pesquisadores continuaram adiante o projeto de Febvre, outros estenderam as fronteiras da História pela infância, pelo sonho, e estudaram o corpo. Retornaram à política, à História Quantitativa, entre outros. “Um outro aspecto da influência dos Annales é a difusão de conceitos, abordagens e métodos, de um período histórico para outro, de uma região para outra.” (BURKE, 1997, p. 113).

Aspectos marginalizados nas outras gerações, como a História das Mentalidades e outras formas de História Cultural, tomaram realce nesta. “O itinerário intelectual de

alguns historiadores dos Annales transferiu-se da base econômica para a ‘superestrutura’ cultural, ‘do porão ao sótão’.” (BURKE, 1997, p. 81).

É importante destacar duas razões para essa discriminação: a História Social e a Econômica eram vistas como mais importantes, fundamentais. Outro motivo é a nova abordagem quantitativa, que não encontrava no estudo das mentalidades a mesma sustentação oferecida pela estrutura socioeconômica.

Apesar de todos avanços, constitui crítica aos Annales a abordagem quantitativa no que se refere às estatísticas, que representavam problema quanto à segurança dos índices que o historiador queria investigar.

No final da década de 70, os inconvenientes dessa espécie de história tornaram-se visíveis. De fato, houve algo como uma reação negativa indiscriminada contra a abordagem quantitativa. Ao mesmo tempo se formava uma reação contrária ao que os Annales defendiam, especialmente contra o domínio da história estrutural e social. Olhando para o lado positivo dessas reações, podemos distinguir três correntes: uma mudança antropológica, um retorno à política e um ressurgimento da narrativa. (BURKE, 1997, p. 93).

E acrescenta:

Talvez a mais conhecida crítica à chamada Escola dos Annales tem sido a sua pressuposta negligência em relação à política, uma crítica que a revista parece confessar por levar em seu título o lema ‘economias, sociedades, civilizações’, sem mencionar estados. (BURKE, 1997, p. 100).

O retorno da política na terceira geração deixou transparecer que ela não foi levada tão a sério pelas duas primeiras. Notamos que este fato originou outra crítica aos Annales.

Febvre e Braudel podem não ter ignorado a história política, mas não a tomaram muito a sério. O retorno à política na terceira geração é uma reação contra Braudel e também contra outras formas de determinismo (especialmente o ‘economismo’ marxista) [...] Graças a Foucault, esse retorno se estendeu em direção à ‘micropolítica’, a luta pelo poder no interior da família, da escola, das fábricas, etc. Em consequência dessas mudanças, a história política está em vias de uma renovação [...] Paralela ao ‘retorno à política’, houve recentemente um ‘renascimento da narrativa’ entre os historiadores franceses e de outros países. (BURKE, 1997, p. 103-104).

Segundo Cardoso (1979, p. 471), as ideias de Bloch e Febvre não eram novas, pois, desde o início do século XX, Henri Berr esboçara a crítica à História Positivista. Entretanto, o movimento de renovação historiográfica promovido pelo advento da Escola dos Annales contribui para alterar os conceitos de História e de passado, além de buscar colaboração de outras ciências.

O tipo de história produzida na terceira geração tornou-se popular na França, embora tenha sido somente “na era de Braudel, porém, que a revista e o movimento tornaram-se conhecidos em toda a Europa.” (BURKE, 1997, p. 109). Foi o próprio Braudel, com suas escritas sobre o Mediterrâneo, que contribuiu, mais do que qualquer outro historiador do século XX, para transformar noções de tempo e espaço. Apesar das grandes contribuições de Braudel e Labousse, eles sofreram críticas por se concentrar nas estruturas geográficas e econômicas, respectivamente, e foram, por isso, acusados de tirar o povo da História.

Após a análise das leituras sobre a Escola dos Annales podemos afirmar que realmente houve um europocentrismo, porque, novamente, a história do mundo exterior à Europa permaneceu relativamente afastada da citada Escola. Deram muita atenção ao Antigo Regime e pouca atenção ao período posterior, como também bastante atenção à Europa e pouca ao resto do mundo. Os historiadores dessa Escola conseguiram o respeito de muitos intelectuais e até do governo, os quais se materializavam em financiamentos à pesquisa histórica.

Os historiadores da África, por exemplo, mostraram até agora pouco interesse nessa abordagem. Complicadas também são a Ásia e a América do Norte, pois a Central e a do Sul sofreram mais influência, até mesmo pela estada de Braudel no Brasil, nos anos 30, quando ministrou aulas na Universidade de São Paulo. Conheceu Gilberto Freyre, com quem se relacionou intelectualmente.

Quanto ao que se refere à primeira geração, vale a pena lembrar o juízo de Braudel: ‘Individualmente, nem Bloch nem Febvre foi o maior historiador francês do período, mas juntos o eram’ (Braudel, 1968^a, p. 93). Na segunda geração, é difícil pensar em um historiador da metade do século da mesma categoria de Braudel. Ainda hoje, uma parte significativa do que de mais interessante se faz em trabalhos históricos, é ainda realizada em Paris. (BURKE, 1997, p. 126).

Percebemos, diante das análises de Peter Burke, que o legado da corrente teórico-metodológica Nova História Cultural deixado pelas três gerações é o mais

utilizado nas atuais pesquisas históricas em Educação. Principalmente por ampliar o uso das fontes e considerar a Micro-História tão – ou mais – importante que os “grandes feitos”.

1.1.2 História e Memória

A palavra “história” origina-se do grego antigo *historie*, aquele que vê, aquele que sabe. Mas, a partir dos estudos historiográficos, o alargamento de fontes propostas pela *Revista dos Annales*, na França, a partir de 1929 – quando aconteceu a chamada “Revolução da historiografia francesa” –, o conceito de história se ampliou. Essa revolução estava imbuída de um pensamento questionador, se se considerarem as características que reinavam na pesquisa histórica da época. Agora, a História tende a ser vista como uma forma intelectual de compreender o mundo, não pode ser reduzida a uma narração ou a um conto.

O subitem anterior nos descreve que Marc Bloch foi um dos primeiros dirigentes da *Revista dos Annales*. Nesse papel ele definiu História como a ciência dos homens no tempo, e não como a ciência do passado. Esse historiador sublinhou três caracteres da História:

- a) a História é a história humana;
- b) tem caráter científico e abstrato;
- c) a História é dominada pelo presente.

Essa ideia de ciência do tempo existe porque a História é uma componente indispensável de toda a atividade temporal; já para outros, a historiografia seria o meio de libertação do passado. É no século XVI que a História nasce e o indivíduo se afirma.

A História trata da inter-relação entre o passado enquanto tal e as concepções do historiador enquanto tais. É verdade que o historiador parte do presente para pôr questões do passado, pois é inútil acreditar num passado independente daquele que o historiador constrói. “O passado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história.” (LE GOFF, 1994, p. 24).

A concepção de tempo é muito importante para a História.

O Cristianismo marcou uma viragem na história e na maneira de escrever história, porque combinou pelo menos três tempos: o tempo circular da liturgia, ligado às estações e recuperando o calendário pagão; o tempo cronológico linear, homogêneo e neutro, medido pelo

relógio; e o tempo linear teleológico, o tempo escatológico. (LE GOFF, 1994, p. 57).

O Cristianismo revolucionou a mentalidade histórica: “O Cristianismo trouxe importantes elementos à mentalidade histórica, mesmo fora da concepção agostiniana da História.” (LE GOFF, 1994, p. 66). Percebemos que o autor dedica um bom espaço no seu trabalho para falar da influência do Cristianismo.

Utilizamos neste texto o conceito de História de Le Goff (1994). Para ele, existem duas Histórias, a da Memória coletiva e a dos historiadores. A História deve esclarecer a Memória e ajudá-la a retificar os seus erros. Cita, este autor, as tarefas da ciência histórica:

Uma das tarefas da ciência histórica consiste em introduzir, por outras vias que não a ideologia e respeitando a imprevisibilidade do futuro, o horizonte do futuro na sua reflexão. [...] Esta dependência da história do passado em relação ao presente deve levar o historiador a tomar certas precauções. Ela é inevitável e legítima, na medida em que o passado não deixa de viver e de se tornar presente. [...] Penso que a história é bem a ciência do passado, com a condição de saber que este passado se torna objeto da história, por uma reconstrução incessantemente reposta em causa. (LE GOFF, 1994, p. 25).

Poderíamos ventilar a possibilidade de dizer que a função social da História é organizar o passado em função do presente, como dizia Lucien Febvre. O saber histórico é necessário em vários domínios: ciências, política, economia, social. Este saber consegue fazer transformações qualitativas de nossa própria visão histórica.

Se não podemos evitar todo o presentismo¹³, podemos limitá-lo em vista da objetividade, que não significa pura submissão aos fatos. A objetividade histórica constrói-se pouco a pouco por meio de revisões incessantes do trabalho histórico. “Só há fato ou fato histórico no interior de uma história-problema.” (LE GOFF, 1994, p. 31).

A História vive, assim, uma contradição que é ter um objeto de pesquisa singular, particular, com o objetivo de atingir o universal, geral. “O grande problema é o da história global, geral, a tendência secular de uma história que não seja só universal e sintética.” (LE GOFF, 1994, p. 144), pois tudo é digno da curiosidade histórica, uma minúscula tribo, um gesto humano, uma instituição educativa, uma professora leiga,

¹³ Entendemos por presentismo: “variante atualmente mais em voga do relativismo subjetivista, que nega que um tal conhecimento seja possível e considera a história como uma projeção do pensamento e dos interesses sobre o passado.” (SCHAFF, 1978, p. 101).

como é o caso da docente pesquisada. Nesse sentido, o teórico se aproxima da Micro-História voltada ao particular evidenciada na *Revista dos Annales*.

É bem verdade que a História científica acontece com base em documentos. “É o produto de uma construção que compromete o sentido histórico das sociedades e a validade de uma verdade histórica e fundamento do trabalho histórico.” (LE GOFF, 1994, p. 142). Contudo, é feita também com os registros dos vestígios dos homens. “O historiador tem como tarefa vencer o esquecimento, preencher os silêncios, recuperar as palavras, a expressão, vencida pelo tempo.” (REIS, 2000, p. 35). Para essa árdua tarefa, o historiador tem que usar dois tipos de imaginação: uma que consiste em animar o que está morto nos documentos e outra, a imaginação científica, que se manifesta pelo poder de abstração. No mesmo sentido, Le Goff (1994) acrescenta:

Faço também notar que a reflexão histórica se aplica hoje à ausência de documentos, aos silêncios da história. [...] Falar dos silêncios da historiografia tradicional não basta; penso que é preciso ir mais longe: questionar a documentação histórica sobre as lacunas, interrogar-se sobre os esquecimentos, os hiatos, os espaços brancos da história. Devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio, e fazer a história a partir dos documentos e das ausências de documentos. A história tornou-se científica ao fazer a crítica dos documentos a que se chama ‘fontes’. (LE GOFF, 1994, p. 109).

Há que se considerar, pois, que as fontes foram primordiais para que o conhecimento histórico hoje pudesse ser como é. Depois, que, autêntico ou não, o documento também é documento histórico e pode ser testemunho precioso da época em que foi forjado. Os historiadores antigos, por exemplo, basearam a História na verdade. É, assim, quase infinita a diversidade dos testemunhos históricos, pois o que o homem diz ou escreve, tudo o que fabrica, o que toca, o que vive denuncia o próprio homem.

A história é uma produção científica baseada na escrita, como fonte e como informação, pelo que, quer produção do conhecimento, quer narrativa historiográfica devem ressentir-se dessa preocupação, socorrendo-se e cruzando mais variado tipo de informação, mas valorizando as fontes escritas e estruturando uma narrativa que articule o rigor científico com a sua inteligibilidade. (MAGALHÃES, 2004, p. 142).

Percebemos então que o método de explicação em História é dedutivo, e não experimental, porque não existem leis na História como nas ciências naturais; ela apenas é consumidora. Para Le Goff (1994), ela não é objeto de ensino. A História é

uma ciência e depende de um saber profissionalmente adquirido, mas ela tem sido feita por profissionais e amadores. A História não rege a sociedade, mas deve ser ouvida por esta. “A melhor prova de que a história é e deve ser uma ciência é o fato de precisar de técnicas, de métodos e de ser ensinada.” (LE GOFF, 1994, p. 105). A História, além de dialogar com as ciências sociais, invade também as ciências da natureza. Para o teórico, a História vê-se perante novos desafios, como, por exemplo: responder ao pedido dos povos, das nações, dos Estados.

“[...] toda história é história contemporânea e o historiador, de sábio que julgava ser, tornou-se um forjador de mitos, um político inconsciente.” (LE GOFF, 1994, p. 136). É necessário pôr fim ao etnocentrismo e deseuropeizar a História. E isso pode ser feito pelo alargamento do horizonte histórico. O autor questiona a História Ocidental e repudia qualquer forma imperialista de historicismo. Ela sempre ocupou um maior espaço na Europa e no Ocidente do que no mundo muçulmano, por exemplo.

Sobre a História dos vencidos, “popular”, ela acontece lentamente, uma espécie de Anti-História que se opõe à História ostentatória e animada dos dominadores. O autor chama a tradição de História, uma construção histórica. Interessante também é a análise da Revolução Francesa, que, no seu tempo, não estimulou a reflexão histórica. Destruíram o passado que detestavam. Os revolucionários não se interessaram pela História, fizeram-na.

Nesse sentido, a Memória, para Le Goff (1994), é matéria-prima para o historiador. Ela está submetida à História. A escrita da Memória a salvaria do esquecimento, ou seja, a História é quem salvaria a Memória. Aqui, a Memória vira documento para a nova matriz teórica: Nova História Cultural.

Le Goff (1994) estabelece em seus estudos estes dois conceitos:

As Memórias tornaram-se pouco a pouco elementos paralelos à história, mais do que história propriamente dita, pois que a complacência dos autores perante si mesmos, a procura de efeitos literários, o gosto pela pura narração desviam-nos da história e transformam-se num material da história. (LE GOFF, 1994, p. 112).

E acrescenta:

Tal como o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e simultaneamente um nível elementar de elaboração histórica [...]. Tal como as relações entre memória e história, também as relações entre passado e presente

não devem levar à confusão e ao ceticismo. Sabemos agora que o passado depende parcialmente do presente. Toda a história é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, aos seus interesses. (LE GOFF, 1994, p. 51).

A Memória se torna História. Existem laços fundamentais entre História e Memória em todas as sociedades. A Memória pode ser vista como uma conquista progressiva, pelo homem, do seu passado individual, como a História constitui para o grupo social a conquista do seu passado coletivo. Quando colocamos a Memória fora do tempo, sepamos radicalmente a Memória, da História. Dessa forma, entendemos que a Memória pode conduzir à História ou distanciar-se dela. Ainda confundimos História e Memória, mas é a primeira que se desenvolveu a partir do modelo de rememoração, da anamnese e da memorização.

A palavra “memória” tem origem latina, deriva de *menor* e *oris* e significa “o que lembra”. O significado da palavra “memória” tem ligação com o passado já vivido. Sob o ponto de vista histórico existe outra explicação, a qual diz que Memória é a deusa Mnêmesis. Ela teria nascido do amor do céu e da terra e faria a ligação entre o mundo da representação e o mundo real, respectivamente. Na Idade Média, a Memória passa a ter o significado da lembrança de Deus.

Encontramos vários conceitos de Memória que convergem: “como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.” (LE GOFF, 1994, p. 423).

A Memória foi definida também como um glorioso e admirável dom da natureza, com o qual revocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras. É considerada também como o primeiro trabalho da mente do homem, quando nomeia o mundo, as sensações e os sentimentos (GIRON, 2000, p. 28). Memória e inteligência se apoiam mutuamente, assim como Memória e imaginação. As comemorações contribuem nessa revocação do passado, como as festas de calendário.

As festas de calendário e datas comemorativas eram ações constantes do ano letivo, para a professora Eurides. A professora registrava por meio de fotos os “grandes acontecimentos” (Figura 1).

Figura 1 - 7 de setembro de 1990, em frente ao Fórum de Uberlândia



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

Dia das Mães, Festa Junina (Figura 2) eram dias esperados pela comunidade. A escola se tornou o *locus* de entretenimento do seu entorno.

Figura 2 - Festa Junina na Escola Municipal Saudade no ano de 1989



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

De acordo com a professora: “Sempre fazíamos todas as comemorações mais importantes do calendário. A gente sempre fazia alguma coisa. Eu nunca deixei passar em branco, seja lá que data for, sempre tinha a comemoração.” (SOUZA, 2018, p. 261).

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1998, p. 47).

A respeito da Memória política, “[...] os juízos de valor intervêm com mais insistência. O sujeito não se contenta em narrar como testemunha histórica ‘neutra’. Ele quer também julgar, marcando bem o lado em que estava naquela altura da história, reafirmando sua posição ou matizando-a.” (BOSI, 1998, p. 453).

Essa autora, em sua obra, apresenta-nos Henri Bergson, filósofo que estudou a rica fenomenologia da lembrança. Bergson expõe os conceitos de tempo, Memória, devir e energia. Outro teórico que deu suporte a Bosi foi Maurice Halbwachs,

sociólogo, estudioso das relações entre Memória e História Pública. Ele não estuda a Memória propriamente dita, mas os “quadros sociais da Memória” e como acontece a reconstrução do passado. “Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva.” (BOSI, 1998, p. 413). Esses dois estudiosos motivaram-na a fazer um estudo na cidade de São Paulo nos anos 1970, por meio da memória de idosos (homens e mulheres) acima de 70 anos. A Memória se faz mais rica na fase idosa, porque, para Bergson, não há percepção que não esteja envolta de lembranças, estas são a sobrevivência do passado.

Nesta pesquisa, “Eurides Pereira de Souza: a singularidade de ser professora no Ensino Rural de Uberlândia - MG, 1966 – 1997”, o trabalho com as Memórias da professora Eurides iniciou-se desde as primeiras aproximações para a construção do projeto de doutorado, quando tivemos a oportunidade, por meio de entrevista informal, de perceber que as narrações partiam do presente sobre um passado vivido.

As Memórias de Eurides estão permeadas de lembranças, ideias e imagens do passado; mas também de esquecimentos, paixões, frustrações, sonhos e alegrias, reconstruindo o sentido de sua vida e de sua atuação profissional, refazendo suas trajetórias e vivências, que não são apenas particularmente suas, mas do grupo em que estava inserida, como demonstra Halbwachs (1990, p. 14): “a aventura pessoal da memória, a sucessão dos eventos individuais, da qual resultam mudanças que se produzem em nossas relações com os grupos com os quais estamos misturados e nas relações que se estabelecem entre esses grupos”.

O estudo das Memórias da professora Eurides também conduz à descoberta de referências históricas que nem sempre são abordadas oficialmente, como declara Sousa (2000, p. 54):

Utilizando memórias de alunos e professores, no intuito de apontar caminhos para a pesquisa, queremos esboçar aqui a possibilidade de identificar, por meio delas, certas referências históricas que conduziram à perda de dimensão histórica da experiência docente brasileira, cujos efeitos se fazem sentir, ainda hoje na diluição da identidade docente e na fragilidade do reconhecimento da irredutibilidade e singularidade da relação pedagógica.

Trabalhar com Memórias e trajetórias de vida é trilhar um território acidentado, pois trata-se de envolver-se com a paixão, os sonhos, os desejos, as vontades, a nostalgia, que escapam muitas vezes das rédeas da razão, mas essa experiência conduz à

ampliação do conhecimento do passado e permite compreender a sociedade do período através do indivíduo que ali viveu.

A professora estudada é idosa. Bosi (1998) percebeu um movimento peculiar à Memória do idoso, que tende a aparecer na hora da transmissão de alguma informação aos mais jovens, e não se trata de um sentimento saudosista, mas

[...] a forma de ensino, de conselho, de sabedoria, tão bem esclarecida na interpretação que Walter Benjamin fez da arte narrativa. Aquilo que se viu e se conheceu bem, aquilo que custou anos de aprendizado e que, afinal, sustentou uma existência, passa (ou deveria passar) a outra geração como um valor. (BOSI, 1998, p. 481).

Também encontramos em Giron (2000) a relação de História e Memória. Para esta autora, a Memória é matéria-prima para quem trabalha com a História, tanto no ensino como na pesquisa. É como matéria-prima, e não como produto final, que a Memória deve ser trabalhada. A Memória é um material delicado sobre o qual se debruça o historiador.

Quando enveredamos a estudar a memória de uma professora alfabetizadora, fizemo-lo por acreditar que o processo da Memória no homem faz intervir na releitura dos vestígios vividos por ele, adquiridos por meio dos diários, da imprensa, da História Oral e das imagens. A linguagem falada e depois escrita é uma extensão importante das possibilidades de armazenamento da nossa Memória. A acumulação de elementos na Memória faz parte da vida cotidiana. Isso acontece mais na cultura dos homens sem escrita, do que na sociedade escrita. Mas não é fácil tocar na Memória das pessoas, pois é muito delicado perguntar sobre o passado, uma vez que podemos estar tocando em nervo exposto, escondido na névoa do passado. (GIRON, 2000).

Nas sociedades sem escrita há especialistas da Memória, homens-memória, mas o conhecimento aí não é transmitido palavra por palavra. A Memória Coletiva aqui funciona numa reconstrução generativa, e não segundo uma memorização mecânica. Existe uma dimensão narrativa, uma estrutura da história cronológica dos acontecimentos... A Memória teria mais liberdade e criatividade, mas não é fácil compreender a passagem da Memória Oral à Memória Escrita.

O aparecimento da escrita está ligado a uma profunda transformação da memória coletiva. [...] A escrita permite à memória coletiva um duplo progresso, o desenvolvimento de duas formas de memória. A primeira é a comemoração, a celebração através de um monumento comemorativo de um acontecimento memorável. [...] A outra forma de memória ligada à escrita é o documento escrito num suporte

especialmente destinado à escrita. [...] Mas importa salientar que todo documento tem em si um caráter de monumento e não existe memória coletiva bruta. (LE GOFF, 1994, p. 431-433).

Entendemos Memória Coletiva como o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado. A Memória Coletiva impõe restrições sobre o que lembrar e a como julgar o lembrado. A escrita tem duas funções neste tipo de documento, as quais são:

- a) armazenamento de informações que permitem comunicar através do tempo e do espaço e fornecer ao homem um registro;
- b) passagem da esfera auditiva para a visual, permitindo que se reordenem, retifiquem palavras ou frases.

Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação. (BOSI, 1998, p. 408-409).

Tanto a Memória quanto a História passaram por uma cristianização na Idade Média. Le Goff (1994) relata várias passagens bíblicas que se referem à Memória. “Todavia, a memória tinha um papel considerável no mundo social, no mundo cultural e no mundo escolástico e, bem entendido, nas formas elementares da historiografia. A Idade Média venerava os velhos, sobretudo porque via neles homens-memória, prestígio e úteis.” (LE GOFF, 1994, p. 449). Nessa época, os escritos desenvolvem-se a par do oral, mas há um equilíbrio entre Memória oral e escrita, intensificando-se o recurso ao escrito como suporte da Memória, embora no século XII, a Memória oral ainda seja a mais usada. Ainda em referência a esse período, os reis criaram as instituições-memórias: os arquivos, as bibliotecas e os museus. “A memorização pelo inventário, pela lista hierarquizada não é unicamente uma atividade nova de organização do saber, mas um aspecto da organização de um poder novo.” (LE GOFF, 1994, p. 436). Transcrever e editar as narrativas da professora Eurides é uma ação que percorre esse trabalho de registro da memória oral para a memória escrita.

O trabalho com a Memória não tem viés utilitarista; Le Goff (1994) nos chama atenção: “A memória, onde cresce a história, que por sua vez alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação, e não para a servidão dos homens.” (LE GOFF, 1994, p. 477).

O autor conclui que a tradição é indispensável à espécie humana. A sobrevivência étnica funda-se na rotina, simbolizando capital necessário à sobrevivência do grupo. “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, [...] Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também, um instrumento e um objeto de poder.” (LE GOFF, 1994, p. 476).

Tendo em vista que os modos de lembrar são diversos, de acordo com o grupo social e o modo de viver de cada um deles, sabemos que ao entrevistar a professora alfabetizadora Eurides Pereira de Souza obtivemos um discurso diferente, talvez, do que teríamos nos depoimentos de outras professoras que trabalharam no mesmo período. Uma mudança do grupo e da vida individual alteraria a qualidade da Memória. Além disso, entendemos que o que não for dito, ou melhor, a Memória oculta, pode esconder os fracassos, os vícios e os defeitos.

Em suma, Memória e História buscam a verdade, embora Le Goff (1994) argumente: “Se a memória faz parte do jogo do poder, se autoriza manipulações conscientes ou inconscientes, se obedece aos interesses individuais ou coletivos, a história, como todas as ciências, tem como norma a verdade.” (LE GOFF, 1994, p. 32).

São nos compassos e descompassos teóricos metodológicos da História e da Memória que buscamos alcançar fragmentos de “verdades” para dar luz à nossa pesquisa.

1.1.3 O Campo das Representações

O trabalho com a Memória está imbricado com representações sociais. A relação entre o mundo e as representações são realidades. A afirmativa formulada por Chartier, em sua defesa contra as críticas: “(...) penso que não existe história possível se não se articulam as representações das práticas e as práticas da representação.” (2011, p. 16). A realidade é premissa da História, o que não é realidade pertence à Literatura.

Chartier não é do campo da História, mas reflete, em suas publicações, práticas historiográficas. Ele é historiador da cultura escrita, e não teórico da História. Ele estudou como as diferentes práticas de leitura no Antigo Regime influenciaram as diferentes apropriações de um mesmo texto. Assim, Roger Chartier e outros, como Giovanni Levi e Jacques Revel, em 1989 apresentaram na *Revista dos Annales* suas interpretações sobre o desafio lançado à História.

No artigo *O mundo como representação* (1991), o autor fala da necessidade de abandonar as interpretações dominantes (estruturalismo e marxismo). Passar da História

Social para a História Cultural do social. O estudioso integra a terceira geração da *Revista dos Annales*.

Émile Durkheim é considerado o precursor das representações nas ciências sociais. Chartier se vale da conceituação do primeiro: “representações coletivas”. Outro sociólogo que influencia o trabalho de Chartier é Bourdieu. Para Bourdieu (1981, p. 69-73), podemos modificar a realidade se modificarmos as representações que temos desta. Esse autor fala do poder simbólico que o sujeito exerce no coletivo.

Como toda pesquisa tem, ou deveria ter, justificativas sociais para acontecer, as memórias da trajetória pessoal e profissional da professora Eurides poderão influenciar os modos de ser e fazer de outros profissionais da docência, no que tange às experiências bem-sucedidas.

Machado (2014), autora pesquisada para este subtítulo, cita Norbert Elias, por tratar de questões relacionadas à força física e ao seu monopólio. No processo civilizador, pessoas isoladas não planejaram essa mudança, mas vivenciaram um processo modelado pelas relações de “interdependência”. Tanto Elias quanto Bourdieu não atribuem ao indivíduo isolado os rumos da sociedade.

Estudar as relações de Chartier (1990) com as ciências sociais permitirá demonstrar que é possível tratar com certa amplitude e maior seriedade a conceituação das representações. Apesar de o trabalho deste autor se referenciar ao Antigo Regime, ele pode ser aplicado às diferentes temporalidades.

Portanto, Chartier (1990) faz uma crítica dos modelos franceses de práticas historiográficas ao longo do século XX e propõe uma nova abordagem que insiste em seus usos culturais, a partir dos quais as representações são inseridas. Machado (2014) afirma que “parte de suas reflexões não ultrapassam o sentido metodológico de uma nova prática historiográfica. Ele indica novos parâmetros para a disciplina, mas não nos é proposto os significados dessa forma de escrever a história.” (MACHADO, 2014, p. 9).

Destarte, Assis & Lima (2019) resumem o Campo das Representações, de acordo com Chartier (2002):

[...] a imagem daquilo ou daqueles que estão ausentes e sobre os quais podem ser produzidos valor e sentido. As representações permitem e fazem com que a imagem atribuída a um ser lhe dê a noção de sua identidade e sirva para construí-la também e fazem com que a coisa exista no signo que exibe. Isto é, em outras palavras, a imagem passa a ser compreendida como o próprio objeto e a ela são conferidos valores

e significados os quais são apropriados pelos sujeitos, ressignificados e disseminados, e com isso possibilitam que algumas noções, mesmo exteriores, sejam compreendidas como processos naturais. (ASSIS & LIMA, 2019, p. 02).

Assim, as representações são produções do real, do confronto, das lutas, e não frutos de noções abstratas e imaginativas. Nesse sentido, entendemos que as representações são fabricadas pelos sujeitos numa forma de rede, tendo em vista criar uma imagem comum para atingir um determinado fim.

Tal como salientado por Certeau (2003, apud Assis & Lima, 2019, p. 02),

as representações, ao serem atomizadas de inúmeras formas e de maneiras contínuas, conferem credibilidade aos discursos, além de estabelecerem os diferentes níveis de poder simbólico. Os crentes nesses discursos, por sua vez, movem-se e os defendem como ‘verdade’. Com isso, os discursos, ao produzirem praticantes, os fazem crer e fazer, estabelecem os simulacros do real e transformam a própria realidade.

As Memórias são carregadas de representações. As narrativas da professora Eurides sempre trazem à tona modelos fabricados de “ser”, seja professora, seja secretária de Educação, seja prefeito.

Merecia uma foto, essa cena. O povo estava saindo cercado de gente ao redor dela (secretária de Educação) e ela me apontava pra pessoas: “Gente, essa aqui é a melhor professora do município, a melhor do município!”. Eu quase morri de vergonha. Não esperava aquilo. Eu não sabia nem o que falar, de tão boba que eu fiquei: “Melhor professora do município”. Porque ela via o que eu fazia e reconhecia. Foi igual ao dia do bolo: “Gente do céu, que coisa linda!”. Ela devia pensar: “Gente, uma funcionária nossa providenciar um ‘trem bonito’ desse pra oferecer para uma escola!” (SOUZA, 2018, p. 290).

A representação social construída a respeito das pessoas de “poder” é marcante para a professora, ao ponto de salvá-la de conflitos, como quando ela representou a Prefeitura Municipal no Conselho de Alimentação Escolar:

Porque a Corália que me tirou das escolas e quis me por lá; aí eu pegava e ia na Corália, porque ninguém podia com ela. Ela tinha os diplomas da área da educação e, maus dos pecados, ainda tinha direito. Quem podia com uma mulher dessas? Quer dizer que os direitos da lei estava aqui na ponta da língua dela, quem podia derrubar ela? Aí, quando eu vi que eu não podia derrubar, eu falava: “Vou chamar a minha ajudante”. (SOUZA, 2018, p. 250).

O prefeito Renato de Freitas foi muito exaltado, quando a professora cita o concurso em que ela passou em 1967: “O Renato falou: ‘Quem passar bem, quem não passar, amém! Tá fora!’. Então ele toda a vida foi exigente. Pra mim ele foi o melhor prefeito de Uberlândia. Se eu pudesse, eu faria uma homenagem pra ele.” (SOUZA, 2018, p. 245).

Mas não só de exaltações positivas prestaram as narrativas de Eurides. Quando questionada a respeito do currículo prescrito dos anos 60, 70, ela expõe a concepção da comunidade com as mudanças da Lei de Diretrizes e Bases nº 4024/61.

Foi no curso que eu descobri que existia o programa de ensino determinado pela lei. Eu sofri lá na Saudade porque o povo era muito atrasado. Tinha os ignorantes que não concordavam com o sistema de ensino. Eles ficavam implicando. (SOUZA, 2018, p. 257).

Conforme Assis & Lima (2019, p. 5),

A escola rural tornou-se um lugar de fronteira. Instalada no meio rural, representava, para as comunidades do campo, o símbolo da modernidade e das letras, todavia era também, para grande parte das elites brasileiras, a representação do atraso e do passado. Imagem híbrida de uma escola que assumia a identidade de onde estava localizada e incorporava os objetivos que lhe eram demandados pelas elites e governantes, mas também se apropriava dos significados que lhe eram atribuídos por aqueles que a frequentavam. Uma identidade múltipla que perpassava a história das escolas rurais, das professoras rurais e dos alunos do meio rural.

A representação da própria comunidade escolar evidenciava a necessidade de um ensino utilitarista:

Teve um que falou pra mim: “Dona Eurides, pra que ensinar Ciências pro menino de roça, dona Eurides? Pra que ensinar Geografia, dona Eurides? Pra que ensinar História?”. Eles achavam que era uma perca de tempo, que o povo, nesse tempo, eles interessava só assim, aprender a ler e escrever e fazer conta pra fazer conta sobre os negócios que realizavam na fazenda. Então, era só isso que interessava, fazer conta e ler e escrever. (SOUZA, 2018, p. 257).

Após a explicitação de parte do subsídio teórico, seguem os estudos sobre a pesquisa bibliográfica e documental, Método da História Oral, utilizando as narrativas como fontes primárias do trabalho e as fontes iconográficas e documental como secundárias.

1.2 Passos metodológicos

1.2.1 Pesquisa bibliográfica e documental

A primeira parte de uma pesquisa refere-se quase sempre à pesquisa bibliográfica e à pesquisa documental. Elas perpassam todo o trabalho científico, mesmo que outras fontes sejam consultadas.

Existem várias abordagens sobre essas modalidades de pesquisas, porém próximas.

Marconi e Lakatos (1992) chamam de pesquisa documental a abordagem de fontes primárias; e de pesquisas bibliográficas, as de fontes secundárias. Para as autoras, fontes primárias são aquelas de primeira mão, provenientes de órgãos que realizam observações, e fontes secundárias são obras literárias em geral e a imprensa escrita. Alguns autores discordam de que a imprensa escrita seja fonte secundária, afirmando que é, sim, primária.

Na mesma perspectiva, Ruiz (1979, p. 58) separa sua análise em fontes e bibliografia. Para ele, fontes são “textos de primeira mão sobre determinado assunto”, enquanto bibliografia “é o conjunto das produções escritas para esclarecer as fontes, divulgá-las, para analisá-las, refutá-las [...]”.

Desse modo, Chizzotti (1991) entende a existência de documentos primários – os originais; documentos secundários – referências bibliográficas; e de documentos terciários –escrita sobre determinada bibliografia. Assim, a pesquisa documental está relacionada a fontes primárias, enquanto a pesquisa bibliográfica está relacionada a fontes secundárias ou terciárias.

Como já mencionado, é importante ressaltar que essas duas modalidades de pesquisa são essenciais para qualquer tipo de trabalho científico, independentemente da técnica utilizada. Assim sendo, não poderiam deixar de fazer parte da investigação deste trabalho.

A pesquisa documental como recurso imprescindível ao historiador data do século XIX. “Para os historiadores daquele século, o documento escrito converteu-se no fundamento do fato histórico. O trabalho do historiador seria extrair do documento a informação que nele estava contida, sem lhe acrescentar nada do seu.” (CAINELLI e SCHMIDT, 2004, p. 90).

Essa valorização dos documentos foi criticada por vários historiadores, principalmente pelos integrantes da *Revista dos Annales*. Na perspectiva da Nova

História Cultural, o documento passou a ser encarado como produto da sociedade que o fabricou, de acordo com determinadas relações de poder.

A atual pesquisa bibliográfica caracteriza-se pelas principais leituras que tratam da História da Educação, no viés da Nova História Cultural, da História e Memória e no Campo das Representações. Estudamos a bibliografia referente à metodologia da História Oral (temática), utilizando as narrativas como fontes primárias, complementadas pela análise iconográfica, com as fotos do arquivo pessoal da professora Eurides.

Outra fonte documental importante consistiu na análise da pasta funcional da professora, arquivada na Área Administrativa de Recursos Humanos da Prefeitura Municipal de Uberlândia. De posse desse material, pudemos traçar a trajetória profissional administrativa de Eurides. Os ciclos de vida profissional são importantes fontes de informações sobre a prática profissional docente. Tardif (2000), Huberman (2000) e Valle (2006) concebem a carreira docente como um processo de socialização e incorporação na atividade profissional, de modo a apresentar variações de acordo com o tempo e a função a ser desempenhada.

Estávamos ansiosa para encontrar cadernos de planos, diários de classe, caderno de alunos ou outros vestígios de sua prática docente. Mas a professora não guardou nenhum desses documentos que seriam tão importantes na análise do seu fazer pedagógico.

Após a coleta de fontes – e talvez pela ausência delas –, notamos a importância de contrapor tais dados para construir possíveis interpretações com os depoimentos colhidos, bem como cotejar as informações fornecidas, visando certificarmo-nos de sua veracidade.

1.2.2 História Oral

Desde a Antiguidade, diversos povos utilizavam a oralidade para transmitir seus valores, crenças e ensinamentos às novas gerações; a Memória foi oral em sua origem, já que a transmissão era a única forma de transferência do saber e da cultura nas sociedades pré-letradas.

De acordo com Thompson (1992), a primeira experiência em História Oral como atividade organizada foi em 1948, na Universidade de Colúmbia. Portanto, podemos considerar que esta é uma metodologia relativamente nova no campo da historiografia, tanto no âmbito internacional quanto no nacional, pois no Brasil uma das primeiras

experiências ocorreu em 1971, em São Paulo, no Museu da Imagem e do Som, que tem se dedicado à preservação da Memória Cultural Brasileira. Percebemos, no País, que os movimentos e publicações vêm crescendo gradativamente, com o intuito de preservar a Memória histórica.

Embora tenhamos obtido as afirmações acima, sabemos da existência da Escola de Chicago que, desde os anos 10 do século passado, refere-se à primeira importante tentativa de estudo dos centros urbanos combinando conceitos teóricos e pesquisa de campo de caráter etnográfico. A Escola de Chicago inicia um processo que aborda os estudos em antropologia urbana, em que o “outro” torna-se o “próximo”. E essa aproximação era obtida por meio de entrevistas. Da década de vinte à de trinta, a sociologia urbana foi quase sinônimo de Escola de Chicago.

A passagem dos registros orais para os escritos marca o desenrolar do “progresso”, pois a oralidade conduz a um saber mais mecânico e a escrita tem maior liberdade. A passagem do oral para o escrito sem dúvida foi importante para a Memória e para a História.

Para entender melhor o assunto, é preciso responder à pergunta: “O que é História Oral?”.

Para José Carlos Sebe Meihy (2000, p. 25-26),

[...] a história oral é um recurso moderno usado para a elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva. [...] História oral é uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de depoimentos gravados em aparelhos eletrônicos e transformados em textos escritos.

Para Thompson (2002, p. 09), “História Oral é a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências”. Nesse sentido, Portelli (1981, p. 15) afirma que “história oral é uma ciência e arte do indivíduo”.

No mesmo sentido, a pesquisa aponta que História Oral é o registro da história de vida de indivíduos. Isso porque focaliza suas memórias pessoais e também lhes confere uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social a que pertencem.

No estatuto da História Oral, encontramos três procedimentos de pesquisa:

(1) para ser garantida como método, as fontes devem ser ressaltadas como centro da pesquisa;

(2) já como ferramenta, devem ser um simples depoimento;

(3) técnica é um recurso a mais a ser utilizado com a documentação paralela, escrita ou iconográfica.

Encontramos também três modalidades de História Oral:

(1) de Vida, com caráter subjetivo – por meio desta se deixa as pessoas falarem, dando valor aos acontecimentos marcantes. Ela pode ser tanto individual quanto de família;

(2) História Oral Temática, modalidade que contribui para as biografias e é muito utilizada como técnica, por articular os diálogos com outros documentos; tem caráter objetivo, dessa forma, o colaborador não fica tão à vontade quanto na História Oral de Vida, pois o questionário da entrevista é mais direcionado;

(3) Tradição Oral, que opera com aspectos sociais subjetivos e o sujeito da pesquisa é menos individual e mais coletivo. Percebemos nessa modalidade a aplicação aos estudos das sociedades ágrafas, por serem ricos depositários de tradições orais, e também no estudo do folclore e pela transmissão geracional (de geração para geração).

Apesar de considerada a fonte mais antiga da História, a História Oral na modernidade, para ser reconhecida, não deve ser apenas coleta de entrevistas, mas considerada decorrente de um projeto com intenção e procedimentos a serem realizados. Nesse sentido, Meihy (2000) alerta que são necessários alguns cuidados com a pesquisa oral: não se pode tornar “[...] um tipo de história oral que se rende à homenagem ou à propaganda comercial”. E “Mesmo com a obrigatoriedade da participação eletrônica a história oral não se faz sem a participação direta, sem o contato pessoal.” (MEIHY, 2000, p. 26-27).

Dessa maneira, a condição mínima da História Oral se faz por três elementos: o entrevistador, o entrevistado e a aparelhagem da gravação. Na atualidade os celulares têm sido mais usados do que gravadores de única função.

A entrevista é o “coração” da História Oral. Na condição de metodologia, dependem dela a confiabilidade e o sucesso no bom desenvolvimento da pesquisa. Assim, entrevistar exige também habilidade, respeito, disposição para escutar sem emitir opiniões próprias e busca por informações prévias a respeito do tema, a fim de melhor organizar as questões. Dessa forma, Thompson (1992, p. 315) afirma: “As entrevistas, como todo o testemunho, contêm afirmações que podem ser avaliadas.

Entrelaçam símbolos e mitos com informação e podem fornecer-nos informações tão válidas, quanto qualquer outra fonte humana". Esta afirmação mostra-nos, novamente, o valor documental que a História Oral exprime.

Meihy (2000) aponta os passos que deverão ser seguidos após a entrevista, os quais veremos a seguir:

Após a entrevista, existe um trabalho a ser feito. Primeiramente, transcreve-se o texto (escrita igual à fala), depois se exige a textualização, eliminando as perguntas e os erros gramaticais, por último a fase de transcrição, que é o texto totalmente elaborado. A entrevista transcrita pelo entrevistador torna-se documento, pois documento em história oral é o resultado da mudança de depoimentos do estado oral para o escrito. (MEIHY, 2000, p. 102).

Sabemos que, ao final do século XIX, o registro privilegiado pelo historiador era o documento escrito, sobretudo o oficial. Essa linha de pensamento era considerada positivista. Segundo Adam Schaff (1978), o positivismo, paradigma rankeano, "atesta que o conhecimento histórico é possível como reflexo fiel, puro de todo o fator subjetivo, dos fatos do passado." (SCHAFF, 1978, p. 101), como se somente eles fossem "verdadeiros".

São três os pressupostos positivistas: o primeiro afirma que nenhuma interdependência existe entre o historiador e o objeto do conhecimento; o segundo pressupõe uma relação cognitiva conforme o modelo mecanicista (passiva, contemplativa); e, por último, o historiador é capaz de ser imparcial: "basta juntar um número suficiente de fatos bem documentados, dos quais nasce espontaneamente a ciência da história. A reflexão teórica, em particular filosófica, é inútil e até prejudicial, porque introduz na ciência positiva um elemento de especulação." (SCHAFF, 1978, p. 102-103). Já a pesquisa que utiliza a História Oral como método tem caráter mais subjetivo e, de certa forma, cria vínculos entre entrevistador e depoente.

Segundo Ciavatta (2004), a crítica iniciada na Idade Média e aperfeiçoada pelos positivistas restringia-se à verificação da autenticidade dos documentos. Colocado em primeiro plano, o documento triunfou, nessa época, sobre o monumento. Mas, agora, o que importa é a relação dos documentos com outras fontes e recursos.

A História Oral, para rever as versões oficiais da historiografia, torna os depoimentos orais em "histórias" da História. As memórias de pessoas que fizeram parte da História recebem grande importância pelo pesquisador oral, que ali dá a oportunidade de expressão àqueles que realmente fizeram parte da história e que

carregam consigo sua perspectiva frente aos fatos ocorridos, pois “A História Oral contribui para o afloramento das ‘memórias subterrâneas’ represadas pelas imposições da ordem social.” (CIAVATTA, 2004).

As Memórias orais podem vir em complemento a outras fontes, como documentos oficiais, fotos, arquivos e outros. Algo que facilita o trabalho do pesquisador, já que os arquivos enfrentam problemas de conservação, desorganização, dispersão da documentação por vários espaços.

[...] a memória estimula a busca historiográfica, seja no plano da compreensão e da representação da realidade. A memória desafia o historiador para uma explicação sobre o ordenamento dos objetos e a organização dos espaços, dos tempos e das coisas. Os relatos, orais e escritos, de natureza impressiva, favorecem a aproximação do historiador ao grau de envolvimentos dos agentes e dos sujeitos nas realizações das ações. A tradição oral estimula o debate e o alargamento das problemáticas, carecendo, porém, de comprovação e de análise, crítica apuradas [...] (MAGALHÃES, 2004, p. 157).

“A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (BOSI, 1998, p. 39). Partilhamos dessa afirmativa quando nos encontramos com a professora alfabetizadora pesquisada e várias recordações foram afloradas num momento informal não gravado. Sentimos que lembrança extraí lembranças.

Para Meihy (2000, p. 56), “a noção de silenciados tem sido valorizada como um dos objetivos da história oral, pois, de certa forma, além de contemplar os ‘vencidos’, abre-se também para setores considerados da ‘elite’, que também não têm sido contemplados pela formalidade analítica vigente”.

O autor propõe, ainda, a democratização deste tipo de pesquisa. Que ela não represente somente uma parte da sociedade, mas faça um trabalho integral dos vencedores e vencidos, e não unilateral. Dessa forma, contribuiremos também para ruptura daqueles que, impregnados de tradicionalismo, ainda não conseguiram pensar em uma história construída por todos.

As instituições educativas, como as pessoas, são portadoras de uma memória e de memórias. Essas memórias-representação, frequentemente assentes na transmissão oral, revelam-se fixistas, cíclicas, fruto de olhares particulares e consubstanciam-se em relatos dispersos, memórias factuais e justificativas de destinos de vida, marcadas não raro por arbítrios e exageros de varia ordem. [...] uma memória integrada nas práticas e nas representações do quotidiano, sobre as quais exerce influência, pois as instituições educativas

tendem a produzir e a divulgar, sob a forma de monografia ou de relatos dispersos, um conjunto de informações por meio das quais procuram fazer jus aos rituais e à memória que desejam perpetuar. (MAGALHÃES, 2004, p. 127).

Notamos, assim, o grande alcance da História Oral, por ser impossível apontar um lugar no mundo em que as pessoas não a estejam fazendo. Nesse sentido, acredita-se que as reflexões acerca da História Oral, como metodologia de pesquisa, visem descontaminar dúvidas e anseios de pesquisadores da área, contribuindo para utilização deste importante instrumento.

Apesar de reconhecermos a importância da História Oral, ela ainda passa por uma série de desconfianças por ter caráter subjetivo, por precisar da Memória e principalmente por muitos não a considerarem documento após a transcrição e a autorização dos narradores. Para Thompsom (2002, p. 23), “O tema da memória será sempre uma questão fundamental para os historiadores orais, mas acho que deveríamos abordá-lo positivamente, com confiança na dupla força da história oral, tanto objetiva quanto subjetiva”.

As fontes orais são consideradas “arquivos da palavra”, mas devem apresentar limites e possibilidades. Um limite que devemos observar é que o fato de o depoente, ao rememorar suas experiências, ao contá-las e emitir sua opinião, narrar a História de Vida que pode não esclarecer os fatos passados, porque são interpretações atuais deles.

Desde as primeiras aproximações com a professora Eurides Pereira de Souza, não tivemos dificuldades com a construção das entrevistas, pois a alfabetizadora se prontificou a cedê-las. “A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória.” (BOSI, 1994, p. 68).

O trabalho com as entrevistas requer um estudo e a ação da ética neste campo de atuação. “O respeito pelo valor e pela importância de cada indivíduo é, portanto, uma das primeiras lições de ética sobre a experiência com o trabalho de campo na História Oral.” (PORTELLI, 1981, p. 17). O tratamento dispensado em todo processo das entrevistas é criterioso, inclusive na devolutiva do material ao narrador/entrevistado.

A entrevista é uma construção de conhecimento (SZYMANSKI, 2002). No momento da entrevista é estabelecida uma relação de igualdade e de diálogo entre entrevistado e entrevistador. Ora, o primeiro é quem tem a autoridade, por ter o conhecimento a ser narrado; ora é o entrevistador, pela sua condição de pesquisador. É um momento de “entre-vista”, uma troca, uma visão mútua (PORTELLI, 1981).

Pretendemos usar a História Oral como fonte por compreender a sua importância metodológica e também porque poderá preencher lacunas de outras fontes inexistentes como cadernos de alunos, planos de aulas, etc. A professora Eurides nos disponibilizou somente fotos, já que por motivos diversos não tem nenhuma outra forma de documentos pedagógico que retrate seu tempo de docente.

A História Oral e as Memórias nos oferecem um campo de possibilidades que são compartilhadas, quer sejam elas reais, quer sejam imaginárias. Quando um dado nos é relatado sem a segurança desejada, restam-nos as aproximações das informações obtidas em seu sentido coletivo. Os relatos trafegam na Memória, no tempo e no espaço com a desenvoltura do tempo presente, porque as referências se misturam.

Por meio dos relatos orais, quisemos saber se havia um esquecimento, um silêncio proposital, pois:

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva [...] O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento. (LE GOFF, 1994, p. 426).

Abordar a Memória nesta pesquisa é procedente, tendo em vista que o tratamento das fontes nos subsidia para tal. A História Oral faz desabrocharem as “memórias subterrâneas” represadas. A memória então daria um sentido ao passado que nos escapou e que reside no discurso (FOUCAULT, 2005). E o discurso é oportunizado na narrativa, a qual não expressa realmente o acontecido, mas como foi experienciado:

Trata-se de um processo em que o narrador é o sujeito/personagem da história e o narrar, o registro; a passagem do oral para o escrito faz parte da história que está sendo construída pelo narrador e pelo historiador/ouvinte. Pela história de vida, um mundo de vivências, de contradições e de projetos que não vingaram pode chegar até nós, não como realmente existiu, mas como foi experienciado e como, hoje, é visto retrospectivamente. Aqui não interessa a noção de comprovação ou de objetividade dos fatos e, sim, de significação e representação. (FONSECA, 1997, p. 40).

Nesse sentido, a Memória, para Le Goff (1994), é matéria-prima para o historiador. Ela está submetida à História. A escrita da Memória a salvaria do

esquecimento, ou seja, a História é quem salvaria a Memória. Aqui, a Memória vira documento, para a nova matriz teórica: Nova História Cultural – Memória esta advinda das narrativas, fonte primária extraída da metodologia da História Oral.

Uma fonte secundária muito utilizada neste trabalho foi o uso de imagens. A iconografia nos dá pistas minuciosas para análise do todo, como veremos a seguir.

1.2.3 Iconografia

O objetivo de trabalhar o aspecto iconográfico é analisar a fotografia como fonte de pesquisa histórica. Segundo Kossoy (1989, p. 50), a análise iconográfica é a do registro visual, a expressão, isto é, o conjunto de informações visuais que compõem o conteúdo do documento. A fotografia surge no Ocidente sob o signo da modernidade, sob a razão iluminista e sob a ótica renascentista. Adotamos a interpretação da fotografia como fonte histórica secundária, já que a primária são as narrativas (História Oral).

Portanto, como fonte histórica, a fotografia pode ser analisada como mediação e reflexo da sociedade, meio de comunicação ou processo social complexo. Nesse sentido, pesquisar no âmbito da História da Educação é estar diante de uma diversidade de fontes e possibilidades, com o uso de “novos documentos”, até então desconsiderados.

A fotografia permite o autoconhecimento e a recordação; enquanto registro, é documento e tem o poder de denúncia, por sua natureza testemunhal. Mas a verdade que foi dada à fotografia precisa ser reavaliada no viés da interpretação das práticas visuais e das questões críticas que elas comportam na atualidade, para que o historiador da Educação não caia nas armadilhas tecnológicas, porque elas apresentam ser uma perfeita analogia da realidade.

Aliás, por que se fotografa? Segundo Kossoy (1989, p. 22), “toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época”. Para o mesmo autor, existem três elementos essenciais para a realização de uma fotografia: o assunto, o fotógrafo e a tecnologia.

É imprescindível mencionar Kossoy (1989, 1998, 2001); Ciavatta (2000) Ciavatta & Alves (2004) entre os pesquisadores que muito contribuem no estudo iconográfico quanto ao uso de imagens nas pesquisas educacionais brasileiras.

Utilizar a fotografia como fonte histórica supõe tratá-la como uma mediação, como produção social, cujo conhecimento não se esgota na aparência imediata da imagem, pois “a imagem fotográfica associa-se à memória e introduz uma nova dimensão no conhecimento histórico, tradicional, tradicionalmente obtido por meio da linguagem oral e, principalmente da linguagem escrita.” (CIAVATTA e ALVES, 2004, p. 41).

Essas autoras contribuem ainda mais:

As fotografias não são objetos isolados, independentes. São situadas em um contexto e indelevelmente marcadas por quem as produziu, pelo olhar de quem as recortou da realidade. Destacam-se, nas diversas abordagens examinadas, a historicidade das imagens e seu potencial para a informação e para a educação. Como representação do passado, geram uma memória que alimenta a compreensão do presente e orienta as perspectivas do futuro. Como memória ou como comunicação, as imagens constroem um discurso visual que organiza o conhecimento da realidade. (CIAVATTA e ALVES, 2004, p. 15).

O contexto das Figuras 3 e 4 ratifica o discurso de ordem, ainda fruto do contexto militar. Os Símbolos Nacionais estão sempre presentes nas práticas docentes da professora Eurides. Esse assunto será tratado em capítulo específico.

Figura 3 - 7 de setembro de 1988 na Escola Municipal Saudade



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

Figura 4 - Aula expositiva sobre os Símbolos Nacionais e o amor à pátria



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

A fotografia – texto visual – é resultado de um jogo de expressão e conteúdo envolvendo o autor, o texto e o leitor. A competência do autor e leitor é semelhante no que tange ao significado da fotografia, mas diferencia-se quando do olhar do leitor que fornece significados à imagem. Essa compreensão pode-se dar em dois níveis: interno e

externo. No primeiro, de caráter não verbal, já no segundo, parte de aproximações e inferências com outros textos (MAUAD, 2004).

Ao ensinar os Símbolos Nacionais, a professora tinha convicção de fazer o melhor trabalho àqueles alunos, formando-os no discurso republicano, que a ditadura ratificou: “Ordem e Progresso”. Para nós pesquisadores, tal ação evidenciou a eficiência da escola na propagação desse modelo de sociedade.

A modernidade disseminava o ideal de um homem novo para uma nova sociedade, aspirando para isso a instrução dessa gama população analfabeta com intuito de qualificá-la para as novas exigências do mercado. Dessa forma, a modernidade marca o tempo de formação do indivíduo para as transformações sociais. Mas o ideal republicano trazia em seu bojo características positivistas. (BERNARDELLI, 2007, p. 83).

Considerando que a foto tem objetivo, não é neutra e expressa interesse de um grupo, o conceito de representação está implícito no trabalho iconográfico. Como já afirmamos, Chartier (1990) tem por pressuposto que as estruturas do mundo social são produzidas por práticas sociais, políticas, discursivas, que articulam o contexto e o imaginário. Se assim o é, as representações do mundo social são determinadas pelos interesses dos grupos que as geram. Dessa forma, é necessário articular os discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.

Um dos primeiros pensadores no século XX a ocupar-se da elaboração de uma “teoria da arte” e avaliar o impacto cultural da sua disseminação foi Walter Benjamin. Ele estava preocupado com a reprodução em série, tanto que em sua obra, a questão do “uso das imagens” pelas ciências sociais, toma a fotografia como modelo da “imagem dialética” do “isolamento inalienável” da ideia do pensamento (BENJAMIN, 1994).

A expressão usada por Benjamin, “escovar a história contrapelo”, significa que na recuperação do passado na Memória, as condições dadas são as do momento presente, ou seja, o que vivemos, vivemos, está por encerrado. Mas as lembranças do antes e depois são infinitas no agora. Esse pensamento vai na contramão do pensamento tradicional sobre o conceito de História, o qual já foi comentado.

As fontes iconográficas também nos auxiliam na recuperação da Memória, nossa principal categoria de análise. No sentido da expressão de Benjamin,

[...] a memória é um movimento permanente de reconstrução, que pelo momento presente são determinadas as condições emocionais e

concretas do sujeito que já não está no passado e sim no presente. [...] Não é que o passado projete sua luz sobre o presente, ou o presente sobre o passado, senão que imagem é aquilo em que o que tem sido se une fulminantemente com o agora uma constelação. (BENJAMIN, 1994, p. 18).

O autor, em seus escritos, fala do desejo do historiador de voltar ao passado. Ele assimila o historiador ao profeta que deve fazer esse retorno histórico. E a fotografia auxilia o pesquisador nesse ato. Foi ao ver a foto a seguir (Figura 5), que descobrimos que Eurides havia se esquecido de mencionar outra escola em que trabalhara, e não havia sido registrado nas entrevistas: Escola Municipal da Sucupira.

Figura 5 - Quarto anexo à Escola Municipal da Sucupira – Fazenda Sucupira



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

A fotografia tem contribuído amplamente para a educação e o apuramento das percepções fisionômicas. Ela é técnica e também é arte. Benjamin notou que a repercussão da reprodução fotográfica da obra de arte é bem mais importante que a elaboração artística de uma fotografia. A fotografia é considerada “documento” como índice, como a marca material passada e é considerada “monumento” quando se torna símbolo, ou seja, aquilo que no passado foi eleito como a imagem a ser perpetuada no futuro (MAUAD, 1996, p. 85).

O documento fotográfico revela aspectos da vida material, de um determinado passado, que uma descrição verbal talvez não conseguisse fazer. A fotografia então

revela aspectos da arquitetura, das relações de poder, das formas de ensino e outros, de uma época.

A lembrança das imagens é necessária à Memória. A fotografia, em especial, revoluciona a Memória, manifestação importante para a Memória Coletiva: multiplica e democratiza; dá-lhe uma precisão e uma verdade visual nunca antes atingidas – o que permite guardar a Memória do Tempo e da Evolução Cronológica. As fotos contribuem também para a Memória Familiar, constituem os arquivos familiares. Em todas as entrevistas realizadas com a professora Eurides, as fotos estavam presentes. Ela sempre trazia seu acervo para conversar a respeito (Figura 6).

Figura 6 - Pai que leva os filhos e outros alunos para a Escola Municipal Saudade – meio de transporte: charrete



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

Aos poucos as ciências da Educação vêm procurando utilizar a imagem fotográfica como elemento de valorização, na medida em que entendem a fotografia como reprodução do objeto original e imagem como construção material e simbólica. Mas encontram barreiras quanto ao seu uso, devido à falta de registros nelas, como data, local, personagens, etc. Embora haja quem as defende, mesmo sem tais registros.

É importante a identificação nas fotos, que alguns autores do assunto a desconsideram como documento, mas há quem considere que: a desconstrução, usando fotos em conjunto com testemunho oral e documentos escritos, juntando diferentes classes de evidência, ou usando uma para expor os silêncios e as ausências da outra, é um

procedimento que historiadores podem usar para sustentá-los na explicação e interpretação de velhas fotos. (SAMUEL, 1997, p. 65).

Com efeito, Ciavatta (2004) fala de “indicações metodológicas” - que estariam dentro do processo metodológico de análise fotográfica – as quais cada pesquisador tem a liberdade de escolher.

Inserir a imagem no panorama cultural na qual foi produzida é um desafio, o qual tentamos vencer tecendo nexos com as narrativas da professora alfabetizadora. Nesse sentido, construímos um diálogo do presente com o momento estagnado, preso na foto, pois as narrativas, as imagens, os documentos oferecem amplas possibilidades históricas, mas demandam do educador-pesquisador uma habilidade de interpretação, além de perspicácia para relativizar, desvendar, compreender, decifrar pistas, sem perder a visão do todo.

Nesse sentido, do alargamento das fontes, o subsídio teórico da “Nova História Cultural” contribuiu na discussão dos conceitos sobre História, Memória e Representações Sociais.

O caminho metodológico percorrido, nos deu suporte para historiar a trajetória pessoal e profissional da professora Eurides Pereira de Souza, assim, entendemos a importância de conhecer as fontes da metodologia da História Oral e da Iconografia para melhor utilizá-las.

CAPÍTULO II - QUEM É EURIDES PEREIRA DE SOUZA? INFÂNCIA, JUVENTUDE E DISCÊNCIA

Vimos
que a vida passa
se não ficarmos a observá-la.
Vimos que o tempo voa
se não o prendemos
no pé da mesa.
Vimos que a idade chega
se não fechamos a porta.
Vimos que não há volta
se não sabemos o caminho
da ida.
Vimos que a estrada
tem curvas
e não sabemos contorná-las.
Vimos o que acontece
se não estamos preparados.
Vimos que os olhos choram
onde há poeira ou fumaça.

Sirlei Rodrigues Rosa

2.1 Infância de Eurides Pereira de Souza

Eurides Pereira de Souza nasceu em 03 de agosto de 1942, no município de Araxá - Minas Gerais, sendo primogênita do casal Neutel de Souza Filho e Maria de Lourdes Pereira de Souza, o qual teve oito filhos. O pai, pedreiro e a mãe, enfermeira leiga, que mais tarde realizou o curso de auxiliar de enfermagem.

A infância da professora foi marcada pelo trabalho, por ações para sobrevivência. Pouco tempo era destinado às brincadeiras. Ao ser questionada como fora sua infância:

É, brincava. O meu brinquedo favorito, sabe, olha bem o meu brinquedo: era fazer vestidinho de boneca para vender para as meninas vizinhas que brincavam comigo. Era o meio de ganhar dinheiro e quando ganhava e que recebia uma moeda pelo vestidinho de boneca... nossa, eu morria de alegria! Então, eu ficava ligada nas meninas porque eu vendia os vestidinhos que eu fazia pras as bonecas delas. O meu pai era pedreiro. Trabalhava para cuidar da economia. Mas a minha mãe sempre lutou também, ela pegava qualquer serviço e ela era muito disposta, muito enérgica até com ela mesmo, que foi

criada também nesse tipo; e então era aquela luta direto pela economia da casa. (SOUZA, 2018, p. 237).

A mãe sempre é referenciada por Eurides como uma mulher à frente do seu tempo, que trabalhava muito para o sustento da família. O pai se mostrou mais ausente, por trabalhar em obras civis, até fora de Uberlândia. A casa onde Eurides ainda mora foi construída pelo pai (Figura 7).

Figura 7 - Foto da casa construída em Uberlândia



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

A mudança de Araxá para Uberlândia ocorreu graças ao convite de uma tia materna, Inês, que já havia se mudado para Uberlândia e conseguido emprego como enfermeira leiga no Hospital Santa Clara.

Mudamos, porque em Araxá quase num tinha condições de pobre viver lá. Porque não tinha serviços pra homem, os homens que queria trabalhar tinha que sair tudo fora. A minha mãe trabalhava, ia pra casas dos outros trabalhar, sempre fazia qualquer coisa. Toda a vida ela foi disposta assim. Teve uma época que meu pai foi, com um batalhão de homem, de Araxá pra Santos. Eles viveram lá muito tempo, em Santos. Trabalhava e mandava o dinheiro para as famílias em Araxá. (SOUZA, 2018, p. 238).

A tia mencionada conseguiu emprego para a mãe de Eurides no mesmo hospital no qual trabalhava. A Figura 8 retrata a turma da senhora Maria de Lourdes recebendo as bênçãos para o exercício da profissão na Catedral de Santa Terezinha, na cidade de Uberlândia. Todo o grupo trabalhava no Hospital Santa Clara.

Figura 8 - Bênção para a Turma de Auxiliar de Enfermagem do Hospital Santa Clara



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

Apesar de a foto acima demonstrar elementos higienistas¹⁴ e de ordem, as condições socioeconômicas da família Pereira de Souza eram desfavoráveis.

A infância foi em Araxá num foi fácil, não, porque naquele tempo nós éramos mais pobre e tinha muito menino pra cuidar. Então, desde que eu entendo por gente, eu já luto, já entrei na luta pelo funcionamento da família, assim, o econômico, porque tinha muito menino e pouco dinheiro [...] E a gente, quando é irmão mais velho, os pais põem a responsabilidade mais nas costas da gente, quer que a gente ajude mais, e a mãe era muito enérgica, mais muito, mesmo. Então, num foi fácil, não. (SOUZA, 2018, p. 236).

2.2 Contextualização Histórico-política de Uberlândia

Uberlândia se insere nesse contexto como “Eldorado do Cerrado”. Os anos 50 foram marcados por ações desenvolvimentistas no governo de Juscelino Kubitschek. O município se torna ponto estratégico de uma malha rodoviária em expansão no País, algo incipiente à época, que em 2012 chegou à configuração que se vê na Figura 9.

¹⁴ GONDRA, José G. *Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, 562p.

Figura 9 - Mapa rodoviário de Minas Gerais (2012)



Fonte: <<https://www.infoescola.com/mapas/mapa-rodoviario-de-minas-gerais/>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

Em 1960 a cidade está entre um dos principais pontos de passagem para a recém-fundada Brasília, tornando-se um dos grandes centros de distribuição de mercadorias tanto para as cidades do Triângulo Mineiro como nos estados com que fazem divisa: Goiás, Mato Grosso e São Paulo, isso devido às novas rodovias que cruzam a cidade e a antiga linha férrea (LIMA, 2017), como podemos ver na Figura 10.

Figura 10 - Estação Mogiana; atual terminal central de ônibus da cidade



Fonte: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/mogiana_triangulo/uberlandia.htm>. Acesso em: 28 jun 2019.

Compreender a ambiência da trajetória de vida de alguém é situar o leitor quanto ao lugar social de onde parte a pesquisa, pois, segundo Certeau (2000, p. 18), “toda pesquisa historiográfica é articulada a partir de um lugar de produção socioeconômico, político e cultural”. Nesse sentido, os estudos de Lima (2017), em seu trabalho intitulado *Estradas de Minas: o protagonismo do caminhoneiro no processo de industrialização de Uberlândia (1946-1964)*, nos revela a economia do País entre os anos de 1946 e 1964, anos que compreendem infância, adolescência e começo da fase adulta da professora Eurides.

A economia do país entre os anos de 1946 e 1964 sofrera quatro mudanças distintas no decorrer dos anos que, apesar das diferenças dos projetos empregados, tiveram alguns pontos em comum com os governos que assumiam o poder, alguns questionados e até mesmo abandonados. Propostas de combate à inflação, crescimento industrial e construções de estradas são pontos em comum entre todos os governos desta época, principalmente da década de 1950. (LIMA, 2017, p. 07).

Ainda de acordo com o autor, “após o fim da ditadura de Getúlio Vargas em 1946, Eurico Gaspar Dutra viria a se tornar o novo presidente e somente em 1948, devido à alta inflação - problema que iria se entender até o início do século XXI no país - seu governo apresentaria uma proposta de ajuste econômico denominado de Plano SALTE¹⁵” (LIMA, 2017, p. 08).

¹⁵ Plano SALTE é o nome de um plano econômico elaborado pelo governo brasileiro, na administração do presidente Eurico Gaspar Dutra (1946 – 1950) que tinha como objetivo estimular o desenvolvimento

Numa abordagem geral,

[...] o Plano SALTE visava cortar gastos com importações e através da emissão de moeda e empréstimos externos centralizar toda essa captação durante um período de cinco anos em investimentos nos setores estatais que sustentavam as condições primordiais para a população, como a saúde, agricultura, os transportes e a energia, propondo assim estabelecer um barateamento no custo de vida e fortalecendo a economia estatal. Porém, devido a sua efetivação tardia somente em 1950, a necessidade de empréstimos que não foram aprovados para a sua consolidação e por ser um plano contraditório à ideologia pró-aceleração da industrialização, o plano fora abandonado pelo governo seguinte, também de Getúlio Vargas, em 1951. Seu governo enfrentou as duras investidas da elite industrial americana e brasileira, sofrendo represálias, o que culminou na articulação de um golpe elaborado pelos mesmos. (LIMA, 2017, p. 08).

Concomitantemente ao plano nacional, o estado de Minas Gerais, na gestão de Milton Campos (1947-1951) contemplava um plano similar, mas com suas peculiaridades.

O “Plano de Recuperação Econômica e Fomento à Produção” constituía-se em um plano que visava o aprimoramento da infraestrutura, porém, somente de algumas bases como o setor de transportes e de energia, tornando-se extremamente interessante para uma pequena parcela da população. Em suma, o plano da gestão de Milton Campos quando analisado sob uma perspectiva macroeconômica fora bastante interessante, mas apenas para o setor privado do país que estava em formação (LIMA, 2017, p. 08).

Essa relação entre o governo do estado e os empresários é um dos elementos que fizeram cidades do Triângulo Mineiro como Uberlândia e Uberaba atraírem os interesses dos industriais, tornando-se assim um modelo a ser aprofundado e ampliado na gestão¹⁶ de Juscelino Kubitschek¹⁷, tanto em Minas Gerais, quando governador, como também quando presidente do País, posteriormente.

Com a volta de Getúlio Vargas ao poder em 1951 e o abandono do Plano SALTE, o governo se encontrava na necessidade de combater a inflação, e trouxe uma

de setores como Saúde, Alimentação, Transporte e Energia (exatamente o significado da sigla “SALTE”).

¹⁶MIRANDA. Ana Paula Tavares. **Arquitetura Moderna no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: indícios para a construção de uma cultura arquitetônica (1945 – 1975)**. 2014. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Paulo. São Carlos.

¹⁷ Juscelino Kubitschek foi governador do estado de Minas Gerais entre janeiro de 1951 e março de 1955 e presidente do País de janeiro de 1956 até janeiro de 1961.

proposta visando promover um desenvolvimento industrial acelerado. O entendimento era de que se deveria montar um plano atrativo para investimentos de capital estrangeiro, mas que não entregasse e enfraquecesse o poderio estatal. Tanto que houve a ampliação da empresa estatal Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), fundada em 1941. E em 1953, Vargas fundaria o que seria uma das maiores empresas estatais do país: a Petrobras.

Devido ao suicídio de Getúlio Vargas em 1954, Café Filho, seu vice, assume a presidência em 1955, com uma gestão curta, fraca e extremamente conturbada.

Na sequência,

Em 1956 Juscelino Kubitschek chegaria ao poder após as eleições daquele ano. Diferentemente de seus antecessores, Juscelino Kubitschek traz um projeto de desenvolvimento econômico do país “debaixo do braço”, com propostas que já foram aplicadas e que demonstraram resultados em nível estadual. O objetivo de Juscelino era o de ampliar as medidas que tomara como governador de Minas Gerais no período de 1951 a 1955, as adaptando e reorganizando em nível nacional, marcando seu governo com o slogan “50 anos em 5”. O programa apresentado foi denominado de Plano de Metas. (LIMA, 2017, p. 10).

No contexto local, até a primeira metade da década de 1950, a grande força do município de Uberlândia estava na agropecuária, com seu mercado voltado ao gado de corte e leite, e à produção de cereais como soja, trigo, com destaque para o arroz. “Devido à chegada das indústrias e à expansão das rodovias, os setores de logística e transporte que trabalhavam com cargas secas como madeira, ferragens e produtos não perecíveis passaram a se tornar comuns em toda a cidade.” (LIMA, 2017, p. 22).

A propaganda voltada à “Cidade Progresso” remete aos anos 40, no conteúdo “Uberlândia: Cidade menina”, desenvolvido pelo Jornal Correio de Uberlândia em 1940, com patrocínio da prefeitura da cidade, do Rotary Club e da Associação Comercial.

Estas instituições tinham a determinação de propagar uma certa imagem da cidade, expondo apenas suas qualidades em relação à estrutura e potencial comercial através de imagens, fotos em jornais e vídeos documentários. Fatores como o racismo e a desigualdade social, por exemplo, presentes na cidade nesse período, não foram abordados por se tratar de um documentário que tivera como intuito atrair os olhos de toda a elite política e social presentes em Minas Gerais, Goiás, São Paulo e Rio de Janeiro, ou seja, estados próximos,

“na linha do trem”, para que pudessem investir na expansão econômica e urbana da cidade. (LIMA, 2017, p. 18).

A ideologia positivista de “Ordem e Progresso”, advinda do ideário republicano, é uma das bases do discurso de industrialização. Lima (2017) observou nos periódicos da cidade de Uberlândia que, até o final do século, o discurso de “Cidade Progresso” divulgava todo o potencial da cidade para a industrialização, pensado para atrair tais investimentos.

Dessa forma, a cidade com predominância econômica agrária procurava se afastar do campo, por conta do ranço de atraso que isso lhe causava, pois o progresso era visto no urbano, e não no rural. Gonçalves (2003) afirma que as transformações advindas com a modernização transformaram a vida no campo e na cidade. “Essas mudanças não se limitaram somente ao crescimento acelerado das populações urbanas ou ao esvaziamento do campo, mas se estenderam aos modos de vida e de produção tanto na cidade quanto no campo.” (ASSIS & LIMA, 2019, p. 06).

Esse movimento de êxodo rural acentuou o processo de exclusão promovido pela industrialização e está intimamente ligado à situação da classe social e a sua manutenção. Para os grupos sociais desfavorecidos foram estabelecidas as vilas operárias na cidade, próximo às indústrias, longe do setor central, com pouco acesso a educação pública, saúde e cultura e com incentivo à formação em escolas técnicas, as quais acabaram desenvolvendo esse ciclo de fornecer mão de obra para as indústrias.

Se Uberlândia, no período desenvolvimentista, propagava todas as promessas mencionadas, como “Cidade Progresso”, sendo atrativa para se investir e morar, como se posicionava a cidade natal da professora Eurides? Adiante tentamos descortinar essa história.

2.3 A vinda da família Pereira de Souza

De acordo com pesquisa realizada em *site de procura*¹⁸, Araxá é um município mineiro situado na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Sua população estimada pelo IBGE em 2018 era de 105.083 habitantes. O topônimo "Araxá" significa “terreno elevado e plano, planalto, chapadão, região mais elevada do que qualquer sistema orográfico”.

¹⁸ Wikipedia: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Arax%C3%A1>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

O nome Araxá também é um nome indígena que significa “um lugar onde primeiro se avista o sol”. Araxá era uma pequena tribo aculturada, que foi aldeada nas margens do Rio Grande para tentar dar proteção aos passantes. A ameaça eram os índios caiapós que habitavam a região. Em nove anos, a indefesa tribo Araxá foi dizimada e extinta pelos caiapós.

O site oficial do município¹⁹ relata que “Os primeiros povoados da região foram para o Desemboque, distrito de Sacramento, atraídos pela exploração do ouro. Posteriormente, com a decadência da mineração, esses moradores dedicaram-se à criação de gado. Entre 1770 e 1780, Araxá recebeu seus primeiros moradores, e surgiram as primeiras fazendas da região”.

Descoberta a fertilidade da terra e o sal mineral nas águas do Barreiro, o povoamento de Araxá se intensificou. Em 1780 surge um povoado em um pouso de tropeiros na passagem de gado que ia ao Barreiro salitrar. Em 1791, foi criada a Freguesia de São Domingos do Araxá e nomeado o primeiro vigário.

Araxá é a cidade mais antiga de todo o Sertão da Farinha Podre, isto é, todo o Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

A Capitania de São Paulo e Minas do Ouro foi criada em 1709 e desmembrada em 1729, com a delimitação da Capitania de Minas Gerais. Na segunda metade do século XVIII, a região do Triângulo Mineiro foi anexada a Goiás, atendendo a um movimento dos moradores do Desemboque. Em 1816, graças ao movimento dos moradores da Campanha do Araxá (Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba), a região é separada de Goiás e anexada a Minas Gerais, ficando sob jurisdição de Paracatu.

Em 1830, Araxá se declara independente de Paracatu, constitui sua câmara e elege seu primeiro presidente, Mariano de Ávila. Em 4 de abril de 1831, o governo acata o que acontecera e o julgado é elevado a vila. E em 19 de dezembro de 1865, a Lei Provincial nº 1259 eleva a Vila de São Domingos de Araxá à categoria de cidade. Em 1915 foi criada a Prefeitura.

Além da emancipação, Araxá vivenciara, no século XVIII, a presença da personagem mito reconhecida nacionalmente como Dona Beja²⁰ (Figura 11). Freitas

¹⁹ Disponível em: <araxa.mg.gov.br>. Acesso em: 28 jun. 2019.

²⁰ Ana Jacinta de São José nasceu em 1800 no município de Formiga – MG, e teve um único irmão chamado Francisco Antônio Rodrigues. Veio em 1805, com a sua mãe e seu avô, para São Domingos de Araxá. A cada dia se tornava uma moça de beleza rara, que despertava a inveja das mulheres e chamava atenção dos homens. Apaixonada pelo fazendeiro Manoel Fernando Sampaio, Ana Jacinta tornou-se sua noiva. Beja, esse foi o apelido carinhoso que o noivo lhe deu por compará-la à doçura e à beleza da flor “beijo”. O novo ouvidor do rei, Dr. Joaquim Inácio Silveira da Motta, ficou fascinado

(2006), na pesquisa *A vida em flor de Dona Beja [manuscrito]: entre a ficção e a história*, investiga como o romance histórico *A vida em flor de Dona Beja*, de Agripa Vasconcelos, passou à condição de discurso autenticador de elementos historiográficos antes menosprezados pela História Positivista, como a Memória Coletiva e a História Oral.

Figura 11 - Foto de Dona Beja

com sua beleza e não teve escrúpulos de mandar raptá-la aos 13 anos. Por dois anos Beja viveu como amante do ouvidor na Vila do Paracatu do Príncipe (Paracatu). Denúncias de que ele teria assassinado o avô de Dona Beja levaram o ouvidor a pedir a integração da parte de Goiás ao território mineiro, o que é hoje o Triângulo Mineiro, pois tinha boas relações com o governador de Minas, e não com o de Goiás. Sem conseguir abafar o assassinato do avô de Beja, Dr. Joaquim Inácio Silveira da Motta foi transferido para o Rio de Janeiro a pedido de Dom João VI e foi nesta época que Dona Beja conseguiu voltar para Araxá, cidade onde fora criada. Ao retornar a São Domingos do Araxá, Beja encontrou um ambiente hostil. A conservadora sociedade local não via Beja como vítima, mas como uma mulher sedutora de comportamento duvidoso. Agora, além da inveja, era sinônimo de ameaça de sedução aos maridos, noivos e namorados. Era uma outra pessoa. Rica e poderosa, exercia fascínio sobre todos os homens e tornou-se, assim, a maior personalidade da região. Beja alcançou uma posição social intensamente favorável, apesar de ser analfabeta. Isso porque foi proprietária de um sobrado por ela construído em torno de 1830, na antiga Praça Matriz, lugar onde se concentravam a Igreja, a Câmara e as melhores residências da então Vila do Araxá. Outras provas do seu prestígio são os escravos que possuiu, assim como a propriedade rural Chácara do Jatobá. Nessa chácara, Dona Beja passava a maior parte do tempo, no qual constituiu um bordel. A pequena Vila de São Domingos do Araxá passa a ser visitada por pessoas influentes da região e de outros estados. Ela decidia com quem dormiria (poção do “sim” e do “não”). Ganhou muito dinheiro e joias por isso.

Beja teve duas filhas: Tereza Tomázia de Jesus, com seu antigo noivo, Manuel Fernando, que foi seu amante durante muitos anos e, pelo que se conta, teria sido assassinado a mando de Beja, vingando, assim, a surra que um ano antes Manoel Fernando havia mandado lhe dar. Beja levou vários meses se recuperando da surra. Joana de Deus de São José foi sua segunda filha. Dessa vez, o pai foi João Carneiro de Mendonça, outro amante de Beja, seu advogado. Ela casou suas filhas com pessoas da elite local. Após os 35 anos, Beja se retira da vida pública para se dedicar às filhas. Escolhe para viver a localidade de Bagagem, hoje, Estrela do Sul, onde estava acontecendo uma corrida pelos diamantes. Beja, então, se dedica à atividade do garimpo. A mulher sedutora passa a viver uma vida recatada, voltada à religião e à caridade. Foi aceita pela comunidade de Bagagem e participou da vida diária da cidade. Mandou construir uma ponte, que inclusive tem seu nome, e financiou a virada do Rio Bagagem para colher o cascalho do leito do rio, onde presumia ter maior depósito de diamantes. A partir da década de 1920, quando o Barreiro se transformava em balneário, a antiga fonte radioativa começava a ser chamada informalmente de Dona Beja. Com o apelido ela tornou-se mundialmente conhecida. Dona Beja falece em Estrela do Sul em 1873. Com 73 anos, por tuberculose. Fonte: <http://www.descubraminas.com.br/MinasGerais/Pagina.aspx?cod_pgi=1220>. Acesso em: 30 jun. 2019.



Fonte: <<https://www.expressodocerrado.com.br/2016/06/22/dona-beija/>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

A professora Eurides, ao longo de sua convivência com familiares da pesquisadora, cita Dona Beja de maneira informal, embora nas entrevistas realizadas a personagem não seja mencionada.

Para além da riqueza histórica, Araxá possui em sua formação geológica minerais muito ricos, como as águas sulfurosas e radioativas, o nióbio e a apatita.

Na Bacia do Barreiro, viveram mamíferos pré-históricos, cuja presença também já foi comprovada no distrito rural de Uberaba, Peirópolis²¹. Uberaba também fazia parte da freguesia do Desemboque e se emancipou de Araxá em 1836.

²¹ Peirópolis é um distrito rural de Uberaba, localizado às margens da rodovia BR-262, a cerca de 20 km do centro da cidade. No começo do séc. XX, destacou-se como produtor de calcário e atualmente é uma atração turística do Município em função dos fósseis encontrados nas imediações. Desde a década de 1940, descobertas paleontológicas traziam notoriedade para a região, quando fósseis de ossos haviam sido encontrados durante obras de retificação da linha da Cia. Mogiana. Começou a ser chamada de Peirópolis em homenagem a Frederico Peiró, que em 1911 fundou duas fábricas para a extração de calcário na região, empregando cerca de 150 trabalhadores, que escoavam sua produção para São Paulo por meio da linha férrea. Após a desativação do trecho da ferrovia por onde escoava a produção, Peirópolis só voltou a ter destaque com a descoberta de fósseis na região. Fonte: <<http://www.uberaba.mg.gov.br/portal/conteudo,706>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

Nessa região do município de Araxá formou-se um dos maiores quilombos de Minas Gerais, o Quilombo do Ambrósio.

O colonizador aqui foi atraído pelo sal natural das águas do Barreiro. A prática da pecuária foi o motivo básico dessa ocupação, seguida por atividades paralelas como o comércio dos tropeiros e mercadores e a agricultura. Como todo esse legado cultural, Araxá é, ainda, uma cidade turística e o valor das suas águas e da lama termal tornou-a uma estância hidromineral.

Glaury Lima (2001), em sua pesquisa de mestrado *As águas que rolaram: no poder, na urbanização e na modernização de Araxá (1890 – 1926)*, a respeito da urbanização do município, cita a criação da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, em 1870²², como instrumento de retirada do gado do balneário, já que o sal, naquele momento, produto primário do Barreiro, poderia ser transportado mais rapidamente. Dessa forma, o Barreiro estaria livre para as atividades balneárias.

Figura 12 - Vista aérea da Araxá da época



Fonte: <<http://www.joanesnumismatica.com.br>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

²² Como citado no contexto überlandense, a construção da linha ferroviária motivou o desenvolvimento econômico de todas as cidades por onde passou.

Destarte, Araxá foi idealizada²³ com a construção monumental de um balneário (Figuras 12 e 13), chamado de o maior do continente, sendo comparado a balneários europeus. Apesar de ser um tema interessante à pesquisadora, não adentraremos essa questão, embora Eurides cite informalmente que familiares dela trabalharam na obra de construção do Barreiro²⁴.

Figura 13 - Grande Hotel Araxá



Fonte: <<http://jornalinteracao.com.br/?p=45073>>. Acesso em: 30 jun 2019.

Conforme o *site* oficial do município²⁵, na década de 1950 houve ali o início a mineração, com a instalação da Companhia Mineradora de Minas Gerais (COMIG), a Companhia Agrícola de Minas Gerais (CAMIG) e a Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração (CBMM). A ação dessas empresas deu sustentação econômica ao local, fazendo surgirem novas indústrias, o que gerou fluxo migratório para o município. Tal situação foi reforçada a partir de 1971, com a instalação da Arafértil, hoje Vale Fosfatados.

²³ LIMA, Glaura Teixeira Nogueira. **Via de duplo sentido:** Araxá cidade balneário 1920 – 1940. PUC – SP (Tese de doutorado), 2007. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12999>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

²⁴ PORTO, Daniele Resende. O Barreiro de Araxá: projetos para uma estância hidrotermal em Minas Gerais. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Paulo. São Carlos, 2005.

²⁵ Disponível em: <araxa.mg.gov.br>. Acesso em: 30 jun. 2019.

Atualmente, a mineração é a maior fonte geradora da economia de Araxá. A Mosaic Fertilizantes, produzindo minérios fosfatados, ao lado do nióbio, que é explorado pela empresa CBMM, geram grande parte da economia local. A contribuição do turismo, que possibilita em Araxá a exploração de suas águas medicinais, a fabricação de sabonetes e cremes para a pele, é secundária.

A contraposição das informações do *site* com as narrativas da professora pesquisada indica que a mineração e o turismo não foram capazes de evitar a saída de Pereiras de Souza da cidade, pois poucas pessoas da família ficaram em Araxá.

Quem trabalhou em Araxá até a morte foi um tio meu, o tio Joãozinho. Ele era mecânico da Chevrolet, que era importante lá na cidade. O tio Joãozinho trabalhou lá e fez nome na cidade. Então, quando ele viu que fez nome e que ficou conhecido na cidade inteira e tinha muito bom relacionamento com o povo de lá, teve a ideia de montar uma autoescola, a primeira autoescola de Araxá. Meus primos falavam assim: os meninos da tia já foram nascidos e criados dentro dos carros. Eles eram pequenos e já sabiam dirigir carros. Depois que o pai morreu, ficaram tocando a autoescola e ficaram conhecidos lá como “os meninos da autoescola”. (SOUZA, 2018, p. 238).

2.4 Eurides: aluna em Araxá e em Uberlândia

A professora Eurides iniciou sua carreira discente aos sete anos.

Era aos sete anos que usava... Naquele tempo quase que não existia pré, jardim de infância e essas outras coisas. Parece que num existia, não, já entrava na primeira série, então, a gente ia começar a aprender mesmo era na primeira. Foi em Araxá, no Grupo Escolar Delfim Moreira, ficava pertinho da minha casa. Eu fiquei lá, acho que até a terceira. Naquele tempo, não usava ninguém estudar mais que a quarta série, ninguém estudava, então eu fiz lá até a terceira. Cheguei aqui e entrei no Grupo Escolar Coronel Carneiro e terminei a quarta lá. (SOUZA, 2018, p. 237-238).

Sobre as lembranças das professoras,

Eu lembro de uma tal de Teresinha, outra era Castorina. Aqui de Uberlândia foi minha professora dona Leontina e tinha qual?... Era uma outra, gente, tinha a Leontina e uma outra, a outra eu esqueci. Gostei muito de estudar no Coronel Carneiro, mas sempre ficava com aquela saudade de Araxá... (SOUZA, 2018, p. 238).

Fez o curso primário no Grupo Escolar Delfim Moreira²⁶ (Figuras 14 e 15) em Araxá, concluindo-o no Grupo Escolar Coronel Carneiro²⁷, na cidade de Uberlândia-MG, quando em 1952 sua família muda de residência para o último município, em busca de melhores condições de trabalho.

Figura 14 - Fachada do primeiro prédio da Escola Estadual Delfim Moreira, em Araxá



Fonte: <<http://www.2005-2014.agenciaminas.mg.gov.br>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

O período em que Eurides estudou na Escola Estadual Delfim Moreira, de 1949 a 1952, foi influenciado pela Reforma do Ensino João Pinheiro, presidente do Estado de Minas Gerais, Lei nº 439 de 28 de setembro de 1906.

A Reforma João Pinheiro serviu a dois propósitos. Primeiro: a implantação dos grupos escolares em detrimento das salas isoladas; segundo: a reforma do ensino nos seus aspectos metodológicos. Na produção de um espaço escolar específico expressava a preocupação reformadora da República. O currículo estabelecido por essa reforma apresentava a escola com uma nova configuração que abarcava preceitos disciplinadores e higienistas. (GASPAR, 2006, p. 136).

²⁶Para a história desta instituição ver: GASPAR, Maria de Lourdes Ribeiro. **Ecos do progresso:** práticas e representações sociais no Grupo Escolar Delfim Moreira (1908 a 1931). Universidade Federal de Uberlândia, 2006. (Dissertação de Mestrado).

²⁷ Para a história desta instituição, ver: LIMA, Sandra Cristina Fagundes. História do Grupo Escolar Coronel Carneiro, Uberlândia-MG (1946 -1971). **Cadernos de História da Educação** – v. 9, n. 2 – jul./dez. 2010.

Figura 15 - Fachada do prédio atual da Escola Estadual Delfim Moreira



Fonte: <<http://jornalinteracao.com.br/?p=6221>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

A metodologia é baseada no método intuitivo, inventado na Inglaterra e nos Estados Unidos no século XIX. No Brasil, chegou por meio dos compêndios *Lições de Coisas*, que influenciaram cartilhas e livros didáticos.

De acordo com Mourão (1962), no tocante à leitura e à escrita, essa reforma prescrevia uma gama de exercícios que propunham partir do fácil para o difícil, do simples para o complexo. O aluno deveria estabelecer contato com a língua falada e escrita, gradualmente, conforme as dificuldades apresentadas pelo som e pela grafia, como o método silábico. Durante o primeiro ano, a leitura deveria apresentar-se em pequenos vocábulos de fácil entendimento e de fácil decomposição em sílabas simples, que dariam origem a outras. Os exercícios de fixação baseavam-se na repetição da metodologia citada, até que o aluno pudesse ler pequenas historietas no livro adotado.

Segundo a professora Eurides, os recursos didáticos se concentravam no uso de cartilhas: “Olha, naquele tempo era a cartilha, só. Não tinham muitos recursos, não, era mais centrado na cartilha.” (SOUZA, 2018, p. 238).

Cartilhas e primeiros livros de leitura constituem uma fonte documental privilegiada para a reconstrução dos itinerários percorridos pela História da Alfabetização, seja por permitir o estudo das ideias e das práticas de leituras, seja para compreender a circulação e processos editoriais de um instrumento, considerado importante, que permite o acesso à “cultura letrada”. (MACIEL & COELHO, 2018, p. 23).

Tentamos identificar o nome da cartilha trabalhada para possíveis análises, mas a docente não se lembra do nome do livro.

Não, nome eu não lembro. Minha mãe ensinava muito pra nós também antes de entrar na escola, já ensinava um pouco. As letras, o alfabeto, pra não ficar tão cru. Porque naquele tempo era pouco recurso. Não tinha tanta orientação, as mães muitas eram analfabetas. (SOUZA, 2018, p. 239).

A colaboração da mãe nos estudos domésticos aconteceu porque os pais não eram analfabetos. Segundo a professora, tinham cursado o primário. “Era o curso primário que eles falavam de primeira à quarta série. Quase todo mundo fazia isso. Mas muito pouca gente, naquele tempo quase não tinha jeito de seguir os estudos depois. Então, tinham o primário” (SOUZA, 2018, p. 239). Indagada sobre a vida acadêmica dos irmãos, se realizaram o primário, “Todos fizeram. Depois que mudamos pra Uberlândia, tiveram alguns que fizeram mais, estudou mais um pouco.” (SOUZA, 2018, p. 239). Podemos inferir que a família Pereira de Souza transpassou os limites acadêmicos esperados numa sociedade excludente.

As condições socioeconômicas eram tão desafiadoras que deixaram marcas, quando em sua Primeira Comunhão, Eurides foi excluída por não possuir as roupas exigidas,

Eu chorei demais na Primeira Comunhão, porque eu não pude fazer a Primeira Comunhão junto com os meninos da escola. Era aquela festa, aquela coisa, tudo bonito, com as roupas brancas. Eu não podia fazer a roupa, não tinha condições, então, eu fiquei na pior por causa disso. Tinha preparado para a Primeira Comunhão e tudo, mas ninguém deu jeito de arrumar o vestido branco pra eu ir na missa. Então aí eu fiquei muito ruim por não ter recebido a comunhão com a minha turma. Depois, não sei como, alguém deu ideia pra eu ir lá na igreja em outro momento, fazer a Primeira Comunhão. Aí a madrinha da minha irmã Ana Lúcia, que era costureira, me deu um vestido branco. (SOUZA, 2018, p. 240).

Continuou, muito emocionada:

Ela era costureira e tinha, tinha roupas, lá tinha as coisas. Ela ficou com dó, me deu o vestido, mas eu não gosto nem de lembrar que eu fui fazer a Primeira Comunhão sozinha. Eu morria de raiva porque queria ficar junto com a escola. Aquela comemoração da escola, aquela coisa, aquilo pra mim que era importante! Aí, no fim, eu fui solitária fazer a Primeira Comunhão na igreja e quem ajudou foi a

madrinha da Ana Lúcia. Ela se chamava tia Dunga, nós a chamava de tia Dunga. Esse povo, nunca mais eu vi. Eles sumiram de Araxá. Quando vou lá, não os vejo. (SOUZA, 2018, p. 240).

De acordo com Ferrarotti (1983), nosso sistema social está presente em nossos atos, em nossos delírios, obras e comportamentos; portanto a História do sistema social pode ser apreendida na história de nossa vida individual. É o singular revelando o coletivo. Quantas outras professoras também não sofreram algo similar?

2.5 A juventude de Eurides

A luta pela sobrevivência levou Eurides a ingressar no trabalho precocemente, como veremos nos relatos de sua juventude, a qual foi experienciada em Uberlândia. Essa faixa etária esteve muito associada ao trabalho e à ajuda de familiares

Foi aqui em Uberlândia, porque eu já tinha aumentado a idade um pouquinho. Já estava trabalhando no meu primeiro emprego, Hospital Santa Clara. A primeira pessoa da família que foi pra lá foi a tia Inês, irmã da minha mãe. Ela morava aqui com a minha outra tia, Nina. As duas são vivas. O nome da tia Nina também é Eurides. Ela é de Tupaciguara. Eu nem a conhecia, quando se casou com meu tio. Ela conta que o meu tio falava pra ela: “Eu tenho uma sobrinha com o mesmo nome seu”. (SOUZA, 2018, p. 240).

Como primogênita e na ausência do pai, que estava no trabalho, a professora acompanhou a mãe para o nascimento do irmão caçula, fato marcante em sua narrativa.

E quem foi com a minha mãe pro hospital foi eu, que era menina novinha e nem sabia das coisas, o que era gravidez, o que era isso e aquilo outro. Não sabia de nada. Os pais ensinavam pros meninos que tinha cegonha, que tinha um punhado de coisa pra desviar, sabe? Não pode uma coisa dessas, ir com a mãe pro hospital pra ter o Paulinho... (SOUZA, 2018, p. 241).

A tia que sempre as ajudara já trabalhava no hospital.

A tia Inês é a irmã caçula da minha mãe. Ela veio para Uberlândia com a mãe dela. Elas moraram uns tempo aqui em Uberlândia. Foi a tia Inês a primeira que entrou no Hospital Santa Clara (Figura 16). Quando chegamos, já tinha arrumado emprego pra nós. Eu e minha mãe. O meu irmão caçula, o Paulinho, nasceu lá, único überlandense de casa. A tia Inês facilitou pra minha mãe, porque não tínhamos dinheiro, nem nada. Naquele tempo não tinha sistema de saúde público. Logo depois disso, quando o Paulinho nasceu, a minha mãe

foi e eu fui atrás. Conseguí o serviço pra mim e então ficamos nós três lá: tia Inês, minha mãe e eu. (SOUZA, 2018, p. 240).

Figura 16 - Hospital Santa Clara – anos 1950



Fonte: <museuvirtualdeuberlandia.com.br>. Acesso em: 25 jun. 2019.

Percebemos que a passagem pelo hospital foi um divisor de águas na vida de Eurides. O ingresso no trabalho formal aos 13 anos, como copeira, foi o caminho de possibilidades para melhores condições de sobrevivência na cidade, ampliação dos laços de amizade e quiçá se formar enfermeira.

Eu tive mais instrução no trabalho, no ambiente que eu trabalhei, porque lá no trabalho eu fiquei amiga dos filhos do médico, que era um casal de menino da minha idade. Esses meninos gostavam demais de mim, então eles não passeavam em lugar nenhum da cidade sem me levar.

É onde que eu fiquei conhecendo as casas de famílias importantes da cidade, que tempos depois foram ser a minha chefe na Educação. Eu ia com esses meninos. (SOUZA, 2018, p. 242).

Embora participasse do universo dos empregadores, não se sentia digna de estar naquele lugar.

O patrão se chamava doutor Rui. Era muito bom. Era sistemático, mas era bom. Nunca tomei uma pitada dele. Já a dona Adélia, que era a mulher dele, era sistemática, implicante e exigente. Não, mas se você vê, se eu for analisar, até que ela não foi tão ruim assim, porque ela deixava eu passear com os meninos. Ela podia falar assim: “Essa coitada dessa pobre, cheia de roupa esfarrapada, não tem roupa pra ir em lugar nenhum, não precisa chamar ela, não”. Porque ela queria que os filhos dela andassem bonito, chique, arrumado. Com uma

esfarrapada atrás. Mas, não, em todos os lugares os meninos me levava e ela nunca negou. (SOUZA, 2018, p. 242).

Era facultado às funcionárias dormirem no hospital. No retorno de alguns passeios, Eurides dormia lá, já que morava na periferia de Uberlândia, Bairro Aparecida, e o hospital era na região central. “Eu dormia no hospital. Teve uma época que eu e a tia Inês dormíamos no hospital. Do lado debaixo, onde a gente entra no térreo. Ali tinha uns quartos compridos. Eram nossos quartos, das funcionárias que dormiam lá. Muitas dormiam lá no hospital, porque tínhamos que chegar cedo demais.” (SOUZA, 2018, p. 242-243).

A vida de Eurides, por suas narrativas, sempre foi coagida por rígida disciplina familiar. Apesar das oportunidades, nem sempre sua mãe e sua tia a deixavam ter lazer.

Eu vivia muito junto com eles e eles abrandavam as coisas pra mim, porque a mãe deles, que era patroa, era braba demais. Agora, você pensa: eu aguentar três mulheres bravas demais em cima de mim (a patroa, a minha mãe e a tia Inês). Três que não deixavam eu dar um passo em falso. E se desse o passo em falso, tinha o castigo. Era desse jeito. O dia em que minha mãe estava enfezada, os meninos corriam nela: “Lourdes, Lourdes, Lourdes, você pode ir, tchau, que nós já vamos, eu mais a Eurides, lá pra tal lugar”. Mas o dia que ela falava que eu não ia, ninguém mudava ela de ideia: “Hoje ela não vai!”. Aí eu ia chorando com ela pra casa. Até chegar em casa, eu vinha chorando pela rua afora. Minha mãe tinha uma palavra só, ninguém amolecia ela. “Não, Lourdes, olha num sei o quê” – os meninos pelejavam. Ela não respeitava nem os filhos do patrão. [Risos.] (SOUZA, 2018, p. 242).

Na juventude, Eurides não havia cogitado se tornar professora. Segundo Eurides,

Naquele tempo eu nem sonhava, achava muito bonito ser professora, mas eu achava que eu nunca iria poder, pois uma pobre igual a mim não podia estudar e ser professora. Professor naquele tempo era muito importante. Era pra quem podia, sabe, então isso para um pobre era um sonho, só, e pronto. (SOUZA, 2018, p. 240).

Nesse sentido, ser professora estava no imaginário de Eurides como algo inatingível para sua realidade, mas enfermeira teria mais possibilidade.

Teve uma época que eu fui estudar pra recordar, porque eles [Hospital Santa Clara] queriam que eu seguisse com os estudos para ser enfermeira padrão. Mas aqui em Uberlândia não tinha. Eu teria que ir fazer em São Paulo, aí não teve jeito de eu ir porque eu era novinha e não podia ir sozinha. Eu cheguei até voltar para a escola pra recordar,

pra recordar o primário, quarta série, na Escola Estadual Bueno Brandão, que era perto do hospital. Saía do hospital e estudava lá. Eu precisava de retomar meus estudos pra eu clarear mais a cabeça. Fui lá recordar a quarta série, porque muita coisa eu tinha esquecido. Tive muita sorte, porque me deu muito bem. Quando fez mais ou menos um mês que eu estava lá, deram as provas e eu tirei em segundo lugar. Assim, eu, que já ‘tava muitos anos sem estudar, estava por fora de tudo, eu ainda consegui ficar no segundo lugar das notas. Então, eu estava me preparando pra ser enfermeira. Tinha treze, quatorze, mais ou menos. (SOUZA, 2018, p. 238).

Ainda no século XX, as duas profissões autorizadas às mulheres eram a de professora e de enfermeira. Vista como extensão do lar, a mulher-esposa-mãe teria as habilidades necessárias para a desenvoltura da profissão.

No que tange à enfermagem,

Retomando aspectos sócio-históricos, podemos dizer que a enfermagem nasce como um serviço organizado pela instituição das ordens sacras. Coexiste com o cuidado doméstico às crianças, aos doentes e aos velhos, associado à figura da mulher-mãe que desde sempre foi curandeira e detentora de um saber informal de práticas de saúde, transmitido de mulher para mulher. É a condenação desses saberes, especialmente para o controle social e religioso da sexualidade e da reprodução, que impõe questionamentos a sua legitimidade e mudanças no seu livre exercício. A marca das ordens religiosas impõe à enfermagem, por longo período, seu exercício institucional exclusivo e ou majoritariamente feminino e caritativo. (LOPES & LEAL, 2005, p. 109).

Em relação ao magistério, Sousa (2015, p. 174) observou em sua pesquisa no Piauí que “As normalistas se apropriaram da ideia de magistério como extensão do lar e da maternidade”. Essa ideia era alargada às moças em todo o País. Tanto a enfermagem quanto o magistério sofreram silenciamento na luta por melhorias ao exercício da profissão e na valorização salarial, provocando um desprestígio da identidade profissional.

De acordo com Maciel (2001)

A tarefa de pensar a educação era masculina, mas a vocação para praticá-la era considerada feminina. Homens é que eram considerados grandes educadores, figuras de destaque em todos os setores educacionais. A *Revista do Ensino de Minas Gerais* – nos anos de 1927 a 1932 – trazia estampada na primeira página, sob o título "Grandes Educadores", uma pequena biografia de educadores ilustres: entre outros, Comênio, Pestalozzi, Frobel e nenhuma mulher. No discurso educacional, estava sempre presente o conceito de que à mulher cabia

semear com dedicação os conhecimentos produzidos pelos grandes educadores (p. 60).

Sentimos um momento de frustração na fala de Eurides, quando o que estava se tornando um sonho em ser enfermeira formada foi novamente impedido por conta da falta de subsídio econômico e autorização familiar.

Como eu estava no hospital e fiquei atualizada com as coisas, aí eu achei, achei que dava certo pra mim. E eles começaram a pôr aquilo na minha cabeça, aquela coisa e outra, aquela coisa e outra mais. Depois veio esse problema de ser uma menina novinha daquele jeito, e não tinha ninguém pra ir comigo pra São Paulo. Eu não era solta no mundo, assim. Nem morta! Nem na cidade eles deixavam a gente ficar andando muito sozinha, de jeito nenhum! E então esse plano para São Paulo durou pouco. Durou pouco, num instante desilude de ir pra São Paulo, quem que ia me fazer companhia? Quem que ia me sustentar? Numa cidade igual àquela... Se fosse uma cidade pequena igual Araxá, Uberlândia e tudo, às vezes ainda dava um jeitinho. O povo tem aquele sistema antigo, mais conservador. Em São Paulo não tinha jeito. (SOUZA, 2018, p. 241).

Outra frustração foi relatar que não continuou os estudos na juventude, porque continuar além do primário era só para os ricos.

Na cidade, pra pobre, só tinha o primário e tinha o Liceu, e tinha também aquele estadual velho (Escola Estadual de Uberlândia), mas lá criou fama de ser para os ricos. O Liceu era particular, pra rico, e o estadual lá de baixo pegou essa fama que era só pra rico, no tempo que estudou Rondon Pacheco, esses homens importantes de Uberlândia. Esses antigos estudavam lá, porque o pobre não tinha condições de ir. Eu não sei por que, já que eu acho que sempre foi do Estado, mas eu não sei os detalhes. Agora, o Liceu, não, o Liceu era particular, os ricos iam todos pra lá e pagava escola. (SOUZA, 2018, p. 243).

Continua:

Então eu não tive jeito de estudar, porque o meu dinheiro ia tudo pra ajudar em casa. Nós tínhamos mudado pra cá recente e estava com pouco recurso. Depois da quarta série, os pobres passavam procurar trabalho. Ninguém sonhava em estudar. Os pobres num tinham chance, tinha essa fama. Fui estudar mais, quando eu entrei no setor da Educação, foi nessa época. (SOUZA, 2018, p. 243).

Como citamos, Eurides era “vigiada” pela mãe, pela tia e pela patroa. De acordo com Certeau (2003), diante das estratégias, sempre existem as táticas. E não por isso deixou de ter seus “namoricos”, segundo ela. Quando entrou na Escola Estadual Bueno Brandão²⁸ pra recordar a quarta série, caso fosse para São Paulo,

Começou a ter um namorico lá, assim, na sala, com um tal de Colemar. Ele chamava Colemar, que já tinha mais idade que eu um pouquinho. Era mais adiantado, também. Mas daí tudo durou pouco, porque eu fui lá só pra recordar as matérias, eu não ia ficar. Depois dessa época que eu aumentei a idade um pouquinho a gente começou a enfrentar, a gente arrumou umas amizades perto de casa e então tinha as festinhas, festinhas de aniversário, o povo fazia baile, fazia muito baile assim, em casa, aqueles bailinhos de família. Então nós tínhamos a nossa turma de gente que morava tudo perto, ali na rua Benjamim, perto do SESC. Era cheio de vizinhos. (SOUZA, 2018, p. 241).

É percebido o vínculo de amizades, como na Figura 17:

Figura 17 - Irmãs e vizinhos no aniversário da Angélica (irmã)



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

²⁸ Para a história desta instituição ver: CARVALHO, Luciana Beatriz de Oliveira Bar de. **A configuração do Grupo Escolar Júlio Bueno Brandão no contexto republicano** (Uberabina 1911 – 1929). Dissertação de Mestrado. UFU, Uberlândia, 2002.

Não exercendo outra função além de copeira e impedida de galgar um futuro como enfermeira, Eurides aceita trabalhar como doméstica em casas de famílias da elite local, indicada pelo hospital, por melhor salário.

Antes de ser professora eu fui trabalhar nas casas dos conhecidos lá do hospital. Teve essa época que me chamaram pra ir pras casas e, como a gente naquele tempo precisava muito de dinheiro, porque nós estávamos iniciando a nossa vida aqui na cidade, então a gente topava na hora, falando que ia ganhar mais. Então, a gente ia. Foi quando eu fui pra Jurema. A Jurema era da Síria, turca, não sei, com os costumes todos diferentes da gente. Depois fui trabalhar com a família do Liceu²⁹. Experiência maravilhosa que eu tive. Uma das famílias mais importantes da cidade. Então muitos falam, eu já ouvi falar lá no Liceu e também era a escola dos ricos porque só os de mais poder é que podiam estudar lá, porque o pobre naquele tempo, não tinha condições de pagar para estudar. Não tinha de jeito nenhum. (SOUZA, 2018, p. 244).

Quais influências que um lar de educadores poderia ter impetrado na vida da professora pesquisada? Apesar de nunca terem oferecido a oportunidade de Eurides estudar, teria sido impactante sua estada nesse espaço? “Nunca me ofereceram. Depois de muito tempo, eu já tinha saído de lá, que eu ouvi falar que eles iam dar chance pra alguns. Bolsas de estudos. Mas foi bem depois”. (SOUZA, 2018, p. 244).

As narrativas de Eurides não respondem às perguntas, mas inferimos que sim, pois “Alguém me falou que precisava de gente na Prefeitura para ser professora. Eu sei que eu fui procurar isso e achei e já combinei. Foi só assim. Eu sei que através dessa pessoa que me orientou e eu fui lá e fiz a inscrição.” (SOUZA, 2018, p. 245).

Nesse momento, começa a “odisseia” de uma professora alfabetizadora leiga no Ensino Rural de Uberlândia.

Naquele tempo, os governantes que comandavam. Eles nem exigiam muita coisa como exigem hoje: “Quero um funcionário tal, curso tal, isso e aquilo outro”. Eles não falavam porque ninguém tinha condições. O povo era tudo mais fraco nessa parte, quase não tinha pessoas formadas. Eram poucos e, igual criou essa fama, era os ricos que estudavam no Liceu, nesses que lá no estadual velho, também. Era desse jeito, que era os ricos e os poderosos da cidade que estudava. (SOUZA, 2018, p. 244).

²⁹ Para a história desta instituição ver: BERNARDELLI, Kellen Cristina Costa Alves. **História e Memória do Liceu de Uberlândia, MG – 1928 a 1942**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, 2007.

Um tempo após se ingressar como professora leiga contratada na Prefeitura Municipal de Uberlândia, a professora Eurides vai em buscar de formação profissional e acadêmica. Um dos espaços mais marcantes foi o curso realizado na Fundação Helena Antipoff, na cidade de Ibirité, Minas Gerais, lugar que obteve o certificado de Magistério para as primeiras séries do 1º Grau. Abordaremos essa trajetória formativa no próximo capítulo.

CAPÍTULO III - FORMAÇÃO DOCENTE DE EURIDES PEREIRA DE SOUZA: DE LEIGA À NORMALISTA

A massa

Cada dia que passa
não passa só
Passa também a via
por onde passa
o que passa o dia na via
a passar a pão e pó.
E o pão não passa de massa
e o passante não passa a pão-de-ló,
porque a massa que amassa com seu suor
não passa em sua mesa rasa
e passa pela via para outra, devassa,
que também não passa de pó,
mas traça o pão-de-ló.
Mesmo sendo a mesma massa.

Sirlei Rodrigues Rosa

Pretendemos discutir neste capítulo uma breve exposição da História da Formação na Europa e no Brasil; posteriormente, traçamos o caminho percorrido por Eurides para se diplomar como normalista na Fundação Helena Antipoff, em Ibirité-Minas Gerais e, por fim, apontamos as apropriações, ou não, da docente à formação recebida na instituição mencionada.

3.1 Algumas considerações históricas da formação de professores

Para compreendermos a formação de professores realizada no Brasil é preciso conhecer, mesmo de forma sumária, a sua história. As primeiras iniciativas de formação de professores se concretizaram após a Revolução Francesa, com a consolidação dos Estados Nacionais na Europa e a estatização do ensino. Nesse contexto surgiu a ideia de uma Escola Normal destinada a formar professores leigos (TANURI, 2000).

Para Nóvoa (1995), a gênese da profissão docente tem lugar nas congregações religiosas jesuítas, verdadeiras congregações docentes, que dominaram o conhecimento nos séculos XVII e XVIII. Com a Reforma Pombalina, instalou-se um processo de estatização do ensino, ocorrendo a substituição de professores religiosos por leigos. Assim, o professor é enquadrado no corpo profissional do Estado. No final do século

XVIII a Europa se preocupa com a profissão do professor na perspectiva legal do exercício docente, dando-lhe licença, ou não, de lecionar.

No Brasil Colônia não havia a preocupação de formar os professores. Somente no Império, com a reforma constitucional de 12 de agosto de 1834, baseada no modelo francês (TANURI, 2000), as Escolas Normais brasileiras foram criadas. Elas funcionaram até a Reforma 5.692/1971, quando o Curso Normal passou a ser ministrado em escolas que ofereciam cursos profissionalizantes.

Assim, as escolas normais se constituíram como os primeiros espaços de formação docente. A primeira Escola Normal brasileira foi criada na província do Rio de Janeiro, com o ensino do método mútuo (TANURI, 2000).

Considerando a efemeridade das Escolas Normais no período imperial, a formação de professores foi bastante rarefeita, pois muitas das Escolas Normais fecharam por falta de alunos. Somente na República, com a criação dos palácios dos saberes (grupos escolares) e consequente obrigatoriedade do Ensino Primário, fez-se necessária a consolidação das Escolas Normais para formar professores destinados a esses grupos. Dessa forma, a instituição escolar serve como espaço para propagação do ideário republicano.

Nos primeiros anos da República em Minas Gerais,

[...] a reforma educacional de 1927-28, conhecida como Reforma Francisco Campos – Mário Casasanta, já trazia a preocupação com a qualificação dos professores do meio rural. Inspirada nos ideais escolanovistas, essa reforma propunha a renovação da escola como meio de reconstruir e modernizar a sociedade. O professor ganharia centralidade nesse projeto, como agente responsável pela qualidade da educação. Nesse cenário, em 1929, a convite do governo mineiro, Helena Antipoff chega a Belo Horizonte, inicialmente para dirigir o laboratório de psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Minas Gerais e colaborar na implantação da reforma educacional de 1927-28. (CAMPOS et. al., 2017, p. 866).

O cenário formativo da Primeira República se estende até meados dos anos 1960. O ensino era visto como transmissão de conteúdos e rigor na metodologia utilizada. A formação, portanto, visava o domínio enciclopédico e a metodologia era específica para cada disciplina.

A primeira LDBEN³⁰ – Lei 4.024 de 1961 legitimou a formação docente primária, por meio do artigo 53, do capítulo IV – Formação do Magistério para o Ensino Primário e Médio:

Art. 53. A formação de docentes para o ensino primário far-se-á: a) em escola normal de grau ginásial no mínimo de quatro séries anuais onde além das disciplinas obrigatórias do curso secundário ginásial será ministrada preparação pedagógica; b) em escola normal de grau colegial, de três séries anuais, no mínimo, em prosseguimento ao vetado grau ginásial. (BRASIL, 1961).

Com a Reforma 5.692/71, as Escolas Normais foram extintas e o ensino técnico do Magistério é acoplado na modalidade Colegial. A influência tecnicista norte-americana marca os anos 70, revelando uma formação de professores com caráter de intervenção tecnológica, priorizando o treinamento técnico. A formação continuada toma forma de reciclagem, absorvendo as teorias da Educação e as adaptações realizadas por técnicos da Educação e adaptando a realidade de sua sala de aula. Dessa forma, as políticas públicas priorizam o ensino profissionalizante (SCHWARTZMAN et. al, 2000).

Os anos 80 viveram a efervescência da divulgação da teoria do conhecimento nomeada construtivismo, a partir dos estudos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A., 1986). Os professores passaram a rejeitar tudo o que lembrava o ensino tradicional e passamos por uma época de *laissez-faire* na Educação, quando tudo podia e nada que lembrasse o que era o ensino tradicional era correto e permitido (SOARES, 2003a). Passamos então pela fase em que a formação continuada era voltada para as teorias do conhecimento e da Psicologia da Educação, com desprezo da metodologia. “Por equívocos e por inferências falsas, passou-se a ignorar ou a menosprezar a especificidade da aquisição da técnica da escrita.” (SOARES, 2003a, p. 2).

A alfabetização passa por um período de renovação e a concepção de alfabetização e letramento traz para a formação continuada a ideia de complexidade e requer uma opção ética e política do professor. A prática educativa como conhecimento reflexivo que se propõe a evitar o caráter reproduzor e conservador do enfoque tradicional.

³⁰ LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

No fim dos anos 80, com a promulgação da Constituição de 1988, a Educação reafirma-se como direito de todos os cidadãos. Durante os anos 1990, é instaurada a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9.394/96), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e o Plano Nacional de Educação (PNE). Não adentraremos os impactos da legislação educacional dos anos 90, em virtude da aposentadoria de Eurides em 1997, quando delimitamos o nosso recorte temporal.

3.2 Eurides Pereira de Souza: de leiga a normalista

A professora Eurides Pereira de Souza iniciou sua carreira como professora leiga contratada. Após um tempo de exercício docente no ensino rural, atreveu-se ir em busca de formação no magistério, solitariamente em terras distantes, Ibirité, Minas Gerais.

Manke (2006), em sua pesquisa, rastreia pesquisadores que abordam a presença de professores/as leigos/as no magistério primário e aponta alguns autores, como Romanelli (1978), Quadros (1998), Almeida (2001). Mas ainda são raros os materiais que analisam a atuação desses profissionais.

Em pelo menos dois livros encontramos artigos que tratam especificamente de temas relacionados à docência leiga. Trata-se do livro “Educação e Escola no Campo”, organizado por Therrien e Damasceno (1993), e do caderno SENEB n. 3 que se intitula “Professor Leigo: institucionalizar ou erradicar?”. Nestes dois trabalhos, encontra-se uma ampla abordagem desta temática. No entanto, na maioria das vezes, relacionado a políticas educacionais e abordando aspectos referentes à região Nordeste do país, com estudos específicos sobre os Estados do Ceará, Piauí e Pernambuco (MANKE, 2006, p. 11).

Embora haja escassez dos estudos nessa área, sabe-se que o número de professores sem formação que atuaram em todo o Brasil é bastante significativo, especialmente na década de 60, período que coincide com o início da docência para a professora Eurides. Conforme apresenta Amaral (1991):

O problema dos professores “leigos”, desde a década de 20, foi objeto de preocupação dos “profissionais da educação” e vai-se colocar mais agudamente no final dos anos 40 e, principalmente, nos anos 60. Entretanto, também nas décadas posteriores o problema esteve presente (...). Segundo dados do CENAFOR (1985), em 1980, dos 884.257 professores existentes no país, 226.247 eram leigos, sendo que destes, quase 70% estavam localizados na zona rural, em precárias condições de vida e de trabalho. (AMARAL, 1991, p. 39-40).

De acordo com Lima (2018), a situação dos professores das escolas rurais em Minas Gerais, no final da década de 1940, não se constituía em motivo para comemoração. Ao contrário, conforme estudo realizado por Lourenço Filho (2001, p. 88):

Em 1947, assumiu o posto de Secretário de Educação de Minas Gerais o Sr. Abgar Renault, que dantes havia desempenhado as funções de diretor do Departamento Nacional de Educação. Ao examinar a situação do ensino primário, no Estado, verificou que as escolas rurais, em número superior a 7 mil, estavam na maioria entregues à administração dos municípios; que os mestres, nessas escolas, em 91% delas, eram regentes leigos ou desprovidos de qualquer preparação anterior em escolas normais; e, ademais, que tais mestres, inteiramente desprovidos de orientação com que pudessem melhorar seu trabalho, recebiam salários ínfimos.

Esta constatação, de acordo com Lourenço Filho (2001), engendrou a criação nesse estado de Normais Regionais para a formação de professores para atuação no meio rural, com o objetivo de qualificá-los. Conforme Campos (2017), a primeira Escola Normal rural foi a instituição idealizada e construída no complexo da Fazenda Rosário, hoje Fundação Helena Antipoff, construída em Ibirité, *locus* de formação da professora Eurides.

Na mesma ocasião foram propostos cursos de treinamento e aperfeiçoamento para os profissionais em serviço. A iniciativa de pôr essas escolas em funcionamento relacionava-se com as estratégias adotadas por aquele governo com o intuito de minorar o alto índice de analfabetismo vigente no País, sobretudo nas áreas rurais. Outro motivo dessa ampliação das atividades realizadas por Helena Antipoff para o meio rural surgiu em um contexto no qual se observa, no Brasil, o aumento da migração da população para o meio urbano. (ANTUNES-ROCHA; MARTINS; AUGUSTO, 2011).

Mesmo com as iniciativas citadas, quando indagamos Eurides a respeito da sua trajetória formativa, deparamo-nos com os dilemas da ausência das políticas públicas para o professorado da época, no município de Uberlândia:

Como eu disse, o primeiro ano como professora foi o pior ano da minha vida nas escolas rurais, porque não tinha assistência de nada, apoio de nada, conforto de nada vezes nada. Contando que eu não tinha experiência, então, se eles me colocaram lá nessa situação teriam, que dar uma assistência maior. “Vamos dar uma assistência maior para a Eurides até ela pegar o fio da meada”. Mas não teve assistência nenhuma. (SOUZA, 2018, p. 254).

Como não havia nenhuma orientação por parte da Secretaria Municipal de Educação no seu primeiro ano de atividade (1966) e ela trabalhava solitariamente na Escola Municipal da Lembrança, restava-lhe copiar as atividades de alunos da zona urbana nos finais de semana, quando ia para a cidade.

Pra eu ter uma noção do que eu poderia passar para os alunos, quando chegava sábado e domingo [durante a semana ficava na casa de alunos, porque não havia transporte], que eu ficava aqui na cidade. E copiava dia e noite matéria dos meninos aqui da cidade pra eu passar pros meus lá, porque eu ficava sem orientação da Prefeitura, da secretaria da Educação. Eles ti colocavam lá e falava: “Fica com Deus!” E pronto, virava as costas. Eu pensei: “Vou ter que apelar com Deus, Deus vai ter que me ajudar”. (SOUZA, 2018, p. 254-255).

Construía seus saberes baseada no modelo urbano. O currículo efetivado por Eurides era executado pelas escolas estaduais de Minas Gerais. Percebemos que não havia, nesse momento, ações específicas para a zona rural.

Então o que eu fazia pra eu não fazer muita bobagem, não perder muito tempo, não ficar aquele “trem” atrasado, eu fazia era isso: seguia os meninos da cidade, porque os professores tinham assistência. É uma coisa equilibrada e orientada. Ficava dia e noite copiando do caderno dos meninos daqui pra chegar na segunda-feira e levar aquilo pra eu aplicar lá. Era desse jeito. (SOUZA, 2018, p. 255).

Nesse sentido, Fonseca (2002) nos aponta a construção dos saberes:

Os sujeitos constroem seus saberes permanentemente, no decorrer de suas vidas. Esse processo depende e alimenta-se de modelos e espaços educativos, mas não se deixa controlar. Ele é dinâmico, ativo e constrói-se no movimento entre os saberes trazidos do exterior e o conhecimento ligado à experiência. Ele é histórico, não se dá descolado da realidade sociocultural. (FONSECA, 2002, p. 89).

E ainda temos as colocações de Nóvoa:

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. (NÓVOA, 1999, p. 13).

Sobre os saberes da experiência,

[...] os saberes da experiência não são saberes como os demais, eles são [...] formados de todos os demais, porém retraduzidos, polidos e submetidos às certezas construídas na prática e no vivido. Os saberes da experiência passaram a ser reconhecidos a partir do momento que os professores manifestarem suas próprias ideias sobre os saberes curriculares, das disciplinas e sobre sua formação profissional de professor. (TARDIF, LESSARD E LAHAYE, 1991, p. 232).

Eu copiava porque a comunidade sabia que eu não tinha experiência de nada, não tinha estudo. Naquele tempo eles admitiam professores que não eram formados, porque muitos prefeitos queriam pagar barato. Professoras leigas recebiam somente 60% do que recebia a professora formada. Então eu ganhava menos, e eu só passei a ganhar mais porque nesse primeiro ano que eu fiquei lá eu já procurei recurso, com a ajuda de Deus. Foi o primeiro curso de forma grandiosa que a Delegacia de Ensino deu. O curso para concurso que eu ti falei. Colocaram nós, professoras leigas, porque nesse ano não tinha nenhuma formada. (SOUZA, 2018, p. 255).

A professora Eurides trabalhou como contratada somente no primeiro ano de exercício, pois o recém-chegado Prefeito Renato de Freitas, em 1967, abriu concurso para a ocupação de vagas na Prefeitura, inclusive para a Secretaria de Educação. Junto ao concurso foi oferecido curso preparatório para as provas, para as atuantes nas redes estadual e municipal.

Naquele tempo não tinha concurso. Eu fiz concurso no segundo, no segundo ano que eu estava lá. O primeiro ano foi de contrato. Eu entrei no fim do mandato do prefeito Raul Pereira.

Esse Raul Pereira, quando eu cheguei, ele estava saindo. Nele sair entrou o Renato de Freitas e o Renato já entrou com tudo dentro daquela prefeitura, que foi igual uma ventania brava, uma ventania que sopra assim e que já manda tudo os trens ruins embora; e ele já anunciou que ia dar prova. Mas, só que tem uma vantagem: ele ia dar curso e prova. (SOUZA, 2018, p. 245).

Sobre a parceria entre Estado e Município, Souza (2018) afirmou: “Eu sei que ele fez uma parceria com um curso do Estado; a Delegacia de Ensino que estava comandando esse curso para os professores leigos. Então aceitavam muita gente que não tinha formatura de nada. Eu fui uma das primeiras que já fiz minha inscrição.” (SOUZA, 2018, p. 245).

Então a Prefeitura arrumou esse gancho pra enturmar com as estaduais e pegar essa beira lá e fazer o curso; que o curso foi espetacular com aquelas mulher de maior classe possível, as que davam aula pra gente.

Pessoas preparadas da Delegacia de Ensino, de coisas ligadas ao Estado. Aí eu fiquei por dentro. Eu nunca fui tão feliz na minha vida pra fazer esse curso, que o prefeito e a secretaria organizaram com a Delegacia de Ensino. Além de estudar para o concurso, eu aprendia coisas para a escola. (SOUZA, 2018, p. 17).

A fala de Eurides é carregada de saudosismo e idolatria por quem tinha mais estudo do que ela, ou por quem ocupava cargos de autoridade. O prefeito Renato de Freitas se tornou, nesta narrativa, o modelo de gestão pública.

Eu falei: “Eu vou fazer esse curso”, porque o Renato falou: “Quem quiser ficar comigo tem que fazer o concurso, porque a Prefeitura não é minha” – porque muitos prefeitos acham que podem fazer o que eles quiserem, que eles que mandam. O Renato falava pra todo mundo que ia lá querer explorar, dobrar ele, ele dizia: “A Prefeitura não é minha, a prefeitura é do povo”.

O Renato falou: “Quem passar bem, quem não passar, amém! ‘Tá fora!’. Então ele toda a vida foi exigente. Pra mim ele foi o melhor prefeito de Uberlândia. Se eu pudesse, eu faria uma homenagem pra ele. (SOUZA, 2018, p. 08).

Santos (2008), ao pesquisar a gênese da Escola Estadual Professor José Ignácio de Souza³¹ no arquivo público de Uberlândia, nos relata achados a respeito do prefeito Renato de Freitas, corroborando as afirmações da docente.

As representações sociais (CHARTIER, 2002), pela docente e pela imprensa daquele período histórico, exaltam Renato de Freitas como um gestor democrático, preocupado com a Educação.

Uberlândia, em 1967, era governada pelo Prefeito Renato de Freitas, que mantinha relacionamentos políticos muito estreitos com o Governador de Minas Gerais, Israel Pinheiro e conforme depoimento do político Homero Santos, ambos faziam parte da mesma linhagem ideológico-partidária, quanto a condução política do estado: pela via democrática.

Foi na gestão de Renato de Freitas que se implantou o Colégio Comercial Oficial de Uberlândia (que depois passou a se chamar Escola Estadual Professor José Ignácio de Souza).

O Prefeito compartilhava do pensamento de que a escola era o “lócus” privilegiado para a formação do ser humano em vários aspectos, incluindo a preparação para o trabalho. (SANTOS, 2008, p. 108).

³¹ SANTOS, José Pereira dos. **Criação da Escola Estadual Professor José Ignácio de Souza** 1966 - 1969. 2008. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

Ainda em relação ao curso preparatório para o concurso, Eurides se felicitava pela primeira formação recebida, a qual reverberava no trabalho pedagógico e pela importância de receber o primeiro diploma enquanto professora.

Então ali, minha filha, eu passei a ser a professora mais feliz do município, quando eu vi aquelas orientações, aquelas coisas maravilhosas, aquelas coisas importantes que as mulheres da Delegacia de Ensino ensinava pra gente. Nossa, eu tenho uma foto que eu estou com o diploma, que foi meu primeiro diploma. Eu com o diploma na mão, foi o primeiro diploma destinado a uma professora. (SOUZA, 2018, p. 255).

Figura 18 - Entrega de diploma do curso preparatório



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

Este curso preparatório trouxe para a professora os pilares curriculares da Educação Primária, materializada no programa de ensino. Dessa forma, ela saberia o que os alunos deveriam aprender em cada ano escolar. “Foi no curso que eu descobri que existia o programa de ensino determinado pela lei” (SOUZA, 2018, p. 257). Mas houve resistência pelos pais, que esperavam da escola questões elementares, como aprender a ler e escrever e fazer cálculos matemáticos.

Uma das razões dos embates tinha precedente nas escolas domésticas³²: os fazendeiros que tinham professores particulares dentro de casa ditavam as regras para as professoras:

Eu quero que ensina isso aquilo e aquilo outro e pagava elas pra fazer. Elas tinham que obedecer. No meu caso eu tinha que obedecer o esquema da lei, pois as supervisoras, no governo do Renato, fiscalizavam o que estávamos dando pras crianças. O Renato falou: “Eu quero que a escola rural seja igual ou melhor do que a escola aqui da cidade”. Então, quem quiser fazer isso, tudo bem, quem não quiser, tá fora. (SOUZA, 2018, p. 258).

Após a certificação, chegou a prova do concurso. Eurides foi classificada entre as dez primeiras colocadas. Disse que, além do curso, uma amiga, Silma, ajudou-a muito, porque tinha mais estudo do que ela: “A Silma me ajudou muito a estudar pro concurso. Ela tinha mais estudo que eu, então ela mesmo me passava tudo, ela me ajudava em tudo e me punha pra frente também. Era desse jeito, a gente criou muita amizade.” (SOUZA, 2018, p. 246).

Deus me ajudou tanto que eu fiquei classificada nas dez, os dez primeiros lugares. Dez primeiros lugares, pra quem era atrasada, era um “trem” do outro mundo. O Renato deu a chance de nós trabalharmos dentro da prefeitura. Ele falou que as dez primeiras colocadas, se quisesse vir procurar o serviço dentro da Secretaria de Educação, podia ir. E eu já tinha invocado tanto com as escolas rurais, que eu não quis ir. (SOUZA, 2018, p. 246-247).

Nesse período não havia escolas municipais urbanas. A primeira escola urbana foi criada em 23 de abril de 1979, “Escola Municipal Afrânio Rodrigues da Cunha”. O nome foi dado em homenagem ao ex-prefeito de Uberlândia, Afrânio Rodrigues da Cunha, cujo pleito foi de 1955 a 1959. Com o parecer 503/79 de 17.12.79, do Conselho Estadual de Educação, foi concedida a aprovação prévia para a sua criação. Dessa forma, Eurides deveria optar por trabalhar na Secretaria Municipal de Educação ou por uma escola da zona rural.

Poderíamos resumir que o concurso citado foi um concurso para “leigos”. De acordo com Manke (2006), em sua pesquisa de mestrado em Pelotas, no Rio Grande do Sul, intitulada *Docência Leiga: História de Vida Profissional de Professoras Primárias*

³² Vasconcelos, M. C. C. (2007). A educação doméstica no Brasil de oitocentos. **Revista Educação Em Questão**, Natal, v. 28, n. 14, p. 24-41, jan./jun. 2007.

Leigas (PELOTAS, 1960-1980), o Estado contratava professoras leigas, por não haver número suficiente de professoras formadas – o que não parece diferente de Minas Gerais.

A justificativa apontada, a partir do relato das professoras, para a contratação de professoras leigas, dá-se pelo fato de não haver um número suficiente de profissionais formadas no mercado de trabalho. Observa-se, no entanto, que além de haver um pequeno número de professoras formadas, o Estado absorvia a grande maioria destas profissionais, principalmente por oferecer melhores salários. Assim, restava aos municípios recrutar pessoas sem formação para preencherem as vagas existentes, especialmente para as zonas rurais (MANKE, 2006, p. 49).

Apesar da oportunidade, a professora Eurides resolveu ficar na zona rural.

Eu pensei assim: “Eu não vou mexer com prefeitura, não, porque agora eu já estou entrosando com as escolas, já estou começando a aprender algumas coisas sobre as escolas e não vou largar pelas metades e ir pra lá. Chego lá e vou começar de novo a aprender uma outra coisa que eu ainda não sei. Escolhi essa sina pra mim.” (SOUZA, 2018, p. 247).

No ano em que Eurides ingressou como contratada, 1966, na Escola Municipal da Lembrança, a Escola Municipal Saudade estava em construção. Essas escolas faziam parte de uma vizinhança próxima. A novidade, de certa forma, também influenciou a escolha da professora: “Se Deus ajudasse que eu fosse trabalhar nessa escola nova, era a Escola da Saudade. Eu já fiquei namorando a escola antes dela ficar pronta.” (SOUZA, 2018, p. 268).

Então era só você e Deus, então, esse ano [1966] foi o ano mais infeliz da minha vida escolar na zona rural, porque, além do lugar que eu ficava eu tinha que copiar a matéria dos meninos da cidade pra eu não ficar tão sem rumo [...]. Então foi desse jeito. Aí foi o pior ano da minha vida, que eu me dei mal foi nesse primeiro ano de 1966 e a escola funcionava num rancho de pau a pique. O teto era com aquelas folhas de coqueiro. Só o chão que era melhorzinho, cimentado. Não tinha mais nada de nada. Então, quando eu vi que estavam construindo a Escola da Saudade, eu fiquei rezando o ano inteiro, pensando: “Deus podia ajudar que eu passasse pra aquela escola, Deus podia me ajudar”. Aí eu falei isso o ano inteiro e Deus escutou! (SOUZA, 2018, p. 268-269).

Além da falta de assistência administrativo-pedagógica, Eurides sofria com a péssima infraestrutura da sua primeira escola e com as relações estabelecidas na casa onde tinha que se hospedar. Ali se estabeleceram os primeiros confrontos culturais.

Chegava de noite, que a gente não tinha nada pra fazer naquele tempo, que nem televisão não tinha na zona rural, não tinha nada pra gente fazer. Era aquela morte, a gente ficava sentada lá, caladinho. Elas não puxavam um papinho comigo (a senhora e as filhas da casa). Aí sentava ela e as meninas – eram duas meninas [...]. Eu quase caí de costa quando eu fui puxar assunto com ela pra puxar amizade. Qualquer coisa. Aí, quando eu pensei, eu vi o rádio. Eu vou conversar sobre o rádio, aí falei assim: “A senhora segue aquela novela tal que tem na Rádio Educadora?” Quando é fé, a mulher virou pra mim com uma cara bem ruim, como se diz: “Quem que você acha que eu sou?”. “Sagrado coração!” Dei bandeira [risos], aí ela olhou pra mim com uma cara bem ruim, bem arruinada, mesmo, e falou pra mim: “Não, eu num vejo essas coisas”. (SOUZA, 2018, p. 268).

Os modos de ser e fazer (CERTEAU, 2003) eram diferentes entre o urbano e o rural.

Eu pensei: “Pronto, o que que eu fiz, o que que eu falei?”. Depois, mais pra frente, eu vim a saber pelo povo do lugar que mulher de roça que assistisse novela não prestava. Só mulher que não prestava, mulher preguiçosa, vagabunda, ordinária. Todos os defeitos essa mulher tinha, mulher que visse novela. Porque eu pensei foi assim: “Se elas segue as novelas, eu posso também seguir as novelas com ela”. Seria um modo de eu me distrair naquele tédio que eu ficava lá. Eu não era acostumada com roça. Pronto, eu tenho é que ficar calada [risos]. (SOUZA, 2018, p. 268).

A questão do rádio é tratada por pesquisas, que o remetem a veículo de comunicação e de formação. Dângelo (2000), após sua pesquisa de mestrado, cita que

[...] várias descobertas estão me levando enfim a reconstituir a história do rádio a partir de outras problemáticas e enfoques, trazendo novos ingredientes para um entendimento dos embates, tensões e injunções, entre cultura nacional e cultura local, o popular e o erudito, o comercial e o educativo, homogeneização e pluralidade cultural, o rural e o urbano, analfabetos e letrados. (DÂNGELO, 2000, p. 72).

Destarte, o pesquisador constitui como problemática os embates e as tensões do urbano e do rural, como apresentado pela professora em suas narrativas. Assim como Sousa (2015) também abstrai, do memorial de Nevinha Santos, as dificuldades encontradas pelas moças da cidade ao trabalharem em lugarejos distantes da urbanidade,

situações vivenciadas pelas normalistas. “O preço da autonomia dessas jovens professoras era a solidão resultada do afastamento geográfico de seus familiares” (SOUSA, 2015, p. 95).

Passado este primeiro ano difícil para a docente, em 1967 o sonho da escola nova se efetiva, junto com a aprovação no concurso. Eurides ingressaria na escola que virou sinônimo de seu nome, um caso de metonímia: “Escola Municipal Saudade”.

A Escola Municipal Saudade foi criada pela Lei Municipal nº 1.214, de 16 de junho de 1964, inaugurada em 1966 e nucleada em 1989 para a Escola Municipal Olhos D’Água. O prédio da citada escola se situa na Fazenda da Saudade, no município de Uberlândia. A área de 756 m² foi doada ao município por uma família da região, os Rodrigues. A área construída de 92 m² é composta de duas salas de aulas, 42 e 30 m², respectivamente; dois banheiros externos (1 masculino e 1 feminino); um banheiro para professores (todos os banheiros com escoamento para fossa séptica); e uma cozinha. Nunca teve instalação elétrica e o abastecimento de água era feito por meio de cisterna.

A área da extinta Escola Municipal Saudade ainda pertence ao governo municipal. O prédio foi abandonado e atualmente abriga animais dos pastos ao redor. Vamos nos debruçar a mais detalhes no próximo capítulo, a respeito da relação da professora Eurides Pereira de Souza e a Escola Municipal Saudade.

O título deste capítulo evidencia para o leitor, em primeira mão, que a professora Eurides se inseriu na área educacional, mesmo sendo leiga³³, ou seja, sem a formação acadêmica esperada de um professor. Foram anos ministrando aulas sem o Magistério. Fato similar a muitas outras professoras do mesmo período, no Brasil (MANKE, 2006).

Alencar (1993) justifica a sujeição de uma pessoa sem a formação ao cargo de professora:

Objetivamente, uma jovem ou dona de casa se candidata ao cargo de professora para satisfazer, fundamentalmente, uma dupla necessidade: uma de natureza econômica, consciente, individual; outra de caráter social, coletiva, culturalmente sentida embora não explicada. Profissionalmente desqualificada, aceita passivamente as condições que lhe são propostas e impostas. (ALENCAR, 1993, p. 187).

Mediante esse contexto, como Eurides se tornou professora normalista? Diferentemente de outros pesquisadores que fizeram estudos biográficos, como Maciel (2001), não encontramos disponível um acervo particular da professora Eurides para a

³³ Manke (2006, p. 10) utiliza o termo “leigas” como indicativo de professoras que não possuem uma formação básica para lecionar.

pesquisa, como o de Lúcia Casasanta, tampouco os documentos de sua formação na escola de Ibirité, Minas Gerais, ou planos de aulas, cadernos de alunos... A busca por pistas e indícios se fez necessária. Para tanto, seguimos as orientações de Ginzburg (1989) sobre o rastreamento de vestígios e podemos afirmar que realmente uma fonte nos leva a outra.

Na origem, há sempre um achado proveniente das margens de investigações inteiramente diversas. [...] Em cada circunstância, tive a súbita sensação de ter encontrado alguma coisa, talvez até alguma coisa de relevante; ao mesmo tempo, tinha consciência aguda de minha ignorância. Às vezes, uma resposta relampejava [...]. Mas não sabia qual era a pergunta. Somente a pesquisa permitiu formulá-la. (GINZBURG, 2004, p. 11-12).

Nos anos 70, sem se lembrar precisamente, a professora tem acesso à informação de um curso de férias que habilitaria para o Magistério na cidade de Ibirité, Minas Gerais, hoje, região metropolitana de Belo Horizonte.

[...] eu fiquei sabendo de um curso que ia ter lá em Ibirité, que é coladinho em Belo Horizonte. Que pertence ao estado também, e lá tinha a escola igual aqui tem o Colégio Agrícola, que é fora da cidade. O colégio que chamava... Helena Antipoff. Era, era tipo de um internato. Tinha quarto, banheiro, comida. Tinha tudo. A gente passava dia e noite lá. Eu fui pra lá. Foi o curso melhor da minha vida que eu já vi, com aquelas mulheres de classe, da Secretaria do Estado que dava aula lá pra nós. (SOUZA, 2018, p. 256).

Por conta desse depoimento relativo à sua formação e por falta de fontes complementares, a banca de qualificação, em especial a professora Dra. Francisca Maciel (UFMG), nos orientou a procurar pela Fundação Helena Antipoff, inclusive nos repassando material bibliográfico a respeito da instituição. Informou-nos também o trabalho realizado pela professora Dra. Regina Helena de Freitas Campos (UFMG) e seu grupo de pesquisa sobre essa instituição.

A fundação está localizada a 28 quilômetros de Belo Horizonte, na zona rural do distrito de Ibirité, município de Betim, Minas Gerais. Chamada primeiramente de Fazenda do Rosário, o imóvel foi adquirido em 1939 para o estabelecimento de várias ações relacionadas à Sociedade Pestalozzi³⁴ de Minas Gerais.

³⁴ Com os testes psicológicos encomendados pelo poder público, o sistema público de ensino se tornava cada vez mais seletivo, o que proporcionou a Antipoff pensar em alternativas diversificadas para o atendimento das crianças recusadas pelo ensino formal, sendo uma dessas alternativas a criação da

A sociedade Pestalozzi [...] visava atuar sobre diversos focos de exclusão social, provocados seja por problemas de miséria e abandono, seja por questões de deficiência mental no sentido estrito. Em todos os casos, tratava-se de procurar resguardar os direitos das crianças em situação de risco social. (CAMPOS, 2003b, p. 26).

Segundo Antipoff, a localidade possuía as características ideais para isso, pelo aspecto bucólico característico do campo e, ao mesmo tempo, o fácil acesso aos centros urbanos (CDPHA, 1992, p. 72; PINHO, 2009, p. 57). Em menos de dez anos, as atividades ampliaram-se significativamente e o complexo da Fazenda do Rosário se tornou referência na elaboração de políticas voltadas para o desenvolvimento da educação no meio rural.

Trata-se da primeira escola normal do estado de Minas Gerais voltada para a formação de professoras que atuariam no meio rural. A instituição, além de ter essa particularidade, também tinha a proposta diferenciada, marcada substancialmente pelos ideários desenvolvidos pela psicóloga e educadora Helena Antipoff (1892-1974), motivos que destacaram a escola no cenário educativo mineiro e brasileiro. Observa-se em especial, nessa análise, a ênfase dada ao que a educadora e psicóloga chama de educação integral das normalistas, que alia a capacidade reflexiva e a dimensão socioafetiva aos valores democráticos e de bem-estar da coletividade, aspectos pouco discutidos nos trabalhos recentes voltados para o estudo dessa instituição. (CAMPOS et. al., 2017, p. 865).

Conforme Duarte (2017), a primeira Escola Normal Regional³⁵ do estado de Minas Gerais foi fundada em 1948,

que resultou na criação do Curso Normal Regional em 1949, denominado de “Curso Normal Regional Sandoval Soares de Azevedo”, e do Instituto Superior de Educação Rural (ISER), em 1954, destinado à pesquisa, orientação, supervisão e especialização em assuntos de Educação Rural. Em 1970, o ISER foi transformado em Fundação Estadual de Educação Rural (FEER) e dedicou-se à

Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, em 1932, na cidade de Belo Horizonte. Mesmo continuando os trabalhos centralizados em Belo Horizonte, em 1939, ocorreu a ampliação da Sociedade Pestalozzi, com a criação do Complexo Educacional Rural da Fazenda do Rosário, no município de Ibirité. (DUARTE, 2017).

³⁵ A instituição destinava-se à formação de professores rurais para o ensino primário, tendo como base o Decreto-Lei nº 8.530, de 2 de janeiro de 1946, denominado de Lei Orgânica do Ensino Normal, que estabelecia dois níveis de formação para professores: o primeiro desses níveis corresponde ao ciclo inicial dos cursos de segundo grau, em quatro anos de estudos, e habilitará regentes de ensino primário; o outro, correspondente ao segundo ciclo desse mesmo grau, e a fazer-se em três anos, após a conclusão do primeiro ou após a conclusão do ginásio, formará mestres primários (Decreto-Lei nº 8.530, 1946).

formação de especialistas de ensino primário e professores primários para a zona rural, passando em 1978, após a morte de Helena Antipoff, a denominar-se Fundação Helena Antipoff (FHA). (DUARTE, 2017, p. 20).

No final dos anos 90, especificamente:

Em 1999, ocorreu a criação do Centro de Pesquisas e Projetos Pedagógicos (CPPP), objetivando oferecer cursos superiores. Em convênio com a Unimontes, funcionou por um período de dois anos o curso Normal Superior, e dessa experiência resultou a criação do Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira (ISEAT), oficializado pelo Decreto 41.733 de 25 de junho de 2001, possibilitando à FHA oferecer cursos de graduação, pós-graduação, extensão e aperfeiçoamento desenvolvidos em sua sede na condição de instituição privada. O ISEAT passou a oferecer o curso Normal Superior (Licenciatura em Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental) até o ano de 2006. (DUARTE, 2017, p. 19).

Com a mudança na legislação,

Em fevereiro de 2007, à vista do Parecer CEE Nº 188/07, o Conselho Estadual de Educação (CEE) aprova a transformação do referido curso em Graduação em Pedagogia (Licenciatura, Docência na Educação Infantil e anos iniciais de Ensino Fundamental). Com o tempo, a instituição passou a ampliar os cursos superiores de licenciatura, além da Pedagogia, com Educação Física, Matemática, Ciências Biológicas e Letras. Em agosto de 2009, os cursos de licenciatura do ISEAT passaram para a responsabilidade do governo do Estado de Minas Gerais, e em 30 de novembro de 2013 o governador do Estado assinou o decreto nº 46.361, através da Lei Estadual nº 20.807, de 26 de julho de 2013, incorporando os cursos superiores do ISEAT à Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), passando a instituição a compor, como Unidade Ibirité, o caráter multicampi da UEMG (DUARTE, 2017, p. 19).

Após elucidarmos um pouco da história da instituição, apresentamos sumariamente a trajetória de sua fundadora: a psicóloga-educadora Helena Antipoff nasceu na Rússia, em 1892, e, tendo feito sua formação em Psicologia e Educação em Paris, no Laboratório Binet-Simon (1911) e em Genebra, no Instituto Jean-Jacques Rousseau (1912-1915), participou de alguns dos primeiros ensaios de aplicação da Psicologia científica à Educação, na Europa.

No Brasil, seu trabalho como pesquisadora e psicóloga seguiu diversas vertentes. Nos anos de 1930, no Laboratório de Psicologia, realizou extenso programa de pesquisa a respeito do desenvolvimento mental

das crianças mineiras em idade escolar, padronizando para a população local testes de inteligência e de personalidade. Em 1932, liderou a criação da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, a partir da qual iniciou sólido trabalho de assistência a crianças excepcionais e abandonadas. Nos anos de 1940, o trabalho da Sociedade Pestalozzi se ampliou, através da criação da Fazenda do Rosário, escola modelo para a educação de excepcionais, que depois incluiu também a preparação de professores rurais e a formação de psicólogos, com a vinda de especialistas estrangeiros para cursos de especialização. (ANTIPOFF, 1975; CAMPOS; ASSIS; LOURENÇO, 2002 apud CAMPOS et. al., 2017, p. 867).

A pesquisa de doutoramento de Maciel (2001) revelou os esforços do estado de Minas Gerais para a constituição do corpo docente da Escola de Aperfeiçoamento³⁶, qualificação das normalistas nos Estados Unidos, como Lúcia Casasanta e a “importação” de estudiosos europeus, como Helena Antipoff, na efetivação da Reforma Francisco Campos, nos anos 1930.

O corpo docente da Escola de Aperfeiçoamento era constituído, de uma parte, pelas professoras brasileiras que tinham realizado estágio no *Teacher's College*, da Universidade de Colúmbia, para ali estudar os princípios e métodos da escola ativa; de outra parte, por professores europeus convidados para o ensino da Psicologia e das Artes aplicadas. Entre as primeiras, estão Alda Lodi, Lúcia Casasanta, Amélia de Castro Monteiro, Ignácia Guimarães e Benedita Valadares; entre os últimos, Theodore Simon, de Paris; Leon Walther e sra. Artus Perrelet, de Genebra, professores do Instituto J. J. Rousseau; Helena Antipoff, assessora de Claparède, em Genebra, e Jeanne Milde, da Academia de Belas Artes de Bruxelas (MACIEL, 2001, p. 82).

Os resultados dos testes psicológicos de Antipoff subsidiavam o trabalho metodológico de Casasanta.

A pesquisa quantitativa ligada ao processo de aprendizagem teve papel de destaque no decorrer dos anos 30/50, sobretudo porque a homogeneização dos alunos era considerada o fator principal para a facilitação da aprendizagem. O levantamento estatístico dos resultados de testes aplicados às crianças, assim como os resultados de aprovação dos alunos na alfabetização interessavam diretamente às professoras Helena Antipoff e Lúcia Casasanta. Os estudos comparativos dos

³⁶ Criada pelo Decreto n. 8.987, de 22 de fevereiro de 1929, a Escola de Aperfeiçoamento tinha como principal objetivo "*dar aos professores primários uma técnica moderna de ensino, no decorrer de dois anos*". Era um curso pós-médio, destinado a professoras que estavam no exercício do magistério e que, ao final de dois anos, retornariam às suas escolas de origem, como elementos multiplicadores das teorias e metodologias aprendidas no curso. O Secretário Francisco Campos e o Inspetor de Instrução Pública Mário Casasanta, tinham pressa para consolidar seu projeto educacional. Assim, solidificavam as bases da educação com a criação da Escola de Aperfeiçoamento, tendo à frente um corpo docente especializado, cuja formação teórico-prática tinha sua origem nos Estados Unidos e na Europa. (MACIEL, 2001, p. 17).

resultados de alunos, submetidos à aprendizagem pelo método global e por outros métodos davam à professora Casasanta suporte para avançar em sua proposta metodológica, e definir cada vez mais claramente as fases do Método Global de Contos. (MACIEL, 2001, p. 120).

De posse dessas informações a respeito da fundadora da tão famosa “Fazenda do Rosário”, e da relação das educadoras citadas, no mês subsequente à qualificação entramos em contato com a Fundação Helena Antipoff em Ibirité-MG para marcamos uma visita. As servidoras responsáveis pelo Memorial Helena Antipoff foram muito receptivas desde o nosso primeiro contato.

Foram duas viagens à Ibirité em 2018, em busca de documentos, como: Livro de Matrícula, Programa de Ensino, Estrutura e Funcionamento do Curso, Diários, Registro de Notas e Frequências, Fotos, qualquer indício que confirmasse a passagem de Eurides Pereira de Souza por lá e que nos revelasse a trajetória de sua formação. A professora em questão não se lembrava do ano, nem do nome do curso que participou. Muitas indagações a serem respondidas.

Marcamos a primeira visita ao complexo para 19 de outubro de 2018. Convidei a professora Eurides para ir comigo, pesquisadora, pensando que a visita *in loco* abriria o “baú de memórias” da docente. Ela aceitou prontamente e se sentiu feliz em retornar a um lugar que chamou de “melhor curso da minha vida” (SOUZA, 2018).

Saímos de Uberlândia na noite anterior, de transporte rodoviário, e chegamos de manhãzinha em Belo Horizonte. Hospedamo-nos na casa de sua tia Inês, mencionada no 2º capítulo como a parenta que os levou de Araxá para Uberlândia. Inês conhece bem a vida de Eurides (as duas têm idades próximas), por isso foi bom conviver nesse universo.

Após o almoço nos deslocamos para Ibirité e fomos recepcionadas pelas servidoras³⁷ do memorial (Miriam, Simone, Cleusa e Alice). Contamos os objetivos de pesquisa e nossa dificuldade, pois Eurides se lembrava de poucas informações. Em alguns momentos fiquei com dúvidas se essa formação realmente aconteceu. Mas quem trabalha com memórias corre os riscos das lembranças e dos esquecimentos (BOSI, 1998).

³⁷ São servidores estaduais que trabalham na Fundação Helena Antipoff.

O pessoal nos orientou começarmos pela pesquisa aos Diários³⁸, que são na verdade uma espécie de cadernos de memórias das aulas. Por conta de mudanças de prédios, de perda de material, etc., não há uma sequência de diários de todos os anos, de todos os cursos já oferecidos. Nesse sentido, Magalhães (1999, p. 75), afirma:

Com efeito, dada a multiplicação de documentos, ano após ano e dadas as exíguas condições de espaço as instituições tendem a cingir-se ao cumprimento dos prazos legais de conservação. Por outro lado, há cada vez mais documentação conservada em condições precárias, caixas, embrulhos, maços.

Os alunos³⁹ proponentes ao Curso Normal Rural eram selecionados por meio de uma bateria de testes para que fossem escolhidos aqueles alunos que melhor se adaptariam, conforme a sua personalidade, para dirigir um grupo social, por meio de uma participação espontânea dos seus membros. “Essa seleção baseava-se no princípio de que o rendimento dos alunos seria maior quando estes estivessem interessados, considerando que o professor rural, na qualidade de líder, seria um dos responsáveis para fazer emergir esse interesse nos alunos.” (DUARTE, 2017, p. 246).

Após o ingresso na instituição, o cotidiano das normalistas era exigente. Para cada dia da semana, uma normalista era encarregada de fazer suas anotações no caderno, seguindo, de forma geral, as seguintes partes:

Diário do Dia:

Diarista:

Procedência:

Descrição do dia por horário:

- Fatos:

- Pensamentos do Dia:

- Cardápio do Dia:

³⁸ Para mais informações, ler CAMPOS et. al. (2017). **Escrta e leitura de diários na formação de professoras para escolas rurais em Minas Gerais (1948-1974)**. Andrade (2008, p. 110) ressalta que “obrigando as alunas a escrever o que se passava a cada dia, os diários desenvolviam nelas a capacidade de observar o próprio processo de formação”. A proposta da escrita nos cadernos de diários foi pensada por Helena Antipoff no intuito de documentar os trabalhos desenvolvidos na Fazenda do Rosário e comprovar se estava ocorrendo a produção de reflexões sobre o meio, bem como a ação educativa e as técnicas do trabalho escolar, refletindo sobre os trabalhos e diversões para melhor conhecimento da vida rural. (DUARTE, 2017, p. 142).

³⁹ Nas pesquisas analisadas, não encontramos nenhum fator relativo à discussão de gênero. Ora aparece “os alunos”, ora” as alunas”, ou ainda “as normalistas”. Não adentramos este mérito, por não fazer parte dos objetivos da pesquisa.

Campos (2017), ao entrar no cotidiano apresentado pelas alunas, por meio dos diários, constata que a maioria dos serviços de manutenção da Escola Normal Rural era feito pelas alunas:

[...] arrumação dos dormitórios, limpeza do refeitório, limpeza da cozinha, manutenção da horta, do pomar, cuidado com pequenos animais. Havia empregados somente para a execução de trabalhos considerados mais pesados e para a preparação das refeições. A organização da escala de trabalho das alunas era feita quinzenalmente num sistema de rodízio, de modo que todas as alunas realizavam todos os tipos de tarefas. Além das atividades de manutenção da escola e de seus pertences (roupas e calçados), as alunas cumpriam o cronograma diário das aulas das disciplinas regulares do curso normal. Eram previstos horários para repouso e estudos individuais, além do horário livre. (CAMPOS, 2017, p. 870).

De acordo com o pessoal do Memorial Helena Antipoff, os Diários eram a “menina dos olhos”, de tão importantes para ela.

Trata-se do relato diário dos acontecimentos, que ficavam sob a responsabilidade das normalistas, num sistema de rodízio. Esses diários eram lidos em público durante o jantar e corrigidos quanto ao aspecto gramatical por algum professor. Além disso, eram avaliados quanto à exatidão e à extensão da descrição das atividades realizadas. Dessa forma, não se constituem em documentos pessoais das alunas, mas faziam parte da prática pedagógica desenvolvida na escola normal, sobre a qual discutiremos adiante. Os diários foram escritos ao longo dos 25 anos de funcionamento da instituição, estando reunidos em cadernos. (CAMPOS, 2017, p. 866).

Depois de garimparmos todo o material, não encontramos em nenhum dos cadernos a escrita de Eurides Pereira de Souza. A única normalista do Triângulo Mineiro encontrada foi Ione Maria da Silva, do município de Araguari (09/08/67 até o ano de 69). Esse é outro fator que nos intrigou: por que da ausência de pessoas do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba? Seria pela distância, dificuldade no transporte e hospedagem em Ibirité? Falta de recursos? E por que Eurides, de forma solitária, se aventurou a essa formação? “Eu quis ir. Era oferecido, mas não era obrigado. Uai, da prefeitura que estava lá, só eu. Eu não vi ninguém. E na prefeitura tinha monte de professoras nessas condições, de não saber nada de nada, vezes nada. Esse curso foi equivalente ao Magistério.” (SOUZA, 2018, p. 256).

Depois dos Cadernos, foi-nos sugerido apelar para as fotos. Percebemos, nos registros escritos e iconográficos, a importância dada às atividades culturais, como

dança, teatro, música; e o estreitamento com a natureza. Muito trabalho feito em terra, argila e barro.

Como nenhum vestígio da professora Eurides foi encontrado, partimos para a Escola Estadual Sandoval Soares de Azevedo⁴⁰, em busca do arquivo “morto”, o qual poderia conter ao menos o Livro de Matrícula com o nome dela, indicando o nome do curso e o período estudado. Atualmente, a escola faz parte do complexo Fundação Helena Antipoff e, nos anos 50, 60 e 70, alojava as cursistas nos cursos de férias.

⁴⁰ A Escola Normal Rural, criada em 1949 como Curso Normal Regional (Lei 291, de 24/11/1948), visando a formação de professores primários para as áreas rurais, concretizou os elevados ideais da educadora Helena Antipoff em consonância com a política de educação rural da época, representada pelos Senhores Milton Soares Campos, Governador do Estado, Dr. Abgar Renault, Secretário de Estado da Educação, e Dr. Sandoval Soares de Azevedo, então Presidente da Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais, que prestou efetivo apoio às iniciativas educacionais na Fazenda do Rosário.

O Curso Normal Regional, denominado “Sandoval Soares de Azevedo” (Lei nº. 842, de 26/12/1951) em homenagem póstuma ao emérito educador e amigo das obras de Helena Antipoff, passou a denominar-se, mais tarde, “Ginásio Normal Rural Sandoval Soares de Azevedo” (Lei nº. 4.024/61; Decreto nº. 687, de 13/3/1963 e Resolução 32/65 do CEE).

Desde sua criação até a data da Lei 5.692/71, data em que, por força desta lei, se tornou uma Escola de 1º Grau, a Escola recebeu, prioritariamente, candidatos da zona rural, com o objetivo de preparar para o magistério rural o elemento do próprio meio. Para instalação definitiva desta escola, o Governo do Estado adquiriu uma propriedade, no município de Ibirité, na localidade denominada “Pantana”, com uma área de 317.284 m², cujas escrituras foram lavradas em 24/09/1951 e 21/08/1960, no Cartório do 4º Ofício, Belo Horizonte, transcrição sob o número 24.778, folhas 211, Livro 3, registradas no Cartório de Imóveis, em Betim, constituindo, no patrimônio do Estado, o processo nº 529.3.

O “Instituto Superior de Educação Rural” (ISER) teve seu projeto elaborado e aprovado em 1955, sendo Governador do Estado o Dr. Clóvis Salgado e Secretário de Estado da Educação o Dr. Bolívar de Freitas, pelo Decreto nº 4.830, de 12 de dezembro de 1955. Para a implantação da nova instituição, o Estado adquiriu uma gleba de 130.000 m² e a construção do prédio foi realizada com recursos do Fundo Nacional do Ensino Primário, através do Instituto Nacional de Estudo Pedagógicos (INEP), sendo esta área acrescida com a compra de 34.996 m², em 1960.

O ISER foi inaugurado ainda em construção no dia 6 de agosto de 1955, por ser esta data, no calendário da Igreja Ortodoxa, a qual pertencia Helena Antipoff, o dia fecundo da transfiguração de Nossa Senhor Jesus Cristo. Pretendia ela que a obra operasse, nos professores aqui diplomados, uma verdadeira transfiguração que os levasse a traçar novos rumos em seu trabalho na zona rural. Sob o regime de internato, foram realizados muitos cursos de treinamento de professores, de orientadores e supervisores rurais; por ele passaram professores de várias regiões de Minas e de outros estados, que levaram para suas escolas, além de novos conhecimentos pedagógicos, orientação para incutir nos alunos o amor ao cultivo da terra.

Em 25/05/1970, foi promulgada a Lei Estadual nº. 5.446 de 25/05/1970, transformando o ISER em “Fundação Estadual de Educação Rural Helena Antipoff” (FEER). Desde essa data até julho de 1978, funcionou de acordo com a nova dinâmica administrativa, procurando se organizar conforme os objetivos que lhe foram determinados pela referida Lei.

Em 25 de julho de 1974, por força do Decreto nº. 16.358, a Escola foi constituída como “Escola Estadual Sandoval Soares de Azevedo de 1º Grau”, com a integração da Escola Estadual D. Silvério Gomes Pimenta.

A Secretaria de Estado da Educação, empenhada em dar à obra de Helena Antipoff melhor continuidade na execução de seus problemas com vistas à educação do homem rural e à comunidade, resolve transformar a FEER em “Fundação Helena Antipoff”, com a incorporação da Escola Estadual Sandoval Soares de Azevedo ao ISER, de acordo com a Lei 7.303, de 21 de julho de 1978.

Conforme pode ser constatado pelo histórico acima, a Escola Sandoval Soares de Azevedo, ao ser incorporada à Fundação Helena Antipoff, tornou-se uma unidade desta Fundação, conforme descreve o Decreto Estadual nº. 13.568, de 16/04/1971.

Fonte: <<http://fha.mg.gov.br/pagina/fha/escola-sandoval>>. Acesso em: 13 jul. 2019.

A gente tinha aula manhã, tarde e noite. Tinha a aula da manhã, depois saía pro almoço, almoçava, voltava pra sala e de tarde saía pra jantar e voltava à noite pra aula. Então, foi um curso que não foi, assim, de muito tempo, mas que foi de muito tempo por dia. A gente não tinha refresco, não, era puxado. (SOUZA, 2018, p. 256).

Uma pessoa do memorial nos acompanhou até a secretaria da escola citada. Apesar de termos explicado nosso objetivo, não nos foi autorizada a nossa entrada no arquivo e nem disponibilizado um servidor para nos acompanhar. Saímos da fundação de certa forma frustradas: como provar a passagem de Eurides nesta instituição? De que forma se tornou professora normalista?

Retornamos no dia seguinte para Uberlândia, com mais inquietações do que quando fomos. Mas como duvidar da seguinte narrativa, na qual Eurides conta com detalhes as idas e vindas a Belo Horizonte?

Foi mais de ano, bem mais de ano, porque eu ia nas férias do meio do ano de junho, ia nas férias do fim de ano, era assim. Nesse tempo, nem a tia Inês não morava em Belo Horizonte ainda, eu ficava na casa de uma tal de Anita. Essa mulher já morou aqui em casa quando ela casou. [...] Eu pegava ônibus, ia pra lá nos finais de semana, passava na casa dela, e o resto da semana toda lá no colégio, que era igual o Colégio Agrícola, afastado, assim, da cidade. (SOUZA, p. 2018, p. 256).

Nesse sentido, perguntada sobre sua atuação após a formação no Magistério, no que tange a planejamento, metodologia e avaliação, Eurides não fala de detalhes de sua ação pedagógica, mas volta a afirmar que seguiu as orientações recebidas. “Depois que eu fiz esse curso, eu já passei a seguir os esquemas, tudo do jeito que foi orientado lá. O curso melhor que eu tive na minha vida, que aquilo lá merecia ser gravado pra passar pros outros que ainda não fez curso nenhum, pras pessoas alertar e procurar enquanto é tempo.” (SOUZA, 2018, p. 256).

Sob orientação da professora Dra. Sônia Maria dos Santos, retornei à casa de Eurides em busca de mais pistas. Não existe um arquivo da sua trajetória acadêmica, nem profissional, mas desta vez encontramos mais fotos e duas, em especial: Eurides em frente à Fundação Helena Antipoff e uma foto com diploma (Figuras 19 e 20).

Figura 19 - Eurides em frente à Fundação Helena Antipoff (anos 70)



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

O nome inscrito na placa da instituição, “Fundação Estadual de Educação Rural”, nos dá pistas do período em que Eurides estudou, pois Duarte (2017) nos informa que: “Em 1970, o ISER foi transformado em Fundação Estadual de Educação Rural (FEER) e dedicou-se à formação de especialistas de ensino primário e professores primários para a zona rural, passando em 1978, após a morte de Helena Antipoff, a denominar-se Fundação Helena Antipoff (FHA).” (DUARTE, 2017, p. 20).

Mas como nos certificar se essa foto realmente é com o diploma do Magistério?

A próxima foto (Figura 21) nos revela a mesma roupa, no anfiteatro da Fundação Helena Antipoff. A inclinação do anfiteatro é a mesma. Eurides é a segunda a se assentar do lado esquerdo, ao lado do corredor.

Figura 20 - Eurides com diploma de Magistério



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

Figura 21 - Entrega de Diplomas da Fundação Helena Antipoff (sem data)



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

Diante desses indícios revelados pelas fontes iconográficas, mas sem a cópia do certificado e com a seguinte afirmação: “Passei a ganhar o cem por cento, porque antes era sessenta por cento, quando eu entreguei esse diploma lá, que equivaleu ao Magistério, aí eu já passei a receber o normal.” (SOUZA, 2018, p.257), a professora orientadora Sônia nos sugeriu ir ao acervo da prefeitura e procurar por sua pasta funcional.

De acordo com a Área Administrativa de Recursos Humanos, a professora Eurides teria que autorizar a retirada e a cópia da pasta na Prefeitura Municipal de Uberlândia. Mais uma vez, temos o privilégio de a docente pesquisada participar da garimpagem de fontes complementares.

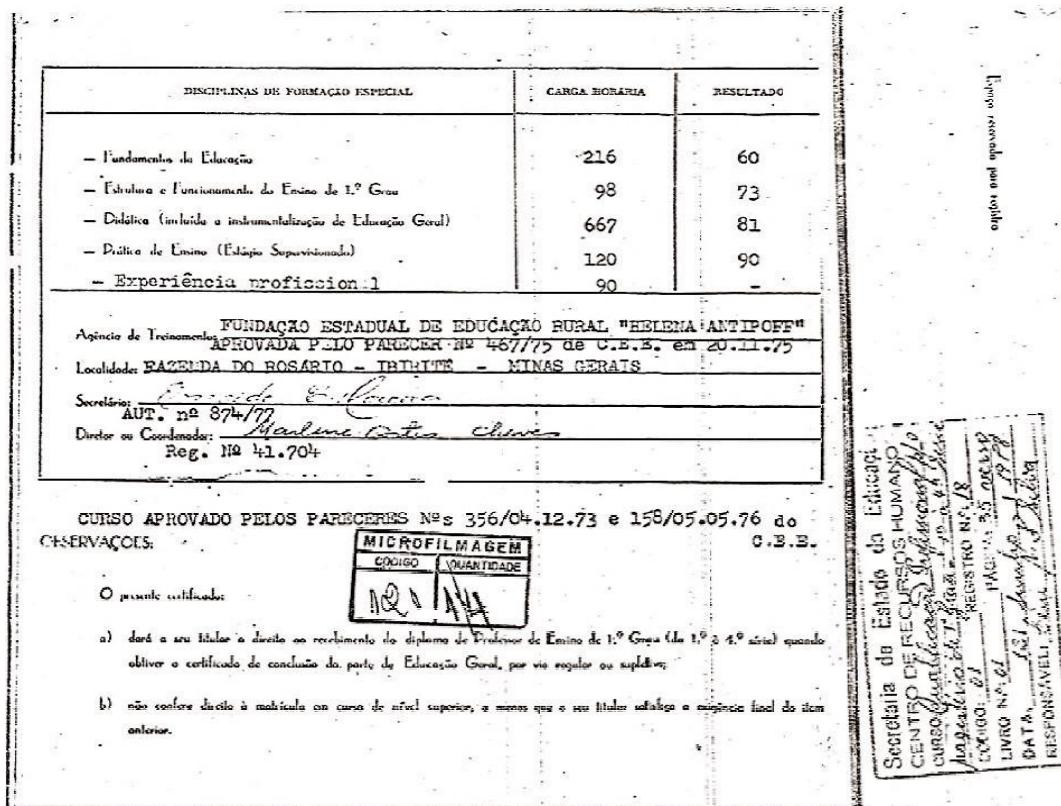
Fomos bem recepcionados pela citada Área Administrativa de Recursos Humanos e um servidor nos foi disponibilizado para acompanhar a apreciação e a cópia do material selecionado. Trataremos, em subtópico à parte, da trajetória docente da professora na Secretaria Municipal de Educação em seu ciclo profissional, mas adiantamos neste capítulo, nas Figuras 22 e 23, o grande achado:

Figura 22 - Frente do “Certificado de Conclusão do Curso de Qualificação Profissional, nível de 2º Grau, para o Magistério de 1ª à 4ª Séries de 1º Grau”



Fonte: Pasta funcional de Eurides Pereira de Souza.

Figura 23 - Verso do “Certificado de Conclusão do Curso de Qualificação Profissional, nível de 2º Grau, para o Magistério de 1ª à 4ª Séries de 1º Grau”



Fonte: Pasta funcional de Eurides Pereira de Souza.

Em relação ao currículo formativo da professora Eurides, as únicas pistas são relativas às disciplinas registradas no verso de seu diploma: Fundamentos da Educação; Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º Grau; Didática (incluída a instrumentalização de Educação Geral); Prática de Ensino; Experiência Profissional.

Logo após encontrarmos este material na Área Administrativa de Recursos Humanos, a Sra. Miriam, do Memorial da Fundação Helena Antipoff, nos convida (pesquisadora e professora Eurides) para um encontro, em dezembro de 2018, de ex-alunos da instituição. Motivo de alegria, por nossa pesquisa ter despertado no pessoal daquele lugar o interesse em possibilitar mais informações/formações para nossos estudos. Segundo a Sra. Miriam, a presença de uma ex-professora (Elza Moura – professora aposentada com idade centenária), poderia alavancar lembranças em Eurides, ou alguém reconhecê-la.

Esse encontro caracterizou nossa segunda visita a Ibirité. Partimos na noite do dia 10 de dezembro, novamente de transporte rodoviário, chegando pela manhã em Belo Horizonte, (não há linha rodoviária, nem aérea direta de Uberlândia a Ibirité) e nos hospedamos em um hotel próximo à rodoviária, para melhorar nossa logística de

transportes. Após o café da manhã, nos dirigimos à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) para conhecermos o Acervo Helena Antipoff, na Biblioteca Central da Universidade.

A legislação e os documentos administrativos de caráter oficial/institucional possibilitaram compreender as prescrições curriculares, os programas dos cursos, os fluxos de docentes e discentes, caracterizando um ambiente escolar idealizado. Esses documentos estão localizados principalmente no acervo do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA), situado na Universidade Federal de Minas Gerais, e no acervo do Memorial, localizado na Fundação Helena Antipoff, em Ibirité, Minas Gerais. (CAMPOS et. al., 2017, p. 865).

O contato com a professora Dra. Regina Helena (UFMG) possibilitou-nos a informação desse acervo, assim como um artigo seu e material fruto de duas pesquisas de suas orientandas, que versam sobre o assunto a respeito da obra de Helena Antipoff⁴¹.

Fomos recebidas por uma bolsista da FAe (Faculdade de Educação), Lanna, na recepção da Biblioteca Central, a qual nos levou ao Acervo Helena Antipoff, organizado pelo grupo de pesquisas e bolsistas da professora Dra. Regina Helena. É um acervo vasto e organizado. Debruçamo-nos nas pastas relativas ao Ensino Rural. Não encontramos nenhuma citação relacionada ao nome da professora Eurides Pereira de Souza, mas nos deparamos com algumas reportagens dos cursos de férias para professoras leigas, como retrata a imagem da Figura 24.

Temos a hipótese de Eurides ter participado desse projeto, sendo certificada da forma já citada anteriormente: “Certificado de Conclusão do Curso de Qualificação Profissional, nível de 2º Grau, para o Magistério de 1ª à 4ª Séries de 1º Grau”.

De todo o material levantado, o recorte foi o único indício do curso citado.

Encontramos mais três categorias de documentos: *Jornal Mensageiro Rural*: orientações a respeito dos Símbolos Nacionais e Fichamento: Promessas dos Cursos Rurais.

⁴¹ DUARTE, Adriana Otoni Silva Antunes. **Psicologia na formação de professores** – interligação entre teoria e prática nos cursos da Fazenda do Rosário (1948 - 1974). (Tese de Doutorado), UFMG, 2017.

CASSEMIRO, Maria de Fátima Pio. **Formação de professores para a Educação Especial:** a experiência de Helena Antipoff e seus colaboradores na Fazenda do Rosário na década de 1960. (Tese de Doutorado), UFMG, 2018.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas; JINZENJI, Mônica Yumi; LUZ, Iza Rodrigues da. Escrita e leitura de diários na formação de professoras para escolas rurais em Minas Gerais (1948-1974). **Revista Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 863-878, jul./set., 2017.

Figura 24 - Recorte de reportagem sobre Curso de Habilitação de Professores leigos em nível de 1º e 2º graus

nelle:

A — Crear uma ESCOLA GRANJA. Esta Escola terá por fim ministrar ensinamento agro-industriais e habilitar adolescentes, de ambos os sexos, para profissões produtivas, no ramo agrícola e nas indústrias derivadas deste.

Visa a Escola-Granja o amparo mais eficiente à infância, que dificilmente

descanso, e garantir o bem-estar do lar familiar e o ambiente necessário para a educação normal das crianças.

As sugestões ora apresentadas devem ser cuidadosamente estudadas, sob seus múltiplos aspectos, moraes e materiais, por uma Comissão especialmente eleita pela Assembléia.

Ruaide e outras que caracterizaram os primeiros seis anos de sua existência.

Esperamos que sempre os terá e que não faltarão energias para levar aadeante todos os projectos que a Assembléia julgar interessante e úteis aos fins desta Sociedade.

Professores Mineiros não titulados voltam a estudar

O Projeto de Habilitação de Professores leigos em nível de 1.º e 2.º graus tem a finalidade de qualificar devidamente o professor e dar-lhe estabilidade no magistério, uma exigência primordial para o alcance dos objetivos e das metas da Fundação Nacional, consubstanciadas na Lei 5692.

O Curso de Preparação para Exames Supletivos que tem a orientação da Secretaria de Estado da Educação habilitará professores para o exercício do magistério de 1.ª a 4.ª séries de 1.º grau.

Foi iniciado em 3 de julho de 1972 nos Centros de Treinamentos de Conselheiro Mata, Leopoldina, Fazenda do Rosário, Porteirinha, Teófilo Otoni e Viçosa.

Está sendo ministrado em 3 períodos anuais, em regime de tempo integral, intercalados de períodos regulares de trabalho na regência de classe, durante os quais o professor realiza um programa de estudos supervisionado.

Um grupo de professores do Colégio Champanhat integra o corpo docente dos Cursos da Fazenda do Rosário.

A LEI 5092 ATUALIZA PROFESSORAS PRIMÁRIAS

No período de 24 a 29 de setembro p.p., foi realizado na FEER, sob a coordenação da Secretaria de Estado de Educação o CURSO DE MEDIDA

PREPARATÓRIA PARA ESPECIALISTAS RESPONSAVEIS PELOS CURSOS NOS MUNICÍPIOS, da área da implantação da Reforma de Ensino, para professoras e coordenadoras dos referidos cursos.

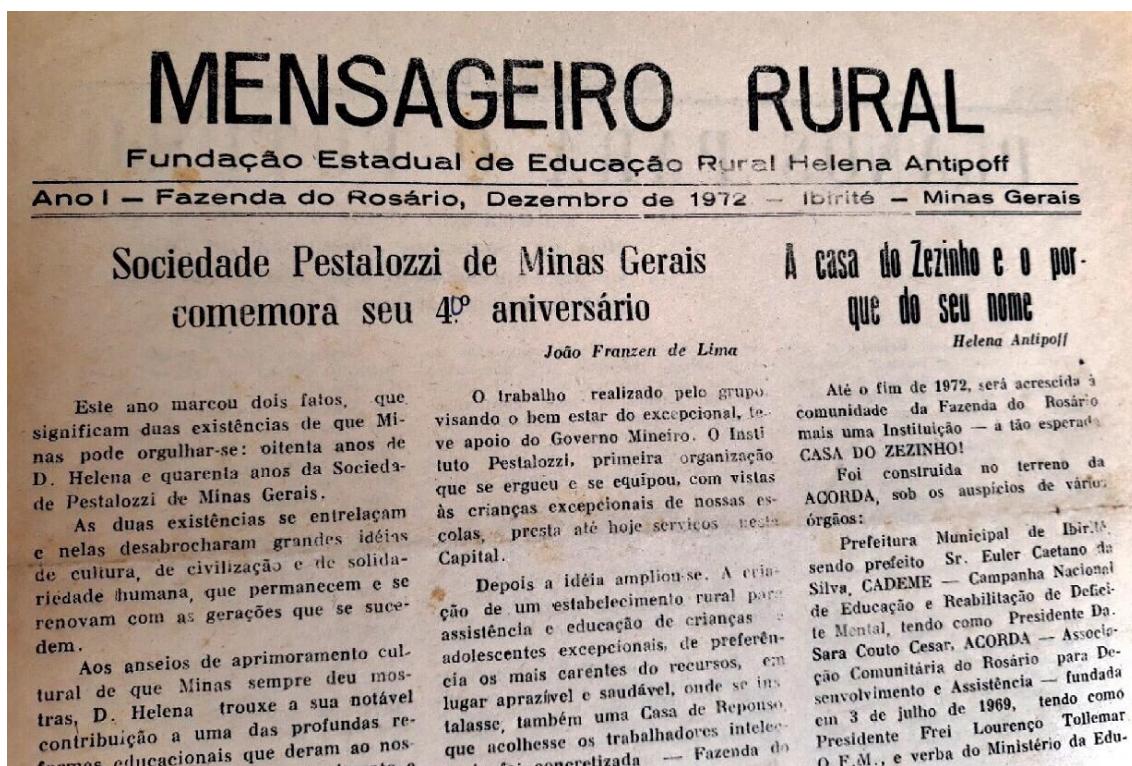
A indicação dos professores alunos foi feita através das Delegacias de Ensino.

As aulas, em regime de tempo intensivo, foram ministradas pelo corpo técnico da DAP — Divisão de Aperfeiçoamento do Professor, do Centro Regional de Pesquisas Educacionais João Pinheiro.

No término do Curso, D. Helena Antipoff leu para as professoras presentes sua mensagem apelo focalizando o Projeto Círcula, que visa o BEM Doado.

Fonte: Acervo Helena Antipoff.

Figura 25 - Recorte do Jornal Mensageiro Rural



Fonte: Acervo Helena Antipoff.

Desde o início do projeto de doutoramento não pensamos trabalhar com a fonte “imprensa”, embora reconheçamos seu valor. Mas nesta busca final nos deparamos com este material valiosíssimo nomeado *Mensageiro Rural*, do Acervo Helena Antipoff (Figura 25), e o revelamos para o público acadêmico, com vistas a futuras pesquisas, pois não contempla nosso objetivo de estudo. A estudiosa Ana Maria de Almeida Camargo realizou importantes reflexões acerca da utilização da imprensa como fonte para o trabalho do pesquisador, pois

O jornal, principalmente quando formativo, é um tipo de documento que dá aos historiadores a medida mais aproximada da consciência que os homens têm de sua época e de seus problemas; mesmo quando informativo, não está livre de manifestações críticas e opinativas, e omissões deliberativas [...] A imprensa como um meio de expressão das mais diferentes tendências reivindicatórias apresenta os problemas como foram vistos e sentidos pelos participantes – coloridos, portanto, pela própria vivência da situação. (CAMARGO, 1975, p. 49).

Figura 26 - Datas cívicas, sociais e religiosas

dificações, foi a letra ajustada à música de Francisco Manuel da Silva pelo mestre Alberto Nepomuceno.

Francisco Manuel da Silva, compositor brasileiro, professor do Conservatório, sua grande glória é autor do Hino Nacional. Nasceu e morreu no Rio de Janeiro, onde viveu (1795-1865).

Joaquim Osório Duque Estrada, nascido no Estado do Rio de Janeiro, em 1870, faleceu em 1927. Bacharel em Letras pelo Colégio Pedro II, foi professor, jornalista, crítico literário e pertenceu à Academia Brasileira de Letras. Em 1905, escreveu o belíssimo poema que só foi oficializado pelo governo em 1922, como letra do Hino Nacional Brasileiro.

O Uso do Hino Nacional

A Constituição Brasileira, no seu capítulo II, dá competência à União de legislar sobre o uso dos Símbolos Nacionais. Decretos e leis foram sancionados baseando normas a respeito dos Símbolos Nacionais.

Entre eles comentaremos a Lei nº 5700, de 1º de setembro de 1971, sancionada pelo Presidente da República, que dispõe sobre a forma e a apresentação dos Símbolos Nacionais.

Em seu artigo 25, a citada Lei determina que será o Hino Nacional executado:

- I — Em continência, a Bandeira Nacional, ao Presidente da República, ao Congresso Nacional e ao Supremo Tribunal Federal, quando incorporados; e nos de mais casos expressamente determinados pelos regulamentos de continência ou cerimônias de cortesia internacional.
- II — Na ocasião do hasteamento da Bandeira, previsto no parágrafo único do art. 14.
- § 1º — A execução será instrumental ou vocal de acordo com o ceremonial em cada caso.
- § 2º — É vedada a execução do Hino Nacional, em continência, por dois casos previstos no presente artigo.
- § 3º — Será facultada a execução do Hino Nacional na abertura de sessões civicas nas cerimônias religiosas a que se associe sentido patriótico, no início ou no encerramento das transmissões diárias das emissoras de rádio e televisão bem assim para exprimir repúgio público em ocasiões festivas.
- § 4º — Nas cerimônias em que se tenha de executar um Hino Nacional estrangeiro, este deve por cortesia, preceder o Hino Nacional Brasileiro.
- Durante a execução do Hino Nacional, todos devem tomar atitude de respeito, de pé e em silêncio, os civis do sexo masculino com a cabeça descoberta e os militares, em continência, segundo o regulamento das respectivas corporações.
- O ensino do canto e interpretação da letra do Hino Nacional é obrigatório em todos os estabelecimentos de ensino, públicos ou particulares do 1º e 2º graus.

Fonte: Acervo Helena Antipoff.

Com a Figura 26, realizamos o registro desta página do *Jornal Mensageiro Rural*, datado de 1979, pois nos chamou muito atenção a ênfase dada a este tema, “Símbolos Nacionais”, já que o País se encontra no auge da Ditadura Militar.

Tomando como base seu diploma (1978), Eurides não participava mais das formações na Fundação Helena Antipoff, mas, de acordo com a Figura 27, ela ministra em sua turma o ensino sobre os Símbolos Nacionais:

Bencostta (2006), afirma que a imprensa forneceu elementos retóricos que fortaleciam os fundamentos cívicos doutrinários que tinham como objetivo mostrar os desfiles como manifestações de patriotismo. Se por um lado, a imprensa tinha um profundo envolvimento na construção de mitos de nacionalidade, por outro, atendia aos propósitos das autoridades de ensino. A foto abaixo traz no quadro como título: “Símbolos nacionais”.

Figura 27 - Ensino dos Símbolos Nacionais



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

O próximo item, categorizado por nós como: “Promessa dos Cursos Rurais”, nos aponta diretrizes a serem trabalhadas nos próximos cursos com as professoras rurais. Faremos a análise deste item no próximo subtópico, por se relacionar diretamente à formação ministrada na Fundação.

Terminamos a pesquisa nos documentos do acervo no final da tarde e a saga continuaria no próximo dia, na Fundação Helena Antipoff, no encontro de ex-alunos. Partimos na manhã do dia 12 para o complexo, antes da comemoração, pois ainda tínhamos a esperança de encontrar, no arquivo “morto” da Escola Estadual Sandoval Soares de Azevedo, um Livro de Matrícula que contivesse algum registro da professora Eurides.

Nós já havíamos entrado em contato por telefone, no início do mês de dezembro, para agendar uma nova visita. Dessa vez, a chefia da secretaria escolar cedeu uma assistente para nos acompanhar. Conseguimos visualizar todas as pastas referentes ao Curso Normal Rural, de 1948 a 1971. Ninguém da fundação soube onde os documentos de anos posteriores poderiam estar. Dessa forma, seguimos adiante, para o encontro da ex-alunas no anfiteatro, próximo ao Memorial Helena Antipoff.

Um encontro recheado de saudosismo, de alegria, de memória. Conhecemos pessoalmente a professora Dra. Regina Helena e suas ex-orientandas, Adriana e Fátima. Conhecemos também a professora Elza de Moura, professora de música aposentada mais idosa, ainda viva.

A fundação é um lugar onde paira a presença marcante da educadora e psicóloga Helena Antipoff, por onde formos e com quem formos.

Figura 28 - Estátua de Helena Antipoff nos jardins de sua fundação



Fonte: <<http://montedehistoria.blogspot.com/2017/10/blog-post.html>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

Sua presença também marcou um dos mais consagrados poetas do Brasil, Carlos Drummond de Andrade, que faz homenagem póstuma a Helena, com o seguinte poema:

A casa de Helena

Carlos Drummond de Andrade

Russa translúcida de sorriso tímido
 (assim a contemplo na retrovisão da lembrança)
 Helena 1929 enfrenta os poderes burocráticos.
 Suavemente,
 instaura em Minas o seu sonho-reflexão.

Moças normalistas rodeiam Helena.
 Traz um sinal novo para gente nova.
 Ensina
 a ver diferente a criança,
 a descobrir na criança
 uma luz recoberta por cinzas e costumes,

e nas mais carentes e solitárias revela
o princípio de vida ansioso de sol.

Helena é talvez uma fada eslava
que estudou psicologia
para não fazer encantamentos; só para viajar
o território da infância e ir mapeando
suas ilhas, cavernas, florestas labirínticas,
de onde, na escuridão, desfere o pássaro
— surpresa —
melodia jamais ouvida antes.

Helena reúne
os que não se conformem com a vida estagnada
e com os mandamentos da educação de mármore.
Leva com eles para o campo
uma ideia-sentimento
que faz liga com as árvores
as águas
os ventos
os animais
o espaço ilimitado de esperança.

Fazenda do Rosário: a fazendeira
alma de Minas se renova
em graça e amor, sem juros.
Amor ciente de seus fins
de liberdade e de criação.
E essa pastora magra, quase um sopro,
uma folha talvez (ou uma centelha
que não se apaga nunca?) vai pensando
outras formas de abrir, no chão pedrento,
o caminho de paz para o futuro.

Helena sonha o mundo de amanhã,
mundo recuado sempre, mas factível
e em mínimas sementes concentrado:
estes garotos pensativos,
esse outro ali, inquieto, a modelar
engenharias espaciais com mão canhota,
aquele mais além, que se revolta
procurando a si mesmo, e não se encontra
no quadro bitolado dos contentes.
Viajantes sem pouso

no albergue corriqueiro,
Helena os chama e diz: Vou ajudá-los.

Não presidente, não ministro,
aos 80 anos dirige um mundo-em-ser.
A casa de Helena é a casa daqui a 20 anos,
de aqui a 50, ao incontável.
É uma casa pousada em nós, em nosso sangue.
Podemos torná-la real: o risco de Helena
fica estampado na consciência.
E quando Helena 1974 se cala
na aparência mortal,
seu risco viçoso e alegre e delicado perdura,
lição de Helena Antipoff mineira universal.

Helena deixou uma vasta obra. De todos os escritos, o *Totem* se revelou uma marca de suas produções. Ele está gravado na estátua apresentada na Figura 28, em livros e jornais de sua época. De acordo com o site de busca Wikipédia, “Totem significa qualquer objeto, animal ou planta que seja cultuado como um símbolo ou ancestral de uma coletividade”⁴².

TOTEM

Helena Antipoff (1968)

Desta Mãe-Terra filho nativo
reto, robusto, sempre a crescer
palmas flexíveis
chamando a gente vir e ficar.

Cachos frutuosos
cocos gostosos
para a criança
comer e brincar,
no Rosário,
neste Rosário que a todos acolhe,
multiplicando as obras
e bem espalhando.

Olhe agora a flecha no alto,

⁴² Fonte: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Totem>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

eternamente nova,
vertical,
que lança mensagens aos homens
aos austrais universos,
confiantes no Pai nosso
e de todos os mortos e vivos.

3.3 Apontamentos sobre a formação em Ibirité

Toda a discussão colocada nos aponta a formação recebida pela professora Eurides na Fundação Helena Antipoff. São apenas indícios, porque não tivemos a oportunidade de abstrair, das narrativas, detalhes da formação, como: metodologia, planejamento, avaliação, conteúdos trabalhados, entre outros. Também não conseguimos ter em mãos documentos referentes ao curso que a certificou: “Certificado de Conclusão do Curso de Qualificação Profissional, nível de 2º Grau, para o Magistério de 1ª à 4ª Séries de 1º Grau”.

Para tanto, utilizamos pesquisas recentes realizadas sobre os Cursos Normais Rurais: Duarte (2017) e Campos et. al. (2017), no período de 1948 a 1974. Acreditamos que, embora Helena não estivesse mais presente na gestão pedagógica (morreu em 1974) e os cursos regulares tenham acabado, os cursos ofertados posteriormente se basearam no currículo dos cursos regulares, de forma sucinta, por serem cursos de férias.

As instituições e seus respectivos cursos existentes no Complexo Educacional Rural da Fazenda do Rosário possuíam um currículo e práticas pedagógicas concebidos segundo as ideias propostas da Escola Nova, preocupando-se com a preparação para o trabalho e adaptação ao meio. A partir de suas instituições, a Fazenda do Rosário tornou-se uma “escola modelo para a educação de excepcionais que mais tarde incluiu, também a preparação de professores rurais.” (CAMPOS, 2003b, p. 150).

Por influência de sua formação psicológica, do seu *metié* de convivência na Europa e dos princípios escolanovistas, Helena Antipoff compõe o Curso Normal baseada nos grandes expoentes psicoeducacionais da época, como: Claparède, Rousseau, Piaget, Dewey e Freinet.

Helena Antipoff, por sua formação, reúne influências das duas tendências acima identificadas. Como aluna de Claparède e como uma das primeiras educadoras a atuar na Maison des Petits (escola

experimental anexa ao Instituto Rousseau), conheceu em profundidade as propostas da educação funcional e da escola ativa. Claparède propunha o que ele chamava de revolução copernicana, na educação, inspirada nas ideias de Rousseau: a escola deveria ser centrada no educando, em seus interesses e necessidades de desenvolvimento. Por outro lado, Antipoff conhecia muito bem as propostas de Dewey (a escola-comunidade) e de Freinet (a escola popular democrática). Mais que isso, compartilhava com Jean Piaget a ideia de que a educação deveria enfatizar o autogoverno e a cooperação, no sentido de educar sujeitos comprometidos e aptos a atuar em uma sociedade democrática. (PARRAT-DAYAN; TRYPHON, 1998, p. 876).

O grande princípio formativo era influenciado pela Escola Nova: a aprendizagem pela experiência, o uso de materiais concretos, imagens; papel ativo do aluno na aprendizagem.

A aprendizagem pela experiência, um dos pilares da Escola Nova, está no cerne da proposta pedagógica do Ginásio Normal. Essa proposta alinhava-se com os princípios do método intuitivo, baseado nas propostas pedagógicas de Froebel e Pestalozzi e que foi introduzido no Brasil, em fins do século XIX, nas escolas primárias. Afinado ao movimento escolanovista de crítica ao excessivo verbalismo na educação, tal método introduz a inovação no uso de objetos, materiais concretos e imagens, que façam com que a aprendizagem se torne ativa, baseada na observação e na ação. (VALDEMARIN, 1998 apud CAMPOS et. al., 2017, p. 872).

Nesse sentido, quando Campos et. al. (2017) cita um relato das cursistas de uma viagem pelo Rio São Francisco, para que as alunas sentissem as coisas estudadas, remetemo-nos às práticas pedagógicas de Eurides. A professora também realizava tais ações, levando seus alunos a experenciar a cidade: para conhecer teatro, ir ao cinema, visitar museus, realizar viagens históricas, entre outros. Quando Eurides não levava os alunos, trazia para a escola as fotos e filmagens de viagens para eles conhecerem os lugares visitados por ela. Trazemos essa afirmação abalizada na experiência da pesquisadora em ser ex-aluna da professora em questão.

Outro fazer pedagógico inovador para a zona rural, possivelmente concebido na formação apreendida por Eurides, era o trabalho com rótulos e embalagens de produtos usados pelos alunos, para alfabetizá-los.

Em todo o material pesquisado e por suas narrativas, destacamos que a formação do Magistério alcançada por Eurides sofreu mais influências no trato com a criança, na concepção de infância, no zelo com o lugar, e menos com questões metodológicas referentes à alfabetização. Isso se justifica no seu ensino silábico.

Ao ser indagada sobre como alfabetizava os alunos, ela se remete à soletração:

Naquele tempo usava bater o alfabeto. Era a primeira coisa que fazia, bater o alfabeto: “A, b, c, d... tan, tan,tan, tan”, cantava isso direto. Era desse jeito, mas, como eu te falei, no início não tinha orientação, não tinha nada, porque eu ficava procurando desse jeito. Depois que fiz o curso já clareou mais um pouco. A gente já ficou mais entusiasmada. Porque facilitou muito, mas mesmo assim a gente começava com o alfabeto. (SOUZA, 2018, p. 258).

Conforme Maciel (2001, p. 94), o método de soletração⁴³ foi rejeitado em favor do método silábico, desde a Reforma João Pinheiro, no início do século XX.

No que diz respeito à aprendizagem da leitura e da escrita, a Reforma João Pinheiro, em determinava que os professores deveriam *abolir em absoluto o método de soletração* em favor do método silábico. *O método de soletração*, também conhecido como *o método do be-a-bá*, muito utilizado no Brasil, já era criticado desde o século XVII, na Didática Magna, de Comênio.

Posteriormente, o método sintético silábico foi inserido:

Silábico foi mais pra frente um pouquinho. Primeiro houve aquele batido pra eles aprenderem as letras. Depois das letras, que foi indo mais devagar sobre as sílabas. Tinha uma ordem, por exemplo, cada letra tinha sua família. A gente estudava aquela família da letra tal. Era desse jeito. (SOUZA, 2018, p. 258).

Novamente, a narrativa da professora Eurides vai na contramão das orientações do Estado, pois, desde os anos 30, o Estado de Minas propunha uma nova fase no processo de alfabetização das crianças, "decretando" o fim do uso das cartilhas de marcha sintética, ou seja, os silabários e/ou o método silábico.

⁴³Apesar das aparências, existem na realidade apenas dois métodos de leitura. Ambos procuram fazer compreender à criança a existência de uma certa correspondência entre os símbolos da língua escrita e os sons da língua falada; mas, para tal, um desses métodos principia pelo estudo dos sinais (letras), ou pelo dos sons elementares; o outro, ao contrário, procura obter o mesmo resultado colocando a criança em face de nossa linguagem escrita, tão complexa quanto se possa apresentar. O primeiro método é geralmente conhecido só pelo nome de ‘método sintético’, em razão do trabalho psicológico que ele pede à criança para um ato de leitura. Quando aprende a ler cada letra, a criança deve, com efeito, condensar essas diferentes leituras em uma leitura única, a qual, geralmente, para cada grupo particular dessas letras, é diferente de sua leitura isolada. Quando a criança souber ler **m** e **a**, deve, com essas duas letras, formar **ma**. Trata-se, pois, de uma operação de síntese. O outro método parte dos próprios agrupamentos; parte das palavras. Chamar-se-á ‘analítico’, quando se quiser lembrar o trabalho psicológico que se pede à criança para aprender, desse todo, as denominações de suas partes ou as sonoridades de suas sílabas. Designar-se-á mesma maneira de fazer sob o nome de ‘método global’, se se quer lembrar somente sua origem: pôr a criança em presença de frases e de palavras, tais como nós as lemos. (MACIEL, 2001, p. 105). Simon, Theodore, apud Fonseca, Anita. **Manual da Lili**. Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1942, p. 22.

Francisco Campos, ao decretar o uso do método analítico, estava, de certa forma, legalizando uma metodologia que já era utilizada por muitos professores. As cartilhas *Primeira Leitura para crianças*, de Artur Joviano, e *Cartilha Analítica*, de Arnaldo Barreto, são consideradas por seus autores como manuais representativos dos métodos analíticos, isto é, partem do princípio de que a aprendizagem da leitura ocorre do todo para as partes, ou seja, iniciam as lições com as sentenças, que posteriormente se decompõem em palavras, sílabas, até se chegar aos fonemas, orientação metodológica oposta à que o método sintético propõe. (MACIEL, 2001, p. 71).

Os cursos para formação de professoras normais rurais da Fundação Helena Antipoff estavam em consonância com as orientações de Lúcia Casasanta (MACIEL, 2001), no que tange à metodologia da alfabetização: o uso do *Método Global de Contos*. A marca do curso, conforme uma narrativa extraída por Duarte (2017),

Nossa, o ensino marcou mesmo viu. Olha eu levei o pré livro que não existia. O pré livro eram os Três Porquinhos. Quando eu cheguei na escola, eles não usavam os Três Porquinhos, o pré livro e eu aprendi muito com a professora de Didática a usar o pré livro. Cada um tinha o seu pré livro e era utilizado para colar no caderno. A gente destacava, você podia destacar as folhas e pregava no caderno dos meninos. A gente pregava cada folha, cada dia a gente entregava uma folha. Os meninos não podiam ver o livro. Era uma surpresa. Eu tive até muita dificuldade de introduzir, porque a mãe falava que eu estava estragando o livro do menino. Mas foi um custo, mas com muita dedicação eu consegui. (D.M.S., 30/06/16). (DUARTE, 2017, p. 255).

Por conta do exposto e em virtude de a Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia estar subordinada à 40^a Superintendência Regional de Ensino do estado de Minas Gerais, deve acatar suas orientações. Presumimos, assim, que a metodologia utilizada pela professora Eurides se pautava em um modelo “artesanal”⁴⁴, ou seja, de formação na prática. Segundo Villela (2005), a permanência do modelo artesanal de formação de professores poderia ter sido uma das razões da fragilização da manutenção das Escolas Normais no século XIX.

Dessa forma, podemos questionar: a prática pedagógica da professora Eurides exprimia a formação da Escola Normal Rural?

⁴⁴ Villela (2005). Do Artesanato à Profissão. Representações sobre a institucionalização da formação docente no século XIX. In: STEPHANOU, Maria & BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.) **Histórias e memórias da educação no Brasil**, vol. II: século XIX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

Teríamos duas respostas: uma negativa, quando tratamos sobre o método de ensino⁴⁵; e uma resposta positiva, quanto à formação a respeito de democracia, coletividade, acesso à cultura, liderança rural (referência na comunidade).

Duarte (2017) acredita que, aliada à metodologia proposta pelo psicólogo russo Alexandre Lasoursky (1874-1917) sobre a experimentação natural, Helena Antipoff também utilizava a metodologia da Educação Ativa de Genebra, onde a atividade era sempre suscitada por uma necessidade ou um interesse dos alunos e pelo Modelo Piagetiano de Educação. Com tantas influências de teóricos da Psicologia da Educação, entendemos a razão do peso maior dessa disciplina e de toda gestão pedagógica se voltar para essa área de estudo.

Obviamente, ao longo da sua trajetória profissional, enquanto docente, Eurides também recebeu outras formações, como as oferecidas pela Secretaria Municipal de Educação, construindo assim, sua rede de saberes.

Inclusive a gente recebia uma apostila da supervisora. Mandavam uma apostila e na apostila estava tudo esquematizado. A gente seguia aquela apostila da supervisora, a matéria do bimestre. Então vinha tudo esquematizado na apostila, que até cego dava conta de dar aula daquele jeito. E de um jeito melhor, porque aprendemos a ampliar. Mais do que aquele batente que a gente tinha pra trás. (SOUZA, 2018, p. 258).

Assim como menciona Tardif (2007), os saberes docentes estão enraizados na história de vida e na experiência do ofício de professor, o que os torna atores competentes e sujeitos ativos. A prática dos professores é “um espaço prático específico de produção, de transformação e de mobilização de saberes e, portanto, de teorias, de conhecimentos e de saber-fazer específicos ao ofício de professor.” (TARDIF, 2007, p. 234).

⁴⁵ Os cursos do Complexo Educacional Rural da Fazenda do Rosário baseavam-se em um ensino no qual os alunos seriam levados a aprender observando, pesquisando, perguntando, trabalhando, construindo, pensando e resolvendo situações problemáticas que fossem apresentadas. Para tanto, a metodologia proposta nesses cursos pautava-se nas pesquisas realizadas pelo psicólogo russo Alexandre Lasoursky (1874-1917) sobre a experimentação natural. A partir do método de experimentação natural, Antipoff utilizava os dados de observação para avaliar as tendências e para poder saber o que fazer nas situações que apareciam no ensino realizado Complexo Educacional Rural da Fazenda do Rosário, por meio de situações realizadas em grupo. Considerava que esse método deveria ser aplicado nas escolas pelos professores, na tentativa de tornar o trabalho docente mais interessante e mais fecundo, porque, dessa forma, o ensino de todos os dias serviria para a instrução do próprio professor sobre seus alunos. O objetivo em utilizar essa metodologia era a organização de um ambiente educativo que permitisse o florescimento da democracia, ao mesmo tempo em que prevalecesse o respeito à liberdade e autonomia de educandos e educadores. (DUARTE, 2017, p. 85-86).

O tempo também é um fator que contribui para modelar a prática docente, pois é somente após um certo tempo da vida profissional “que o Eu pessoal vai se transformando pouco a pouco, em contato com o universo do trabalho, e se torna um Eu profissional.” (TARDIF, 2007, p. 108). Esse seria um tempo de travessia da formação artesanal para a formação profissional.

Assim como demonstram as narrativas da professora Eurides, os saberes produzidos pelos professores sustentam-se em suas experiências de vida, sua história profissional e suas relações com os alunos e outros profissionais com os quais tiveram contato nas escolas por onde passaram. Dessa forma, o professor carrega as marcas de sua própria atividade, caracterizada por sua atuação profissional, que se modifica com o passar do tempo.

Após termos discutido a formação acadêmico-institucional da professora Eurides Pereira de Souza pela Fundação Helena Antipoff, dando o licenciamento da condição de professora leiga para normalista, compreendemos a trajetória formativa na vida da docente.

Os apontamentos dispensados demonstram as apropriações escolanovistas e a continuação da formação artesanal, ou melhor, dos saberes das experiências, não colocados no *status* acadêmico, relativos à metodologia de alfabetização, condizente com a teoria da Escola Nova.

CAPÍTULO IV - CARREIRA DOCENTE E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DA PROFESSORA EURIDES PEREIRA DE SOUZA

Agora não consigo esquecer.
És responsável também por isso.

Pensei que seria fácil
sair e não voltar mais.
Ir sem olhar para trás.

Seguir o caminho
e esquecer o vivido,
ou simplesmente
lembrar só com carinho.

Sirlei Rodrigues Rosa

Como relatado no capítulo anterior, sob orientação da professora Dra. Sônia Maria dos Santos, ousamos ir em busca da certificação da professora Eurides, na Área Administrativa de Recursos Humanos da Prefeitura Municipal de Uberlândia, já que não havíamos encontrado nenhum dado comprobatório na Fundação Helena Antipoff relativo ao curso de Magistério narrado pela professora. Considerando que uma fonte leva à outra, a procura pelo diploma de normalista nos rendeu o acesso a um material rico de informações relativos à sua carreira profissional.

Nesse sentido, pretendemos discutir neste capítulo a abordagem teórica a respeito dos saberes docentes e construção de identidades, o ciclo profissional e a carreira docente percorrida pela professora Eurides, por meio dos documentos encontrados na Área Administrativa de Recursos Humanos da Prefeitura Municipal de Uberlândia.

4.1 Saberes docentes e construção de identidades

Nóvoa, em sua obra *Vida de Professores* (1992), nos aponta que as narrativas sobre a história de vida dos professores devem articular o individual e o coletivo, bem como o macro e o micro, o plural e o singular, o uno e o diverso. O sociólogo francês Claude Dubar (1997) enfatiza a identidade humana como construção a um só tempo individual e coletiva, associada ao processo de intervenção dos indivíduos sobre si

mesmos e a diversos fatores externos, entre eles as visões de mundo construídas socialmente, de acordo com a cultura em que vivem.

No mesmo sentido, Tardif (2012) estabelece que o saber docente é socialmente construído, pois é partilhado por um grupo de professores no contexto escolar. Dessa forma os saberes assumem o vínculo entre o individual e o coletivo, pois passam pelos aspectos pessoais, mas, no contexto escolar, tornam-se sociais. O autor categoriza o saber docente como sendo “plural, formado pela amalgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais.” (TARDIF, 2012, p. 36).

Esses saberes, em suma, são os mobilizados durante a atuação do professor. Durante o fazer docente, o professor mobiliza todos esses saberes, os quais são compostos por diferentes elementos que o sujeito, professor, vai construindo ao longo de sua trajetória histórica. Como descrito por Tardif (2012, p. 33), “o saber docente se compõe, na verdade, de vários saberes provenientes de diferentes fontes”. As principais fontes de aquisição dos saberes, segundo o autor, são: a família; a escola primária e secundária; as instituições superiores de formação de professores; os programas de formação continuada na escola; e os saberes construídos pela experiência prática em sala de aula.

A edificação da identidade docente é resultado de uma variedade de processos de socialização. Abrange experiências e saberes construídos ao longo da trajetória, sendo os saberes dos docentes um dos aspectos da identidade profissional (PIMENTA, 2007). Os saberes dos professores são plurais e heterogêneos, estão inscritos no tempo relacionado aos contextos de atuação desses profissionais, as suas histórias de vida, e são provenientes de diferentes fontes pessoais e sociais (TARDIF & LESSARD, 2011).

Considerando a natureza social e individual dos saberes, o autor apresenta uma tipologia dos saberes docentes, quais sejam: da formação profissional, disciplinares, curriculares e experienciais. Os primeiros são transmitidos pelas instituições de formação de professores, são cientificamente legítimos, baseados na ciência e na erudição, nos conhecimentos das ciências humanas e da ciência da educação. Saberes disciplinares são provenientes de diversos campos de conhecimento – História, Matemática, etc. O terceiro grupo corresponde aos programas escolares que os professores devem desenvolver em sua prática. O quarto tipo de saberes surge e se manifesta na prática, bem como é por ela validado.

No Quadro 1, demonstramos o que autor entende que seja cada um dos saberes citados:

Quadro 1 - Classificação dos saberes docentes de acordo com Tardif (2002)

SABER	DEFINIÇÃO
<u>Saberes da formação profissional</u>	Conjunto de saberes que, baseados nas ciências e na erudição, são transmitidos aos professores durante o processo de formação inicial e/ou continuada. Também se constituem no conjunto dos saberes da formação profissional os conhecimentos pedagógicos relacionados a técnicas e métodos de ensino (saber-fazer), legitimados cientificamente e igualmente transmitidos aos professores ao longo do seu processo de formação.
<u>Saberes disciplinares</u>	São os saberes reconhecidos e identificados como pertencentes aos diferentes campos do conhecimento (linguagem, ciências exatas, ciências humanas, ciências biológicas, etc.). Esses saberes, produzidos e acumulados pela sociedade ao longo da história da humanidade, são administrados pela comunidade científica e o acesso a eles deve ser possibilitado por meio das instituições educacionais.
<u>Saberes curriculares</u>	São conhecimentos relacionados à forma como as instituições educacionais fazem a gestão dos conhecimentos socialmente produzidos e que devem ser transmitidos aos estudantes (saberes disciplinares). Apresentam-se, concretamente, sob a forma de programas escolares (objetivos, conteúdos, métodos) que os professores devem aprender e aplicar.
<u>Saberes experienciais</u>	São os saberes que resultam do próprio exercício da atividade profissional dos professores. Esses saberes são produzidos pelos docentes por meio da vivência de situações específicas relacionadas ao espaço da escola e às relações estabelecidas com alunos e colegas de profissão. Nesse sentido, “incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de habitus e de habilidades, de saber-fazer e de saber ser.” (TARDIFF, 2004, p. 38).

Fonte: Tardif (2002).

Segundo Dominicé (1990) apud Növoa (1995), é importante conceder à vida dos professores uma atenção especial: devolver à experiência o lugar que merece na aprendizagem dos conhecimentos necessários à existência (pessoal, social e profissional) passa pela constatação de que o sujeito constrói o seu saber ativamente ao longo do seu percurso de vida.

Trata-se de trazer a experiência de vida dos professores e mobilizá-la na produção de saberes docentes, pois os saberes são construídos ativamente ao longo de

seu percurso de vida, desenvolvendo uma formação dinâmica que permita compreender a globalidade do sujeito. Ouvir as vozes desse percurso de formação e relacioná-las com a construção da identidade profissional e com os saberes produzidos na docência.

As experiências fazem parte do processo de formação docente. Nóvoa (1995, p. 16) denomina esse processo de identitário. O processo identitário se sustenta por três elementos os quais o autor denomina “Três AAA: A de Adesão, A de Ação e A de Autoconsciência”. A Adesão consiste na necessidade de o professor aderir a princípios, valores, projetos, investindo na potencialidade da criança. Toda ação docente é permeada ora mais, ora menos pela adesão.

O segundo elemento é a Ação. Ela faz parte das escolhas do professor, de seus modos de agir, quais decisões tomar diante de um assunto ou problema. Trata-se de como saber lidar com as experiências de sucesso ou fracasso, ciente de que elas “marcam a nossa postura pedagógica, fazendo-nos sentir bem ou mal com esta ou com aquela maneira de trabalhar na sala de aula.” (NÓVOA, 1995, p. 16). Aos poucos cada professor vai se identificando com as maneiras de trabalhar.

O terceiro elemento que contribui para o processo identitário do professor é a Autoconsciência. Ela é relativa à análise de sua ação. É a dimensão que analisa as decisões, as mudanças. Nóvoa (1995) trata do processo identitário por entender que este se encontra numa dimensão de lutas e conflitos, e porque este “vai realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira como cada um se sente e se diz professor.” (NÓVOA, 1995, p. 16). Dito de outro modo, são as formas como cada um se sente professor. O processo identitário da profissão passa também pela capacidade do professor de exercer com autonomia seu ofício, pelo sentimento de que controla o seu trabalho. “A maneira como cada um ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino.” (NÓVOA, 1995, p. 17), ou seja, o professor ensina também, um pouco daquilo que é. O autor, mais à frente, continua explicitando que o professor está sempre face a face do eu pessoal e do eu profissional, ao ser e ensinar. “Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem que fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar.” (NÓVOA, 1995, p. 17). O professor é uma pessoa e é impossível separar, deixar os acontecimentos de sua vida pessoal do lado de fora da sala de aula. Como se no momento da aula o professor se revestisse de uma máscara do conhecimento, para ensinar. E ao sair desse ambiente, voltasse a ser a sua pessoa: “não é possível separar o eu pessoal do eu profissional.” (NÓVOA, 1992, p. 7).

Dar voz aos professores pelo relato de sua história de vida implica considerar seu percurso pessoal na construção de sentidos para a docência. Nesse processo de reflexão sobre seu percurso de vida, o indivíduo manifesta sua subjetividade e interpreta suas ações no plano individual e no coletivo, na busca de significados para construção de sua identidade profissional. A maneira como o docente constrói a sua imagem profissional está presente na definição de suas ações com os alunos, de suas relações no cotidiano do trabalho e do desenvolvimento de suas atividades pedagógicas.

A construção identitária subsidiará a maneira como o homem se coloca perante o mundo e diante das relações de trabalho (Gatti, 1996). Destarte, a forma como Eurides exerceu o magistério evidencia a composição de sua identidade docente, revelando os saberes construídos ao longo da sua carreira.

Para Nóvoa (1992), a formação docente pode desempenhar um papel importante da identidade profissional da categoria, estimulando a cultura profissional no seio dos professores; e de uma cultura organizacional, no seio das escolas. Para tanto, as formações não podem deixar de lado três dimensões: desenvolvimento pessoal, desenvolvimento profissional e desenvolvimento organizacional.

A primeira dimensão (produzir a vida do professor) – desenvolvimento pessoal, refere-se ao investimento pessoal, ao trabalho livre e criativo sobre nossos próprios projetos. Lembrar-nos de que uma parte importante de nós é o professor (não separamos a pessoa do profissional).

Temos que investir em nós mesmos e valorizar o saber da nossa experiência, pois “A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal.” (NÓVOA, 1992, p. 25).

O desenvolvimento profissional constitui uma segunda dimensão. Nesta, a centralidade é produzir a profissão docente, passarmos de uma condição individual para práticas de formação coletivas, contribuindo para a emancipação profissional e “para a consolidação de uma profissão que é autônoma na produção dos seus saberes e os seus valores.” (NÓVOA, 1992, p. 27).

A terceira e última dimensão – desenvolvimento organizacional (produzir a escola), refere-se à formação de professores integrada. “O desafio consiste em conceber a escola como um ambiente educativo, onde trabalhar e formar não sejam actividades distintas. A formação deve ser encarada como um processo permanente, integrado no

dia a dia dos professores e das escolas, e não como uma função que intervém à margem dos projectos profissionais e organizacionais.” (NÓVOA, 1992, p. 30).

Nesse sentido, a análise das narrativas da professora Eurides não aborda as dimensões dos desenvolvimentos pregadas por Nóvoa (1992). No âmbito pessoal, a docente viveu na e para a escola, trabalhando com dobra de período, morando nas casas da comunidade. Mesmo quando o transporte para cidade era disponível, chegava muito tarde e saía de madrugada, novamente.

O desenvolvimento profissional sempre foi pautado sob regras e orientações advindas da secretaria ou de “chefes” imediatos. Não construiu seus saberes de forma autônoma. No próximo capítulo entenderemos melhor essa questão pelo contexto político em que Eurides iniciou sua carreira: Ditadura Militar.

Por fim, o desenvolvimento organizacional também foi comprometido. Não há relatos de formação no espaço escolar. Eurides valorizou os cursos externos que fez no início da sua carreira.

4.2 As fases do ciclo de vida profissional

A epígrafe deste capítulo traduz bem as narrativas de Eurides, quando ela finda seu ciclo profissional com a aposentadoria: “esquecer o vivido, ou simplesmente lembrar só com carinho”. O encontro da sua pasta funcional nos possibilitou traçar parte de sua trajetória profissional, numa perspectiva mais burocrática. Pudemos, assim, verificar a omissão proposital ou não nas narrativas de Eurides, da quantidade de pedidos de contagem de tempo, da dificuldade em obter direitos como os quinquênios e, principalmente, de se aposentar somente com um cargo, tendo trabalhado todo o tempo com dobra de período. As políticas públicas da Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia e do Instituto de Previdência Municipal de Uberlândia - IPREMU não reconheceram o tempo dobrado dispensado pela professora na Educação Municipal, alegando a sua não contribuição previdenciária para o cargo em dobra.

Nesse sentido, buscamos autores que discorressem sobre o assunto em pauta. Segundo Godtsfriedt (2015), vários pesquisadores têm se debruçado a estudar os ciclos de vida profissional, por serem importantes fontes de informações sobre a prática profissional docente. Nesta pesquisa utilizamos os documentos da pasta funcional e as narrativas, não para estudar as práticas, mas revelar o ciclo profissional e a carreira de uma História de Vida – considerando que vida e profissão se atrelam durante o exercício profissional.

Os expoentes neste campo de pesquisa, Tardif (2000) e Huberman (2000), concebem a carreira docente como um processo de socialização e incorporação na atividade profissional, de modo a apresentar variações de acordo com o tempo e a função a ser desempenhada. Para Tardif (2000) a carreira é uma prática e rotina institucionalizada no campo do trabalho, identificada com o processo de socialização profissional. Huberman (2000) destaca que a carreira é marcada por vários acontecimentos que se tornam marcantes na trajetória do docente.

Segundo Huberman (2000), ao longo da trajetória profissional docente, os professores vivenciam o “Ciclo de vida profissional docente”, organizado em fases que expressam como é a inserção do professor na carreira, seus medos, suas dúvidas, suas angústias e seus questionamentos que marcam essa etapa. O decorrer desse ciclo é marcado por fases que evidenciam a distância entre os ideais e as realidades que surgem, o sentimento de liberação e pertença, a sensação de rotina e a motivação elevada. E o encerramento desse ciclo é marcado por sentimentos como serenidade, conformismo e menos sensibilidade à avaliação dos outros.

Para melhor entendimento, a seguir descrevemos as fases do Ciclo de Vida Profissional Docente, conforme Huberman (2000):

- Entrada na carreira – Exploração – Descoberta (1-3 anos de carreira):
 Huberman (2000) classifica esta fase como sobrevivência, descoberta e exploração. A sobrevivência se dá entremeio ao choque com o real (confronto inicial com a complexidade profissional), envolvendo as preocupações consigo mesmo, os desencontros entre os ideais e as realidades e o enfrentamento de outras dificuldades do contexto escolar. Já a descoberta traduz o entusiasmo do início de carreira, as experimentações e a exaltação pela responsabilidade assumida, por constituir parte de um corpo profissional. Soma-se a esses aspectos a exploração, que pode ser fácil ou problemática, sendo limitada, portanto, por questões de ordem institucional.

Nessa fase, Eurides passa por duas condições extremas: a primeira, por ter vivido o seu pior ano (primeiro ano de magistério):

Como eu disse, o primeiro ano como professora foi o pior ano da minha vida nas escolas rurais, porque não tinha assistência de nada, apoio de nada, conforto de nada, vezes nada. Contando que eu não tinha experiência, então, se eles me colocaram lá nessa situação, teriam que dar uma assistência maior. (SOUZA, 2018, p. 254).

E a segunda, por ter conseguido passar no concurso e ser nomeada na escola recém-construída: Escola Municipal Saudade.

Fiquei entre os dez primeiros lugares. Pra quem era atrasada, era um “trem” do outro mundo. O Renato deu a chance de nós trabalharmos dentro da prefeitura. Ele falou que as dez primeiras colocadas, se quisesse vir procurar o serviço dentro da Secretaria de Educação, podia ir. E eu já tinha invocado tanto com as escolas rurais, que eu não quis ir. [...]. Era iniciante e já tinha gostado. Falei: “Não, eu vou ficar é nas escolas rurais”. (SOUZA, 2018, p. 247).

- Fase de estabilização (4-6 anos): essa fase caracteriza-se como o estágio de consolidação pedagógica, de sentimento de competência crescente e segurança. Ocorre o comprometimento com a carreira docente e aumenta a preocupação com os objetivos didáticos. Considera-se, ainda, como a fase de libertação ou emancipação, em que se acentua o grau de liberdade profissional (HUBERMAN, 2000).

No momento de estabilização, Eurides continua atuando na Escola Municipal Saudade, com turmas multisserieadas.

[As crianças] já entrava na primeira série, sem o menino saber nada. O menino entrava sem base. Aí, ‘cê tinha que ficar dando a base pro menino ali, junto com a primeira série. Você tinha que fazer os dois trabalhos com a sala. O curso que eu fiz para o concurso me ajudou muito. (SOUZA, 2018, p. 247).

A fase de estabilização coincidiu com o período de gestão do prefeito Renato de Freitas. No segundo capítulo deste estudo, descortinamos o valor atribuído a ele, pela imprensa e por Eurides. Outro fato marcante foi uma visita do prefeito no Dia dos Professores:

Todo ano, Dia das Professoras, eles mandavam a perua ir lá levar umas flores, um raminho de flor, outra hora era umas balas, outra hora era uns bombons, cada ano mandava uma coisa. Os motoristas iam de escola em escola levando presentes pelo Dia das Professoras. Eu sei que, quando chegou o Dia das Professoras no governo do Renato de Freitas, a Corália, que era a secretaria de Educação [...], falou: “Eurides, põe uma marca lá na virada da Saudade que hoje vai ter uma surpresa lá”. Nesse dia eu tinha ido na secretaria na parte da manhã buscar algumas coisas pra escola e ela, então, me avisou. Não deu dica nenhuma do que era. Eu pensei assim: “No máximo é que eles vão mandar os motoristas levar os cartãozinhos pras professoras”. Nem esquentei a cabeça. Fiquei numa boa e fui. Quando eu cheguei lá, pus

a marca lá no mata-burro, quando vira pra Saudade, um “trem” branco amarrado. Não foi nada, não, e nesse dia os meninos da escola já tinham preparado a festa do Dia dos Professores. Cada um levou um pratinho e fizeram aquela mesa cumpriida, naquele salão de fora, e puseram forro bem arrumado, puseram flor demais em cima da mesa e encheu de quitanda que a meninada levaram. Menina, quando eu ‘tô lá, que eu cheguei e que eu vi que os meninos já tinham adiantado a festa e tudo, eu fui acabar de coordenar pra eles, dar os “finalmentes” e começar a festa. Quando eu ‘tô lá, assim, e o vitrô ficava assim, do meu lado, quando eu ‘tô lá na frente falando com os meninos, que eu olho assim, que meu olho atravessou, eu vejo na minha frente o carro do prefeito. A festa ia ser demais! [...] Ela [Corália] quis preparar surpresa e ela foi com ele. Ela foi com o prefeito! Ela gostou tanto de mim que logo no início ela fez isso na minha escola. Foi ela e o prefeito, quando eu bati o olho na janela, que eu vi, que eu conheci o carrinho dele, sabe, que eu bati o olho, que eu vi que era o carro do prefeito, falei: “Jesus, me acode!”. (SOUZA, 2018, p. 248).

- Fase de diversificação ou questionamentos (7-25 anos): nessa ocasião o professor encontra-se num estágio de experimentação e diversificação, de motivação, de buscas de desafios. Experimenta novas práticas e diversifica métodos de ensino, tornando-se mais crítico. Pode se caracterizar, também, como uma fase de questionamentos, gerando uma crise, seja pela monotonia do cotidiano da sala de aula, seja por um desencanto causado por fracassos em suas experiências ou por reformas estruturais. O professor faz um exame do que será feito de sua vida frente aos objetivos e ideais estabelecidos inicialmente; reflete tanto sobre continuar no mesmo percurso, como sobre as incertezas de uma possível mudança (HUBERMAN, 2000).

Eurides experimenta essa fase de diversificação quando, na segunda gestão do prefeito Renato de Freitas (1973 a 1977), a secretaria de Educação, Corália, convida-a para trabalhar no setor do lanche:

Teve uma época que eu fui trabalhar no setor do lanche porque lá era dos três governos: estadual, federal, municipal. Por esses todos que eram mantido esse lugar, então, todos tinham que colaborar para organização do lugar. Então a Prefeitura me cedeu pra ir ser a supervisora do lanche. Uma supervisora pro lanche municipal e tinha outra que era supervisora estadual. (SOUZA, 2018, p. 249).

Nesse novo lugar, Eurides passou por conflitos, os quais evidenciaram o desprezo do rural em detrimento do urbano⁴⁶:

⁴⁶ Assis & Lima (2019).

Eram coisas que eu queria para as escolas rurais, que ela não queria dar [a chefe]. Ela queria dar as coisas só pra escolas estaduais, por quê? Porque era aqui na cidade, aparecia na televisão: ia acontecer um fato em tal escola, a televisão corria pra lá, aí ela fazia sucesso, ela aparecia, ela gostava era disso. Às vezes eu tinha que resolver problemas do lanche, também. (SOUZA, 2018, p. 250).

Para resolver os problemas com o lanche, Eurides lançava mão de táticas⁴⁷, como “contar” para a secretária da Educação o ocorrido:

Deixa comigo! Ficava pior pra ela, porque, quando eu via que eu num dava conta, eu pensava assim: “A Corália, eu vou nela”. Aí eu ia na Corália: “Quem foi?”. Foi igual eu te falei. Quem podia com a mulher naquele tempo antigo? Eram poucas as mulheres que eram formadas em Direito e essas coisas. Ela tinha o Direito e tinha a Pedagogia. Quem pode derrubar uma mulher dessas? Aí, a Corália: “Eurides, marca uma reunião com ela pra mim. Tal horas, depois do expediente, eu vou me reunir com a Valdereza”. Na reunião, ela disse: “Cadê a verba que a Prefeitura dá aqui?”. (SOUZA, 2018, p. 251).

A falta de compromisso de outros servidores deixava Eurides espantada:

O meu sistema com a mulher lá foi só ficando ruim e cada vez pior. Só pra você ver o tanto que eu trabalhei lá, que quando eu cheguei tinha um quartinho, quase do tamanho desse aqui, estava cheinho de brinquedo, de cima até embaixo. Esses brinquedos era pra ter sido distribuído no Natal, passado para as crianças rurais. Cadê a dona que trabalhava no meu lugar, que tinha obrigação de fazer isso? Então, um “trem” que ficava mais custoso um pouquinho, porque têm certas pessoas que querem fazer só o fácil, aí, se ficasse mais difícil um pouquinho, elas já deixavam. Eu sei que ela ficou lá pouco tempo, num instantinho essa moça saiu e ela deixou o quarto cheinho de brinquedo de cima até embaixo, assim. Cheinho de brinquedo, num distribuiu de preguiça de organizar. Porque dava trabalho, porque eu tinha que ir na escola e eu fazia a lista de alunos na faixa dos cinco anos, dos seis anos, sete anos, que eu ia distribuir, distribuir aqueles brinquedos de acordo com as idades. Ia dar trabalho. As outras supervisoras da Educação eram todas do mesmo jeito, comigo. (SOUZA, 2018, p. 251).

São reveladas nas narrativas da docente, graves denúncias de desperdícios de alimentos e a não oferta de lanches para os alunos:

⁴⁷ Certeau (2003), ao analisar o consumo pela perspectiva do consumidor, identificou que a recepção pelos sujeitos das imagens e mensagens veiculadas pela mídia nem sempre ocorre de maneira passiva, pois, ao não estarem inteiramente presos à estrutura dos ‘grupos fortes’, para cada estratégia dominante os *grupos fracos* criam meios de agir, de consumir e de produzir táticas.

Muitas desperdiçavam e deixavam o lanche acabar antes da hora prevista. Deixavam acabar porque, às vezes, por exemplo, ia fazer um mingau e punha muito açúcar – o açúcar num instantinho acabava. Então, tudo você tinha que saber controlar. Então, muitas professoras não faziam esse papel. No fim, eu que ficava investigando o que que elas fizeram de lanche, investigava com os meninos, tudo. Eu anotava, mas isso era obrigação das professoras que tinha que fazer todo mês, não sei, não lembro se era mês ou se era bimestre. O que que tinha em preencher essa folha do lanche e mandar pra lá? Eu fiz muito pra elas. (SOUZA, 2018, p. 253).

Ainda pior era o redirecionamento do lanche para funcionários de fazenda, cuja proprietária era a professora: “Tem coisa grave, em algumas escolas, tinham professoras moradoras da região que pegavam o lanche e levavam para casa pra fazer para os peões da fazenda. E as crianças ficavam sem comida” (SOUZA, 2018, p, 253). Diante dessa situação, qual foi a tática de Eurides? Sempre que questionada sobre seus conflitos, ela afirma que preferia sair da situação: “Eu fiquei lá, acho que eu fiquei quase três anos, depois eu cansei, que eu falei: não mereço!” (SOUZA, 2018, p. 253).

- Momento de serenidade e distanciamento afetivo e/ou de conservadorismo e lamentações (25-35 anos): de acordo com HUBERMAN (2000), nesta ocasião o professor começa a lamentar o período passado caracterizado pelo ativismo, pela força e pelo envolvimento em desafios. Mas, em contrapartida, evoca uma grande serenidade em sala de aula, certo conformismo com sua prática e se aceita como é. Tem-se um distanciamento afetivo para com os alunos, que pode se dar ou pelo distanciamento gerado pelos alunos com relação aos professores mais velhos, ou, numa análise sociológica, pode resultar da pertença de professores e alunos a gerações diferentes, dificultando o diálogo e o envolvimento entre ambos. A fase de serenidade pode se deslocar para uma fase de conservadorismo, em que os professores se tornam mais resistentes às inovações e às mudanças e é enfatizada uma nostalgia do passado.

O trabalho com memórias (THOMPSON, 1992) tende evocar narrativas nostálgicas do depoente, como se o passado sempre fosse melhor que o presente vivido, mas o “baú de memórias” também traz alegrias e desalentos. Os 31 anos de magistério da professora Eurides também trouxeram essas marcas.

Há de se notar que, sempre que possível, a professora pesquisada fazia questão de exaltar as figuras do ex-prefeito (Renato de Freitas) e da ex-secretária de Educação (Corália). Eurides conta que, já aposentada, vai à uma cerimônia de “Ação e Graças” de

formatura de uma prima, na Catedral de Uberlândia, quando é surpreendida por uma homenagem pública de forma espontânea:

Depois que ela saiu da Educação, eu a encontrei só uma vez, e têm muitos anos. Fui numa formatura de uma prima, filha da tia Nina. A cerimônia foi na igreja da Santa Terezinha. Quando eu ‘tô lá na igreja Santa Terezinha, quem eu vejo? A Corália! [Risos]. Merecia uma foto, essa cena. O povo estava saindo, cercado de gente ao redor dela, e ela me apontava pra pessoas: “Gente, essa aqui é a melhor professora do município, a melhor do município!”. E quase morri de vergonha. Não esperava aquilo. Eu não sabia nem o que falar, de tão boba que eu fiquei: “Melhor professora do município...” – porque ela via o que eu fazia e reconhecia [...] Eu nunca fiz nada por bajulação, eu fazia o que eu achava que devia fazer, era meu jeito. Eu não sabia passar o Dia da Criança sem eu fazer nada. Sem comemorar com alguma coisa. Fiz muita coisa, às vezes, assim, que eu nem contava pra ninguém. Não queria me engrandecer. Fazia caladinha: “Tchu, tchu tchu, e pronto”. Então, a pessoa, se não tiver aquele dom, ‘tiver só pensando no dinheiro que vai ganhar, pode largar. (SOUZA, 2018, p. 259).

Após a narrativa acima, questionamos a professora se ela recebeu homenagens formais ao longo da sua carreira ou na aposentadoria.

Nos meus 25 anos fui homenageada na Saudade. Nos 30 anos de carreira recebi homenagens na Escola Olhos D’Água e, no outro ano, fui homenageada na minha aposentadoria. Deixa eu ver, homenagem... Outra, já no final da carreira: eu estava na Escola Municipal Olhos D’Água e montei a biblioteca de lá. Depois, eles colocaram o meu nome nela. Foi assim: eu estava na eventualidade, e me deu aquela ideia de eu montar uma biblioteca lá. Peguei as prateleiras. Tinha as prateleiras que era das professoras utilizar na sala de aula pra poder colocar material e essas estavam todas jogadas, foram abandonadas lá no Olho D’água. Aí, eu queria montar a biblioteca, mas tinha pouco recurso. Aí eu pensei assim: “Ai, meu Deus do céu! Eu vou ter que fazer milagre aqui, mas a biblioteca sai!”. E fui procurando uma coisa, procurando outra, “quando é fé” eu achei essas prateleiras abandonadas. Pronto, eu achei o que eu precisava. [Risos]. (SOUZA, 2018, p. 276).

A montagem da biblioteca na Escola Municipal Olhos D’Água foi a materialização final de sua carreira. Mas, Eurides foi impedida de usufruir por mais tempo sua obra, por conta de problemas de saúde, o que acarretou seu pedido de aposentadoria: “Eu gostava muito dali. Se não fosse a garganta ficar ruim, era capaz que eu não tinha pedido pra aposentar.” (SOUZA, 2018, p. 286).

Atualmente, o adoecimento docente é importante temática de pesquisas no Brasil, principalmente no campo da Psicologia Escolar. As investigações têm se pautado

nas relações precárias de trabalho docente, baseadas nos estudos de Ricardo Antunes (2009; 2010); Bastos (2009); Bernardo (2014), entre outros.

4.3 A Carreira docente de Eurides Pereira de Souza

Mediante a contextualização da trajetória docente da professora Eurides nos ciclos profissionais apontados por Huberman (2000), discorreremos em torno de sua carreira, de posse dos documentos acessados.

Nesse sentido, recorremos à pasta funcional da professora Eurides na Prefeitura Municipal de Uberlândia. O contato com a Área Administrativa de Recursos Humanos foi fácil, assim como a liberação para acesso e a disponibilização de um servidor para nos acompanhar nas cópias da pasta. Posteriormente, a responsável por esses materiais nos chamou para entregar parte do material que havia sido microfilmado, em forma de cópia. Pelo volume, temos a impressão de não ter sido entregue a totalidade, ora por arquivamento indevido, ora por perdas de material, de acordo com a servidora.

Pautamo-nos em Huberman (2000) para entender o conceito de carreira: consiste em estudar o percurso de uma “pessoa numa organização e bem assim de compreender como as características dessa pessoa exercem influência sobre a organização e são, ao mesmo tempo, influenciadas por ela.” (HUBERMAN, 2000, p. 38). Tanto em sua pesquisa, quanto na nossa, especificamos o estudo da carreira docente.

De posse dos documentos, organizamo-los em nove grupos, a saber: **Formação;** **Progressão;** **Financeiro** (pedidos de retroativos e adicionais); **Contagem de tempo** (para licença de férias-prêmio; para aposentadoria e para um concurso do Estado de MG); **Férias;** **Licenças-Prêmio;** **Atestados** (saúde e óbito do pai); **Aposentadoria;** **Diversos** (apólice de seguro).

- **Formação:** ficamos surpresos com o primeiro grupo, pois, apesar de a professora Eurides narrar os diversos cursos que frequentou, somente foi protocolado na PMU o “Certificado de Conclusão do Curso de Qualificação Profissional, nível de 2º Grau, para o Magistério de 1^a à 4^a Séries de 1º Grau”, realizado na Fundação Estadual de Educação Rural Helena Antipoff, na Fazenda do Rosário – Ibirité – MG. Este fato retrataria o não incentivo à formação docente, por não se expressar na carreira? Porque Eurides não guardou os certificados, inclusive o citado acima, o qual foi encontrado somente na pasta funcional, que deu a ela a permissão de passar do cargo de professora leiga (IS-L) para professora normalista (IS-N)?

Encontrar este documento, o “Certificado de Conclusão do Curso de Qualificação Profissional, nível de 2º Grau, para o Magistério de 1ª à 4ª Séries de 1º Grau” (Figuras 22 e 23), ratifica toda a narrativa voltada para o curso realizado em Ibirité. Destacamos toda essa jornada de formação no capítulo anterior, por considerá-la essencial na sua formação pedagógica.

- Progressão: o grupo denominado “Progressão” contém o registro individual de funcionário, decretos e portarias que dispõem sobre sua progressão. Em todos os documentos em que se solicitou a cor⁴⁸ do servidor, registrou-se “branca”, apesar de a professora ser “parda”. Em entrevista, ela não se lembra se foi ela quem disse o nome da cor, ou se registraram assim. Será como a Eurides se via? E como os outros servidores e a comunidade escolar a viam? Branca, negra ou parda? Poderíamos confrontar com o registro de outras professoras, se esse fosse o objetivo da pesquisa.

A professora Eurides Pereira de Souza ingressou na forma de contrato (servidora assalariada, conforme registro) na Secretaria Municipal de Educação, no dia 1º de maio de 1966. Foi nomeada professora municipal, por ter sido aprovada em exame de suficiência, em 12 de março de 1968 (Figura 29), no governo do prefeito Renato de Freitas, gestor tão aclamado nas narrativas.

Figura 29 - Documento da nomeação de Eurides como professora municipal (1968)

⁴⁸ Apesar das indagações, não é nosso objetivo de pesquisa investigar questões de gênero, nem de raça.

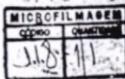
PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA
cópia

O Prefeito do Município de Uberlândia, usando das atribuições que lhe confere o Art.77, n.XII, da Lei Estadual nº28, de 22 de novembro de 1947, modificada pela Lei nº 855, de 26 de dezembro de 1951, resolve, nomear interinamente EURIDES PEREIRA DE SOUZA, candidata aprovada em exame de ciência, realizado em janeiro próximo passado, para o cargo de Professora Municipal, com os vencimentos anuais de R\$ 772,00.

Prefeitura Municipal de Uberlândia, em 12 de março de 1968.

Renato de Freitas
(Dr. Renato de Freitas)
Prefeito Municipal

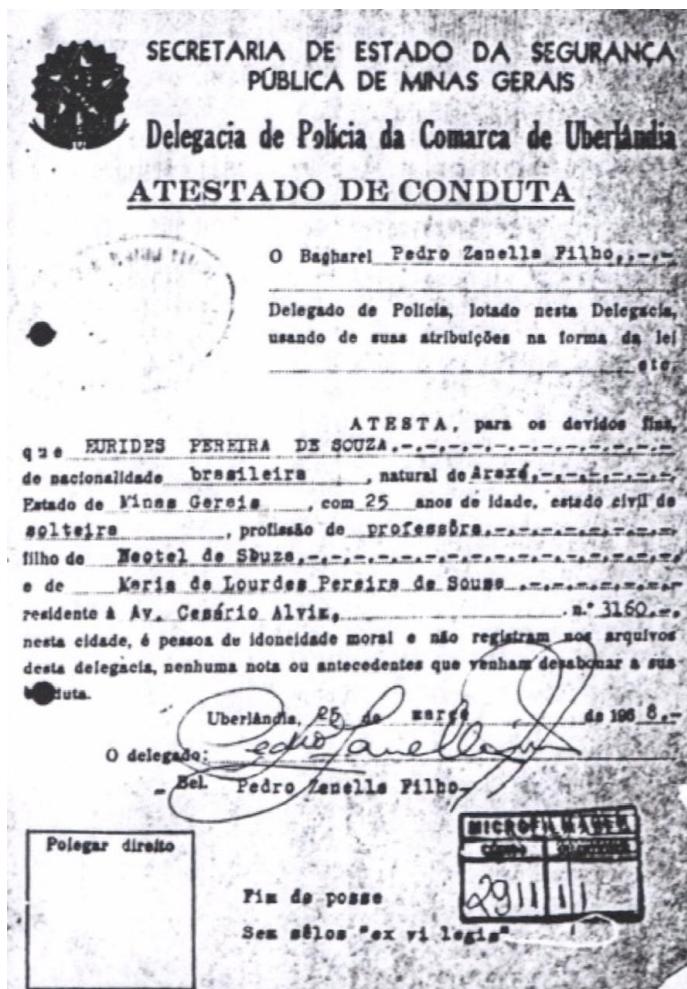
Maria José Moreira
(Maria José Moreira)
Secretaria



Fonte: Pasta funcional de Eurides Pereira de Souza.

Para a nomeação foi indispensável apresentar um “Atestado de Conduta”, documento que na atualidade não se faz necessário (Figura 30).

Figura 30 - Atestado de conduta (1968)

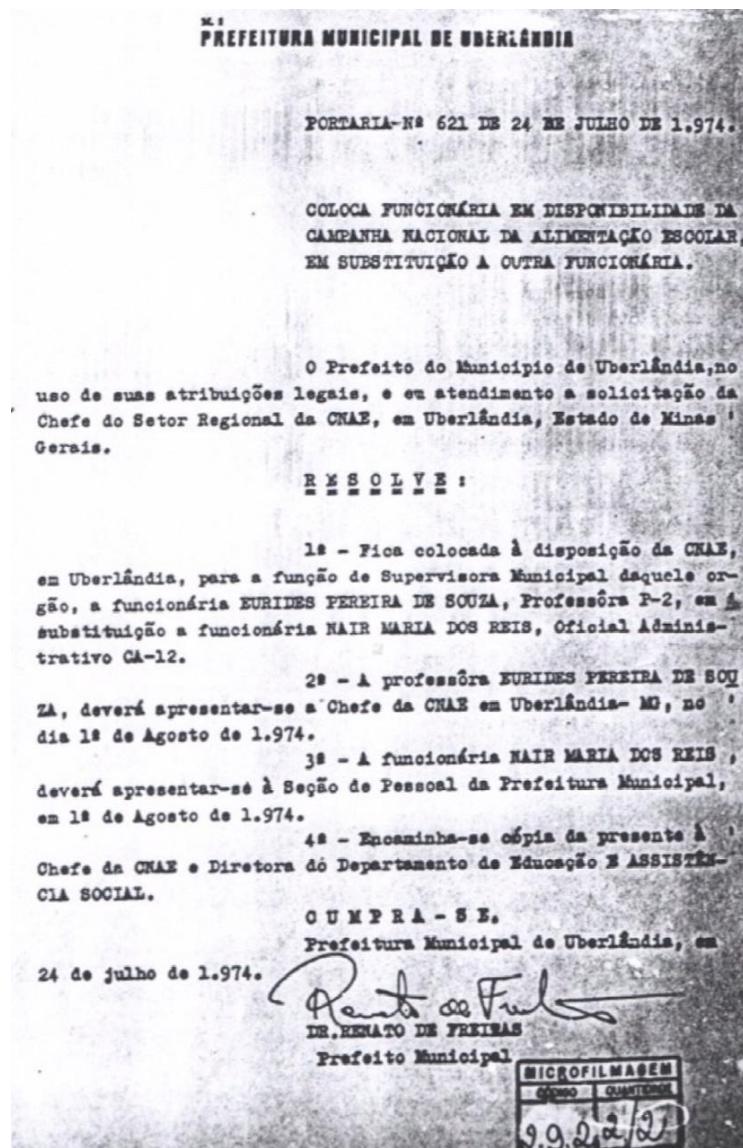


Fonte: Pasta funcional de Eurides Pereira de Souza.

Logo após a nomeação, a professora foi colocada à disposição da Secretaria Municipal de Ação Social, a qual compreendia a pasta da Educação, para prestar serviços administrativos. De acordo com a professora Eurides, essa oportunidade foi oferecida para as mais bem colocadas, mas como ela havia se acostumado à zona rural, preferiu continuar como professora naquele espaço.

Após seis anos de trabalho na zona rural, por meio da Portaria nº 621 de 24 de julho de 1974 (Figura 31), a professora Eurides foi colocada à disposição para trabalhar na Campanha Nacional da Alimentação Escolar - CNAE, para a função de supervisora municipal do órgão, a partir de 1º de agosto de 1974, em substituição a outra servidora, que havia retornado para o cargo de oficial administrativo.

Figura 31 - Portaria 621, de 24 de julho de 1974



Fonte: Pasta funcional de Eurides Pereira de Souza.

Não temos a precisão de quanto tempo ficou nesta lotação, mas, por meio dos depoimentos de Eurides, é possível inferir que foi impactante em sua vida profissional, conforme as narrativas.

Encontramos um documento no grupo “Financeiro”, no qual se requeria o 1º quinquênio e, no item lotação do documento, há o registro de CNAE em 09 de dezembro de 1976. Ou seja, ela deve ter permanecido mais de dois anos no órgão.

Depois dessa passagem são descritos em seu prontuário o gozo de férias, os quinquênios adquiridos, mas o registro mais relevante para nós é o deferimento da averbação do “Certificado de Conclusão do Curso de Qualificação Profissional, nível de 2º Grau, para o Magistério de 1ª à 4ª Séries de 1º Grau”, realizado em 18 de setembro de 1978. Entretanto, somente em 15 de setembro de 1980, praticamente 2 anos depois, a

professora passa da categoria leiga (IS-L) para normalista (IS-N). Não há provas de nenhum retroativo sobre esse assunto. Interessante notar que, em suas narrativas, Eurides não se queixou da sua remuneração e nem da enorme quantidade de contagens de tempo para ter direito a receber quinquênios, licenças-prêmio. Somente no grupo “Aposentadoria”, que veremos logo, é que ela pede para a secretaria rever as dobras de turno a fim de compor o salário para a aposentadoria – nesse caso, indeferido.

Mediante o exposto, constatamos a negligência do Poder Público em assegurar os benefícios aos servidores, pois o servidor que não se atentar passará despercebido, sem os bônus do cargo/profissão.

Em março de 1990, Eurides é promovida por merecimento ao cargo de Oficial Administrativo CA-PR-01; depois, em agosto de 1991, para CA-PR-03; e, em setembro de 1991, para CA-PR-04. Os documentos registram enquadramento no cargo de provimento efetivo de professor em 12 de janeiro de 1993 (CA-P-I). Por conta do novo enquadramento, Eurides se sente prejudicada pela alteração do cargo P4 para P1 e, por meio do protocolo nº 9.475, de 22 de abril de 1993, pede revisão.

A dúvida acerca das mudanças de enquadramento é esclarecida no documento “Folha de informações e despachos”, datado de 23 de abril de 1993, folha 13 (Figura 32):

O cargo de Professor CA-PR-04 foi transformado em Professor CA-P, embora o primeiro registro em seu prontuário tenha tratado como cargo de Oficial Administrativo. O mesmo despacho, na folha 14, não habilita a professora para o CA-P-04 automaticamente, pois, com o advento da Lei Complementar 49/93, foi instituído o Plano de Carreira para os integrantes do Quadro do Magistério, no qual se expõem os requisitos das diversas classes das carreiras. Dessa forma, no novo enquadramento, a professora requerente não possuía a habilitação exigida para seu posicionamento na classe CA-P-04, mantendo-se CA-P-01. Inclusive é demonstrado no documento o aumento salarial nesse novo enquadramento.

Figura 32 - Folha de informações e despachos (1993)

 Prefeitura Municipal de Uberlândia FOLHA DE INFORMAÇÕES E DESPACHOS	N.º DO PROTOCOLO 9475 DATA 23 / 4 93	N.º DE FOLHAS 13 ENCARREGADO Rosa
NOME: EURIDES PEREIRA DE SOUZA ASSUNTO: SOLICITA ALTERAÇÃO DE CARGO ENDEREÇO: AV: CESÁRIO ALVIM 3150		
D.R.H.-SEÇÃO DE CARGOS E SALÁRIOS		
<p>A requerente ocupa atualmente o cargo de Professor CA-P-I, classificação está determinada por força do parágrafo 2º do artigo 67 da Lei Complementar nº 49, ou seja, uma vez ocupante do cargo de Professor CA-PR-04, transformados em Professor CA-P, ficou sujeito à apresentação de documento comprobatório de habilitação para o devido enquadramento no novo cargo, cuja remuneração é superior ao até então ocupado naquela data.</p> <p>Professor CA-PR-04 -CR\$1.603.731,83 Nov/92 Professor CA-P-I -CR\$1.950.000,00 DEZ/92</p> <p>A consideração da Secretaria Municipal de Administração</p> <p>Em 02/05/93</p> <p><i>José Antônio de Lira Chefe da Seção de Cargos e Salários</i></p>		
<small>PROFESSOR MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO GABINETE DO SECRETÁRIO Protocolo N.º <u>642</u> Página: <u>25</u> Data: <u>23 / 05 / 93</u> <u>Assinatura</u> Nome do Recebedor</small>		

Fonte: Pasta funcional de Eurides Pereira de Souza.

Em 19 de julho de 1995, Eurides é enquadrada no Cargo de Provimento Efetivo de Professor de Pré a 4^a série, nível I, padrão B.

De acordo com a certidão de tempo de serviço, nº 211/94, no período de 1º de maio de 1966 a 31 de agosto de 1994, a professora ocupou os seguintes cargos:

- 01/05/1966: professora contratada;
- 12/03/1968: professora municipal (nomeação);
- 01/01/1970: professora Padrão CA-5;

- 03/01/1972: professora Padrão CA-08;
- 01/01/1973: professora Padrão CA-03;
- 01/03/1973: professora P-2;
- 01/01/1975: professora IS-L;
- 15/09/1980: professora IS-N;
- 01/10/1988: professora CA-PR-01;
- 01/03/1990: professora CA-PR-02;
- 01/08/1991: professora CA-PR-03;
- 01/09/1991: professora CA-PR-04;
- 12/01/1993: professora CA-P-I.

Em um decreto s/nº encontramos o nome de Eurides Pereira de Souza promovida na carreira de Oficial Administrativo, datado em 13 de setembro de 1991, de CA- 20 para CA-22. Teria sido um erro burocrático? Pois, em nenhuma das falas, Eurides disse ter prestado concurso para cargo administrativo e ao mesmo tempo tinha sido promovida, em outro decreto, ao cargo de professora, como observamos na listagem acima.

A última progressão observada nos documentos foi no decreto s/nº, datado de 14 de novembro de 1997, o qual autoriza Eurides do cargo de provimento efetivo de Professor de Pré à 4^a série Nível I Padrão B para Professor de Pré à 4^a série Nível I Padrão E, a partir de 31 de agosto de 1997. É provável que a professora tenha recebido retroativos referentes ao período anunciado até a data de publicação.

- Financeiro: o 1º quinquênio foi pedido no mesmo ano do 2º quinquênio, em 1976, quando a professora Eurides perfazia 10 anos de trabalho na Prefeitura Municipal de Uberlândia. A demora em pedir o 1º quinquênio teria sido por falta de informação ou mudança na legislação? A necessidade de sempre pedir para que se cumpram seus direitos, por meio de requerimento e contagem de tempo, seria um ato falho da Prefeitura, já que a progressão acontecia por anos de trabalho? Não deveria ser uma ação automática do órgão público? Quantas pessoas foram prejudicadas por essa normatização? Essas indagações dariam origem a outra(s) pesquisa(s).

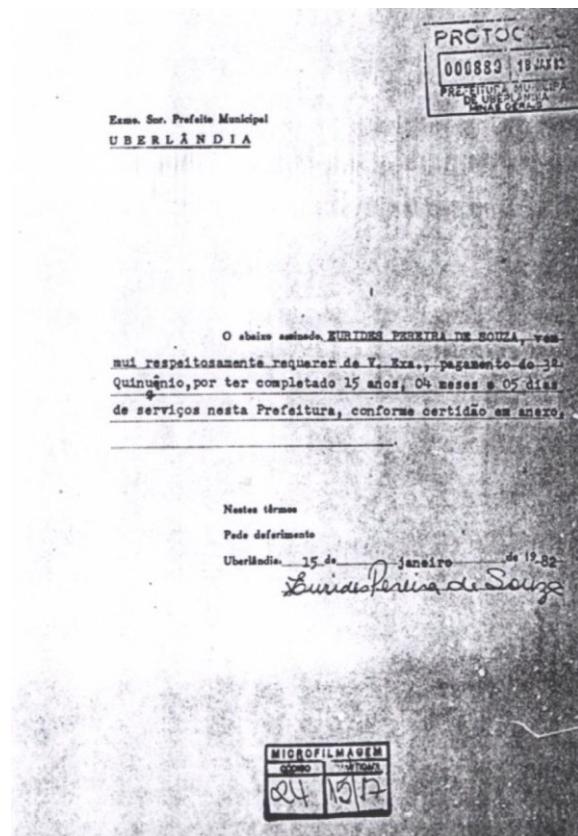
O 3º quinquênio foi requerido em 29 de dezembro de 1981. São seis folhas de documento somente para esse assunto, do pedido à sua aprovação, como veremos a seguir (Figuras 33 e 34):

Figura 33 - Mudança de cargo

Prefeitura Municipal de Uberlândia		Nº DO PROTOCOLO 9475	Nº DE FOLHAS 13
FOLHA DE INFORMAÇÕES E DESPACHOS		DATA 23 / 4 / 93	ENCARREGADO Edes
Nome:	EURIDES PEREIRA DE SOUZA		
Assunto:	SOLICITA ALTERAÇÃO DE CARGO		
Endereço:	AV: CESÁRIO ALVIM 3150		
D.R.H.-SEÇÃO DE CARGOS E SALÁRIOS			
<p>A requerente ocupa atualmente o cargo de Professor CA-P-I, classificação existente determinada por força do parágrafo 2º do artigo 67 da Lei Complementar nº 49, ou seja, uma vez ocupante do cargo de Professor CA-PR-04, transfigurado em Professor CA-P, ficou sujeito à apresentação de documento comprobatório de habilitação para o devido encadramento no novo cargo, cuja remuneração é superior ao até então ocupado naquela data.</p> <p>Professor CA-PR-04 -CR\$1.603.731,83 Nov/92 Professor CA-P-I -CR\$1.950.000,00 DEZ/92</p>			
<p>A consideração da Secretaria Municipal de Administração</p> <p>Em 02/05/93</p> <p><i>Jose Azevedo</i> <i>Sobre a pasta de Cargos e Salários</i></p>			
<p>PREFEITURA MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA SECRETARIA MUNICIPAL GABINETE DO SECRETÁRIO Protocolo N.º 642 Página: 15 Data: 23/05/93 Assinatura: _____ Nome do Revisor: _____</p>			

Fonte: Pasta funcional de Eurides Pereira de Souza.

Figura 34 - Pagamento de terceiro quinquênio



Fonte: Pasta funcional de Eurides Pereira de Souza.

- **Contagem de tempo:** o material desse grupo traz contagens de tempo sem destinação, com exceção de um protocolado nº 6.093, para fins de contar pontos em concurso no Estado de Minas Gerais. A professora, em suas narrativas, não cita esse concurso. Será que ela prestou a prova e não foi aprovada, por isso não menciona? Por que, durante toda sua trajetória profissional docente, trabalhou apenas para a Prefeitura Municipal de Uberlândia?

Encontramos certidão de tempo de serviço, com a finalidade “Adicionais por tempo de serviço”, e muitos para fins de aposentadoria. As certidões para fins de aposentadoria serão abordadas separadamente, pois são muitas e constituem um item à parte, muito importante, como a aposentadoria.

- **Férias:** encontramos vários avisos de férias, mas sem continuidade, de 1975, 1976, 1977, 1985, 1986, 1987, 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996.

Não nos debruçamos a respeito deste tema: o que Eurides fazia nas férias? Qual destino dava ao dinheiro?

- **Licença-prêmio:** as licenças-prêmio não fugiram às regras dos outros prováveis benefícios, ou seja, todos precisaram de solicitação/requisição.

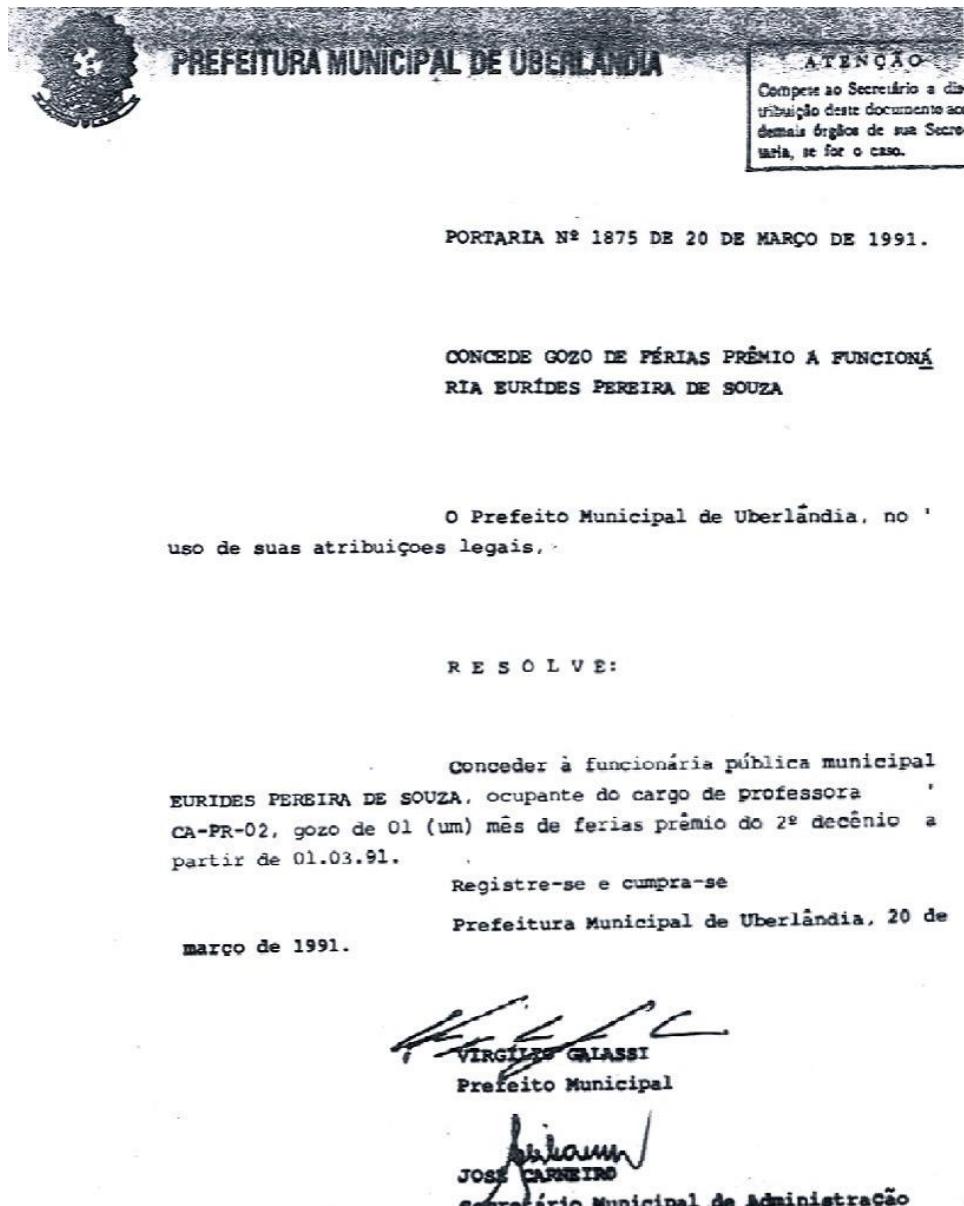
Contabilizamos seis processos arquivados na pasta funcional: o primeiro se refere ao 1º decênio, dando-lhe direito a 4 meses de licença. Estes foram solicitados com a contagem de tempo em 30 de julho de 1984 e concedidas as férias a partir de 20 de agosto do mesmo ano. O segundo, relativo ao 2º decênio, chamado também de Decanato, foi solicitado em 21 de janeiro de 1987, fazendo jus a 8 (oito) meses de férias-prêmio, mas a professora Eurides requereu somente 4 (quatro) meses, os quais foram concedidos por meio da Portaria nº 1.200/1987, podendo a servidora gozá-las a partir de 1º de fevereiro do mesmo ano.

No ano de 1991, de acordo com a Portaria nº 1.875, de 20 de março de 1991, é concedido um mês de férias-prêmio à funcionária municipal Eurides Pereira de Souza, referente ao 2º decênio, a partir de 1º de março de 1991 (Figura 35). Interessante que a portaria é expedida cronologicamente, após o início do gozo da licença. Seria, então, a partir de 1º de abril o gozo da licença?

Os outros três meses de férias restantes (totalizando quatro meses referentes ao 2º decênio) seriam pagos, e não usufruídos, a partir de julho do corrente ano, mês a mês,

com os proventos a que a servidora fizesse jus. Somente nesse processo, não encontramos nenhum requerimento referente ao assunto.

Figura 35 - Portaria nº 1.875, de 20 de março de 1991



Fonte: Pasta funcional de Eurides Pereira de Souza.

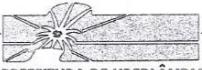
Em 02 de fevereiro de 1993, a Seção de Protocolo da Prefeitura Municipal de Uberlândia recebeu o pedido de contagem de tempo para fins de pagamento de 3 (três) meses de licença-prêmio. Nesse caso, Eurides pediu a conversão em pecúnia do 5º quinquênio de serviços prestados. A Portaria nº 2.512, de 15 de junho de 1993, no artigo

2º, descreve: “o mencionado pagamento será efetuado a partir de junho do corrente ano, mês a mês, juntamente com os proventos a que a servidora fizer jus”.

Passados três anos, em 02 de agosto de 1996, conforme processo 5.640/96, a professora requer “Contagem de tempo de serviço para fins de pagamento de três meses de licença-prêmio referente ao 6º quinquênio”. Em resposta ao pedido é orientado que a servidora protocole novamente, em data posterior a 07 de outubro de 1996, quando completa 30 anos de efetivo exercício. Mas se ela foi admitida em 1º de maio de 1966, porque a Secretaria de Administração considera o mês de outubro?

Eurides retorna ao protocolo em 13 de novembro de 1996 e pede novamente a contagem de tempo de serviço para fins de recebimento de três meses de licença-prêmio. Em 20 de março de 1997, recebe um despacho no qual o secretário municipal de Administração afirma que a conversão de licença-prêmio em dinheiro está suspensa *sine die*, por conveniência administrativa. Eurides assina, como ciente da resposta (Figura 36).

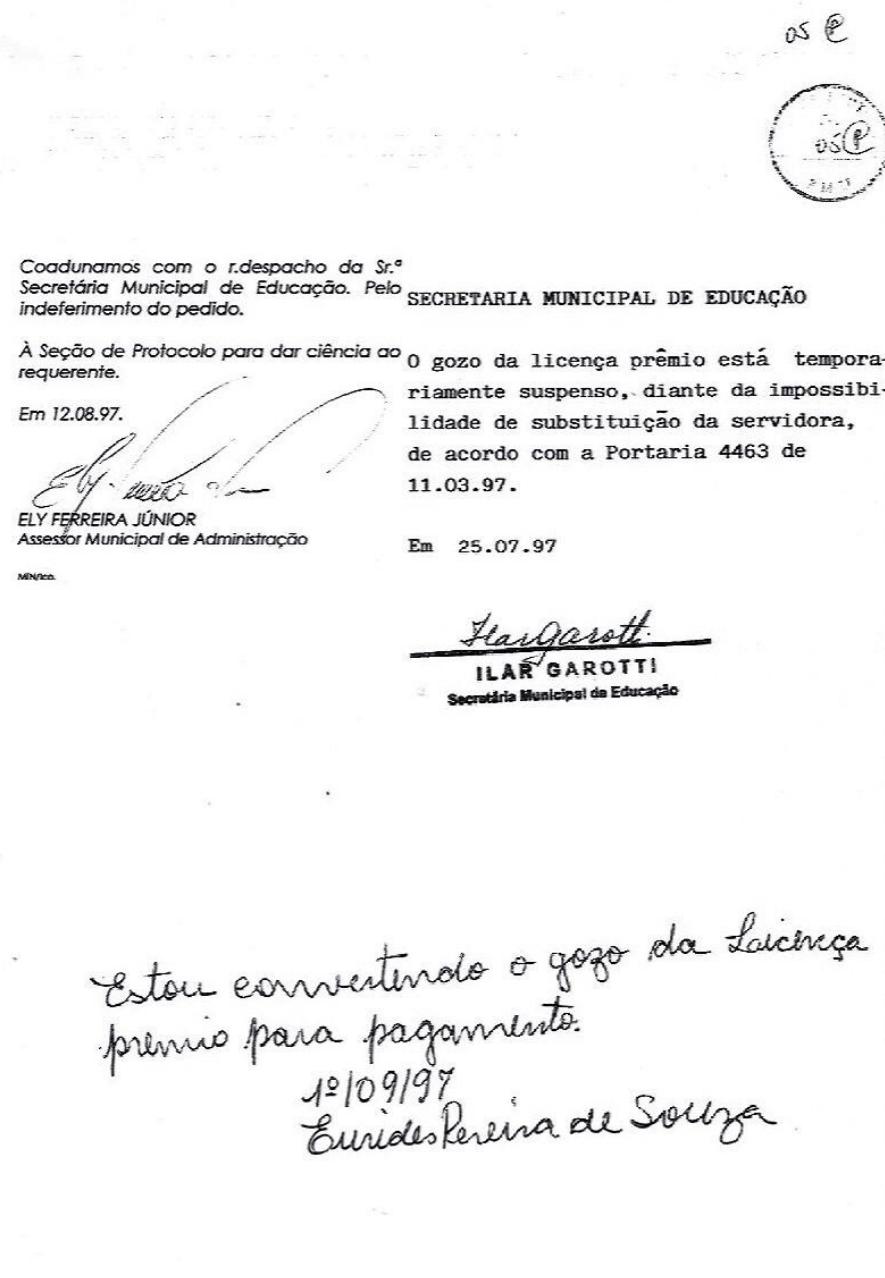
Figura 36 - Folha de Informações e Despachos – suspensa a conversão de licença-prêmio em dinheiro

 PREFEITURA DE UBERLÂNDIA		Nº DO PROTOCOLO 8061 DATA 13.11.96	Nº DE FOLHAS 04@ ENCARREGADO				
FOLHA DE INFORMAÇÕES E DESPACHOS <i>Eurides</i>							
Nome: Eurípedes Pereira de Souza Assunto: Sol. contagem de tempo p/ fins de Lic. Prêmio							
<p>Com fulcro no art. 1º da Portaria nº 4.463, de 11 de março de 1997, determino o sobremento do presente processo, vez que a conversão de licença-prêmio em dinheiro está suspensa "sine die", por conveniência administrativa.</p> <p>À Seção de Protocolo para dar ciência à requerente, e proceder a guarda do processo.</p>							
<table border="1"> <tr> <td colspan="2"> DE SEÇÃO DE PROTOCOLO <i>Pasta Colaboração</i> </td> </tr> <tr> <td colspan="2"> <input checked="" type="checkbox"/> Para Encaminhar <input type="checkbox"/> Para Arquivo e Encantar <input type="checkbox"/> Para Arquivar <input type="checkbox"/> Outros <input checked="" type="checkbox"/> Noticiar Poderes Legislativo <i>04@</i> <i>Outras</i> <i>Protocolado</i> </td> </tr> </table>				DE SEÇÃO DE PROTOCOLO <i>Pasta Colaboração</i>		<input checked="" type="checkbox"/> Para Encaminhar <input type="checkbox"/> Para Arquivo e Encantar <input type="checkbox"/> Para Arquivar <input type="checkbox"/> Outros <input checked="" type="checkbox"/> Noticiar Poderes Legislativo <i>04@</i> <i>Outras</i> <i>Protocolado</i>	
DE SEÇÃO DE PROTOCOLO <i>Pasta Colaboração</i>							
<input checked="" type="checkbox"/> Para Encaminhar <input type="checkbox"/> Para Arquivo e Encantar <input type="checkbox"/> Para Arquivar <input type="checkbox"/> Outros <input checked="" type="checkbox"/> Noticiar Poderes Legislativo <i>04@</i> <i>Outras</i> <i>Protocolado</i>							
<p>Em 20.03.97.</p> <p></p> <p>ANTONIO ANDRADE PRIETO Secretário Municipal de Administração</p> <p>MTN/ICO</p> <p><i>Eurides Pereira de Souza</i> Em 08/07/97</p> <p>Converte os 03 meses de pagamento, para gozo de licença prêmio: Agosto, Setembro e Outubro de 1997. Em 18/07/97 <i>Eurides Pereira de Souza</i></p>							

Fonte: Pasta funcional de Eurides Pereira de Souza.

Na próxima folha do processo (folha 5), em 25 de julho de 1997, a secretaria municipal de Educação, Ilar Garotti⁴⁹, cita: “O gozo da licença-prêmio está temporariamente suspenso, diante da impossibilidade de substituição da servidora, de acordo com a Portaria 4.463, de 11 de março de 1997” (Figura 37). As outras folhas que compõem o processo são as da contagem de tempo, que comprovam o direito da servidora/professora.

Figura 37 - Gozo da licença-prêmio temporariamente suspenso



Fonte: Pasta funcional de Eurides Pereira de Souza.

⁴⁹ CARVALHO, Cleide Fátima. **Ilar Garotti**: vida, docência e religiosidade. (Mestrado em Educação): Universidade Federal de Uberlândia, 2007.

Toda essa trama revela as conveniências, como dito em parágrafos anteriores, da gestão pública. Quando Eurides requer a licença-prêmio em forma de pecúnia, a Secretaria de Administração veda e ela tem que concordar e gozar as férias. Mas quando chega na Secretaria de Educação e não tem quem a substitua, Eurides assina novamente, concordando com o novo posicionamento da Prefeitura. De acordo com as suas narrativas, esse foi o grande motivo pelo qual a professora pede a aposentadoria, pois estava com problemas nas cordas vocais e não queria “entrar com atestado” para se tratar.

Eu tinha inaugurado a biblioteca, estava muito feliz com a biblioteca, mas como eu substituía muitos professores, eu fui obrigada a me aposentar porque eu estava perdendo a voz.

É, porque lá eu falava o dia inteiro. Então, quando eu não estava na biblioteca atendendo alguém, eu estava na sala de aula que eles me punha pra substituir. Nunca me deram moleza. (SOUZA, 2018, p. 286).

- **Aposentadoria:** como afirmado anteriormente, foram vários os pedidos de contagem de tempo para fins de aposentadoria. Encontramos um registro, nº 46/91, datado em 21 de março de 1991. Nesse momento ela tinha exatamente 24 anos, 6 meses e 7 dias de trabalho, sem o direito a se aposentar.

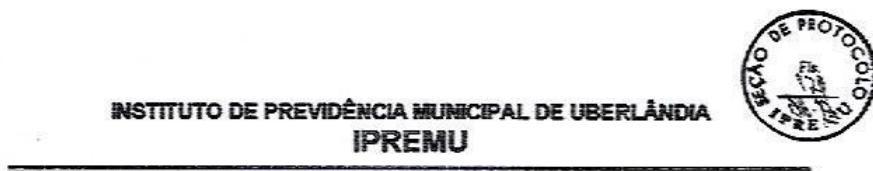
Depois nos deparamos com um pedido de contagem feito em 03 de fevereiro de 1992, sem a certidão anexada. Um ano depois, 02 de fevereiro de 1993, um novo pedido é protocolado sob o nº 2.245. O período computado (01/05/1966 a 31/12/1992) já lhe dava o direito de se aposentar (26 anos, 03 meses e 1 dia), mas Eurides não o pediu. Posteriormente, em 17 de outubro de 1994, recebe uma certidão de tempo de serviço para fins de aposentadoria. Qual a razão de tantos pedidos de aposentadoria? Era alguma exigência, ou um pedido pessoal? Por que não se aposentou em 1992, quando já havia intuído o tempo de 25 anos de magistério?

Em outro processo, encontramos uma solicitação da professora Eurides, pedindo a “reconsideração do processo nº 15.707/93 e revisão de reclassificação”. Nesse processo é pedida a análise do tempo exercido referente a dobra de turno, mais de 16 anos, para aproveitamento na aposentadoria. O processo foi indeferido pelo IPREMU, por considerar que não houve contribuição em dobro. De acordo com o relatório (Figura 38):

Ora, em período de serviço cumprido em dobro, não houve contribuição em dobro, ou seja, carência e dobro, logo não há que se falar em qualquer efeito desse dado para a contagem de tempo de aposentadoria por tempo de serviço, para fins de aquisição de direito previdenciário à aposentadoria por tempo de serviço.

Face ao exposto, somos pelo indeferimento do pedido. (RELATÓRIO, 11/05/1995, p. 14).

Figura 38– IPREMU indefere análise de tempo por dobra de turno



A definição, contudo, parece estar mais de acordo com o que era o amparo social, há algumas décadas, do que com o que hoje é (234). A ideia de fazer depender a percepção de certa prestação de um número de contribuições e verter associa-se melhoramento com a noção de segurado do que com a de seguridade, para o qual decididamente se evolui. O que a lei, na verdade, exige do segurado, especialmente do segurado-empregado, é a permanência do vínculo, durante certo lapso de tempo, e não, especificamente, a contribuição devida nesse período, que pode ou não ter sido vertida, sem embargo de seu direito se aperfeiçoar com o passar do tempo. Mais acertado será ver na exigência de período mínimo de vinculação, para a concessão de certas prestações, a natural cautela contra tentativas de fraude, pelas quais se intentasse configurar uma filiação, de fato não existente, a fim de obter uma prestação indevida. Essa cautela, contudo, será desnecessária em um regime de seguridade plena, em que a suspeita de fraude – ao menos em tal sentido – não se justificará, em caso algum, pois que a vinculação se fará generalizada.

A contagem dos prazos, para que se gere o direito ao benefício, é feita a partir da vinculação. Dessa maneira, sempre que o segurado, pela interrupção do vínculo, tiver perdido a qualidade e vier a se filiar novamente, nova contagem terá de ser feita, a partir do dia da nova vinculação, não se levando em conta os períodos de contribuição anteriores. A esse respeito é bastante esclarecedora a orientação ministerial, derivada de prejuízado, no sentido de que "perdida a qualidade, caducam os direitos a ela inerentes. Por conseguinte, é inadmissível que o ex-segurado possa desfrutar benefícios próprios de uma situação da qual já não participa ou de uma condição que não mais ostenta" (Parecer nº 1.293/65, Processo MTPS nº 205.751/64). No reingresso no sistema da previdência social, as contribuições pertinentes ao direito decaído não elidem a exigência de novos períodos de carência, como salientou a autoridade ministerial no processo MPAS nº 200.048/76.

É importante considerar que, perdido o "status" de segurado, se este novamente se vincula ao regime, o tempo de filiação anterior será levado em conta, para efeito de carência, após se mantido o novo vínculo por período igual a um terço da carência fixada para a prestação pretendida.

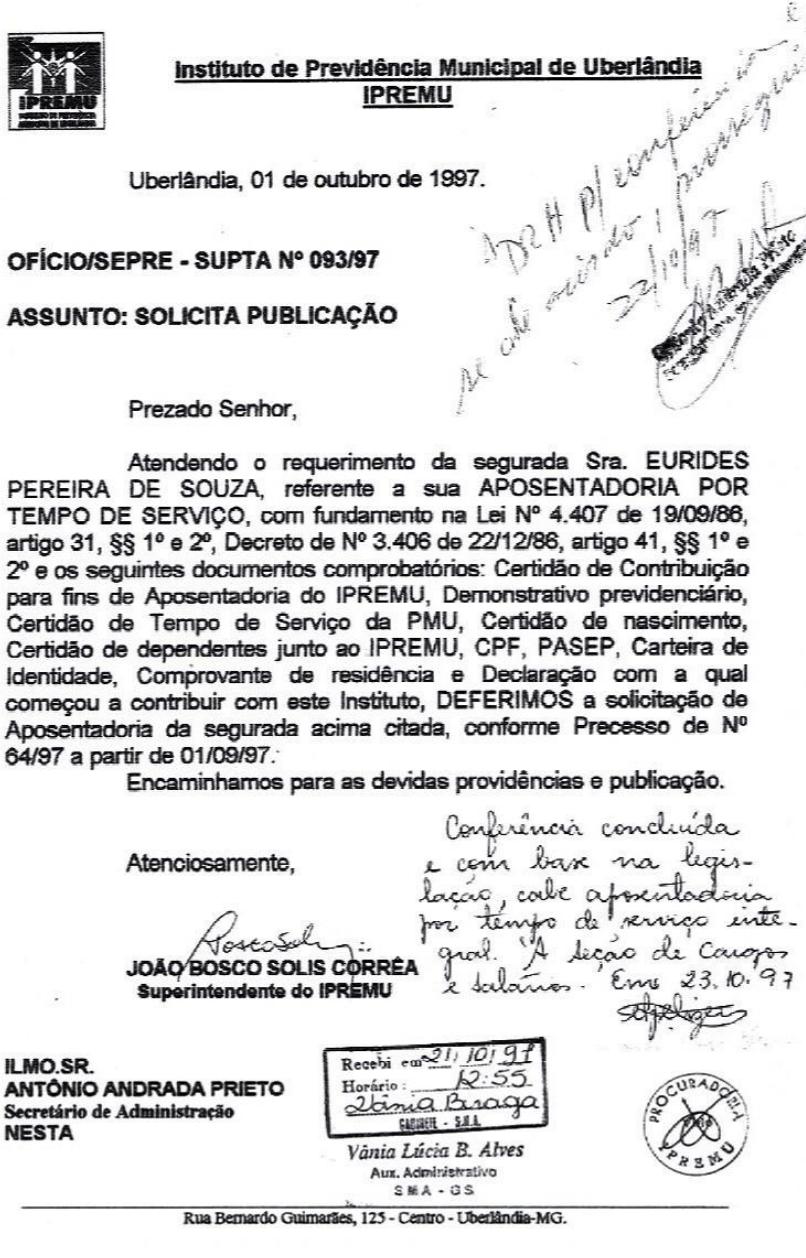
Ora, em período de serviço cumprido em dobro, não houve contribuição em dobro ou seja carência em dobro, logo não há que se falar em qualquer efeito desse dado para a contagem do tempo de aposentadoria por tempo de serviço, para fins de aquisição de direito previdenciário à aposentadoria por tempo de serviço.

RUA CEL. ANTÔNIO ALVES PEREIRA, Nº 221- CENTRO
FONE: (034) 236-2608 - UBERLÂNDIA - MG.

Fonte: Pasta funcional de Eurides Pereira de Souza.

O protocolo de nº 819, de 14 de fevereiro de 1995, foi o penúltimo pedido antes do desligamento efetivo. Por fim, a Seção de Protocolo recebeu, em 27 de maio de 1997, a solicitação de contagem de tempo para fins de aposentadoria junto ao IPREMU. A certidão apresentada contou o período de 01/05/1966 a 16/06/1997, totalizando 30 anos, 7 meses e 18 dias de exercício. Em 01 de outubro de 1997, o IPREMU declara que Eurides Pereira de Souza está aposentada por Tempo de Serviço pelo IPREMU, conforme processo nº 64/1997, a partir de 1º de setembro de 1997. O órgão solicita publicação (Figura 39).

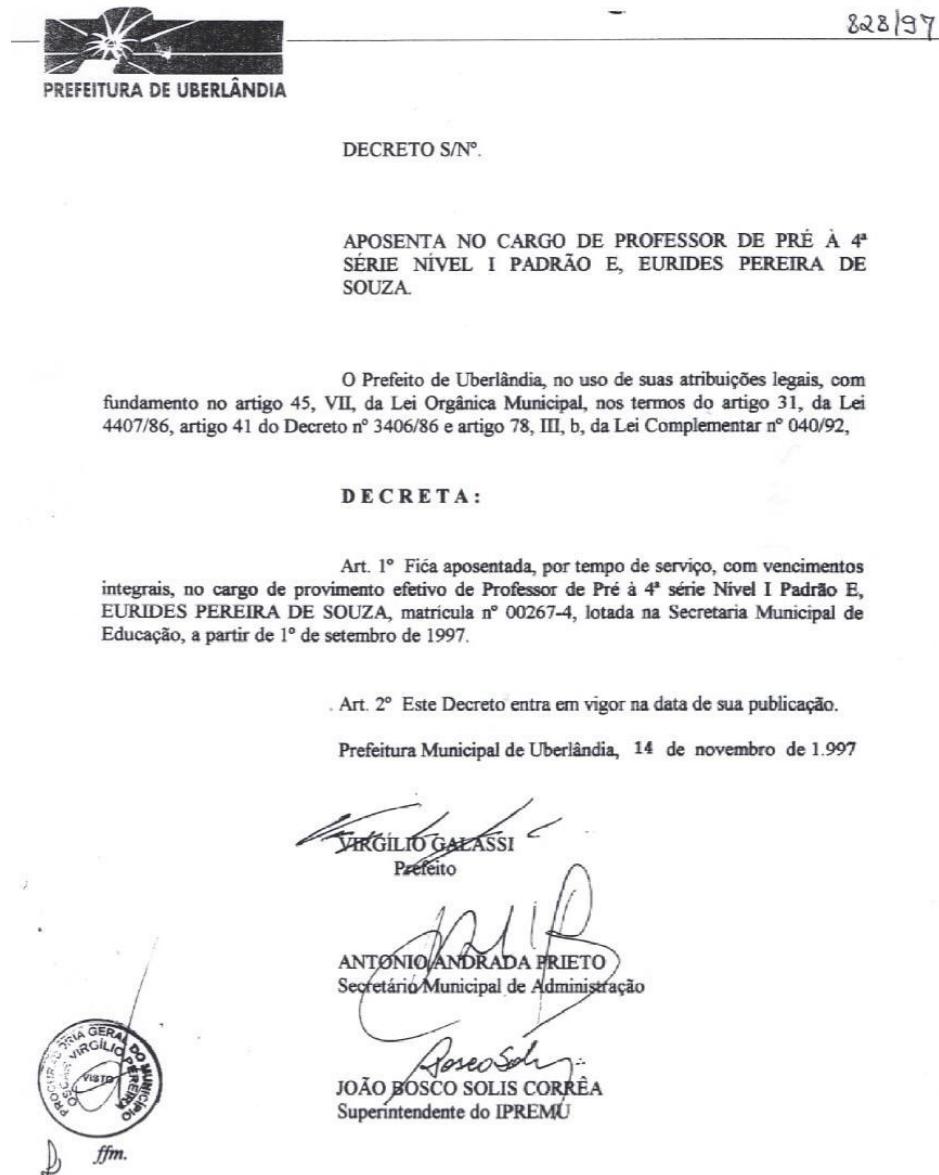
Figura 39– IPREMU aposenta Eurides P. de Souza por tempo de serviço



Fonte: Pasta funcional de Eurides Pereira de Souza.

Um decreto s/nº, datado em 14 de novembro de 1997, ratifica a declaração do IPREMU, como observamos na Figura 40:

Figura 40 - Decreto ratifica aposentadoria da Profa. Eurides P. de Souza



Fonte: Pasta funcional de Eurides Pereira de Souza.

- **Atestados:** Seria um trabalho à parte estudar as causas do adoecimento docente, como fizeram outros pesquisadores. Com exceção de 01 (um) atestado por óbito do pai, Eurides contabilizou em sua pasta funcional 25 atestados médicos. Alguns com falta em um único dia, outros até por 30 dias, como numa cirurgia que realizou.

Como já citado, a sua condição de saúde foi o fator principal que a levou realmente a se aposentar. Desde 1993, com a estruturação, de sua autoria, da biblioteca

da Escola Municipal Olhos D'Água, ela saiu de sala de aula, ocupando o lugar de bibliotecária, mesmo sendo professora, mas, de acordo com as suas narrativas, substituíu muitos professores, o que lhe desgastou as cordas vocais.

- Diversos: No último item, encontramos somente uma apólice de seguros no valor de CR\$ 350,00 (trezentos e cinquenta cruzeiros), a qual seria descontada no Banco BEMGE – Cia. de Seguros de Minas Gerais. O capital segurado registrava o valor de CR\$ 1.000.000,00 (um milhão de cruzeiros) em 31 de maio de 1984. Eurides colocou como beneficiária uma irmã, Márcia Pereira de Souza. Por que colocou essa irmã? Esse seguro era obrigatório? Essas são perguntas que talvez sejam respondidas em outra oportunidade.

É notório que uma pesquisa de História de Vida não consegue abordar a completude de uma existência. Todavia, tentamos realçar que a história de vida da professora Eurides Pereira de Souza se enleia⁵⁰ com sua trajetória profissional, com os saberes construídos, com a sua carreira. No mesmo sentido, este trabalho traz reflexos na vida da pesquisadora e fará parte da trajetória de vida dela mesma.

Portanto, a constituição deste capítulo trouxe à baila elementos indispensáveis para o estudo da trajetória de vida da professora Eurides Pereira de Souza, mesmo que não tenhamos analisado suas práticas pedagógicas.

⁵⁰ Verbo que deu origem ao livro: ROSA, Sirlei Rodrigues. **Enleios Diversos**. Uberlândia: S. R. Rosa, 2003, fonte dos poemas das epígrafes deste trabalho. Sirlei é ex-aluna da professora Eurides Pereira de Souza.

CAPÍTULO V - EURIDES PEREIRA DE SOUZA: PROFESSORA NA ESCOLA E NA VIDA

A beleza que deixei
no caminho que não percorri,
essa eu nunca tive, mas
aquela que fui semeando,
que fui deixando por aí,
hoje não a vejo em mim
mas posso senti-la
em tudo que fiz.

Sirlei Rodrigues Rosa

Pretendemos discutir a relação estabelecida entre a professora Eurides e a tríade escola-igreja-comunidade e suas práticas educativas como mediadora cultural, por isso nomeamos o capítulo assim: “Professora na escola e na vida”.

Iniciamos com a contextualização histórico-política do Brasil, do período de iniciação ao magistério da professora denominado Ditadura Militar e depois, com a Redemocratização, contemplando os anos de exercício docente de Eurides, que compreendem o período de 1966 a 1997. Em seguida, apresentamos a relação de cultura escolar e mediação cultural para adentrarmos o *locos* mais marcante em sua carreira: a Escola Municipal Saudade.

Posteriormente, discorremos sobre as festas cívicas e de calendário; a importância da igreja – Capela da Saudade; as homenagens recebidas e, por fim, a criação e a consolidação da biblioteca na Escola Municipal Olhos D’Água e a aposentadoria de Eurides.

5.1 Contexto histórico-político do Brasil (1966 a 1997)

Como anunciado ao longo do trabalho, a professora Eurides Pereira de Souza inicia suas atividades docentes no ano de 1966, na Escola Municipal Lembrança, situada da zona rural do município de Uberlândia – Minas Gerais. Esse período abrange um momento histórico-político marcante no País: a Ditadura Militar. Somente os 12 últimos anos de seu magistério compreendem o período de Redemocratização na vida pessoal-profissional da docente.

A Ditadura Militar do Brasil refere-se ao regime instaurado em 1º de abril de 1964⁵¹, o qual permaneceu até 15 de março de 1985. O governo anterior a esse regime era de João Goulart, o qual tinha cunho popular de gestão. Os militares viam nesse tipo de governo ações comunistas, que colocariam o Estado em situação de risco. Assim justificaram a ação do golpe, destituindo do cargo o então presidente, João Goulart, em 31 de março de 1964. Dessa forma, o regime adotou uma diretriz nacionalista, desenvolvimentista e de oposição ao comunismo. A classe média, o empresariado nacional, as oligarquias locais e até mesmo a Igreja Católica, num primeiro momento, apoiaram o golpe, temerosos de que o exemplo de Cuba se espalhasse pelas nações vizinhas.

Nesse sentido, sob o pretexto de evitar ditaduras comunistas, os Estados Unidos também apoiaram diversos golpes militares na América Latina, como: 1954 – Guatemala e Paraguai; 1962 – Argentina; 1964 – Brasil; 1968 – Peru; 1973 – Uruguai e Chile; 1978 – República Dominicana; 1979 – Nicarágua; 1982 – Bolívia. De acordo com Vieira (2016), a Nicarágua, desde sua constituição enquanto nação, sofrera muitos golpes de Estado, os quais não temos o objetivo de mencionar.

Sob o comando de sucessivos governos militares, de caráter autoritário e nacionalista, o regime no Brasil acabou quando do seu declínio econômico e das manifestações em todo o país. Tancredo Neves (PMDB) é eleito numa eleição indireta, ou seja, não houve participação popular. Com a sua morte antes da posse, quem assume a presidência é o vice-presidente, José Sarney (PMDB). O período é conhecido como Nova República (ou Sexta República).

Apesar das promessas iniciais de uma intervenção breve, a Ditadura Militar durou 21 anos. Além disso, o regime pôs em prática vários Atos Institucionais, culminando com o Ato Institucional Número Cinco (AI-5) de 1968, que vigorou por dez anos. A Constituição de 1946 foi substituída pela Constituição de 1967 e, ao mesmo tempo, o Congresso Nacional foi dissolvido, liberdades civis foram suprimidas e foi

⁵¹ Segundo Saviani (2008, p. 292), o golpe estava sendo articulado desde o final da gestão de Juscelino Kubitschek na presidência do País: No início da década de 1960, a sociedade brasileira vivia um momento de grande efervescência, que chegou a ser caracterizado como pré-revolucionário (Furtado, 1962). Os “Anos JK” (1956-1960) foram um período de euforia desenvolvimentista, embalado pelo “Plano de Metas” e pelo slogan “50 anos em 5”. O alvo da política posta em marcha era completar o processo de industrialização do País. O Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), criado pouco antes do governo de Juscelino, foi por ele encampado e encarado como a inteligência a serviço do desenvolvimento. No interior do ISEB era elaborada e, a partir dele, divulgada a ideologia nacionalista desenvolvimentista. Paralelamente ao ISEB, formulava-se no seio da Escola Superior de Guerra (ESG) a ideologia da interdependência, que coincidia com a doutrina da segurança nacional.

criado um Código de Processo Penal Militar que permitia que o Exército brasileiro e a Polícia Militar pudessem prender e encarcerar pessoas consideradas suspeitas, além de impossibilitar qualquer revisão judicial.

Embora o regime, nos bastidores, censurasse todos os meios de comunicação do País, torturasse e exilasse pessoas, ganhou muita popularidade na década de 1970, com o “Milagre Econômico”. Na década de 1980, assim como outros regimes militares latino-americanos, a Ditadura Brasileira entrou em decadência quando o governo não conseguiu mais estimular a economia; controlar a hiperinflação. A concentração de renda gerou um aumento exponencial de pobreza no País.

Todos os elementos citados deram impulso ao movimento pró-democracia. Parte da população foi às ruas; o governo aprovou a Lei de Anistia para os crimes políticos, pela e contra a ditadura; restrições às liberdades civis foram relaxadas; eleições presidenciais indiretas realizadas no final de 1984, com candidatos civis e militares.

Para Inácio Filho (1997), o período de Redemocratização, de 1985 – 1988, com a elaboração da nova Constituição, ainda “foi marcado por manifestações e *lobbies* militares, numa tentativa de manter intocada sua tutela sobre a sociedade brasileira” (p. 11). Entretanto, segundo a Carta Magna, as Forças Armadas voltariam ao seu papel institucional: a defesa do Estado, a garantia dos poderes constitucionais (BRASIL, 1988).

A Ditadura Militar Brasileira deixou seu legado, sentido ainda na atualidade, principalmente no campo da Educação. Naquele momento, os investimentos no ensino seriam destinados a assegurar o aumento da produtividade e da renda. Em suma, as reformas no ensino se pautaram na profissionalização do nível médio; a integração dos cursos superiores de formação tecnológica com as empresas e a precedência do Ministério do Planejamento sobre o da Educação.

Em torno dessa meta, a própria escola primária deveria capacitar para a realização de determinada atividade prática; o ensino médio teria como objetivo a preparação dos profissionais necessários ao desenvolvimento econômico e social do país; e ao ensino superior eram atribuídas as funções de formar a mão de obra especializada requerida pelas empresas e preparar os quadros dirigentes do país. (Saviani, 2008, p. 295, apud Souza, 1981, p. 67-68).

As discussões apresentadas destacaram as políticas educacionais que possibilitaram a imposição das diretrizes ideológicas conservadoras, aprovando a

formatação do conteúdo a ser ensinado nas escolas e o caminho para privatização do acesso à Educação. Essas políticas se materializaram na Reforma de 1º e 2º Graus com a Lei 5692/71; na Reforma Universitária com a Lei nº 5.540/68; e o Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL⁵² foi um órgão do governo brasileiro, instituído pelo Decreto nº 62.455, de 22 de março de 1968, conforme autorizado pela Lei nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967, mas que foi realmente efetivado a partir de 1971 (SANTOS, 2014).

O MOBRAL veio a substituir os ideais e a metodologia de alfabetização de adultos preconizado pelo educador Paulo Freire, denominado *Palavração*. De todo modo, o método de alfabetização usado pelo MOBRAL era fortemente influenciado pelo Método Paulo Freire, utilizando-se, por exemplo, do conceito de "palavra geradora". A diferença é que o Método Paulo Freire utilizava palavras tiradas do cotidiano dos alunos, enquanto, no MOBRAL, as palavras eram definidas a partir de estudo das necessidades humanas básicas, por uma equipe técnica definida pelas normas padrões da língua culta (Figura 41).

⁵² Vinculado ao Ministério da Educação e Cultura, era o órgão executor do *Plano de Alfabetização Funcional e Educação Continuada de Adolescentes e Adultos*, cujo principal objetivo era o de promover a alfabetização funcional e a educação continuada para os analfabetos de 15 anos ou mais, por meio de cursos especiais, com duração prevista de nove meses.

Durante mais de uma década, jovens e adultos frequentaram as aulas do MOBRAL. A recessão econômica iniciada nos anos 80 inviabilizou a continuidade do programa. A partir de 1985, com o fim do regime militar, a Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) passou a se chamar Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos - EDUCAR. Em 1990, a Fundação EDUCAR também foi extinta.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Brasileiro_de_Alfabetiza%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 20 jul. 2019.

Figura 41 - Formatura do Mobral, 1972



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

Demerval Saviani (2008), em seu texto *O legado educacional do Regime Militar*, sintetiza cada reforma mencionada acima, esclarecendo princípio de cada lei, as quais influenciam no cotidiano educacional no País.

Essas reformas do ensino aprovadas pelo regime militar começaram pelo Ensino Superior, mediante a aprovação da já mencionada Lei n. 5.540, de 28 de novembro de 1968, regulamentada pelo Decreto n. 464, de 11 de fevereiro de 1969. A estrutura do ensino foi profundamente modificada.

Em suma: por meio da departamentalização e da matrícula por disciplina com o seu corolário, o regime de créditos, generalizou-se no ensino superior a sistemática do curso parcelado, transpondo para a universidade o parcelamento do trabalho introduzido nas empresas pelo taylorismo. Perpetrou-se, no ensino, a separação entre meios e objetivos; entre conteúdos curriculares e sua finalidade educativa; entre as formas de transmissão do saber e as formas de produção e sistematização do saber; entre o pedagógico e o científico. (SAVIANI, 2008, p. 304-305).

Nesse processo, houve o favorecimento à privatização do ensino, mas que também influenciou o setor público.

Para além desse fortalecimento do setor privado do ensino, cabe considerar, também, que o próprio setor público foi sendo invadido pela mentalidade privatista, traduzida no esforço em agilizar a burocracia aperfeiçoando os mecanismos administrativos das escolas; na insistência em adotar critérios de mercado na abertura dos cursos e em aproximar o processo formativo do processo produtivo; na adoção dos parâmetros empresariais na gestão do ensino; na criação de “conselhos curadores”, com representantes das empresas, e na inclusão de empresários bem sucedidos como membros dos conselhos universitários; no empenho em racionalizar a administração do ensino, enxugando sua operação e reduzindo seus custos, de acordo com o modelo empresarial. (SAVIANI, 2008, p. 300 - 301).

Sobre a Reforma de 1º e 2º Graus,

[...], foi aprovada, em 11 de agosto de 1971, a Lei n. 5.692/71, que unificou o antigo primário com o antigo ginásio, criando o curso de 1º grau de 8 anos e instituiu a profissionalização universal e compulsória no ensino de 2º grau, visando atender à formação de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho. Esse legado do regime militar consubstanciou-se na institucionalização da visão produtivista de educação. Esta resistiu às críticas de que foi alvo nos anos de 1980 e mantém-se como hegemônica, tendo orientado a elaboração da nova LDB, promulgada em 1996, e o Plano Nacional de Educação, aprovado em 2001. (SAVIANI, 2008, p. 298).

A pós-graduação brasileira data desde a aprovação do Parecer nº 977 de 3 de dezembro de 1965, pela Câmara do Ensino Superior. Um legado educacional visto com “bons olhos” foi a valorização, nos anos 1970, da pós-graduação no Brasil. De acordo com Cury (2005), não se pode negar o grande impulso alcançado por esse nível do sistema educacional após o golpe de 1964.

A valorização da pós-graduação e a decisão de implantá-la de forma institucionalizada situam-se no âmbito da perspectiva de modernização da sociedade brasileira, para o que o desenvolvimento científico e tecnológico foi definido como uma área estratégica. Contudo, essa perspectiva foi, também, alimentada pelo projeto de “Brasil grande” ou “Brasil potência”, acalentado pelos militares no exercício do poder político. (SAVIANI, 2008, p. 308).

Relevante elucidar as influências recebidas na pós-graduação brasileira, que sofreu contribuições norte-americana e europeia.

A experiência de pós-graduação brasileira resultou, pois, dessa dupla influência: o modelo organizacional americano que foi articulado, no funcionamento efetivo do processo formativo, com o modelo europeu

pautado pela exigência do trabalho teórico autonomamente conduzido. Daí termos chegado a um modelo brasileiro de pós-graduação, sem dúvida bem mais rico do que aqueles que lhe deram origem, pois promoveu a fusão entre uma estrutura organizacional bastante articulada, derivada da influência americana, e o empenho em garantir um grau satisfatório de densidade teórica, decorrente da influência europeia. Embora implantada segundo o espírito do projeto militar do “Brasil grande” e da modernização integradora do país ao capitalismo de mercado, a pós-graduação se constituiu num espaço privilegiado para o incremento da produção científica. No caso da educação, contribuiu de forma importante para o desenvolvimento de uma tendência crítica que, gerando estudos consistentes a contrapelo da orientação dominante, alimentou um movimento emergente de propostas pedagógicas contra-hegemônicas. (SAVIANI, 2008, p. 310).

As influências norte-americanas não se restringiram ao aspecto organizacional. Os empresários brasileiros ligados ao Instituto de Estudos Políticos e Sociais (IPES) “operavam em articulação com seus colegas americanos e contavam com a sua colaboração financeira, também no planejamento e na execução orçamentária da educação estreitou-se a relação com os Estados Unidos, celebrando-se acordos de financiamento da educação brasileira com a intermediação da USAID (Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional).” (SAVIANI, 2008, p. 297).

Em suma, a reforma educacional implementada na Ditadura Militar,

[...] se traduz pela ênfase nos elementos dispostos pela “teoria do capital humano”; na educação como formação de recursos humanos para o desenvolvimento econômico dentro dos parâmetros da ordem capitalista; na função de sondagem de aptidões e iniciação para o trabalho atribuída ao primeiro grau de ensino; no papel do ensino médio de formar, mediante habilitações profissionais, a mão de obra técnica requerida pelo mercado de trabalho; na diversificação do ensino superior, introduzindo-se cursos de curta duração, voltados para o atendimento da demanda de profissionais qualificados; no destaque conferido à utilização dos meios de comunicação de massa e novas tecnologias como recursos pedagógicos; na valorização do planejamento como caminho para racionalização dos investimentos e aumento de sua produtividade; na proposta de criação de um amplo programa de alfabetização centrado nas ações das comunidades locais. (SAVIANI, 2008, p. 296).

Hodiernamente, a abordagem da história local é de suma importância para entender as particularidades regionais (MARTINS, 2002). Nesse sentido, a Ditadura Militar não foi percebida pela professora Eurides no município de Uberlândia. Indagada, quando do início de seu exercício docente e em especial, quando ministrou aulas no MOBRAL, sobre os impactos do regime autoritário na zona rural, afirmou

“Não. Não era perceptível isso. [...] Eu foquei bem e obedeci o sistema da Prefeitura.⁵³” (SOUZA, 2018, p. 263).

Contrariando a percepção da professora, Uberlândia também foi reduto de torturas e assassinatos, durante a ditadura e inclusive no período de Redemocratização, como nos aponta Oliveira (2017). O pesquisador em sua tese pretendeu revelar a existência de um grupo de extermínio em Uberlândia, denominado “Kombão da Morte”. Identificou-se que o Estado fez uso desse grupo para perpetuar sua repressão contra pessoas comuns.

Outros trabalhos encontrados foram o de Faria (2007) e o de Fernandes (2008). As autoras também salientam os problemas advindos com o regime no município. Obviamente, o sistema educacional carregou e ainda carrega as marcas desse período, como exposto acima.

5.2 Cultura escolar e mediação cultural

Como analisado nos capítulos anteriores, Eurides ingressa na carreira como professora leiga e, após a formação na Fundação Helena Antipoff, torna-se normalista. Os saberes docentes, disciplinares e saberes experienciais (TARDIF, 2002), construídos em sua formação, fazem parte da cultura escolar. De acordo com Julia (2001, p. 10):

A cultura escolar é descrita como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

A cultura escolar é própria da escola. Ela deve ser estudada com a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, mediante um contexto histórico demarcado. Nesse sentido, o professor forma e se forma no contexto da instituição.

⁵³ Lista dos prefeitos de Uberlândia, durante o exercício do magistério de Eurides: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_prefeitos_de_Uberl%C3%A2ndia>. Acesso em: 20 jul. 2019.
 Lista dos governadores do Estado (Minas), durante o exercício do magistério de Eurides: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_governadores_de_Minas_Gerais>. Acesso em: 20 jul. 2019.
 Lista dos presidentes do País, durante o exercício do magistério de Eurides: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_presidentes_do_Brasil>. Acesso em: 20 jul. 2019.

Nesse espaço de tensões provocadas entre a cultura escolar e as culturas da vida cotidiana, o professor assume um papel social importantíssimo: “[...] em seu projeto de fazer os alunos adquirirem tal ou qual tipo de conhecimentos, capacidades ou atitudes” (FORQUIN, 1993, p. 167). Segundo Forquin (1993, p.169),

[...] é certamente necessário reconhecer também o caráter, em grande parte inevitável, da tensão frequentemente observada entre a cultura escolar e a cultura da vida cotidiana. Sim, num certo sentido, pode-se, certamente, dizer que toda escola contém ao mesmo tempo o mosteiro e a cidadela.

A escola realiza transferências culturais e também as recebe. “Seria conveniente analisar atentamente as transferências culturais que foram operadas da escola em direção a outros setores da sociedade em termos de formas e de conteúdos e, inversamente, as transferências culturais operadas a partir de outros setores em direção à escola.” (JULIA, 2001, p. 37).

Numa perspectiva escolanovista, na qual Eurides se formou, o papel de mediador é próprio da docência, já que o aluno também tem papel ativo no processo ensino-aprendizagem. O professor mediador é capaz de fazer funcionar e manter a cultura escolar. Compreendendo que o currículo compõe a cultura escolar, Saviani (2004) afirma a importância da “seleção do conhecimento” a ser incorporado ao currículo. Nesse sentido, Malanchen (2014) explica que a escola precisa garantir a socialização dos conhecimentos “científicos, filosóficos e artísticos”. Esse conhecimento historicamente acumulado (SAVIANI, 2004) mediado pelo professor, deve se voltar à formação crítica de sujeitos que buscam conhecimentos em contextos escolares.

De acordo com o exposto, compreendemos ser requisito básico para exercer a docência, o conhecimento da cultura escolar pelo professor. Diferentemente, destacam-se os docentes que transcendem esse lugar, sendo mediadores culturais, como demonstrado por Pinheiro (2019), em sua tese de doutoramento, *Garimpeiro de memórias: práticas educativas*, de Ozildo Albano - Piauí (1952-1989”). Nesse trabalho, Pinheiro (2019) estuda a História de Vida e as práticas educativas realizadas pelo educador picoense José Albano de Macedo, o Ozildo Albano, nos municípios de Picos, Pio IX e Jaicós, no Piauí, nos anos de 1952 a 1989. A tese defendida pautou-se na seguinte afirmação: a prática educativa do mediador cultural promove o acesso a saberes educativo-culturais aos povos, em contextos sociais diversos. Foi por meio de

suas práticas educativas que Ozildo Albano, em três espaços (escolar; jornal; museu) comprovou o resultado do trabalho de mediador cultural, em uma realidade marcada pelo analfabetismo.

Diferentemente do intelectual Ozildo Albano (PINHEIRO, 2019), jurista, jornalista, docente, escritor, colecionador, a professora Eurides é mais uma protagonista anônima da História (VAINFAS, 2002) que, possuidora de menos predicados, consegue realizar um trabalho de medidora cultural na comunidade que esteve inserida.

De acordo com Sirinelli (2003, p. 242), existem três classificações para essa temática: criadores, mediadores e receptores culturais. Consoantes às suas lições:

É sempre possível propor uma definição empírica de um homem de cultura. Sob esta classificação podem estar reunidos tanto os criadores como os mediadores culturais; à primeira categoria pertencem os que participam na criação artística e literária ou no progresso do saber, na segunda juntam-se os que contribuem para difundir e vulgarizar os conhecimentos dessa criação e desse saber. (SIRINELLI, 1998, p. 261).

Os receptores culturais seriam os próprios alunos, pais, enfim, toda a comunidade escolar. Eurides influenciou gerações de pessoas, por meio de práticas educativas capazes de modificar os modos de ser e de fazer delas.

Apropriando a expressão de Pinheiro (2019) “homem-ponte”, a professora biografada foi mulher-ponte que percebeu a necessidade de expandir o horizonte cultural de comunidades inseridas na zona rural do município de Uberlândia – Minas Gerais. Levando os alunos ao cinema, ao teatro; trazendo entretenimento como o rádio e a TV; realizando festas cívicas, folclóricas e religiosas. “A primeira radiola da Saudade foi eu quem apresentei. Ficávamos ouvindo à noite. Teve uma época que a música mexicana estava no auge. Comprava todos LPs. Depois comprei uma TV portátil, pra gente ver televisão. Era um sucesso!” (SOUZA, 2018, p. 289).

O pensamento cosmopolita estava presente na forma de se vestir, na alimentação, nos passeios e viagens. Por outro lado, a professora mantinha seu lado conservador em relação a igreja, namoros, etc.

Olha, o povo lá era tão sistemático, tão antigo, que a mulher nem podia vestir calça comprida, que era uma roupa condenada. Pra eu ir pra lá, muitas vezes eu tinha que ir de caminhão. Tinha um leiteiro, que era o ônibus de lá. Esse leiteiro colocava os bancos lá em cima do caminhão, na carroceria. O povo tinha que subir. Então, como que eu

ia subir no caminhão com aquele tanto de homem ao redor e eu com uma saia, por exemplo? Uma saia mais curta um pouquinho, os homens ficariam vendo as minhas pernas, tudo. Quando eu vi que eles não aceitavam calça comprida, eu pensei: “Pronto, o que que eu vou vestir? Como que eu vou subir naquele caminhão, de saia?”. Se fosse subir de saia, o show era pior. Os homens tudo embaixo, vendo minhas pernas. Eu ficava quebrando a cabeça com isso, e tudo. Eu sei que, no fim, eu fui tentando devagar. Não, no começo eu fiz assim: eu pegava a calça comprida e punha por baixo do vestido. (SOUZA, 2018, p. 287).

As demais culturas da vida cotidiana adentram a escola e, com a cultura escolar que lhes é particular, estabelecem inúmeras relações conflituosas e pacíficas no percurso de cada período histórico. Nesse sentido, houve resistências, pelos pais, ao ensino do currículo prescrito.

Também resistências à participação de eventos. Um pai não queria mandar fazer a roupa para o filho:

Não queria fazer a roupa, era um dos mais ricos e não queria arrumar o menino com as coisas que eu pedi: estilo *country*. Eram não sei se três ou quatro meninos. Quem vem da roça, fazenda, combina mais com esse estilo, se bem que naquele tempo nem falava em *country*, ainda. Então eu pedi pros meninos fazerem a roupa jeans, tinha a calça, a jaqueta e a camisa de manga comprida por baixo da jaqueta, com bota e o chapéu e o lenço no pescoço. [...] Mas o pai ia lá na escola e não queria arrumar o menino e falava assim pra mim: “Dona Eurides, menino que vai desfilar tem que ir é de uniforme”. Ele queria ditar como que era pra eu fazer. Não queria concordar de jeito nenhum com aquilo, não esqueço disso. (SOUZA, 2018, p. 292).

Como poderíamos inferir as origens da formação cultural da professora Eurides? Teria sido herdada de seus familiares? No trabalho desenvolvido no Hospital Santa Clara? Ou no convívio com parte da elite überlandense: seja convivendo os filhos do patrão (hospital), seja trabalhando como doméstica nas casas de proprietários de escola (Liceu)? Poderia ter sido na formação acadêmica recebida na Fundação Helena Antipoff; nos cursos regidos pela 40ª Superintendência Regional de Ensino ou nas formações ministradas pela Secretaria Municipal de Educação? Com os colegas de trabalho? Iniciativa própria?

Cremos que a resposta seria um pouco de cada. A construção de seu capital cultural está de acordo com a definição dada por Bourdieu (2007, p. 75): “[...] capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte

integrante da ‘pessoa’, um *habitus*. Aquele que o possui pagou com sua própria pessoa e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo”.

Habitus, para o autor, constitui num

(...) sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem estar objetivamente em conformidade com os interesses objetivos dos seus autores sem terem sido expressamente concebidas para este fim [...] (BOURDIEU, 2003, p. 125).

Assim, o *habitus*, de acordo com Pinheiro (2019), produz práticas que foram estrategicamente pensadas para a sobrevivência do agente no campo. A professora Eurides, pensando no trabalho de ministrar aulas para o Primário no meio rural, criou estratégias que não menosprezassem o homem do campo, mas que levassem cultura erudita e valorizassem a cultura popular da região. Destarte, apresentou poder de influência, segundo Sirinelli (1998, p. 261), “quanto à mediação, ela remete ao problema do poder de influência”, poder capaz de modificar a realidade social em que se encontram o mediador e seus interlocutores.

5.3 O Ensino Rural e a Escola Municipal Saudade

Para entendermos o movimento do Ensino Rural em Uberlândia, recorremos a algumas pesquisas do Grupo de Pesquisas em História do Ensino Rural - GPHER, um grupo de estudos criado na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, coordenado pela professora Dra. Sandra Cristina Fagundes de Lima. De acordo com Lima (2018), este grupo vem investigando histórias e memórias de professores que atuaram nas escolas rurais no município de Uberlândia, no período de 1930 a 1979, por meio das quais tem procurado compreender quem foram esses professores; qual sua formação, idade, sexo, origem social, condições de trabalho; quais foram as suas práticas de ensino e quais representações construíram sobre o seu ofício, o meio rural, as escolas, os alunos, a comunidade no entorno da escola, etc. (SILVEIRA, 2008; RIBEIRO, 2009; BARROS, 2013; ASSIS, 2018; FERREIRA, 2017; TANNÚS, 2017).

Mediante os apontamentos de pesquisas realizadas pelo GPHER, a pesquisa gerada em torno da história de vida da professora Eurides Pereira de Souza se faz inédita, tanto pelo sujeito histórico pesquisado, quanto pela tese que aqui se sustenta: de

que sua prática educativa, enquanto mediadora cultural, promoveu o acesso a saberes educativo-culturais nas comunidades rurais nas quais trabalhou. Outro fator inédito é apresentar para a Academia uma professora leiga do município de Uberlândia, que se formou no Magistério numa instituição voltada para o Ensino Rural – Fundação Helena Antipoff.

Como assinalado no Capítulo III, a Fundação Helena Antipoff, antes nomeada Complexo Educacional Rural da Fazenda do Rosário, propôs um modelo educacional diferenciado para o meio rural, que buscava a adaptação dos ideais da Escola Nova ao contexto geográfico e cultural e os valores do homem ao seu meio. As instituições e os cursos que ocorriam no Complexo Educacional Rural da Fazenda do Rosário permitiram experimentar novos processos pedagógicos que integravam teoria e prática; era uma espécie de Escola de Aperfeiçoamento com o objetivo de formar professores para atuarem no meio rural por meio do “aproveitamento de atividades da vida cotidiana para fins pedagógicos; o incentivo à cooperação, à iniciativa, à preocupação com a coletividade.” (CAMPOS, 2012, p. 368).

Campos (2012) afirma que esses cursos foram pensados por Helena Antipoff⁵⁴, pois ela considerava que os Cursos Normais existentes, na época não habilitavam os professores para a compreensão do homem do campo e das suas necessidades e, consequentemente, para viver no meio rural. Dessa forma, o ensino realizado no meio rural seria um novo modelo a ser construído juntamente por docentes, alunos, Estado e comunidade.

Os professores que atuariam com a formação de sujeitos inseridos em ambientes rurais deveriam possuir uma formação que considerasse o contexto desses sujeitos e, por esse motivo, precisariam aprender qualidades consideradas essenciais para o exercício bem-sucedido do ofício de professor rural. Eurides considera os sujeitos desse

⁵⁴ Autores também afirmam que uma das referências teóricas de Helena Antipoff sobre a educação no meio rural foi Léon Tolstoi, que defendia a vida simples e próxima da natureza. Em 1850, Tolstoi fundou em Lásnaia, na Polônia, uma escola para os filhos dos camponeses, preocupado com a precariedade da educação no meio rural russo. Sobre essa escola fundada por Tolstoi, Silva (1933) escreveu um texto intitulado “Tolstoi – Precursor da escola nova”, na *Revista do Ensino* publicada em 1933. Nessa escola, Tolstoi priorizava um ensino menos coercitivo e punitivo, valorizando as atividades participativas, ao ar livre, e problematizava a relação entre instrução e transformação social. Além das ideias propostas por Tolstoi, Antipoff também possuía a cultura do povo russo camponês, que valorizava a terra e o produto que dela era retirado. Por isso, quando ao chegar no Brasil, ela ficou impressionada com a quantidade de terra que existia e que poderia ser trabalhada. Outro ponto que é preciso ser considerado é o papel que o meio rural ocupa no modelo da Escola Nova. (CAMPOS, 2012).

espaços e busca elementos para que eles superem as amarras da discriminação relativas ao homem do campo, quando amplia o horizonte pedagógico e cultural da comunidade.

Conforme Duarte (2017), outro papel fundamental disseminado nos cursos de formação da Fundação Helena Antipoff estava relacionado ao saber-fazer do professor rural, enquanto seu papel como um líder de um determinado grupo. As questões ligadas a liderança eram fomentadas durante a disciplina de Psicologia.

Como eram raras as formações específicas como a anunciada, o professor do Ensino Rural esteve à mercê da formação pela cultura empírica.

Dessa maneira, sem desqualificar o papel que a formação normal desempenha na atuação do professor e tampouco fazer apologia às políticas de formação que não atingiam o professor das áreas rurais, faz-se necessário aquilatar a função que a formação pela cultura empírica representou para os professores das escolas rurais, uma vez que a sua presença era central naquele cotidiano escolar. (LIMA, 2018, p. 419).

De acordo com Lima (2018), o Ensino Rural foi rechaçado por limitações de orçamento e a consequente debilidade das escolas, somadas à insuficiente formação de seus mestres. O Ensino Rural se tornou tributário da inventividade de seus professores, em que aprendiam e ensinavam ao mesmo tempo.

Será, portanto, na dimensão das *táticas* e dos usos dos *consumidores criativos* (CERTEAU, 2009), cujas marcas encontram-se na cultura empírica, que poderão ser formuladas muitas questões acerca da história da escola em meio rural. Essas questões ampliarão a compreensão científica do fenômeno e, por fim, auxiliarão os seus sujeitos a buscarem um futuro mais auspicioso para a educação. (LIMA, 2018, p. 419, grifos do autor).

No que tange à infraestrutura, o GPHER realizou pesquisas no Ensino Rural de Uberlândia contemplando o período de 1930 a 1970 (LIMA, 2018). Essa demarcação temporal compreende parte do exercício profissional da professora estudada (1966 a 1997) e revela questões comuns vivenciadas naquele momento pela docente:

As escolas primárias localizadas no meio rural ficavam sob a competência administrativa do município e se caracterizavam pela organização na modalidade de escolas isoladas, multisseriadas e unidocentes. Esses três qualificativos se, de um lado, atestavam os parcos recursos destinados a essas instituições pelo poder público municipal, assim os tímidos investimentos dos Estados e do governo

federal, de outro denotavam as dificuldades com as quais os seus professores se deparavam: isolamento pedagógico e sobrecarga de trabalho e de atribuições. Sendo isoladas, tais escolas não contavam no seu quadro de pessoal com nenhum outro profissional a não ser o próprio professor, que acumulava as atribuições inerentes ao ensino com outras de gestão, orientação educacional e serviços gerais, uma vez que deveria cuidar da administração burocrática intrínseca à educação escolar, do planejamento das aulas, além da limpeza da sala de aula e preparação do lanche. (LIMA, 2018, p. 414).

Figura 42 - Preparação do lanche na Escola Municipal Saudade



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

Eurides compara a escola multisseriada, isolada, unidocente, com a nova realidade das escolas nucleadas.

Foi muito bom. Lá tinha quase tudo, os equipamentos da escola, o material. A gente sonhava em ter uma cantineira na escola, porque antigamente nós é que fazíamos o lanche. A gente pegou o lanche, como se diz, “nu e cru”. A gente teve que se virar com o lanche [Figura 42]. Quando falou que a escola teria cantineira, faxineira, secretária, porque nem secretária não tinha... e sempre tinha aquelas escritas que tem que fazer pra apresentar na Prefeitura. Então, nós mesmo que tínhamos que fazer e levar todo mês para a Prefeitura. Quando chegou a escola moderna, já tinha as secretárias pra fazer esse trabalho. (SOUZA, 2018, p. 283).

Por que tanto desprestígio ao meio rural: precárias condições de trabalho, fragilidade na escolarização dos alunos? Rama (2015) assinala que desde o século XVI, com a chegada dos colonizadores, iniciou-se o processo de urbanização na América

Latina, cujo objetivo era materializar no espaço físico uma dada noção de ordem social. Era preciso civilizar os corpos. Com a Primeira República no Brasil, essa ordem foi intensificada e o rural seria a contraposição do progresso para o País.

Este trabalho não visa reconstruir a prática pedagógica da professora Eurides Pereira de Souza, mas sim sustentar a tese de que sua prática educativa, enquanto mediadora cultural, promoveu o acesso a saberes educativo-culturais nas comunidades nas quais trabalhou.

As comunidades contempladas neste percurso docente foram as seguintes escolas: Escola Municipal Lembrança; Escola Municipal Saudade; Escola Municipal Sucupira; Escola Municipal Tenda dos Morenos; Escola Municipal Olhos D'Água; todas no município de Uberlândia.

A Escola Municipal Saudade e a Escola Municipal Olhos D'Água marcam o período de início e finalização de sua carreira, enquanto professora efetiva do quadro de Magistério da Secretaria Municipal de Educação, pois somente no ano de 1966 Eurides trabalhou como contratada.

Como anunciado no 3º capítulo, a Escola Municipal Saudade foi criada pela Lei Municipal nº 1.214, de 16 de junho de 1964; e inaugurada em 1966. Seu prédio se situa na Fazenda da Saudade, no município de Uberlândia. A área de 756 m² foi doada ao município por uma família da região, os Rodrigues. A área construída, de 92 m², é composta de duas salas de aulas, 42 e 30 m² respectivamente; dois banheiros externos (um masculino e um feminino); um banheiro para professores (todos os banheiros com escoamento para fossa séptica); e uma cozinha. Nunca teve instalação elétrica e o abastecimento de água era feito por meio de cisterna.

A Escola Municipal Saudade permaneceu 23 anos em atividade. Em 1989 foi nucleada⁵⁵ para a Escola Municipal Olhos D'Água. A Escola Municipal Olhos D'Água teve duas sedes: a antiga data de 1942⁵⁶. A atual fica bem próxima da primeira, atravessando a BR-365. Esta foi fundada pelo Parecer nº 94/78, da Secretaria Estadual de Educação – SEE, em 05/04/78. Nesta instituição se encontra o que resta de materiais da Escola Municipal Saudade: três caixas de documentos: diários, Registro Geral do

⁵⁵BENEDETE Netto, Marcos Vinícius. **Da escola rural multisseriada à escola nucleada:** narrativas sobre o espaço, o tempo e o pertencimento no meio rural (Caxias do Sul - RS/1990-2012). Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, 2014.

⁵⁶O trabalho a seguir traz uma foto da primeira sede da Escola Municipal Olhos D'Água: DE JESUS GONÇALVES, Silvana; DE LIMA, Sandra Cristina Fagundes. História do ensino rural no município de Uberlândia-MG (1950 A 1979): os sujeitos e suas práticas. **Horizonte Científico**, v. 6, n. 1.

Estabelecimento de Ensino, movimentação de alunos e, erroneamente arquivados, processos de extensão de série da Escola Municipal Olhos D'Água.

Por que eleger um subtítulo, Escola Municipal Saudade? Por três razões: o maior tempo de docência da professora Eurides foi nesta escola; segundo, porque duas gerações foram escolarizadas nela – a da pesquisadora e primos e a de seus pais e tios; e, por fim, porque há registros fotográficos que ratificam nossa análise.

Os professores vivenciam grande parte de suas experiências profissionais num espaço considerado “celeiro de memória”, a escola. É nesse ambiente que são tecidas partes da memória social, pois, atualmente, a nossa passagem por ela é obrigatória⁵⁷, todos os sujeitos escolarizados carregam esta experiência: a escolar.

Para Thompson (1981), a experiência é uma forma histórica de entendimento, ou seja, mais do que algo imediato, é pela experiência que podemos conhecer o que medeia o conceito e o particular concreto.

As professoras que nos anos 1950, ‘60 e ‘70 foram para a zona rural, em alguns momentos, por conta de cortes na Educação, não tiveram transporte diário para retornar para suas casas.

Para os alunos, só teve transporte depois da nucleação para os Olhos D'Água. Pra mim, no primeiro ano, 1966, também não tinha, mas eu morava encostado na escola. No governo do Renato foi uma maravilha. Eu voltava todos os dias pra casa, mas quando chegou o Virgílio, a coisa mudou de figura. Cheguei a andar na estrada de terra, até 16 km por dia, sendo 8 km para ir para escola e 8 km para voltar. Tinha que madrugar todos os dias. Quando eu conseguia carona com algum conhecido era um alívio. O prefeito novo justificou que era preciso que nós conhecêssemos a comunidade. Mas sabíamos que era corte nas despesas. Eles estavam construindo o Estádio do Sabiá. (SOUZA, 2018, p. 285).

No primeiro Ciclo de Vida Profissional Docente (HUBERMAN, 2000), início da carreira, a professora Eurides experimentou certa autonomia econômica, mas ofuscada pela solidão e pelo novo espaço, a zona rural.

O preço da autonomia era a solidão pelo afastamento geográfico dos familiares, solidão pelo espaço social que ela passara a ocupar e a tornava diferente de outras mulheres de sua geração. Sua liberdade era

⁵⁷ Segundo a LDB nº 9394/96, TÍTULO III - Do Direito à Educação e do Dever de Educar, no Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: I - educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, organizada da seguinte forma: (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).

muitas vezes negociada, transigida e limitada pelos preconceitos da época e pelo grupo social a que pertencia. Os sapatos altos, as roupas elegantes enunciavam uma condição econômica de manter. A autonomia e a independência que os estudos e o salário propiciavam não deviam ser proclamadas abertamente. E, ainda por cima, deveria ser o sustentáculo da sua família e dos filhos das demais famílias, seus alunos. (MULLER, 2000, p. 8).

Depois que as moças terminavam a Escola Normal, passavam a ocupar cargos importantes nas suas cidades de origem. O diploma conferia privilégios, eram admiradas pela profissão. Mas muitas entravam na profissão porque precisavam do salário. Ter uma professora na família era uma saída para as famílias com baixo poder econômico; garantia um espaço no mercado de trabalho.

Desde que mudamos pra Uberlândia eu participei das despesas. Ajudei pagar o terreno dessa casa que nós moramos, trabalhando com a minha mãe no Santa Clara. E o meu pai, que era pedreiro, foi construindo. Os outros irmãos eram muito novos. Como eu te falei, eu não tinha nem roupas pra sair com meus amigos, filhos dos médicos. (SOUZA, 2018, p. 279).

Figura 43 - Professora e alunos na área externa da Escola Municipal Saudade



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

Como já anunciamos, em 1966, no primeiro ano de docência de Eurides, enquanto ela estava na Escola da Lembrança, estava sendo construída a Escola Municipal Saudade, onde ela faria a marca da sua trajetória. A foto da Figura 43 provavelmente é do ano de 1968, segundo ano da professora na escola, inaugurada em 1967. “Quando eu fui pra Lembrança sem saber nada de nada vezes nada e orientação,

do mesmo jeito, eu pensava assim: ‘Sagrado coração! Se Deus ajudasse que eu fosse trabalhar nessa escola nova, era a Escola da Saudade’. Eu já fiquei namorando a escola antes dela ficar pronta.” (SOUZA, 2018, p. 268).

Para Sousa (2015),

Na análise das experiências da professora Nevinha, é possível notarmos que o sujeito professor foi se construindo nas situações vividas, no cotidiano, nas práticas que expressavam interesses, vontades, valores, sentimentos diversos, materializando o conflito e a diferenciação interna, que se efetivou pelas condições permitidas. (SOUZA, 2015, p. 101).

Eurides aprendeu nos cursos, com os alunos, com as famílias. Por muitas vezes estava sozinha e não tinha outro colega de trabalho para partilhar experiências.

Como eu disse, o primeiro ano como professora foi o pior ano da minha vida nas escolas rurais, porque não tinha assistência de nada, apoio de nada, conforto de nada vezes nada. Contando que eu não tinha experiência, então, se eles me colocaram lá nessa situação, teriam que dar uma assistência maior. “Vamos dar uma assistência maior para a Eurides até ela pegar o fio da meada”. Mas não teve assistência nenhuma. Pra eu ter uma noção do que eu poderia passar para os alunos, quando chegava sábado e domingo (durante a semana ficava na casa de alunos, porque não havia transporte), que eu ficava aqui na cidade. E copiava dia e noite matéria dos meninos aqui da cidade pra eu passar pros meus lá, porque eu ficava sem orientação da Prefeitura, da secretaria da Educação. Eles te colocavam lá e falava: “Fica com Deus e pronto!”. Virava as costas. Eu pensei: “Vou ter que apelar com Deus, Deus vai ter que me ajudar”. (SOUZA, 2018, p. 254-255).

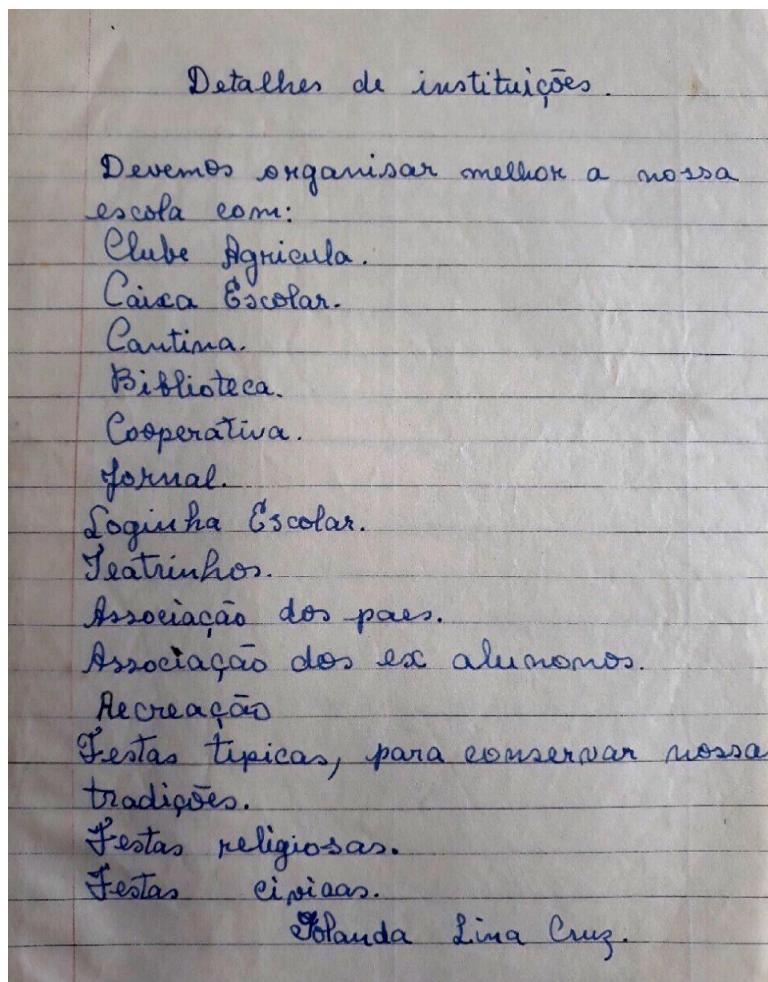
Uma experiência omitida foi a relacionada à indisciplina de alunos e/ou castigos atribuído aos discentes, apesar de afirmar que “Nunca conheci a tal da palmatória, nunca vi isso.” (SOUZA, 2018, p. 280). A convivência da pesquisadora enquanto aluna ratifica a ausência de castigos físicos ou agressões verbais. Temos a hipótese de que a formação escolanovista tenha influenciado a postura da professora, similar ao que aconteceu com Lúcia Casasanta, na afirmação de Maciel (2001, p. 64):

O professorado, com receio de perder a autoridade, confundia a autonomia que os alunos deveriam ter com *o aprender fazendo*, da escola ativa, com a heteronomia do *aprender obedecendo*, da escola tradicional. O momento histórico educacional trazia inovações para docentes que, muitas vezes, não estavam preparados para incorporá-las no cotidiano escolar. A professora Lúcia Casasanta vivia o dilema entre pôr em prática os conhecimentos adquiridos dos professores da

Escola Normal, que já pregavam os princípios de que a liberdade das crianças "na Escola Ativa não é só a liberdade de ação. Antes de tudo, a liberdade de pensamento", e o receio de estar "fugindo" da realidade escolar, cuja concepção de disciplina não era a que ela se propunha a exercer junto aos alunos. Lúcia não era adepta dos castigos físicos; a formação recebida no curso normal já conspirava a favor do novo modelo.

Nos achados da pesquisa na Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais, encontramos um registro de uma aluna da Fundação Helena Antipoff, Iolanda Lima Cruz⁵⁸, denominado "Detalhes de instituições" (Figura 44). Inferimos que seja relativo a uma instituição rural, por conta da oferta dos cursos na fundação.

Figura 44 - Detalhes de instituições



Fonte: Acervo Helena Antipoff.

⁵⁸ Não encontramos mais registros dessa aluna. Inclusive não temos a data do registro.

Embora Eurides não cite a criação de alguns itens como: Clube Agrícola, Caixa Escolar (a Secretaria Municipal de Educação se encarregava dessa tarefa), Cooperativa e Associação de Pais e Ex-Alunos, o restante das orientações é seguido por ela.

A seguir apresentaremos algumas práticas educativas da professora Eurides, as quais sustentam a tese apregoada, de que sua prática educativa, enquanto mediadora cultural, promoveu o acesso a saberes educativo-culturais nas comunidades rurais nas quais trabalhou.

5.4 Festas de calendário e datas comemorativas

Como fizemos o recorte em destacar somente o trabalho realizado na Escola Municipal Saudade, pelas razões expostas, iniciamos a análise de acordo com Bencostta (2006, p. 106), o qual afirma que “das festas cívicas participavam os alunos dos grupos escolares, em que ocupavam lugares distintos e específicos, sendo um momento de empenho e de adesão dos alunos e professores”.

No primeiro capítulo relacionamos as fontes iconográficas como detonadores de memória nos trabalhos históricos. Não obstante as festas de calendário e datas comemorativas não serem obrigatórias no currículo, a professora Eurides fazia questão de realizá-las. Inclusive cita como absurda a não participação de outras professoras.

Os desfiles⁵⁹ são citados pela professora como um acontecimento social e cívico muito importante, que lhe renderam inclusive atritos com outras docentes:

Outra vez foi lá na Saudade, quando saiu o desfile dos alunos no aniversário de Uberlândia. Era pros alunos desfilarem. O prefeito mandou uma carta avisando que era pra preparar os alunos pra eles virem desfilar no aniversário da cidade. Nossa, pra que que ele falou isso?! As professoras que trabalhavam lá comigo queriam morrer. Parece que falou num “trem” do outro mundo pra elas. Tinha uma tal de Maria Siman, deu raiva de espernear: “Eu não vou mexer com isso”. Todo o dia ela me passava raiva, dentro da perua. Vivia falando isso, sabe? “Eu não vou mexer com isso”, como se diz: se você quiser, você quem faz. “Que eu não vou mexer com isso, imagina se eu vou levar esses meninos feios, mal-arrumados, lá no centro da cidade! Eu não vou, de jeito nenhum!”. Eu num podia ter feito ela perder o emprego? (SOUZA, 2018, p. 283-284).

E continua:

⁵⁹ No primeiro capítulo desta tese consta uma foto do desfile de 7 de setembro (Figura 3).

Porque o Renato era justo, ali, em cima. Ele era muito bom, mas ele exigia a sua parte com responsabilidade. Isso é um desacato à autoridade. Porque ele mandou a cartinha falando que era pra fazer isso e ela falou que num ia fazer. Então, ela estava desacatando um prefeito. Pensa se o Renato ia perdoar ela?! Nossa, ela estava na rua, na hora! O Renato não ia aceitar isso, nunca, e eu fui tão boba que eu nunca dedei essas professoras pra elas perderem o emprego (SOUZA, 2018, p. 283-284).

Outra ação surpreendente para a comunidade era a “Semana do Folclore”, pois ela mobilizava a população do lugar para realizar práticas educativas com o objetivo de resgatar a cultura popular do povo brasileiro.

Eram apresentadas danças de todas as regiões do Brasil. Na Figura 45, representações das Regiões Norte (dança do carimbó – alunas de vermelho) e Nordeste (as baianas).

Figura 45 - Danças regionais - 1978



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

Além de mostras de danças brasileiras, a professora resgatou uma tradição que estava sendo esquecida em nossa região do Triângulo Mineiro, a cavalhada⁶⁰.

A cavalhada foi um ponto importante de movimento na relação comunidade-Escola Municipal Saudade (Figura 46). Mas com o êxodo rural nos anos 1970 e ‘80, a tradição só é vista, nos anos seguintes, no distrito de Tapuirama, no município de Uberlândia – Minas Gerais.

⁶⁰ **Cavalhada** é uma celebração portuguesa tradicional que teve origem nos torneios medievais, onde os aristocratas exibiam em espetáculos públicos a sua destreza e valentia, e frequentemente envolvia temas do período da Reconquista. Servia como exercício militar nos intervalos de guerras, onde nobres e guerreiros cultivavam a galantaria. As cavalhadas no Brasil recriam os torneios medievais e as batalhas entre cristãos e mouros. Os personagens principais são os cavaleiros, vestidos de azul (cristãos) ou vermelho (mouros) e armados de lanças e espadas.

No País, registram-se desde o século XVII e as cavalhadas acontecem durante a festa do Divino, nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil.

Fonte: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cavalhadas>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

No distrito de Tapuirama, município de Uberlândia, a Cavalhada acontece em todo primeiro domingo do mês de julho.

O fechamento da escola em 1989, com a nucleação para Escola Municipal Olhos D'Água, acarretou um isolamento da comunidade, pois a partir daí a população se encontrava somente uma vez por mês, nas missas dominicais da Capela da Saudade.

Figura 46 - Cavalcada em 1978 – Comunidade da Escola Municipal Saudade



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

A Escola Municipal Saudade também foi palco de bailes aos sábados, promovidos pela professora para integrar a comunidade (Figura 47). Os eventos eram muito esperados. De acordo com Eurides, “Era um meio de diversão, mas seguindo o programa de ensino com as datas importantes. Naquelas datas importantes sempre fazia uma festinha, como: era Dia das Mães, o Dia das Mães; então, tinha as Semanas da Criança; e comemorava as datas cívicas do País. E então, com isso, o povo foi se achegando na escola.” (SOUZA, 2018, p. 275).

Figura 47 - Ex-alunos em um baile na Escola Municipal Saudade - 1977



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

Outra ação que sustenta nossa tese, relativa às práticas educativas como mediadora cultural, se refere à mulher que fez ponte entre a comunidade e a rádio. Nos anos 1970, eram raras as casas que tinham televisão, na zona rural. O rádio era o meio de comunicação mais popular, com exceções, como na primeira casa em que Eurides se hospedou.

Quando começou essas festinhas, começou o entrosamento com o povo das rádios. E também porque, como eu te falei, o povo mandava uma cartinha pra homenagear “alguém que ‘tava fazendo aniversário”. Era a Difusora, que era ali em cima, no Umuarama, e tinha a Rádio Educadora, que era lá em baixo, perto do INSS. Os locutores das rádios passaram a invocar comigo: “A professora Eurides assim, aquilo outro, fazendo isso, aquilo e aquilo outro”. Eles já esbanjaram meu nome nas rádios. Eles ficaram envolvidos comigo, com as minhas escolas, o resto da vida [risos], os radialistas. Tinha um tal de Alfredinho. Esse eu fui lá algumas vezes, mas não foi muito. Agora, o tal de Zé do Bode, que era na rádio Difusora... E tinha um outro que esqueci o nome. Eram três rádios. Nas festinhas que eu fazia nas escolas, sempre eu chamava um deles pra animar o povo. Tinha aquele show de violeiros cantadores, aquela coisa da música sertaneja, e o povo rural achava muito bom. (SOUZA, 2018, p. 274-275).

Mediante o exposto, percebemos que a professora Eurides agia como uma embaixatriz do lugar. Levava recados a serem dados na rádio, comprava materiais para as famílias que lhe pediam. Ministrava o conteúdo exigido no programa de ensino, promovia bailes e ainda ministrava catequese para as crianças na Capela da Saudade, igreja próxima à escola.

5.5 A Igreja – Capela da Saudade⁶¹

A Capela da Saudade fica aproximadamente a 500 metros da Escola Municipal Saudade (Figura 48). A capela foi construída em 1899, perfazendo neste ano 120 anos. Os descendentes do idealizador contam que naquele lugar existia um Cruzeiro, no qual as pessoas iam rezar o terço e colocar água aos pés da Cruz, pedindo a Deus que chovesse nas estiagens. Mas numa ocasião, uma família de moradores próximo ao antigo Rio das Velhas (Rio Araguari), cerca de dois quilômetros do local, estava com um filho enfermo e a mãe o levou no colo até ao Cruzeiro, pedindo a Deus que ele se recuperasse. Com sua recuperação milagrosa, o senhor Francisco Alves de Rezende (Chiquinho Rezende), proprietário das terras, decidiu que ali seria erguida uma igreja, por conta desse milagre. Com recursos próprios e colaborações de outros fazendeiros, a igreja é inaugurada.

Figura 48 - Frente da Capela da Saudade - 2017



Fonte: <<https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/11877/igreja-de-uberlandia-e-tombada-como-patrimonio-cultural>>. Acesso em 18 jul. 2019.

⁶¹ O Decreto nº 17.091 de 8 de maio de 2017, aprova o tombamento do bem cultural denominado “Capela da Saudade”. O Prefeito de Uberlândia, no uso de suas atribuições legais previstas no art. 45, VII, da **Lei Orgânica** do Município, e com fundamento no art. 24, § 2º, III da Lei Municipal nº **10.662**, de 13 de dezembro de 2010 e suas alterações. Considerando a proposta de tombamento da Capela da Saudade, efetivada pelo Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Cultural de Uberlândia – COMPHAC. Considerando o valor histórico e cultural da Capela da Saudade, que exerce grande símbolo do sagrado para as comunidades do entorno do bem, com relevante influência na religiosidade na zona rural. Considerando a legalidade do processo de tombamento nº 003/2016 e a homologação da decisão do Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Cultural de Uberlândia - COMPHAC, pelo Chefe do Poder Executivo, publicada no Diário Oficial do Município nº 5124, de 02 de maio de 2017.

Fonte: <<https://leismunicipais.com.br/a1/mg/u/uberlandia/decreto/2017/1710/17091/decreto-n-17091-2017-aprova-o-tombamento-do-bem-cultural-denominado-capela-da-saudade-e-da-outras-providencias>> . Acesso em: 18 jul. 2019.

Devido à proximidade da igreja com a escola, esse lugar se tornou o espaço de socialização da comunidade. Nesse ínterim, Eurides, a professora nova, chegada da cidade, se torna o centro das atenções. A comunidade parecia ter sede de conhecimento de urbanidade e de conhecimento religioso.

As interações escola-igreja-comunidade refletem a formação recebida no Curso Normal Rural, idealizado por Helena Antipoff.

Seus princípios e as práticas propostas são coerentes com os preceitos de respeito às especificidades individuais/lokais e o fornecimento de elementos essenciais para a vida coletiva. É nesse sentido que interpretamos seu olhar sobre a função civilizadora da escola e do/a professor/a, capazes de transformar sujeitos e elevá-los a “formas superiores de pensamento e de sentimento” e de hábitos. (CAMPOS et. al., 2017, p. 876).

Nesse sentido, a professora organiza uma celebração na Capela da Saudade para comemoração dos seus 25 anos de Magistério. Embora a escola já estivesse desativada, a Secretaria Municipal de Educação autorizou-a realizar na escola sua festa. A festividade contou com a presença de muitas homenagens de ex-alunos e pais e colegas de profissão.

Eu sei que, quando eu comecei lá, o povo já me convidava pra ir à missa. Comecei ir na missa e depois mais pra frente eu chamava os alunos para fazer a Primeira Comunhão. Então, a primeira vez que teve a Primeira Comunhão lá na Capela da Saudade, foi eu e uma outra professora que organizamos. E dessa vez eu arrumei inimizade com um dos pais. Eu esqueci de comprar a meia da menina, de tão ocupada que eu era, que eu não tive tempo pra lembrar da meia, porque tinha que fazer a roupa branca pra Primeira Comunhão. Aí o povo de lá sempre pedia pra eu fazer alguma coisa pra eles aqui na cidade. Porque eu vinha todo o dia; nessa época já era o tempo de vir todo o dia. (SOUZA, 2018, p. 260).

Mesmo com o desentendimento com esta família, a professora continuou com relações estreitas com a igreja. Em suas “Bodas de Prata”⁶², toda a festividade partiu da missa realizada na Capela da Saudade, como veremos nas imagens a seguir.

⁶² Bodas de Prata é o nome dado para comemoração de 25 anos de casamento. Mas aqui utilizamos a mesma terminologia para nos referir aos 25 anos de exercício do Magistério da professora Eurides Pereira de Souza.

Figura 49 - Durante a missa realizada especialmente para suas “Bodas de Prata”



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

Podemos observar, na Figura 49, a quantidade de cartazes afixados nas paredes, a decoração primorosa do altar e a quantidade de pessoas que participaram da celebração. Esses são alguns indícios da relevância da professora estudada na comunidade da Escola Municipal Saudade.

Após a missa, podemos observar que Eurides faz pose mediante as imagens de São Sebastião e de Nossa Senhora Aparecida e posteriormente segue em procissão com os demais participantes (Figuras 50 a 52).

Figura 50 - Saída da procissão com as imagens de São Sebastião e Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

Conforme o estudioso da fé católica, professor Felipe Aquino (2013), o rito da procissão tem o objetivo de lembrar aos fiéis da romaria que temos que percorrer até a Casa de Deus⁶³ – fato muito discutido pela professora no seu exercício docente.

A procissão aconteceu nos arredores, entre a igreja e a escola. A escola toma emprestada a sacralidade exercida pela Igreja.

Embora o Brasil tenha se tornado um Estado laico com o Decreto⁶⁴ nº 119-A, de 07/01/1890, de autoria de Ruy Barbosa, a população católica continuou disseminando suas ideias. Notamos que mesmo nas escolas públicas, muitos professores, seja por tradição ou por falta de formação, continuaram a catequizar no ambiente escolar.

Figura 51 - Procissão da missa de “Bodas de Prata”



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

⁶³ As procissões podem possuir um significado profundo para os fiéis e simbolizam a caminhada de oração do Povo de Deus, em comunidade, rumo à Casa do Pai, conforme está escrito: "*Que alegria quando me disseram: Vamos à casa do Senhor*" (*Salmo 122,1*). Fonte: <<https://berakash.blogspot.com/2012/12/a-origem-e-significados-das-procissoes.html>>. Acesso em: 18 jul. 2019.

⁶⁴ Até o advento do Decreto nº 119-A/1890, havia liberdade de crença no Brasil, mas não havia liberdade de culto. Os cultos de religiões diferentes daquela adotada como oficial pelo Estado (Catolicismo Romano) só podiam ser realizados no âmbito dos lares. Com o mencionado decreto, o Brasil deixou de ter uma religião oficial. Com a separação Estado-Igreja, a extensão do direito à liberdade religiosa foi ampliada. Fonte: <<http://egov.ufsc.br/portal/conteudo/brasil-laicidade-e-liberdade-religiosa-desde-constitui%C3%A7%C3%A3o-da-rep%C3%ABlica-federativa-de-1988>>. Acesso em: 18 jul. 2019.

Figura 52 - Travessia de charrete – entre a igreja e a escola



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

5.6 Homenagens

No campo das homenagens, encontramos uma nota no Jornal O Triângulo, de 3 de agosto de 1978, a qual parabenizava os aniversariantes servidores municipais desse dia. Logo, nos deparamos com o nome da professora Eurides Pereira de Souza.

Figura 53 - Lista de aniversariantes de 03 de agosto de 1978



Jornal O Triângulo, Uberlândia, 3 de agosto de 1978, Ano 50, N. 4.059, p. 5.

Fonte: Jornal O triângulo, Uberlândia, 3 de agosto de 1978, Ano 50, N. 4.059, p.5.

Nesse período Eurides constituía o quadro de professores efetivos com a formação no Magistério. Teria sido a nova situação, a razão pelo destaque do seu nome, a nível municipal? Não temos informações a respeito desse tipo de registro. Mas, nos sentimos intrigados, por se assemelhar à um tipo de homenagem recebida.

Quando perguntamos à professora sobre as homenagens recebidas, ela não cita a reportagem anterior. A docente se lembrou das “Bodas de Prata” e “de Pérola”: “Nos meus 25 anos fui homenageada na Saudade. Nos 30 anos de carreira, recebi homenagens na Escola Olhos D’Água e no outro ano fui homenageada na minha aposentadoria”. (SOUZA, 2018, p. 276).

Na próxima foto (Figura 54), Eurides é recebida com faixa, abraços, pela Comunidade na Escola Municipal Saudade. Muitos ex-alunos, pais e vizinhos da instituição.

Figura 54 - Recepção da comunidade à professora Eurides após a missa



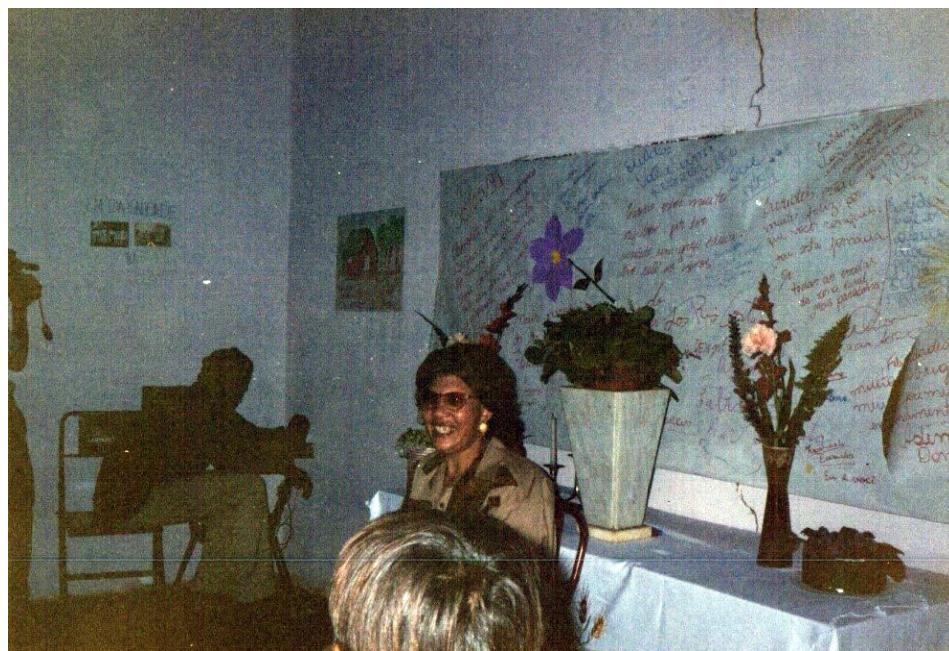
Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

As fotografias inseridas no texto não se limitam a ilustrações: são fragmentos e reflexos de um tempo vivido. Elas fornecem as provas cabais de que a professora Eurides esteve ali e que deixou as suas marcas.

As fotos são registros importantes nas práticas educativas da professora. Nos anos 1970, ‘80 e até nos anos ‘90, uma máquina fotográfica não era tão barata. A aquisição desse aparato tecnológico demonstra o investimento realizado pela professora.

A Figura 55 registra o momento em que, no interior da escola, ela recebe homenagens declamadas pela comunidade.

Figura 55 - As homenagens na Escola Municipal Saudade



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

Em seguida, um grupo de alunos faz apresentação, mostrando o alfabeto (Figura 56). O trabalho com o alfabeto parece ter sido um trabalho perene na carreira de Eurides: “Primeiro houve aquele batido pra eles aprenderem as letras. Depois das letras, que foi indo mais devagar sobre as sílabas”. (SOUZA, 2018, p. 258).

Figura 56 - Apresentação do alfabeto



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

A professora Eurides sempre se apoiou na música, enquanto recurso cultural e pedagógico. A música apresentada acima foi *Abecedário da Xuxa*⁶⁵. O quadro de giz e o apagador eram praticamente os únicos instrumentos de uso cotidiano dos docentes. Desse modo, isso requeria, como ainda requer, um desdobramento maior dos professores para se fazerem entender e despertar, no aluno, o interesse pela aprendizagem.

Ao longo de sua trajetória de vida profissional, a professora Eurides recebeu outras homenagens (Figura 57).

Figura 57 - Diploma de Mérito

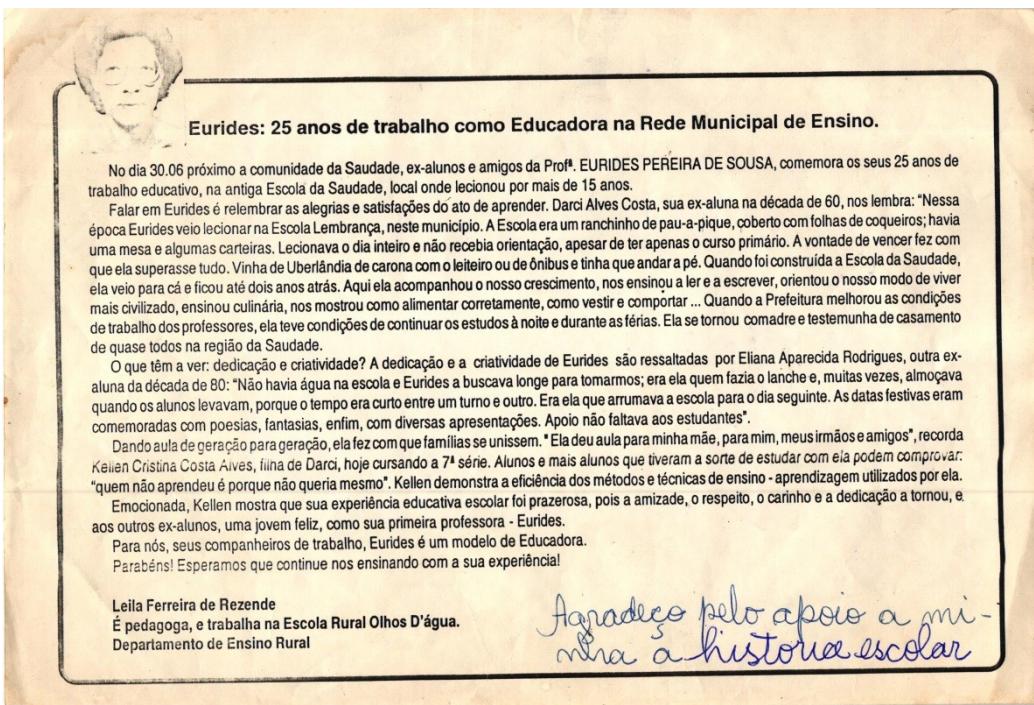


Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

Em um dos momentos das entrevistas, a docente nos mostra uma homenagem escrita, que lhe marcou, pois ela se sentia lisonjeada quando uma “chefe” a admirava. O texto foi feito por uma supervisora escolar (Figura 58).

⁶⁵ Letra e música *Abecedário da Xuxa*. Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=0PVhjTS8as4>>. Acesso em 19 jul. 2019.

Figura 58 - Homenagem de uma supervisora escolar – 25 anos de Magistério



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

Teve uma vez que até uma pessoa falou assim, uma das mais poderosas lá da secretaria, esqueci o nome dela: “Eurides, com qual supervisora você mais gosta de trabalhar?”. Às vezes eles ficam sondando a gente só pra te conhecer melhor, pra ver se você tem a capacidade, e vai indo. Eu respondi: “Uai, me dou bem com todas elas, eu combino de trabalhar com todas elas”. Ela me replicou: “Mas, também, quem não combina com você?!”. (SOUZA, 2018, p. 291).

A penúltima homenagem recebida foi relativa à sua aposentadoria na Escola Municipal Olhos D’Água em 1997 (Figura 59).

Na Figura 60, Eurides é cercada pelos colegas de trabalho.

A aposentadoria é um tempo esperado por muitos da classe docente.

Figura 59 - Painel da aposentadoria



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

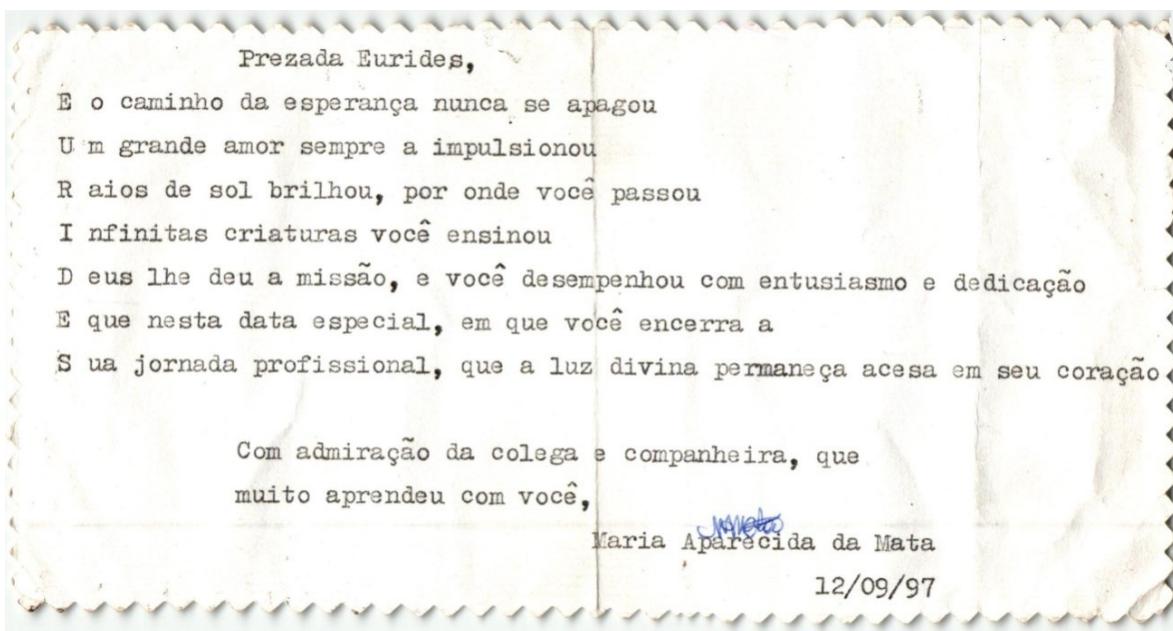
Figura 60 - Eurides com os colegas da Escola Municipal Olhos D'Água



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

Na busca por materiais ainda guardados pela docente, Eurides fez questão de nos entregar o cartão a seguir (Figura 61):

Figura 61 - Cartão de uma supervisora da Escola Municipal Olhos D'Água



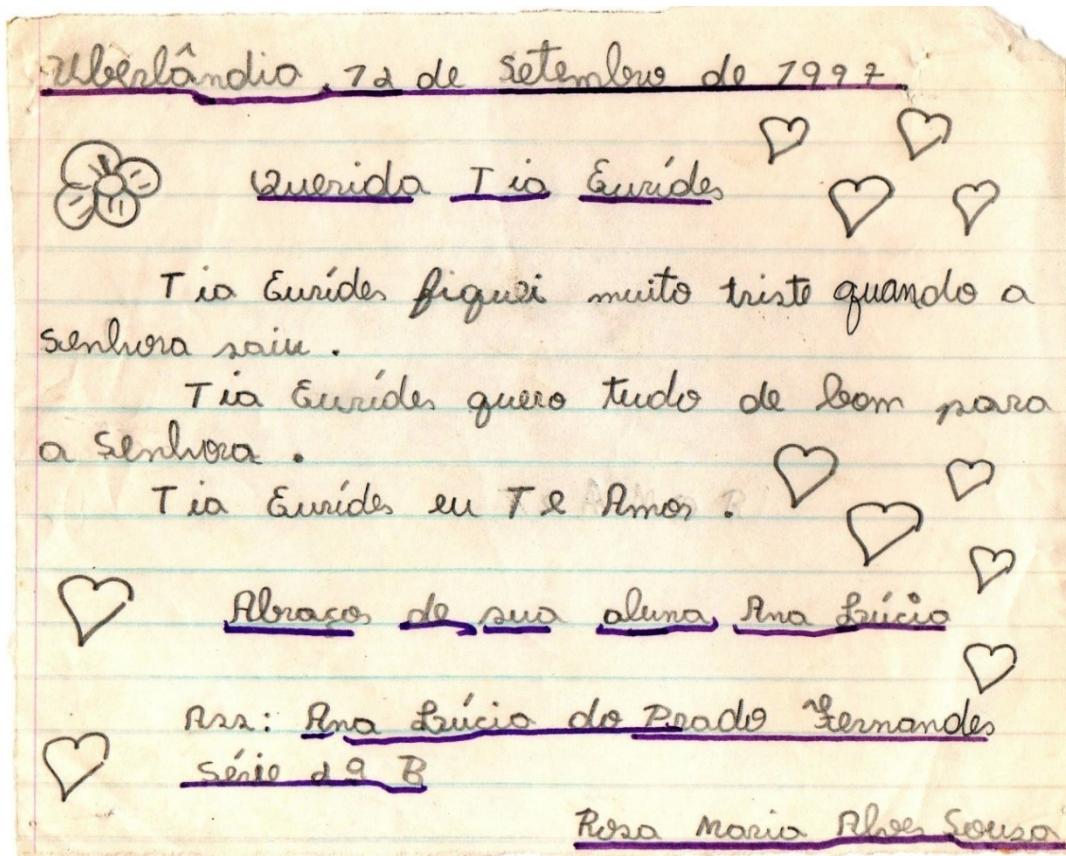
Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

Ela se sentiu novamente lisonjeada com esse cartão, porque considerava a supervisora Maria Aparecida muito exigente e trabalhadeira.

Existe muita gente preguiçosa. Tinha uma professora numa escola que eu visitei que até hoje trabalha em escola municipal. Se ela visse a gente fazendo qualquer coisa de bem pra uma escola, pra isso, pra aquilo, ela falava assim: "Fulana, larga de ser boba, o que que você ganha com isso?". A cabeça dela era desse jeito. Até para a supervisora, Aparecida, muito trabalhadeira, ela falava: "Aparecida, para que você 'tá mexendo com isso, Aparecida, o que que você ganha com isso?". Então, tudo pra ela era "o que que você ganha com isso". Ela pensava assim: "Num vou fazer nada, porque não ganho nada". (SOUZA, 2018, p. 252).

Infelizmente, a professora Eurides não construiu uma biblioteca particular, para arquivar seus cadernos de plano, cadernos de alunos, livros, diários, cartas, convites, mensagens, entre outros. Contudo, alguns últimos bilhetes de alunos foram guardados. Percebemos que houve um movimento na Escola Municipal Olhos D'Água para prestigiá-la, com cartas feitas pelos alunos (Figura 62).

Figura 62 - Mensagem de aluna



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

Por fim, a grande homenagem veio materializada com seu nome dado à Biblioteca da Escola Municipal Olhos D'Água. De acordo com suas narrativas, seu nome foi escolhido por meio de eleição (Figura 63).

Foi escolhido meu nome através de eleição. Eles queriam premiar as funcionárias mais antigas da escola, então era eu e a Maria de Lourdes. Fizeram a eleição pra todo mundo, funcionários e alunos terem liberdade de escolher o que quisessem e, aí, o meu nome que ganhou. Mas não tinha nem jeito do povo votar contra, porque se eles tivessem votado contra, seria uma traição, porque todo mundo sabia que foi eu que montei a biblioteca. Quando os meninos passavam, eles me viam desenhando lá, fazendo desenho pra pôr nas paredes, então todo mundo sabia, que a biblioteca era, bem dizer, minha. Quando saiu essa eleição aqui, eu já não estava mais. Então, de certa forma, foi uma forma de homenagem. [...] A Maria de Lourdes era uma boa professora. Mas ela num tinha esse dom de fazer muita coisa pra escola, sabe? E então, “quando é fé” chegou a notícia aqui pra mim, que eu tinha ganhado. Me convidaram pra ir pra lá, na inauguração na festa. Parece que ia comemorar também o aniversário da escola, parece que tinha mais uma coisa. Esqueci o que era e aproveitou esse dia pra inaugurar a biblioteca. (SOUZA, 2018, p. 278).

Figura 63 - Quadro de Eurides na biblioteca



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

Encerradas as homenagens, traremos sobre a criação e consolidação da Biblioteca Eurides Pereira de Souza no próximo subtítulo.

5.7 A construção de uma biblioteca e a aposentadoria de Eurides

Com a nucleação da Escola Municipal Saudade em 1989, Eurides é realocada para a escola sede – Escola Municipal Olhos D’Água. A professora continuou seu exercício docente nas séries iniciais do Ensino Fundamental, ainda chamado de Primário – 1^a à 4^a séries. Ela continuou a fazer questão de registrar momentos especiais, como a conclusão de série com a turma da 2^a série do Ensino Fundamental (Figura 64).

Figura 64 - Conclusão de série



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

Figura 65 - Escola Municipal Olhos D'Água na atualidade – 2019



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora

Depois de algum tempo no exercício da regência com alunos do primário, a professora Eurides passa a ser docente da eventualidade, e aí surge uma grande ideia:

Foi assim: eu estava na eventualidade e me deu aquela ideia de eu montar uma biblioteca lá. Peguei as prateleiras. Tinha as prateleiras que era das professoras utilizar na sala de aula pra poder colocar material e essas estavam todas jogadas fora, abandonadas lá nos Olhos D'Água. Aí eu queria montar a biblioteca, mas tinha pouco recurso. Aí eu pensei assim: “Ai, meu Deus do céu! Eu vou ter que fazer milagre aqui, mas a biblioteca sai! E fui procurando uma coisa, procurando outra, “quando é fé” eu achei essas prateleiras abandonadas. Pronto, eu achei o que eu precisava [risos]. (SOUZA, 2018, p. 276-277).

De acordo com Campos et. al. (2017, p. 872), fazia parte da formação das normalistas na Fundação Helena Antipoff a frequência à biblioteca: “A partir de 1966, ficou discriminada a dedicação de duas horas semanais, em todas as séries, para biblioteca”. Entretanto, como os relatos da ida à biblioteca para fazer pesquisas aparecem desde 1950, acreditamos que essa já era uma prática desenvolvida na escola antes da sua formalização na grade curricular dos Cursos Normais. Inferimos que essa ação pedagógica mobilizou em Eurides o desejo de criar um setor tão importante na escola. Outro fator desencadeador pode ser devido ao trabalho da mulher-ponte, que, em busca de prestígio e da disseminação de práticas educativas, pensou numa ação que deixasse marcas na nova comunidade escolar.

Foi eu que montei porque que eu num vi ninguém dar essa ideia de arrumar uma biblioteca lá. Então eu vi uns livros lá, jogados num lugar guardado, assim, meio de qualquer jeito. Eu pensei: “Gente, aquilo ali eu podia arrumar e montar uma biblioteca”. E logo eu já falei pro povo lá que estava com vontade. A diretora autorizou, concordou, achou boa a ideia. Pronto, aí eu fui arrumar aquelas prateleiras, que na biblioteca não é prateleira, é estante. Na época teve uma reforma lá na escola e eu pedi aos pedreiros e ao pintor pra eles arrumarem as tintas pra mim, porque eu queria pintar aquelas prateleiras velhas, pra dar um aspecto de nova. Então, eles me arrumaram a tinta eu pintei e as prateleiras se transformaram. (SOUZA, 2018, p. 277).

A Figura 66 registra a “Dona da Biblioteca” recebendo um presente das mãos da diretora. A professora considerava justo a biblioteca ter o seu nome, mediante os esforços dedicados para sua criação e consolidação.

Figura 66 - Inauguração da Biblioteca Eurides Pereira de Souza - 1998



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

Ao ser questionada sobre como foi construído o ambiente alfabetizador da biblioteca, responde:

Os desenhos eu tirei dos livros de historinha pra menino, pra ver se encantava os meninos e eles ficassem naquela curiosidade de vontade de ler, saber o que aconteceu aqui e tal. Então, assim eu fiz, então eu sempre punha os desenhos lá enfeitando as paredes, que era pra chamar a atenção dos alunos, e lá de fora da escola, no corredor, tinha um corredor comprido, eu pus uma seta, indicando assim: SIGA, siga, siga, até chegar na porta da biblioteca. Como se diz, as setas estavam convidando os meninos pra ir na biblioteca. Na porta eu coloquei um sinaleiro igual o de trânsito: o vermelho, o verde e o amarelo, não é? Aí eu escrevi assim: Pare, olhe e leia! [risos]. Pra chamar a atenção dos meninos, porque menino adora uma novidade. Eles querem ver aquilo de perto, aquela coisa. Então, eu fiz tudo pra esses meninos invocar com a biblioteca. Cada sala tinha seu dia e sua hora. Não ia todo mundo assim, duma vez, não. Tinha dia que eu não estava pra substituir alguém. Dessa forma, todo mundo acostumou desse jeito, com o sistema. (SOUZA, 2018, p. 278) (Figura 67).

Figura 67 - Alunos na biblioteca – 1996



Fonte: Acervo da professora Eurides Pereira de Souza.

Interessante notar que a professora, além de ter cuidado da parte de infraestrutura, foi responsável por arquivamento, constituição do ambiente alfabetizador e sedução dos alunos pelo novo espaço escolar. Segundo ela, nunca fez curso voltado para o trabalho como bibliotecária: “Nunca vi esse curso.” (SOUZA, 2018, p. 279). Além de não ter a formação específica, a docente acumulou funções: “Desempenhei os dois serviços: bibliotecária e eventual.” (SOUZA, 2018, p. 279).

O trabalho de eventualidade acarretou um problema de saúde na garganta: nódulo nas cordas vocais. “Eu tinha criado a biblioteca, estava muito feliz com a biblioteca, mas como eu substituía muitos professores, eu fui obrigada a me aposentar porque eu estava perdendo a voz.” (SOUZA, 2018, p. 278). Como anunciamos, a biblioteca tinha sido montada e só foi inaugurada após a aposentadoria de Eurides.

Mas houve uma dúvida: por que ela não se aposentou, quando completou os 25 anos de trabalho?

Porque eu estava esperando chegar a escola do meu sonho. Eu esperava que a escola um dia chegasse a ser a escola do meu sonho, porque eu comecei num rancho de pau a pique, e então era aquela escola que não tinha graça, aquele aspecto. Eu não gostava de jeito nenhum. Eu sonhava com uma escola bem equipada, uma escola bem

arrumada, como se eu fosse um aluno que estava sonhando de ter aquela escola. (SOUZA, 2018, p. 283).

O sonho acabou por conta de um problema de saúde. É importante salientar que muitos docentes se aposentam doentes, sem objetivos na “nova vida”. É preciso repensar as políticas públicas voltadas para essa população, pois o sentimento parece ser de frustração e impotência.

No começo eu achei ruim, fiquei perdida nos primeiros dias que eu me aposentei. Fiquei sem lugar. Não sabia nem ficar aqui em casa. Fiquei com aquela agonia, parece que eu tinha que fazer alguma coisa. Eu fiquei desse jeito. Custeiai acostumar a ficar à toa. Depois, bem mais pra frente, que eu comecei a inventar uma coisa, a inventar outra. Um cursinho disso, daquilo. Inaugurou o CEA [Centro Educacional de Assistência Integrada ao Idoso] perto de casa. Eu também ia para a Educação Física. Fui procurando coisas pra eu fazer, porque não aguentava ficar o dia inteiro só em casa. Eu sempre trabalhei nos dois turnos. Saía cedinho, com o escuro, e voltava de tarde. No primeiro dia eu fiquei sem lugar, eu num sabia acabar de tomar o café e sentar, ficar quieta, olhando. Achei ruim demais da conta. Eu gostaria de ter tido perfeição no meu corpo, na minha saúde. Gostaria de ter tido, pra mim ficar mais tempo na escola. (SOUZA, 2018, p. 286).

Segundo a narradora: “Eu gostava muito dali. Se não fosse a garganta ficar ruim, era capaz que eu não tinha pedido pra aposentar.” (SOUZA, 2018, p. 286).

Sobram-nos dúvidas:

- o que a gestão escolar fez, para tentar solucionar o problema?
- por que a própria Eurides não tirou licença médica para tratar o incômodo?
- qual o trabalho de prevenção era realizado para os docentes?
- por que tamanha desvalorização em relação ao espaço da biblioteca escolar: fechá-lo, para eventualidade?

O trabalho com Histórias de Vida não consegue abranger a completude de uma existência, mas tenta montar o mosaico das fontes pesquisadas. Nesta pesquisa/montagem são reveladas mazelas e vitórias dos agentes estudados. Junto à revelação, é possível que tenhamos caído nas armadilhas de mergulhar no objeto e estabelecer uma relação nostálgica do passado vivido e sermos influenciados por uma “bela história”.

Contudo, esperamos ter apontado neste capítulo as práticas educativas da professora Eurides Pereira de Souza, como mediadora cultural das comunidades pelas

quais passou, com o objetivo de deixar um legado para as futuras gerações docentes sobre a importância de um “professor na escola e na vida”.

POSSÍVEIS DESCOBERTAS

Ao chegarmos ao fim de um trabalho, dois sentimentos nos vêm à tona: o de dever cumprido e o de incompletude, porque poderíamos ter feito mais. Mas, enfim, dou Graças ao Senhor nosso Deus, porque ele é bom! “Eterna é a sua misericórdia” (Salmo 117). A dimensão espiritual que transcende nossa razão faz parte de nossa trajetória de vida e, para mim particularmente, é um pilar que me sustenta. Foi baseado na fé, no amor e na perseverança que este trabalho se concretizou.

Ao construirmos o trabalho, fazemo-nos pesquisadoras, escritoras e narradoras. Conforme Vygotsky (1984), o prazer está presente, assim como as torturas da criação.

Prestei o processo seletivo para cursar o doutorado (Turma 2015) grávida da minha segunda filha, Maísa. A minha primogênita, Mariana, com seus 2 anos e meio de idade, já requeria, de mim e de meu esposo, cuidados especiais por conta de um atraso motor. Maísa nasceu prematura e teve muitas intercorrências respiratórias. Foram muitas noites sem dormir. Apesar do cansaço, consegui fazer as disciplinas, enquanto gozava da licença-maternidade. Eram idas e vindas da faculdade para casa para amamentar a Maísa e idas e vindas às terapias que Mariana necessitava.

Contudo, para pesquisadores que trabalham com a metodologia da História Oral, é imprescindível colher as narrativas do sujeito pesquisado. Eu tive o privilégio de ter o objeto vivo, não queria perder a oportunidade. Mas o meu retorno para a escola, após a licença-maternidade, me impossibilitou de continuar a pesquisa. Não conseguia administrar minha vida pessoal/familiar com a profissional e a acadêmica. Sob conselhos da minha orientadora, professora Dra. Sônia Maria dos Santos, decidi trancar o curso. Em decorrência desses fatos, passei por um processo de adoecimento, necessitando de intervenção psiquiátrica e psicológica. Nesse contexto, o Senhor, nosso Deus, estendeu sua mão para mim, quando a minha vaga de licença para qualificação me foi concedida, em agosto de 2017, reiniciando assim o percurso de pesquisa.

Dessa forma, é necessário que a população compreenda a importância das políticas públicas voltadas ao financiamento de pesquisas, pois, se assim não fosse, pessoas com uma história semelhante à minha teriam desistido do trabalho.

A partir de então, passo a mergulhar no objeto. Como anunciado na Introdução, a história de vida da professora Eurides Pereira de Souza me interessou, porque também faz parte da minha trajetória de vida. Minha mãe e seus irmãos, assim como meus

irmãos e eu, fomos alunos dela, cada grupo em sua geração, na Escola Municipal Saudade, zona rural do município de Uberlândia, Minas Gerais. É o cruzamento da história de si e do outro (JOSSO, 2004). Por conta disso, e conforme nossa experiência de ex-alunos, reconhecemos a importância de suas práticas educativas como mediadora cultural. Portanto, não podia deixar uma história de vida tão singular guardada somente na memória. Outro aspecto salutar nessa pesquisa é considerar no meio acadêmico e escolar a importância das histórias de vida na formação de professor (HONÓRIO FILHO, 2011).

Mediante a história de vida de uma professora primária no Ensino Rural, foi possível perceber os modos de constituição do ser e fazer-se professor numa determinada época e lugar social, considerando as possibilidades históricas, sociais e culturais. O seu jeito de ser professora não era só dela, mas de outras professoras, de toda uma geração e de toda uma época (SOUZA, 2015).

Aproximações e distanciamentos deste objeto de pesquisa são perceptíveis no extrato histórico das pesquisas consultadas. Ao mesmo tempo em que o jeito de ser professora não era só dela, Eurides apresentou a singularidade para além do fazer pedagógico. Suas práticas educativas destoaram de outras histórias de vida docente. São alguns exemplos: a proximidade com a comunidade (foi madrinha de vários casamentos e de várias crianças); a realização de bailes na instituição escolar à luz de lampião e lamparina; o resgate de tradição cultural, como a cavalcada; o fato de levar alunos a exposições, teatro, cinema; e ainda as atitudes de trazer lembranças culturais de suas viagens, levar cartas da comunidade para a rádio da cidade, levar a equipe da rádio e banda de música para eventos na escola, ministrar catequese na igreja próxima, ornar a escola com uma ambiência pedagógica, além do zelo no lanche e na limpeza. Como citamos, seria impossível abranger a completude de uma vida pessoal e profissional.

No intervalo desse processo, eu, como pessoa, mudei. Não sou pesquisadora de ofício, mas tentei fazer uma pesquisa à altura de uma tese de doutorado. Como docente da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (ESEBA/UFU⁶⁶), pretendo realizar as atividades de ensino-pesquisa-extensão, pautadas neste trabalho de doutoramento.

Como em toda pesquisa de História Oral de Vida, o pesquisador não apresenta de forma cronológica e linear a totalidade de uma vida, pois seria inexequível pessoal e

⁶⁶ Para conhecer sumariamente a criação e a consolidação da instituição, acesse: <<http://www.eseba.ufu.br/eseba>>. Acesso em: 21 jul. 2019.

academicamente. Para Bourdieu (2006, p. 185), essa tentativa se chama ilusão biográfica, quando se tenta

Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma sequência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.

Destarte, após a Introdução, o primeiro capítulo da pesquisa aponta a fundamentação teórica e metodológica utilizada. Apresentamos os fundamentos da Nova História Cultural, promovida pela Escola dos Annales, justificando o alargamento das fontes. Depois expomos os conceitos de História e Memória e, por fim, o trabalho no Campo das Representações.

No que tange aos passos metodológicos evidenciamos as pesquisas bibliográfica e documental. Compreendemos que a pesquisa bibliográfica é indispensável a qualquer trabalho com caráter científico; já a pesquisa documental e a iconográfica nos serviram como fontes complementares, com o objetivo de ratificar as narrativas da professora Eurides. Dessa forma, as narrativas constituem o coração desta pesquisa. Com poucas fontes escritas, recorremos às narrativas, na perspectiva metodológica da História Oral de Vida.

O roteiro de entrevistas procurou abordar eixos considerados estratégicos na vida da professora, os quais compõem o estudo: sua vida antes, durante e depois da escola; a opção pelo magistério; o exercício profissional; e a aposentadoria. As fontes dessa natureza lidam com a subjetividade, ou seja, com paixões, emoções, frustrações, esquecimentos, não ditos. Portanto, é relatada uma generalização analítica da formação, da profissionalização e da construção identitária da professora Eurides Pereira de Souza.

Por meio das narrativas, fomos desvelando suas memórias, as quais foram eleitas como a categoria de análise de maior importância nesta pesquisa, pois, quando um professor nos permite ouvir a sua voz, ele nos dá acesso às suas experiências de vida e ao seu ambiente sociocultural, que são ingredientes da pessoa que somos, do nosso sentido do eu. Como é nossa vida, dentro e fora da escola, sua identidade e sua cultura têm impacto sobre a prática educativa (GOODSON, 1995).

Partindo do legado de Ledo Ivo (2004), no livro *Confissões de um Poeta*, aventuramo-nos a explicar a vida da docente, por meio de sua obra (docência). A busca por destacar sua importância nas comunidades escolares nos levou a investigar sua

formação docente e a contribuição do seu fazer pedagógico e de suas práticas educativas nesses espaços.

Optamos por desvelar, no segundo capítulo, sua infância e juventude, o contexto histórico em Araxá e as razões da vinda da família Pereira de Souza para a cidade de Uberlândia. Uberlândia, nos anos 1950, 1960, fazia-se figurar no contexto nacional como “A Eldorado do Cerrado”. A construção da Ferrovia Mogiana e a malha rodoviária que cruzava a cidade, principalmente a via até Brasília, concretizaram tal propaganda. Esses atributos seduziram a família citada, em vista de melhores condições de vida.

O trabalho no Hospital Santa Clara, como copeira, indicado pela tia, induziu Eurides a sonhar com a profissionalização no campo da enfermagem, mas as condições socioeconômicas e a tenra idade foram empecilhos para essa empreitada. Mediante um sonho frustrado, ela passa a trabalhar como doméstica em casas de famílias afortunadas, no centro da cidade. Deixa o hospital em vista de melhor salário.

Nesse novo espaço de trabalho, tem a notícia de que a Prefeitura Municipal de Uberlândia estava contratando professores leigos para o exercício docente no Ensino Rural do município. Em primeiro de maio de 1966, inicia suas atividades – segundo a professora Eurides, “o pior ano de sua vida”: sem formação docente, sem experiência, morando na casa de pais de alunos na zona rural e podendo vir para casa somente em alguns finais de semana. Passou a copiar os conteúdos dos alunos da zona urbana para repassar aos seus, como forma de ter parâmetros curriculares.

No próximo ano, 1967, é inaugurada uma nova escola nas proximidades, nomeada Escola Municipal Saudade. A escola que marcaria sua vida e sua vida que marcaria a vida da comunidade. “Escola Saudade” e professora Eurides tornaram-se um caso de metonímia. Conforme Le Goff (2003), a entrevista em História Oral devolve para a comunidade o direito de escrever a sua própria história e, nela, incluem-se os atravessamentos biográficos de Eurides Pereira de Souza.

Na gestão do novo prefeito, Renato de Freitas, o transporte escolar diário era concedido aos professores do Ensino Rural, assim como a oportunidade de participar de um curso de capacitação preparatório para um concurso de professor efetivo na Prefeitura. As ações deste prefeito ficaram guardadas na memória de Eurides, que o trata como referência de um excelente gestor.

O curso preparatório para o concurso, o apoio das supervisoras de ensino e os saberes experenciais construídos formavam a docente. Como se não bastasse, ao saber

da oferta de um curso de férias que a habilitaria para o magistério, Eurides participa do curso na Fundação Estadual de Educação Rural Helena Antipoff⁶⁷, na Fazenda do Rosário, em Ibirité, Minas Gerais. Obteve lá o “Certificado de Conclusão do Curso de Qualificação Profissional, nível de 2º Grau, para o Magistério de 1ª à 4ª Séries de 1º Grau”, em 18 de março de 1978.

Na qualificação do texto da pesquisa, em 16 de agosto de 2018, a professora Dra. Francisca Maciel nos orienta a ir em busca das provas da formação de normalista da professora, realizada na citada fundação, em Ibirité, já que até aquele momento tínhamos somente as narrativas da professora. Naquele ano fomos – a professora pesquisada e eu – duas vezes à instituição e uma vez ao Acervo Helena Antipoff, situado na Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais, sediada em Belo Horizonte. O convite direcionado a Eurides para me acompanhar teve o propósito de deflagrar o “baú de memórias” da professora, ao entrar em contato novamente com aquele espaço formador.

Não encontramos nenhum indício relativo a livro de matrícula, diário de frequência, provas, cadernos, com o registro da professora Eurides, mas outras pistas nos foram dadas ao entrarmos em contato com esse universo. Descortinaram-se para nós as matrizes formativas da fundação, pela sua idealizadora e gestora Helena Antipoff: os princípios escolanovistas norte-americanos e as influências europeias da Universidade de Genebra e do Instituto de Jean Piaget.

De leiga a normalista, compreendemos a relevância da cultura empírica nesse processo formativo, sobretudo quando se trata de professores sem formação técnica, comumente não valorizada no âmbito de uma tradição escolarizada como no Ocidente.

Todo esse movimento é registrado no terceiro capítulo. Iniciamo-lo com algumas considerações históricas da formação de professores, depois avançamos na formação propriamente dita de Eurides na Fundação Helena Antipoff e finalmente realizamos apontamentos sobre a formação em Ibirité.

No percurso biográfico da professora Eurides constatamos a influência dos conhecimentos obtidos na Fundação Helena Antipoff sobre a sua formação e atuação, ao longo dos anos, como professora. Segundo a docente: “Foi o melhor curso da minha vida”. Os conhecimentos apreendidos por ela foram apropriados e ressignificados em sua prática pedagógica.

⁶⁷ A Fundação passou por vários nomes, por isso optamos pela denominação atual: Fundação Helena Antipoff.

De volta a Uberlândia, e sem as provas cabais da formação, a professora orientadora Dra. Sônia Maria dos Santos recomenda ir em busca da pasta funcional da professora, na Área Administrativa de Recursos Humanos da Prefeitura Municipal da cidade. Igualmente, convido Eurides a me acompanhar e me autorizar o acesso aos seus documentos. Para nossa satisfação, encontramos a cópia do “Certificado de Conclusão do Curso de Qualificação Profissional, nível de 2º Grau, para o Magistério de 1ª à 4ª Séries de 1º Grau”, de 18 de março de 1978. Tiramos cópia de todos os documentos, os quais serviram de dossiê na composição da sua carreira profissional.

A composição do quarto capítulo foi subsidiada pela fundamentação teórica de Növoa (1992), Tardif (2012) e Huberman (2000), a respeito de saberes docentes e construção de identidades e as fases do ciclo de vida profissional docente. Analisamos os documentos extraídos da pasta funcional da professora Eurides sob a luz das referências citadas, os quais foram organizados em nove grupos, expressando a carreira docente da professora, a saber: Formação; Progressão; Financeiro (pedidos de retroativos e adicionais); Contagem de tempo (para licença de férias-prêmio; para aposentadoria e para um concurso do Estado de MG); Férias; Licença-Prêmio; Atestados (saúde e óbito do pai); Aposentadoria; Diversos (apólice de seguro).

A história de vida da professora Eurides se confunde com sua trajetória profissional, mediante as expressões de dedicação não só à Educação, mas também à comunidade escolar. Em conformidade às lições de Alberti (2004, p. 23),

“[...] as biografias de indivíduos comuns concentram todas as características do grupo. Elas mostram o que é estrutural e estatisticamente próprio ao grupo e ilustram formas típicas de comportamento. De tal modo, que o sujeito biografado se encontra vinculado à comunidade indo além da individualidade do sujeito pesquisado.

Nesse sentido, construímos o quinto e último capítulo do trabalho: “Professora na escola e na vida”. Traçamos o panorama histórico-político no Brasil compreendendo o recorte temporal do trabalho (1966 a 1997) e o legado da Ditadura Militar na Educação brasileira. Em seguida, adentramos a discussão sobre “Cultura Escolar” (JULIA, 2001) e “Mediação Cultural” (SIRINELLI, 1998, 2003). Aqui a tese tem seu principal aporte teórico, quando a Cultura Escolar se refere aos saberes disseminados na escola e a Mediação Cultural é realizada por meio das práticas educativas que ultrapassam os muros escolares – por isso, na vida.

Posteriormente, discorremos sobre o Ensino Rural e a inserção da Escola Municipal Saudade nesse contexto. Por meio das narrativas e das fontes iconográficas apresentamos ao leitor algumas práticas educativas, como as festas de calendário e datas comemorativas realizadas na Escola Municipal Saudade e a relação da professora com a igreja – Capela da Saudade.

A professora em destaque tentou mudar a realidade em que se encontrava.

Havia uma intencionalidade quando ela promovia os saberes educativo-culturais, através das escolas onde lecionava. Quando fazia os eventos escolares, o público local esperava as novidades que ela colocava para serem encenadas, em conformidade com as datas cívicas. As rádios Difusora e Educadora, da cidade de Uberlândia, noticiavam antecipadamente as realizações da professora.

Em seguida, tratamos das homenagens à professora Eurides recebidas pelas comunidades da Escola Municipal Saudade e da Escola Municipal Olhos D'Água. Nesta última, a homenagem foi materializada na inauguração oficial da biblioteca escolar, cujo nome foi dado em homenagem à professora Eurides Pereira de Souza por meio de eleição, após sua aposentadoria. Uma forma de a comunidade convalidar a criação e a consolidação do espaço feito pela docente.

Por fim, a aposentadoria. Eurides afirma que se aposentou por conta de uma enfermidade nas cordas vocais. Já estava no seu trigésimo primeiro ano de exercício docente na Rede Municipal de Ensino e trabalharia mais, se tivesse ficado somente na biblioteca, onde o desgaste com a voz é menor do que na sala de aula. As reincidências com o trabalho de eventualidade provocaram o dano. Além desse percalço, no quarto capítulo desvelamos parte das políticas públicas voltadas para a aposentadoria nos anos 90, na Rede Municipal de Ensino de Uberlândia, como o não recebimento de dobra por ter contribuído com valor relativo a apenas um período trabalhado, com a Previdência Municipal, IPREMU.

Portanto, observamos que a professora, por meio da criação e da consolidação da Biblioteca Escolar Olhos D'Água, deixou sua marca na instituição. Nos anos '90, a Rede Municipal de Ensino de Uberlândia não tinha políticas de formação voltadas para biblioteca escolar. Desse modo, tais ações refletiam práticas educativas de vanguarda para o momento.

Apesar dos enaltecimentos, nem tudo correu como o esperado pela professora, seja no esquecimento de comprar uma meia para a Primeira Eucaristia de um aluno, seja na preparação de vestimentas para desfile em carro alegórico em 7 de setembro, para as

quais o pai de aluno não vê necessidade. Com certeza, outras situações ocorreram e a professora esqueceu ou omitiu em suas narrativas.

As narrativas também revelaram as várias vezes que a professora Eurides foi omissa, quando percebeu falta de ética no fazer do outro servidor, como aconteceu na supervisão do lanche, quando ela notou vários brinquedos que não havia sido doado; igualmente, quando ficou sabendo que uma professora em determinada escola, “pegava” o lanche para fazer para os funcionários e não para os alunos, dentre outros.

Nesta pesquisa não ouvimos as vozes de ex-alunos, ex-colegas de trabalho ou familiares. Tínhamos o sujeito vivo e em potencial, diferentemente do que fizeram Maciel (2001), Sousa (2015), Pinheiro (2019), entre outros. De modo semelhante ao que Carvalho (2007) realizou em sua dissertação, pesquisando a história de vida da ex-secretária municipal de Educação de Uberlândia, Ilar Garotti, em que a religiosa e professora falou de si: Ilar por Ilar, a professora Eurides Pereira de Souza falou de si (JOSSO, 2004), sob minhas análises como ex-aluna e pesquisadora.

O estudo em questão ajudou a compreender como a professora Eurides conseguiu realizar a mediação cultural, num espaço tão desprestigiado: as escolas de Ensino Rural, nos anos 1960 aos anos 1990. Dessa forma, a docente se insere no cenário local, regional e nacional, quando se tratar de objetos de pesquisa da mesma envergadura.

A contradição nesta tese se revela no retrato de uma mulher, parda, pobre e leiga no Magistério, a qual poderia ter continuado em seu trabalho de doméstica, mas que, na sua singularidade, superou todas as evidências contrárias e quis marcar as comunidades por onde passou com práticas educativas que extrapolaram o fazer pedagógico previsto nos programas de ensino da Rede Municipal de Educação de Uberlândia, Minas Gerais.

Mediante a não análise da totalidade da narrativa da professora e de parte da documentação, sugiro novas investigações, no sentido de identificar e refletir sobre: (i) as representações das práticas educativas da professora pelos ex-alunos, pais, colegas de trabalho e familiares; (ii) os impactos da mediação cultural percebida pelos agentes; (iii) o trabalho pedagógico realizado nas instituições por onde passou; (iv) outros aspectos não identificados neste trabalho.

Para finalizar, alguns leitores devem se perguntar: mas afinal, como é a Escola Municipal Saudade? E por onde anda a professora Eurides?

Figura 68 - Aniversário de Eurides - 2019



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

A professora Eurides está muito bem, obrigada! Goza de saúde física e tem aproveitado seu tempo para se dedicar às irmãs, à religião, aos amigos e às viagens.

Mas a Escola Municipal Saudade...que saudade, vive às margens dos vândalos que percorrem as redondezas, e se presta a abrigar os animais dos pastos e as aves do céu. Quem passa por lá e sabe da sua história se entristece, mas ainda deve guardar os bons momentos vividos.

Figura 69 - Frente da Escola Municipal Saudade – 2019



Fonte: acervo pessoal da pesquisadora.

REFERÊNCIAS

I. Fontes orais:

SOUZA, Eurides Pereira de. **Entrevista concedida à pesquisadora Kellen Cristina Costa Alves Bernardelli.** Uberlândia-MG, 14 fev de 2018.

SOUZA, Eurides Pereira de. **Entrevista concedida à pesquisadora Kellen Cristina Costa Alves Bernardelli.** Uberlândia-MG, 16 fev de 2018.

SOUZA, Eurides Pereira de. **Entrevista concedida à pesquisadora Kellen Cristina Costa Alves Bernardelli.** Uberlândia-MG, 21 mar de 2018.

II. Bibliografia consultada:

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral.** 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALENCAR, José F. de. A professora "leiga": um rosto de várias faces. In: THERRIEN, Jacques; DAMASCENO, Maria N. (Coords.). **Educação e Escola no Campo.** Campinas: Papirus, 1993.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Vozes esquecidas em horizontes rurais: histórias de professores.** Dissertação de Mestrado. UFRGS/PPEdu, 2001.

ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e educação: a paixão pelo possível.** São Paulo: UNESP, 1998.

AMARAL, MARIA T. M. Políticas de habilitação de professores leigos: a dissimulação da inocuidade. In: GARCIA, Walter; THERRIEN, Jacques; NICOLAU, Marieta Lúcia Machado. **Professor Leigo: institucionalizar ou erradicar?** São Paulo: Cortez, (Cadernos SENEB 3), 1991.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho.** São Paulo, SP: Boitempo, 2009.

_____. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho.** São Paulo, SP: Cortez, 2010.

ANTUNES-ROCHA, M. I.; MARTINS, A. M.; AUGUSTO, R. C. **Helena Antipoff e a educação rural: um olhar sobre o passado.** Cultura, direitos humanos e práticas inclusivas em Psicologia e Educação. 1^aed. Belo Horizonte: PUC Minas, 2015.

AQUINO, Felipe. **A Sagrada Escritura.** São Paulo: Editora Cleófas, 2013.

ARAÚJO, Caroline Abreu & LIMA, Sandra Cristina Fagundes de. História do ensino rural no município de Uberlândia-MG (1950 a 1979): os sujeitos e suas práticas. **Horizonte Científico**, v. 5, n. 2, p. 1-30, 2011.

ASSIS, D. A., & LIMA, S. C. F. Heróis sem nome: representações sobre o espaço rural e o urbano, as escolas rurais, as professoras e os alunos (Uberlândia-mg, 1950 - 1980). **Revista Brasileira de História da Educação**, 19, 2019.
<https://doi.org/10.4025/rbhe.v19i0.42548>.

ASSIS, Danielle Angélica de. **Inventoras de trilhas: história e memórias das professoras das Escolas Rurais do Município de Uberlândia - MG (1950 a 1980)**. Dissertação de Mestrado, UFU, 2018.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei Federal n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Institui as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 21 de dezembro de 1961.

_____. **Constituição: República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

_____. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº. 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Disponível em <http://www.fc.unesp.br/~lizanata/LDB%204024-61.pdf> Acesso em 28 dez. 2015.

_____. **Lei 5.540, de 28 de novembro de 1968**. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5540.htm>. Acesso em 10 maio de 2010.

_____. **Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, DF: 1971. Disponível em:
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 10 maio de 2010.

_____. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa. **Curriculum no ciclo de alfabetização: perspectiva para uma educação do campo. Educação do Campo: unidade 01**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012a.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na Idade Certa. Planejamento do ensino na perspectiva da diversidade. Educação do Campo: unidade 02**/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012b.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na Idade Certa. **Apropriação do sistema de escrita alfabetica e a consolidação do processo em alfabetização em escolas do campo. Educação do Campo: unidade 03**/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012c.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na Idade Certa. Brincando na escola: o lúdico nas escolas do campo. Educação do Campo: unidade 04**/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012d.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na Idade Certa. **O trabalho com gêneros textuais em turmas multisseriadas. Educação do Campo: unidade 05** / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012e.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na Idade Certa. **Projetos didáticos e seqüências didáticas na educação do campo: a alfabetização nas diferentes áreas de conhecimento escolar. Educação do Campo: unidade 06**/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012f.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na Idade Certa. **Alfabetização para o campo: respeito aos diferentes percursos de vida. Educação do Campo: unidade 07**/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012g.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na Idade Certa. **Organizando a ação didática em escolas do campo: Educação do Campo. unidade 08**/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012h.

BARROS, Josemir A. **Organização do Ensino Rural em Minas Gerais, suas muitas faces em fins do XIX e início do XX (1899-1911)**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, UFU, Uberlândia, 2013.

BASTOS, Josane Aparecida Quintão Romero. **O mal-estar docente, o adoecimento e as condições de trabalho no exercício do magistério, no ensino fundamental de Betim/MG** / Belo Horizonte, 2009.

BENCOSTTA, Marcus Levy. Desfiles patrióticos: Memória e cultura cívica dos grupos escolares de Curitiba (1903- 1971). In: VIDAL, D. (Org.). **Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNARDELLI, Kellen Cristina Costa Alves. **História e Memória do Liceu de Uberlândia, MG - 1928 a 1942**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia, 2007.

- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** 6 ed São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1981.
- _____. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário.** Trad. Maria Lúcia Machado. 2 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. **Questões de sociologia.** Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 2003.
- _____. **Coisas ditas.** Trad. Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral.** 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. **A imprensa periódica como objeto de instrumento de trabalho: catálogo da hemeroteca Júlio de Mesquita do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.** São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1975. (Dissertação).
- CAMPOS, Regina Helena de Freitas. Helena Antipoff: razão e sensibilidade na psicologia e na educação. Estudos Avançados, São Paulo, v. 17, n. 49, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300013>>. Acesso em 20 mai. 2018.
- _____. **Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.
- CAMPOS, Regina Helena de Freitas; JINZENJI, Mônica Yumi; LUZ, Iza Rodrigues. Escrita e leitura de diários na formação de professoras para escolas rurais em Minas Gerais (1948-1974). **Educ. Pesq.**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 863-878, jul./set., 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s1517-97022016133535>>. Acesso em 20 mai. 2018.
- CARDOSO, Ciro Flamaron. **Os métodos da História.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- CARVALHO NETO, C.T. & BRAGA, L. **Adoecimento docente: a degradação do trabalho e da vida.** Revista FAFIC, 4(4), 1-13, 2015.
- CARVALHO, Cleide Fátima. **Ilar Garotti: vida, docência e religiosidade** (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.
- CARVALHO, Luciana Beatriz de Oliveira Bar de. **A configuração do grupo Escolar Júlio Bueno Brandão no contexto Republicano (Uberabinha 1911 - 1929).** Dissertação de Mestrado. UFU, Uberlândia, 2002.
- CASSEMIRO, Maria de Fátima Pio. Formação de professores para a educação especial: a experiência de Helena Antipoff e seus colaboradores na Fazenda do Rosário na década de 1960. (Tese de Doutorado), UFMG, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s1413-653825190002000010>>. Acesso em 17 jun. 2018.

- CATROGA, Fernando. Memória, história e historiografia. Coimbra: Quarteto, 2001.
- CDPHA. Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (Org.). Coletânea das obras escritas de Helena Antipoff: educação rural. v. 4. 1. ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1992.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- _____. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. v. 1.
- _____. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- _____. **O mundo como representação**. In: Estudos avançados, 11 (5), 1991.p. 173-191. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>>. Acesso em 17 abr. 2018.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 61-80.
- CHARTIER, Roger. Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas. In: ROCHA, João Cesar de Castro (Org.). **Roger Chartier, a força das representações: história e ficção**. Chapecó: Argos, 2011. p. 21-54.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- CIAVATTA, Maria & ALVES, Nilda (orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social: História, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- CIAVATTA, Maria. **Quando nós somos o outro. Questões teórico-metodológicas sobre os estudos comparados**. Revista Educação e Sociedade, Campinas, XXI (72): 197-230, 2000. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-7330200000300011>>. Acesso em 17 abr. 2021.
- COELHO, Maricilde Oliveira & MACIEL, Francisca Izabel Pereira. O ensino da leitura nas províncias do norte do Brasil: Primeiro Livro de Leitura, de Augusto Ramos Pinheiro. In: SANTOS, Sônia Maria dos & ROCHA, Juliano Guerra (Orgs.). **História da alfabetização e suas fontes**. Uberlândia: EDUFU, 2018.
- DANGELO, Newton. **Cidade, nação e cultura popular nas ondas do Rádio - Uberlândia/MG 1939/1969**. Revista Tempos Históricos. v. 2, n. 1 (2000).
- DE JESUS GONÇALVES, Silvana; DE & LIMA, Sandra Cristina Fagundes. **História do ensino rural no município de Uberlândia. NO MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA-MG (1950 A 1979): OS SUJEITOS E SUAS PRÁTICAS**. Horizonte Científico, v. 6, n. 1.

- DEL PRIORE, Mary Lucy Murray (org.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto/Unesp, 1997.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida.** Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2009.
- DUARTE, Adriana Otoni Silva Antunes. **Psicologia na formação de educação rural na obra de Helena Antipoff: um olhar sobre o passado Educacional Rural da Fazenda do Rosário (1948 - 1974).** UFMG, Belo Horizonte, 2017.
- DUBAR, Claude. **Para uma teoria sociológica da identidade.** A socialização. Porto: Porto Editora, 1997.
- FARIA, Brenda da Silva. **De portas fechadas: Vivências e resistências dos professores de história no ensino básico de Uberlândia nos anos de Ditadura Militar - 1964 a 1985.** (Dissertação de Mestrado), UFU, Uberlândia, 2007.
- FERNANDES, Orlando Rodrigues. **Uberlândia Impressa: a década de 1960 nas páginas de jornal.** Dissertação (Mestrado em História), UFU, 2008.
- FERREIRA, N. V. C. **A história escola normal rural brasileira nos anos de 1942 - 1963.** 2016. Projeto de pesquisa (Estágio de pós-doutorado) - Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, UFU, Uberlândia, 2016.
- FERREIRO, Emilia, TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- FERROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, Antonio; FINGER, M. (Orgs.). **O método autobiográfico e a formação.** Lisboa: Ministério da Saúde, 1998.
- FONSECA, Anita. **Manual da Lili.** Belo Horizonte: Editora do Brasil, 1942.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil: História Oral de Vida.** Campinas, SP: Papirus Editora, 1997.
- _____. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados.** Campinas: Papirus, 2003.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Saberes da experiência, histórias de vida e formação docente.** In: CICILLINI, Graça Aparecida e NOGUEIRA, Sandra Vidal (Org.). Educação escolar: políticas, saberes e práticas pedagógicas. Uberlândia: EDUFU, 2002, p. 85 - 102.
- FORMOSINHO, J. (Coord.). **Formação de professores: aprendizagem profissional e ação docente.** Porto: Porto Editora, 2009.
- FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.** Trad. Guaíra Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médica, 1993.
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Elizete Albina Ferreira de. **A vida em flor de Dona Beja [manuscrito]: entre a ficção e a história /** Elizete Albina Ferreira de Freitas. - 2006.

GARCIA, Regina Leite. Orientação Educacional afinal a quem serve? **Caderno Cedes.** Nº 6, p 28 a 36, 1983.

GASPAR, Maria de Lourdes Ribeiro. **Ecos do progresso: práticas e representações sociais no Grupo Escolar Delfim Moreira (1908 a 1931).** Universidade Federal de Uberlândia, 2006. (Dissertação de Mestrado).

GATTI, Bernadete. Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade. **Cadernos de pesquisa,** São Paulo, n. 98, p. 85-90, ago. 1996.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais.** Trad. Federico Carotti. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

_____. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Cia das Letras: São Paulo, 1987.

_____. Introdução. In: GINZBURG, Carlo. **Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa.** Trad. Samuel Titan Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GIRON, Loraine Slomp. Da memória nasce a história. In: LENSKIJ, Tatiana & HELFER, Nadir Emma (orgs.). **A memória e o ensino de História.** Santa Cruz do Sul: Edunisc; São Leopoldo: ANPUH/RS, p. 74-90, 2000.

GODTSFRIEDT, Jonas. Ciclos de vida profissional na carreira docente: revisão sistemática da literatura. **Corpoconsciência,** Cuiabá-MT, vol. 19, n.02, p. 09-17, mai/ago 2015.

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história.** Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GONÇALVES NETO, Wenceslau. Organização do ensino público no final do século XIX: o processo legislativo em Uberabinha, MG. Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/325>>. Acesso em 10 jul. 2019.

GONDRA, José G. **Artes de civilizar: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

GOODSON, Ivo F. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, Antônio. (Org.). **Vidas de professores.** Portugal: Porto editora, 1995.

GUIMARÃES, Edite da Glória Amorim. **Histórias de alfabetizadores: vida, memória e profissão** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HONÓRIO FILHO, Wolney. Velhas histórias coladas à pele: a importância das histórias de vida na formação do professor. *Educação, Porto Alegre*, v. 34, n. 2, p. 189-197, maio/ago. 2011.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, Antônio (org.). *Vidas de professores*. 2ed. Porto: Porto Editorial, 1995.

_____. **O ciclo de vida profissional dos professores**. In: NÓVOA, Antônio. (Org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Porto, 2000.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação permanente do professorado: novas tendências**. São Paulo: Cortez, 2009.

INÁCIO FILHO, Geraldo. Ordens do dia e educação política: da construção à materialização da representação coletiva. (Tese de doutorado). Universidade estadual de Campinas, 1997.

THERRIEN, Jacques; DAMASCENO, Maria N. (Coord.). **Educação e Escola no Campo**. Campinas: Papirus, 1993.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JULIA, D. **A cultura escolar como objeto histórico**. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Cortez, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória; tradução Bernardo Leitão**. 3 ed. Campinas, Ed. UNICAMP, 1994.

_____. **São Luís**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. 5 ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.

LEÃO, Eliana. História e representações sociais: o Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais "Julietta Diniz" CEMEPE na visão dos educadores da rede municipal de ensino de Uberlândia: (1991-2000). Universidade Federal de Uberlândia, (dissertação de mestrado), 2005.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

LIMA, Glaura Teixeira Nogueira. **As águas que rolaram: no poder, na urbanização e na modernização de Araxá (1890 - 1926)**. 2001. Dissertação de Mestrado, UNESP, Franca, 2001.

_____. Via de duplo sentido: Araxá cidade balneário 1920 - 1940. 2007. Tese de doutorado, PUC-SP, São Paulo, 2007.

LIMA, Hugo Cunha. Estradas De Minas: O Protagonismo Do Caminhoneiro No Processo De Industrialização De Uberlândia (1946-1964). Monografia. Universidade Federal de Uberlândia, 2017.

LIMA, Sandra Cristina Fagundes de. Eu aprendi e ensinei também ao mesmo tempo: professores leigos na história da escola rural. R. **Educ. Públ.** Cuiabá, v. 27, n. 65/1, p. 405-423, maio/ago. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.29286/rep.v27i65/1.6588>>. Acesso em 17 fev. 2018.

_____. História do Grupo Escolar Coronel Carneiro, Uberlândia-mg (1946 -1971). **Cadernos de História da Educação** - v. 9, n. 2 - jul./dez. 2010.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. Memória e estudos autobiográficos. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (org.). **A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

LOPES, Marta Julia Marques & LEAL, Sandra Maria Cezar. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. Cadernos pagu (24), janeiro-junho de 2005, pp.105-125. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-83332005000100006>>. Acesso em 17 fev. 2018.

LOURENÇO FILHO, Manoel B. **A formação de professores: da Escola Normal à Escola de Educação**. Brasília, DF: INEP, 2001. (Coleção Lourenço Filho, 4. Organizador: Ruy Lourenço Filho).

CARVALHO, Luciana Beatriz de Oliveira Bar de. **A configuração do grupo Escolar Júlio Bueno Brandão no contexto Republicano (Uberabinha 1911 - 1929)**. Dissertação de Mestrado. UFU, Uberlândia, 2002.

Machado, C. A. F. **O processo de escolarização na área rural de Montes Claros-MG (1960-1989): memórias e representações de professores e alunos (Tese de doutorado)**. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016.

MACHADO, Franciele. Roger Chartier e a noção de representação: definições, diálogos e contexto historiográfico francês no século XX. In: Marcelo de Mello Rangel; Marcelo Santos de Abreu; Rodrigo Machado da Silva (Orgs.). **Anais do 8º Seminário Brasileiro de História da Historiografia - Variedades do discurso histórico: possibilidades para além do texto**. Ouro Preto: EDUFOP, 2014.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. **Lúcia Casasanta e o método global de contos: uma contribuição à história da alfabetização em Minas Gerais**, 2001, Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Minas Gerais, 2001.

MAGALHÃES, Justino. Tecendo Nexos; história das Instituições Educativas. Bragança Paulista: EdUSF, 2004.

_____. Contributo para a história das instituições educativas - entre a memória e o arquivo. In: FERNANDES, Rogério e MAGALHÃES, Justino (Orgs.). **Para a História do Ensino Liceal em Portugal. Actas dos Colóquios do I Centenário da Reforma de Jaime Moniz (1894-1895)**. Universidade do Minho, Braga, 1999, p. 63-78.

MAGALHÃES, Maria Zeneide Carneiro. **Educação e memória: velhos mestres de Minas Gerais (1924-1944).** (Doutorado em HISTÓRIA) UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2009.

Manke, L. S. **Docência leiga: história de vida de profissional de professoras primárias leigas (Pelotas, 1960-1980).** (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Pelotas, Pelota, 2006.

MARCONI, M. de A. & LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 1992.

MARTINS, José de Souza. **Subúrbio: ida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo - São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha.** 2 ed. São Paulo: Huatec/Unesp, 2002.

MAUAD, A. M. Fotografia e história, possibilidades de análise. In: CIAVATTA, M. ALVES, N (Orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social: História, comunicação e educação.** São Paulo: Cortez, 2004.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem: fotografia e história interfaces.** Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n °. 2, 1996, p. 73-98.

MEIHY, José Carlos S. B. **Manual de História Oral.** São Paulo: Loyola, 2000.

MIGNOT, Ana Crystina Venâncio. **Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armando Álvaro Alberto.** Bragança Paulista: Edusf, 2002.

MIGNOT, Ana Crystina Venâncio. Em busca do tempo vivido: autobiografias de professoras. In: MIGNOT, Ana Crystina Venâncio; CUNHA, Ana Teresa Santos. (Org.). **Práticas de memória docente.** São Paulo: Cortez, 2003.

MIRANDA. Ana Paula Tavares. **Arquitetura Moderna no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: indícios para a construção de uma cultura arquitetônica (1945 - 1975).** 2014. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Paulo. São Carlos. 2014.

MONTEIRO, Maria Iolanda. **Histórias de vida: saberes e práticas de alfabetizadoras bem-sucedidas.** 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MORAIS, Maria Aristene Câmara. **Isabel Gondim: uma nobre figura de mulher.** Natal: Terceirize Editora e Gráfica, 2003.

MOTA, Diomar das Graças. **As mulheres professoras na política educacional no Maranhão.** São Luís: UFMA, 2003.

MULLER, Maria Lúcia Rodrigues. As construtoras da nação: professoras primárias na Primeira República. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 2000, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos do I Congresso Brasileiro de História da Educação.** Rio de Janeiro: SBHE, 2000. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/111_maria_lucia_r.pdf>. Acesso em 12 abr. 2017.

- NORA, Pierre. **Entre memória e história - a problemática dos lugares.** Projeto História. São Paulo, n. 10, p. 7 - 28, 1993.
- NÓVOA, António (Coord.) - "**Os professores e a sua formação**". Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- _____. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.
- _____. **Profissão professor**. Porto: Editor Porto, 1995.
- _____. Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.25, n.1, p.11-20, 1999. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97021999000100002>>. Acesso em 12 ago. 2017.
- OLIVEIRA, Letícia Borges de. **Educação no campo: Moberal no meio rural de Uberlândia/MG (1970-1985)**. (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.
- OLIVEIRA, Thaís Cristina de. **Grupo Escolar Sul da Sé (1896-1916): uma expressão republicana da urbanização de São Paulo e sua descontinuidade**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Uberlândia, 2017.
- OLIVEIRA, Wagner Jacinto de. "**Kombão da morte": Ditadura e polícia - um estudo de caso em Uberlândia - MG dos anos de 1980 aos anos de 1990**". Tese (Doutorado em História Social). São Paulo: PUC - SP, 2017.
- PARRAT-DAYAN, Silvia; TRYPHON, Anastasia (Org.). **Jean Piaget: sobre a pedagogia**. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- PERROT, Michele. Práticas da memória feminina. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.9, n.18, p. 9-18, ago./set.1989.
- PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 5^a Ed. São Paulo: Editora Cortez, 2007.
- PINHEIRO, Welbert Feitosa. **Garimpeiro de memórias: práticas educativas de Ozildo Albano - Piauí (1952-1989)**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal de Uberlândia, 2019.
- PINHO, Larissa A. **Educação e saúde nos cursos de aperfeiçoamento para professores rurais: Fazenda do Rosário (Minas Gerais, 1947-1956)**. (Dissertação de Mestrado) UFMG, Belo Horizonte, 2009.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética e história oral. Ética e Historia Oral. In: **Projeto História**, n.15, PUC, SP, 1997.

- PORTELLI, Alessandro. Introduction. In: PORTELLI, Alessandro. **The death of Luigi Trastulli and other stories: form and meaning in oral history**. Albany: State University of New York Press, 1991.
- PORTO, Daniele Resende. **O Barreiro de Araxá: projetos para uma estância hidrotermal em Minas Gerais**. (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal de São Paulo. São Carlos, 2005.
- QUADROS, Claudemir de. **A educação pública no Rio Grande do Sul durante o governo de Leonel Brizola (1959-1963): Nenhuma criança sem escola no RS**. (Exame de Qualificação). UPF/PPEdu. 1998.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Orais: do "Indizível" ao "Dizível". In: VON SIMSON, Olga R. Moraes (org.). **Experimentos com História de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, 1988.
- RAMA, A. **A cidade das letras**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- REIS, José Carlos. Os Annales: A Renovação Teórico-Metodológica e "Utópica" da História pela Reconstrução do Tempo Histórico. In: SAVIANI, Demerval et al. **História e história da educação**. 2 ed. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR, 2000.
- REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de Escalas: a experiência da microanálise**. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- RIBEIRO, Cristiane Angélica. **Escola rural e alfabetização em Uberlândia, 1936 a 1946**. (Dissertação de Mestrado), UFU, Uberlândia, 2009.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1978.
- ROSA, Sirlei Rodrigues. **Enleios Diversos**. Uberlândia: S. R. Rosa, 2003.
- RUIZ, J. A. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. São Paulo: Atlas, 1979.
- SAMUEL, R. Teatros de memória. In: **Projeto História**, São Paulo (14), fevereiro/1997. p. 41-81.
- SANTOS, José Pereira dos. **Criação da Escola Estadual Professor José Ignácio de Souza 1966 -1969**. (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.
- SANTOS, Leide Rodrigues dos. Mobral: a representação ideológica do Regime Militar nas entrelínhas da alfabetização de adultos. In: Revista Crítica História, Ano V, nº 10, dezembro/2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.28998/rchv15n10.2014.0016>>. Acesso em 13 ago. 2016.

SANTOS, Sônia Maria dos. **História de alfabetizadoras Brasileira: entre saberes e práticas.** Tese (Doutorado em Educação) - PUC, São Paulo, 2001.

SAVIANI Demerval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica.** 15a ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

_____. O LEGADO EDUCACIONAL DO REGIME MILITAR. Cad. Cedes, Campinas, vol. 28, n. 76, p. 291-312, set./dez. 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-32622008000300002>>. Acesso em 29 jun. 2019.

_____. **Educação: do senso comum à consciência filosófica.** 19ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SCHAFF, Adam. **História e Verdade.** Trad. Maria Paula Duarte. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora & CAINELLI, Marlene. **Ensinar História.** São Paulo: Scipione, 2004.

SCHWARTZMAN, Simon, BOMENY, Helena Maria Bousquet, COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema.** 2ª edição, Fundação Getúlio Vargas e Editora Paz e Terra, 2000.

SILVEIRA, Tânia C.; RIBEIRO, C.A. O rural e o urbano nas atas de reuniões da Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Uberlândia (ACIUB). In: LIMA, Sandra C. F. de; MUSIAL, G. B. da S. (Org.). **Histórias e memórias da escolarização das populações rurais: sujeitos, instituições, práticas, fontes e conflitos.** Jundiaí: Paco, 2016.

SILVEIRA, Tânia C. da. **História da Escola rural Santa Tereza (Uberlândia:1934 a 1953).** (Dissertação de Mestrado), UFU, Uberlândia, 2008.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. 2 ed. In: RÉMOND, René. **Por uma história política.** Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

_____. As elites culturais. 1 ed. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural.** Trad. Ana Moura. Rio de Janeiro: Editorial Estampa, 1998.

SOARES, Magda. A reinvenção da alfabetização. In: **Presença pedagógica.** Belo Horizonte, v. 9, n. 52, jul./ago., p. 15- 21, 2003^a.

SOUSA, Jane Bezerra de. Ser e fazer-se professora no Piauí no século XX: a história de vida de Nevinha Santos. Uberlândia: EDUFU, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-377-6>>. Acesso em 19 ago. 2018.

SOUSA, Maria Cecília Cortez Cristiano de. **Escola e memória.** Bragança Paulista: Edusf, 2000.

SOUZA, Elizeu Clementino. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. In: **Revista Educação em Questão**, Natal, v.25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.

SOUZA, M.I.S. **Os empresários e a educação: o IPES e a política educacional após 1964.** Petrópolis: Vozes, 1981.

SZYMANSKI, Heloisa (Org.). **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva.** Brasília; Editor Líber, 2002.

TANNÚS, Márcia C. **Memórias, história e representações das escolas rurais do município de Uberlândia na Era Vargas (1930-1945).** (Dissertação de Mestrado), UFU, Uberlândia, 2017.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. In: **Revista Brasileira de Educação.** Mai./Jun./Jul./Ago. 2000 Nº 14.

_____. **Saberes Docentes e formação profissional.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. LESSARD, Claude, LAHAYE, Louise. Os professores face ao saber: esboço de uma problemática do saber docente. In: **Teoria & educação.** Porto Alegre: V. 4, 1991.

_____. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** 6^a Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

_____. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. In: **Revista Brasileira de Educação,** Rio de Janeiro, n. 13, p. 5-13, jan./abr. 2000.

_____. **Saberes Docentes e Formação Profissional.** 8a edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser.** Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A, 1981.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado.** Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. THOMPSON, Paul. História Oral e Contemporaneidade. História Oral, n. 5, junho de 2002, p.9-29. Disponível em: <<https://doi.org/10.51880/ho.v5i0.47>>. Acesso em 18 ago. 2018.

UBERLÂNDIA. **Diretrizes para o trabalho dos(as) Pedagogos(as) na Rede Municipal de Ensino de Uberlândia,** 2008. UBERLÂNDIA. Relatório IPREMU,1995.

VAINFAS, Ronaldo. História das Mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Org.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Ed. Campos, 1993.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da História: micro-história.** Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VALDEMARIN, Vera T. Método intuitivo: os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado. In: SOUZA, Rosa F.; VALDEMARIN, Vera T.;

- ALMEIDA, Jane S. de. **O legado educacional do século XIX.** 1. ed. Araraquara: Unesp, 1998.
- VALLE, Ione Ribeiro. Carreira do magistério: uma escolha profissional deliberada? In: **Revista brasileira de estudos pedagógicos**, Brasília, v. 87, n. 216, p. 178-187, mai./ago., 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.24109/2176-6681.rtep.87i216.792>>. Acesso em 15 jan. 2018.
- Vasconcelos, M. C. C. A educação doméstica no Brasil de oitocentos. In: **Revista Educação Em Questão**, Natal, v. 28, n. 14, p. 24-41, jan./jun. 2007.
- VIEIRA, Mariana de Oliveira Lopes. **O debate teórico sobre o governo Chávez: paradoxos do chavismo na Venezuela.** Campinas, SP: [s.n.], 2016.
- VIGOLVINO, Marilene Dantas. Mulher - professora rural: vida e trabalho. (Mestrado em Educação). PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro, 1989.
- VILLELA, Heloisa de Oliveira Santos. Do Artesanato à Profissão. Representações sobre a institucionalização da formação docente no século XIX. In: STEPHANOU, Maria & BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.) **Histórias e memórias da educação no Brasil**, vol. II: século XIX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE A
ROTEIRO DE ENTREVISTAS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

BLOCO I -14/02/2018

PERGUNTAS QUE FORAM FEITAS A EURIDES PEREIRA DE SOUZA

Infância/Alfabetização

- 1) Eurides, como foi sua infância, onde foi?
- 2) Quantos irmãos vocês são?
- 3) Mas brincavam, tinha coleguinhas?
- 4) E quais eram os nomes dos pais da senhora?
- 5) E quando a senhora começou a ir pra escola, qual idade?
- 6) Foi lá em Araxá?
- 7) A senhora fez quais séries lá?
- 8) A senhora repetiu alguma série?
- 9) Como eram as professoras? A senhora lembra de alguma em especial?
- 10) E porque sua família se mudou? O que aconteceu para vocês virem de Araxá para Uberlândia?
- 11) E em relação a escola, a senhora lembra quais materiais as professoras usavam pra ensinar a ler e escrever?
- 12) A senhora lembra o nome da cartilha?
- 13) Os pais da senhora tinham alguma escolaridade?
- 14) Entendi, todos os irmãos da senhora fizeram o primário?
- 15) Quantos anos a senhora tinha?
- 16) Tem alguma coisa a mais da infância que a senhora quer falar, que foi marcante?

Juventude e Trabalho

- 17) Eurides, agora vamos falar um pouco da sua juventude. Nós falamos uma parte da sua infância e como foi a sua juventude, foi aqui em Uberlândia?
- 18) E quem que é a tia Inês?
- 19) A sua mãe já trabalhava lá ou não?
- 20) E quando a senhora começou a trabalhar lá? Passou um tempo, foi?
- 21) Nesse período, a senhora tinha sonho em ser professora ou não?
- 22) E enfermeira, sonhava? Ser enfermeira
- 23) E nessa época da juventude a senhora tinha amigos? E os namoros?
- 24) Então a senhora foi recordar o primário, mas não deu certo de ir pra São Paulo?
- 25) E depois, eles levavam a senhora em casa?
- 26) Quem era a rádio patrulha?
- 27) Eurides, esse tempo que você passou no hospital, você não estudou, com exceção do tempo que você foi recordar o primário?
- 28) Você não fez o ginásio?
- 29) E a senhora tinha alguma diversão na época da juventude, apesar desse trabalho?
- 30) Então a senhora entrou na educação só com o primário?

Caminhos para docência

- 31) Pelo que eu notei a senhora foi muito marcada por conta desse trabalho no hospital, e depois de lá já foi ser professora? Como que foi?
- 32) E nem trabalhando lá a senhora não teve a oportunidade de estudar?
- 33) E como a senhora iniciou então a profissão docente?
- 34) Alguém falou pra senhora ir pra prefeitura, recebeu algum conselho? A senhora ficou sabendo como?
- 35) Entendi. Aí já foi o concurso?
- 36) Então primeira escola já foi na zona rural? Ou não?
- 37) Porque na zona rural?
- 38) Foi nas férias então?

- 39) A senhora tinha um ano de experiência?
- 40) Qual foi a primeira escola?
- 41) E quando a senhora começou, trabalhava em qual, quais séries ou anos?
- 42) Pré mesmo da educação infantil ou primeira série?
- 43) Mas que tipo de problema que acontecia?
- 44) As supervisoras ficavam na secretaria?
- 45) Mas a prefeitura não tinha que ter mandado o lanche?
- 46) Será que tinha professor então que deixava de receber porque não cumpria a parte burocrática? Não seria isso?
- 47) E quanto tempo a senhora ficou nesse setor?
- 48) A senhora trabalhava lá o tempo todo? Manhã e tarde ou era só meio período?

BLOCO II - 16/02/2018

Formação, práticas e saberes

- 49) Hoje, Eurides, eu quero te perguntar em relação a sua prática docente na escola. Como era? E, três grandes perguntas, como era feito o planejamento? Qual currículo era seguido e como você avaliava esses alunos?
- 50) Então, seguiu o currículo da zona urbana que era estadual, no caso?
- 51) Seu planejamento na verdade era uma cópia? Você copiava?
- 52) E quando era feito o curso?
- 53) Então foi um curso de formação mesmo, na época a gente falava capacitação?
- 54) Era um curso que você tinha que ir ou você quis ir?
- 55) E quando você pegou esse diploma de magistério, você passou a ganhar o cem por cento?
- 56) A senhora lembra quando que foi esse curso? Qual ano?
- 57) O cursou durou quanto tempo? Quantos anos de férias?
- 58) Eurides, quando você fala que entrou na docência sem experiência e sem formação nenhuma, você fazia um planejamento e o currículo seguido das

crianças que você pegava caderno na cidade? Depois dessa formação como você planejava e como avaliava?

- 59) E eles passavam um currículo pra ser seguido nesse curso?
- 60) Os pais?
- 61) Eurides, você se lembra como alfabetizava, ensinava a ler e escrever?
- 62) Com o alfabeto, era silábico? Esse curso ensinou a alfabetizar de forma silábica ou de forma do método global?
- 63) E tinha uma ordem pra aprender as sílabas ou qualquer sílaba?
- 64) E foi ensinado isso no curso dessa forma?
- 65) Você falou do papel da supervisora. Ela começou no governo do Renato ou no governo do Raul Pereira?
- 66) Quem era o secretário no primeiro ano?

Escola e Igreja

67) Nós sabemos que grande parte da docência, você trabalhou na escola municipal da Saudade e lá tem uma igreja perto. Nesse período havia muita relação da escola com a religião católica, não é? Como se dava essa relação?

Festas

68) Falando em aniversário. Como eram as festas na escola?

Mobral

- 69) Nossa e quanto tempo a senhora deu aula? Seria o MOBRAL?
- 70) Você recebia apostila, alguma orientação pra ensinar?
- 71) As idas e vindas (risos). Você ficou quanto tempo no mobral? Foi só lá na Saudade?
- 72) Eles formaram? Teve alguma cerimônia?
- 73) Devem ter juntado todos as salas de Mobral do município, não é?

- 74) Eurides, nessa época do Mobral e também quando você entrou pra profissão docente estava recente o golpe militar, não é? Você sentia os impactos da ditadura no seu fazer lá na zona rural?
- 75) Ninguém sofreu nenhum tipo de ameaça?
- 76) A supervisora ia de quanto em quanto tempo lá na escola?
- 77) O que ela fazia?
- 78) O que você fazia além de dar aula?
- 79) Quanto tempo a senhora aguentou essa situação?
- 80) E de lá a senhora foi pra onde? Primeiro a senhora foi pra Lembrança e depois a Saudade?
- 81) No primeiro ano, não é?
- 82) Nessa época a senhora trabalhava os dois turnos manhã e tarde ou trabalhava só um turno?
- 83) Que bom! Na escola da Lembrança ofereciam lanche?
- 84) Ir pra zona rural deve ter sido impactante para a senhora?
- 85) Depois da Lembrança veio a Saudade, depois a senhora lembra mais ou menos a ordem das escolas que a senhora passou depois da Saudade foi a Tenda, não?
- 86) Antes a senhora ficava na escola e dormia na escola?
- 87) Enquanto a senhora conviveu nas casas, como era o modo de ser delas, de conviver com a senhora?
- 88) Então ficar solteira foi opção?
- 89) Essas festas eram nas fazendas ou na escola?
- 90) Eu percebo que a escola servia, como se fosse um shopping hoje. Um meio de diversão também?
- 91) A relação com a comunidade era bem estreita, não é?
- 92) Temos notícias da vinda dos alunos pra cidade? Quais eram esses momentos que você trazia os alunos pra cidade e porque você trazia?
- 93) Por que e de onde surgiu essa ideia? O que você pensava com isso?
- 94) A senhora prestava serviço pra comunidade rural, então?
- 95) Qual o nome da professora? Era a Silma?
- 96) Quanto tempo a senhora trabalhou assim, em duplas lá? Trabalhou mais em duplas ou sozinha?
- 97) A demanda de alunos era grande?

Homenagens

98) Durante esse período da docência, trinta e um anos de carreira, a senhora recebeu alguma homenagem?

BLOCO III - 21/03/2018

Criação e Consolidação da Biblioteca

99) Eurides, você falou e nos contou que foi supervisora do lanche além de ser professora. Tem outro cargo que você atuou na escola?

- 100) Você disse que nessa escola não tinha biblioteca, você que montou?
- 101) Tinha acervo? Pra colocar na biblioteca?
- 102) Vocês fizeram campanha pra doações, de livros?
- 103) E esses desenhos? (foto)
- 104) E os professores, não tiveram resistência?
- 105) Você se lembra quando que foi inaugurada?
- 106) O seu cargo então não era de bibliotecária e sim de professora?
- 107) A senhora participou de alguma formação como bibliotecária na prefeitura?

Vida Financeira

- 108) Eurides, agora nós vamos voltar lá no começo da sua carreira: você se lembra o que fez com o seu primeiro salário?
- 109) Mas, ao longo da sua carreira, você investiu o seu salário?
- 110) Chegou a comprar algum imóvel?

Indagações Diversas

- 111) Falamos dessa parte financeira. Em relação das práticas, nós ainda ficamos com uma dúvida: você tomava tabuada dos alunos?
- 112) Como era? Como você tomava? Tinha algum castigo se a criança errasse?
- 113) E palmatória?
- 114) Nem como aluna?
- 115) Tem pesquisas sobre ela?
- 116) E sobre leitura. A senhora tomava leitura?
- 117) Como era que a senhora tomava leitura? Era individual ou coletivo?
A senhora se lembra?
- 118) E quando um aluno errava na leitura o que a senhora fazia?
- 119) E no sentido da formação, você chegou a dar palestras pra professores. Deu algum curso?

Aposentadoria

- 120) Que beleza! Eurides agora tem umas perguntas relativas à sua aposentadoria. Você se aposentou quando mesmo?
- 121) E porque você não aposentou com 25 anos de trabalho e sim com 31?
- 122) Então isso aconteceu na época que a Saudade mudou pro Olhos D'água e que construiu aquelas escolas grandes pra reunir várias escolas ali? As nucleações?
- 123) Leonor?
- 124) Então, quando essas escolas foram nucleadas que coincidiu com seus vinte e cinco anos de serviço, de trabalho, você sentiu que realmente foi melhor pro professor?
- 125) A senhora disse que numa época tinham três professores. Isso aconteceu durante muito tempo? Mais de um professor, lá na Saudade?
- 126) Por que chegou o dia da aposentadoria? Já havia passado dos 25 anos, não é?
- 127) Então foi por problema de saúde?
- 128) Áí você se aposentou? E como foi sua vida sem trabalhar na escola?
- 129) Entendi. Então você ia trabalhar com prazer mesmo?
- 130) O que você diria com toda a sua trajetória profissional e pessoal pra quem está iniciando a carreira docente hoje?

- 131) E pra quem está muito tempo na profissão, o que você diria? Para quem já está mais não aposentou?
- 132) Com essa fala eu percebo que você levava urbanidade a zona rural.
- 133) O que a senhora pensa: aprendeu mais com a comunidade ou a comunidade com você?
- 134) E a senhora já era moça?
- 135) Eurides tem alguma questão que você quer falar que não foi perguntado?
- 136) Falando em religião, você sempre fala de Deus. A sua religião teve um papel importante na sua trajetória pessoal e profissional ou você não tinha essa ligação, apesar de você dar aula em escola pública, do papel da religião no seu fazer?
- 137) E como a senhora fez pra convencê-lo?
- 138) E eles já tinham uniformes naquela época?
- 139) Quando foi? Deve ter nos arquivos da TV.
- 140) Eurides pra finalizar, eu sei que depois a gente vai ficar pensando outras coisas, talvez a gente sente novamente, mas me fala duas importantes questões: o que mais te marcou positivamente nessa carreira? O que foi melhor e o que foi o pior? O que você não gostou em relação a sua carreira?
- 141) O que de bom você mais gostou em trabalhar nas escolas?

APÊNDICE B

A ENTREVISTA DE EURIDES PEREIRA DE SOUZA



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**EURIDES PEREIRA DE SOUZA: A SINGULARIDADE DE SER PROFESSORA
NO ENSINO RURAL, 1966 – 1997.**

Pesquisadora: Kellen Cristina Costa Alves Bernardelli

Entrevista:

1) Dados de Identificação:

Nome: Eurides Pereira de Souza

Estado civil: Solteira

Data de nascimento: 03 de agosto de 1942

Período de atuação: 31 anos

Escola(s) em que atuou: Escola Municipal da Saudade; Escola municipal Sucupira; Escola Municipal Tenda dos Morenos e Escola Municipal Olhos D'Água.

Infância/Alfabetização

Hoje, dia 14 de fevereiro de 2018, quarta-feira, nós estamos aqui na casa de Eurides Pereira de Souza pra fazer uma entrevista sobre a sua história de vida e nós vamos começar pela infância.

1) Eurides, como foi sua infância, onde foi?

A infância foi em Araxá, não foi fácil não porque naquele tempo nós éramos mais pobres e tinham muitos meninos pra cuidar. Então desde que eu me entendo por gente, eu já luto. Já entrei na luta pelo funcionamento da família, assim, o econômico, porque tinha muito menino e pouco dinheiro. Naquele tempo a vida era muito difícil. Eu, como irmã mais velha, ajudava criar meus irmãos mais novos. Logo depois do primário em Uberlândia, comecei a trabalhar no hospital com a minha mãe. Mulher, cor parda e filha de família humilde, trabalhei como doméstica, porque não quis seguir a carreira de saúde, pois teria que ir para São Paulo estudar. A minha mãe era enfermeira leiga. Um dia me falaram que precisavam de uma professora na zona rural e resolvi me aventurar.

2) Quantos irmãos vocês são?

Oito irmãos e então desde pequena eu sempre comecei na luta. E a gente quando é irmão mais velho, os pais põem a responsabilidade mais nas costas da gente, quer que a gente ajude mais, e a mãe era muito enérgica, mais muito mesmo então num foi fácil não.

3) Mas brincavam, tinha coleguinhas?

É, brincava. O meu brinquedo favorito sabe, olha bem o meu brinquedo: era fazer vestidinho de boneca para vender para as meninas vizinhas que brincavam comigo. Era o meio de ganhar dinheiro e quando ganhava é que recebia uma moeda pelo vestidinho de boneca... nossa eu morria de alegria, então eu ficava ligada nas meninas porque eu vendia os vestidinhos que eu fazia pras as bonecas delas. O meu pai era pedreiro. Trabalhava para cuidar da economia. Mas a minha mãe sempre lutou também, ela pegava qualquer serviço e ela era muito disposta, muito enérgica até com ela mesma, que foi criada também nesse tipo e então era aquela luta direto pela economia da casa.

Porque a gente tinha a casa, aí tinha que lutar pelos outros recursos. A casa, foi meu avô que deixou, pai da minha mãe. Ele se chamava Altamiro. Eu não o conheci, mas eu acho que ele foi um homem bom demais da conta. A minha mãe gostava mais dele do que da mãe dela, que era mais enérgica ainda. Vó Rita. É esse avô que eu nem conheci, pelo pouco que eu ficava sabendo dele. Eu gostava, mas eu nunca tive essa chance de viver com ele, porque ele morreu no dia em que ele marcou o casamento da minha mãe. Meu pai foi lá pedir o casamento. Trataram o casamento. Quando meu pai foi embora e ele foi deitar morreu na cama. Tenho umas fotos aqui, eu ia te mostrar. Tem uma foto dos avós. Todos os homens têm fotos aqui. Das mulheres não tem nenhuma, das avós (mulheres) pra ficar de lembrança pra família. As duas avós eram minhas amigas e me ajudavam, me defendiam, porque minha mãe aprendeu com elas a ser muito brava e quando precisava de a avó dar um socorro acudir um pouquinho, elas acudiam.

4) E quais eram os nomes dos pais da senhora?

Neotel de Souza Filho e a mãe é Maria de Lourdes Pereira de Souza

5) E quando a senhora começou a ir pra escola, qual idade?

Era sete anos que usava, naquele tempo quase que não existia pré, jardim de infância e essas outras coisas. Parece que não existia não, já entrava na primeira série, então a gente ia começar a aprender mesmo era na primeira.

6) Foi lá em Araxá?

Foi em Araxá no Grupo Escolar Delfim Moreira, ficava pertinho da minha casa.

7) A senhora fez quais séries lá?

Eu fiquei lá, acho que até a terceira. Naquele tempo, não usava ninguém estudar mais que a quarta série, ninguém estudava, então eu fiz lá até a terceira. Cheguei aqui e entrei no Grupo Escolar Coronel Carneiro e terminei a quarta lá.

8) A senhora repetiu alguma série?

Eu acho que foi a segunda. Se eu não me engano, acho que foi a segunda série.

9) Como eram as professoras? A senhora lembra de alguma em especial?

Eu lembro de uma tal de Teresinha, outra era Castorina. Aqui de Uberlândia, foi minha professora dona Leontina e tinha uma outra. Tinha a Leontina e uma outra que eu esqueci, gostei muito de estudar no Coronel Carneiro, mas sempre ficava com aquela saudade de Araxá.

10) E porque sua família se mudou? O que aconteceu para vocês virem de Araxá para Uberlândia?

Mudamos, porque em Araxá quase não tinha condições de pobre viver lá. Porque não tinha serviços pra homem. Os homens que queriam trabalhar tinham que sair de lá. A minha mãe trabalhava, ia pra casas dos outros trabalhar. Sempre fazia qualquer coisa. Toda a vida ela foi disposta assim. Teve uma época que meu pai foi com um batalhão de homem de Araxá para Santos. Eles viveram lá muito tempo em Santos. Trabalhavam e mandavam o dinheiro para as famílias em Araxá.

Quem trabalhou em Araxá até a morte foi um tio meu, o tio Joãozinho. Ele era mecânico da Chevrolet, que era importante lá na cidade. O tio Joãozinho trabalhou lá e fez nome na cidade. Então quando ele viu que fez nome, que ficou conhecido na cidade inteira e tinha muito bom relacionamento com o povo de lá, teve a ideia de montar uma autoescola, a primeira autoescola de Araxá. Meus primos falavam assim: “os meninos da tia já foram nascidos e criados dentro dos carros. Eles eram pequenos e já sabiam dirigir carros. Depois que o pai morreu, ficaram tocando a autoescola e ficaram conhecidos lá como os meninos da autoescola.”

Há pouco tempo morreram dois de lá, desses primos da autoescola. Um se chamava Mirim, porque o nome dele era Altamiro, que foi posto por causa do meu avô. Ele foi o primeiro neto homem, se eu não me engano. Puseram o nome do avô nele.

Quando o meu tio dessa autoescola já tinha criado nome, já tinha feito a fama, um outro tio fazia piada dele que era o motorista professor. Ele falava: “Ô gente, porque que num é eu, porque que num é eu, naquela autoescola pra andar com aquelas mulheres o dia inteiro.

(Risadas)

E o meu tio motorista não sabia aproveitar assim, desse jeito paquerador, dessas coisas. Ele era casado e era sistemático. Então o outro tio ficava rindo dele, por ser sistemático e não aproveitar.

11) E em relação a escola, a senhora lembra quais materiais as professoras usavam pra ensinar a ler e escrever?

Olha naquele tempo era a cartilha e só. Não tinha muitos recursos não, era mais entrado na cartilha.

12) A senhora lembra o nome da cartilha?

Não, nome eu não lembro. Minha mãe ensinava muito pra nós também antes de entrar na escola. Já ensinava um pouco. As letras, o alfabeto, pra não ficar tão cru. Porque naquele tempo eram poucos recursos. Não tinha tanta orientação, muitas mães eram analfabetas.

13) Os pais da senhora tinham alguma escolaridade?

Primário. Era o curso primário, que eles falavam de primeira à quarta série. Quase todo mundo fazia isso. Mas pouca gente, naquele tempo, quase não tinha jeito de seguir os estudos depois. Então tinham o primário.

14) Entendi, todos os irmãos da senhora fizeram o primário?

Fizeram. Todos fizeram. Depois que mudamos pra Uberlândia, tiveram alguns que fizeram mais, estudaram mais um pouco. Não sei se a Márcia mais a Mércia, Angélica fez. Acho que fizeram o magistério. A Diva e a Ana Lúcia fizeram o curso de Contabilidade e depois mais pra frente a Ana Lúcia também fez enfermagem.

Teve uma época, que eu fui estudar pra recordar, porque eles queriam (Hospital Santa Clara) que eu seguisse com os estudos para ser enfermeira padrão. Mas aqui em Uberlândia não tinha. Eu teria querido fazer em São Paulo, aí não teve jeito de ir porque eu era novinha e não podia ir sozinha.

Eu cheguei até voltar para a escola pra recordar, pra recordar o primário, quarta série na Escola Estadual Bueno Brandão, que era perto do hospital. Saia do hospital e estudava lá.

Eu precisava de retomar meus estudos pra eu clarear mais a cabeça. Fui lá recordar a quarta série, porque muita coisa eu tinha esquecido. Tive muita sorte, porque me deu muito bem. Quando fez mais ou menos 1 mês que eu estava lá, deram as provas e eu tirei em segundo lugar. Assim eu que já estava muitos anos sem estudar, estava por fora de tudo eu ainda consegui ficar no segundo lugar das notas.

Então eu estava me preparando pra ser enfermeira.

15) Quantos anos a senhora tinha?

Tinha treze, quatorze mais ou menos.

16) Tem alguma coisa a mais da infância que a senhora quer falar, que foi marcante?

O marcante foi a minha primeira comunhão. Eu chorei demais na primeira comunhão, porque eu não pude fazer a primeira comunhão junto com os meninos da escola. Era aquela festa, aquela coisa. Tudo bonito, com as roupas brancas. Eu não podia fazer a roupa, não tinha condições, então eu fiquei na pior. Por causa disso tinha preparado para a primeira comunhão e tudo, mas ninguém deu jeito de arrumar o vestido branco pra eu ir na missa. Então aí eu fiquei muito ruim por não ter recebido a comunhão com a minha turma. Depois, não sei como, alguém deu ideia pra eu ir lá na igreja em outro momento, fazer a primeira comunhão. Aí a madrinha da minha irmã Ana Lucia, que era costureira, me deu um vestido branco.

Ela era costureira e tinha roupas. Lá, tinha as coisas, ela ficou com dó, me deu o vestido, mas eu não gosto nem de lembrar que eu fui fazer a primeira comunhão sozinha. Eu morria de raiva porque queria ficar junto com a escola.

Aquela comemoração da escola, aquela coisa, aquilo pra mim que era importante. Aí no fim eu fui solitária fazer a primeira comunhão na igreja e quem ajudou foi a madrinha da Ana Lúcia. Nós a chamávamos de tia Dunga. Esse povo, nunca mais eu vi. Eles sumiram de Araxá. Quando vou lá não os vejo.

Juventude e Trabalho

17) Eurides, agora vamos falar um pouco da sua juventude. Nós falamos uma parte da sua infância e como foi a sua juventude, foi aqui em Uberlândia?

Foi aqui em Uberlândia, porque eu já tinha aumentado a idade um pouquinho. Já estava trabalhando no meu primeiro emprego, hospital Santa Clara. A primeira pessoa da família que foi pra lá foi a tia Inês, irmã da minha mãe. Ela morava aqui com a minha outra tia, Nina. As duas são vivas. O nome da tia Nina também é Eurides. Ela é de Tupaciguara. Eu nem a conhecia, quando se casou com meu tio. Ela conta que o meu tio falava pra ela: “Eu tenho uma sobrinha com o mesmo nome seu”.

18) E quem que é a tia Inês?

A tia Inês é a irmã caçula da minha mãe. Ela veio para Uberlândia com a mãe dela. Elas moraram uns tempos aqui em Uberlândia. Foi a tia Inês a primeira que entrou no

hospital Santa Clara. Quando chegamos já tinha arrumado emprego pra nós. Eu e minha mãe. O meu irmão caçula, o Paulinho, nasceu lá, único überlandense de casa. A tia Inês facilitou pra minha mãe, porque não tínhamos dinheiro, nem nada. Naquele tempo não tinha sistema de saúde público.

19) A sua mãe já trabalhava lá ou não?

Não. Primeiro ela teve o neném. E quem foi com a minha mãe pro hospital foi eu que era menina novinha e nem sabia das coisas, o que era gravidez, o que era isso e aquilo outro. Não sabia de nada. Os pais ensinavam pros meninos que tinha cegonha, que tinha um punhado de coisa pra desviar, sabe.

Não pode uma coisa dessas, ir com a mãe pro hospital pra ter o Paulinho.

20) E quando a senhora começou a trabalhar lá? Passou um tempo, foi?

Logo depois disso, quando o Paulinho nasceu. A minha mãe foi e eu fui atrás. Conseguí o serviço pra mim e então ficamos nós três lá; tia Inês, minha mãe e eu.

21) Nesse período, a senhora tinha sonho em ser professora ou não?

Não, não. Naquele tempo eu nem sonhava, achava muito bonito ser professora, mas eu achava que eu nunca iria poder, pois uma pobre igual não podia estudar e ser professora. Professor naquele tempo era muito importante. Era pra quem podia sabe, então isso para um pobre era um sonho só e pronto.

22) E enfermeira, sonhava? Ser enfermeira.

Como eu estava no hospital e fiquei atualizada com as coisas, eu achei que dava certo pra mim. E eles começaram a por aquilo na minha cabeça, aquela coisa e outra, aquela coisa e outra mais. Depois veio esse problema de ser uma menina novinha daquele jeito, e não tinha ninguém pra ir comigo pra São Paulo. Eu não era solta no mundo assim. Nem morta, nem na cidade eles deixavam a gente ficar andando muito sozinha, de jeito nenhum e então esse plano para São Paulo durou pouco. Durou pouco, num instante desilude de ir pra São Paulo, quem que ia me fazer companhia? Quem que ia me sustentar? Numa cidade igual aquela, se fosse uma cidade pequena igual Araxá, Uberlândia e tudo, às vezes ainda dava um jeitinho. O povo tem aquele sistema antigo mais conservador. Em São Paulo não tinha jeito.

23) E nessa época da juventude a senhora tinha amigos? E os namoros?

Dessa vez que eu entrei pra recordar a quarta série, começou a ter um namorico lá assim na sala com um tal de Colemar. Ele chamava Colemar, que já tinha mais idade que eu um pouquinho. Era mais adiantado também. Mas daí tudo durou pouco, porque eu fui lá só para recordar as matérias. Eu não ia ficar. Eu tenho uma foto minha tirada junto com

uma menina lá que sentava comigo, nós duas, lá na praça Tubal Vilela, em frente à escola.

Eu cuidava e educava os alunos como meus filhos. Fui pedida em casamento por filho de fazendeiro e por funcionário de fazenda, mas eu pensava: “Se eu me casar, terei que parar de trabalhar e estudar”. Então, resolvi não casar e me dedicar à profissão.

24) Então a senhora foi recordar o primário, mas não deu certo de ir pra São Paulo?

Eu tive. Eu tive mais instrução no trabalho, no ambiente que eu trabalhei, porque lá no trabalho eu fiquei amiga dos filhos do médico que eram um casal de meninos da minha idade. Esses meninos gostavam demais de mim, então eles não passeavam em lugar nenhum da cidade sem me levar.

É onde que eu fiquei conhecendo as casas de famílias importantes da cidade, que tempos depois, uma mulher dessas famílias veio a ser minha chefe na educação. Eu ia com esses meninos. A menina se chamava Adalgisa. Tem muitos dias que eu estou fazendo véspera de procurar a Adalgisa. O povo lá morreu tudo, agora ficou só ela.

Até esse menino que também ficava junto da gente, morreu novo de acidente. Então não é de hoje que eu estou fazendo véspera de arrumar um jeito de ir lá, mas eu vou enrolando, vou enrolando. Só restou ela da família, porque morreram o pai a mãe e o irmão.

Eu vivia muito junto com eles e eles abrandavam as coisas pra mim, porque a mãe deles que era patroa era braba demais. Agora você pensa: eu aguentar três mulheres bravas demais em cima de mim (a patroa, a minha mãe e a tia Inês). Três que não me deixavam dar um passo em falso. E se desse o passo em falso tinha o castigo. Era desse jeito. O dia em que minha mãe estava enfezada, os meninos corriam nela: “Lourdes, Lourdes, Lourdes, você pode ir, tchau. Que nos já vamos eu mais a Eurides, lá pra tal lugar”. Mas o dia que ela falava que eu não ia, ninguém mudava ela de ideia: “Hoje ela não vai!”. Aí eu ia chorando com ela pra casa. Até chegar em casa eu vinha chorando pela rua a fora. Minha mãe tinha uma palavra só, ninguém amolecia ela. “Não Lourdes, olha num seio o que”, os meninos pelejavam. Ela não respeitava nem os filhos do patrônio.

Risos

O patrônio se chamava doutor Rui. Era muito bom. Era sistemático, mas era bom. Nunca tomei uma pitada dele. Já a dona Adélia que era a mulher dele, era sistemática, implicante e exigente. Ela era tudo de mais ruim. Junto com os meninos, corríamos dela.

Não, mas se você vê, se eu for analisar, até que ela não foi tão ruim assim, porque ela deixava eu passear com os meninos. Ela podia falar assim: “Essa coitada dessa pobre, cheia de roupa esfarrapada não tem roupa pra ir em lugar nenhum, não precisa chamar ela não”. Porque ela queria que os filhos dela andassem bonito, chique, arrumado. Com uma esfarrapada atrás. Mas, não em todos os lugares os meninos me levavam e ela nunca negou.

25) E depois, eles levavam a senhora em casa?

Eu dormia no hospital. Teve uma época que eu e a tia Inês dormíamos no hospital. Do lado debaixo, onde a gente entra no térreo. Ali tinha uns quartos compridos. Eram nossos quartos, das funcionárias que dormiam lá. Muitas dormiam lá no hospital, porque tínhamos que chegar cedo demais, e a rádio patrulha ficava na porta vigiando quem atrasou.

26) Quem era a rádio patrulha?

A patroa. Pusemos o apelido nela de rádio patrulha porque o marido dela tinha as iniciais R P de Rui Pacheco, nos lençóis do hospital, todos bordados assim R P que era as iniciais dele. Aí nos e a Mirian, uma amiga minha que tinha lá, e que era muito custosa, pintava demais da conta, colocamos o apelido na patroa: “Gente a Rádio Patrulha vem”. Corria gente pra todo o lugar. Ela não podia ver uma rodinha de funcionário conversando, que ela vinha igual uma cobra caninana. Quando os outros falavam assim, a Miriam principalmente: “Gente lá vem a radio patrulha”. O povo se esparramava e corria pra caçar serviço.

Risos

27) Eurides, esse tempo que você passou no hospital, você não estudou, com exceção do tempo que você foi recordar o primário?

Quando eu fui recordar o primário, depois disso eu parei porque naquele tempo pobre nenhum estudava depois da quarta série.

28) Você não fez o ginásio?

Não, porque na cidade pra pobre só tinha o primário e tinha o Liceu. Tinha também aquele estadual velho (Escola Estadual de Uberlândia), mas lá criou fama de ser para os ricos. O Liceu era particular, pra rico e o estadual lá de baixo pegou essa fama que era só pra rico, no tempo que estudou Rondon Pacheco, esses homens importantes de Uberlândia. Esses antigos estudavam lá, porque o pobre não tinha condições de ir. Eu não sei porque, já que eu acho que sempre foi do estado, mas eu não sei os detalhes. Agora o Liceu não. O Liceu era particular, os ricos iam todos pra lá e pagavam escola.

Então eu não tive jeito de estudar. Porque o meu dinheiro ia tudo pra ajudar em casa. Nós tínhamos mudado pra cá recente e estava com pouco recurso.

Depois da quarta série, os pobres passavam procurar trabalho. Ninguém sonhava em estudar. Os pobres num tinham chance, tinha essa fama.

Fui estudar mais, quando eu entrei no setor da educação, foi nessa época.

29) E a senhora tinha alguma diversão na época da juventude, apesar desse trabalho?

Depois dessa época que eu aumente a idade um pouquinho a gente começou a enfrentar, a gente arrumou umas amizades perto de casa e então tinha as festinhas, festinhas de aniversário, o povo fazia baile, fazia muito baile assim, em casa, aqueles bailinhos de família. Então nós tínhamos a nossa turma de gente que morava tudo perto ali na rua Benjamim perto do Sesc. Era cheio de vizinhos

30) Então a senhora entrou na educação só com o primário?

Com o primário. Naquele tempo, eles tirando os analfabetos, qualquer nívelzinho acima de analfabeto já podia dar aula. Eles aceitavam. O governo aceitava todos. Então foi como eu comecei.

Caminhos para docência

31))Pelo que eu notei a senhora foi muito marcada por conta desse trabalho no hospital, e depois de lá já foi ser professora? Como que foi?

Não. Antes de ser professora eu fui trabalhar na casa dos conhecidos lá do hospital. Teve essa época que me chamaram pra ir pras casas e como a gente naquele tempo precisava muito de dinheiro, porque nós estávamos iniciando a nossa vida aqui na cidade, a gente topava na hora, falando que ia ganhar mais.

Então a gente ia. Foi quando eu fui pra Jurema. A Jurema era da Síria. Turca, não sei. Com os costumes todos diferentes da gente. Depois fui trabalhar com a família do Liceu. Experiência maravilhosa que eu tive. Uma das famílias mais importantes da cidade.

Então muitos falam, eu já ouvi falar lá no Liceu e também era a escola dos ricos porque só os de mais poder é que podiam estudar lá, porque o pobre naquele tempo, não tinha condições de pagar para estudar. Não tinha de jeito nenhum.

32) E nem trabalhando lá a senhora não teve a oportunidade de estudar?

Não, nunca. Nunca me ofereceram. Depois de muito tempo que eu já tinha saído de lá, que eu ouvi falar que eles iam dar chance pra alguns. Bolsas de estudos. Mas foi bem depois.

33) E como a senhora iniciou então a profissão docente?

Naquele tempo, os governantes que comandavam. Eles nem exigiam muita coisa como exigem hoje: “Quero um funcionário tal, curso tal, isso e aquilo outro”.

Eles não falavam porque ninguém tinha condições. O povo era todo mais fraco nessa parte, quase não tinha pessoas formadas. Eram poucos e igual criou essa fama era os ricos que estudavam no Liceu nesses que lá no estadual velho também. Era desse jeito que era os ricos e os poderosos da cidade que estudava.

34) Alguém falou pra senhora ir pra prefeitura, recebeu algum conselho? A senhora ficou sabendo como?

Alguém me falou que precisava de gente na prefeitura para ser professora. Eu sei que eu fui procurar isso e achei e já combinei. Foi só assim. Eu sei que através dessa pessoa que me orientou e eu fui lá e fiz a inscrição.

35) Entendi. Aí já foi o concurso?

Naquele tempo não tinha concurso. Eu fiz concurso no segundo ano que eu estava lá. O primeiro ano foi de contrato. Eu entrei no fim do mandato do prefeito Raul Pereira.

Esse Raul Pereira, quando eu cheguei ele estava saindo. Foi ele sair e entrou o Renato de Freitas e o Renato já entrou com tudo, dentro daquela prefeitura, que foi igual uma ventania brava. Uma ventania que sopra assim e que já manda todos os trens ruins embora. E ele já anunciou que ia dar prova. Mas, só que tem uma vantagem. Ele ia dar curso e prova.

Eu sei que ele fez uma parceria com um curso do estado, a delegacia de ensino que estava comandando esse curso para os professores leigos. Então aceitavam muita gente que não tinha formatura de nada. Eu fui uma das primeiras que já fiz minha inscrição.

Eu falei: “Eu vou fazer esse curso”, porque o Renato falou: “Quem quiser ficar comigo tem que fazer o concurso, porque a prefeitura não é minha”, porque muitos prefeitos acham que podem fazer o que eles quiserem, que eles que mandam. O Renato falava pra todo mundo, que iam lá querer explorar, dobrar ele, ele dizia: “A prefeitura não é minha, a prefeitura é do povo”. Eu tenho tanta prova disso que ele fez isso com a minha tia que foi ajudante dele. Trabalhou em todas as campanhas dele. Essa tia Nina que eu tenho, que chama Eurides também. A tia Nina sempre trabalhou na campanha do Renato e ela elegeu muitos candidatos de Uberlândia. Tinha os deputados importantes

que eu esqueci até o nome deles agora: Pedro Augustinho, Homero Santos. Esse foi importante aqui na cidade. A tia Nina que ajudou a eleger esses homens todos. Ela trabalhava nos bairros, trabalhava pra todas as bandas e arrumava voto pra esses homens. Quando ela foi pedir um emprego para uma filha, ele disse: “Nina, ela não passou no concurso, quando eu tiver uma empresa minha, eu contrato ela”. Pegou a prova dela e mostrou pra tia Nina. Então a Ivone não entrou na prefeitura que a mãe dela que pôs o prefeito lá.

Aí, quando ele comprou a TV Triângulo (Integração hoje), ele a contratou.

Depois fui fazer esse curso do estado comandado pela delegacia de ensino. Vinham professores da delegacia da capital do estado, Belo Horizonte dar o curso.

O Renato falou: “Quem passar bem, quem não passar amém! Tá fora!”. Então ele toda a vida foi exigente. Pra mim ele foi o melhor prefeito de Uberlândia. Se eu pudesse eu faria uma homenagem pra ele.

Então eu falei: “Nossa senhora!”. Aí Deus me ajudou que eu tive uma colega muito boa, chamada Silma, que até é madrinha de um dos povos lá do senhor Odilon (seu avô materno). Ela tinha mais estudo do que eu, muito inteligente, só tinha uma coisa que atrapalhava ela, ela tinha um marido “pinguço”. O marido dela queria por um boteco na escola da Saudade, na parte de dentro onde moravam. Porque lá foi feito assim. Fizeram uma casa pra morar a professora e dar aula na frente.

E esse marido começou a vender pinga para os homens da comunidade. Eu tinha raiva daquilo, de ter aquele “trem” na escola. Aí eu rezei e pedi a Deus e foi até que Deus ajudou que o homem sumiu foi embora e morreu novo. Também dizem que logo depois que ele saiu de lá ele morreu. Eu e a Silma fomos grandes amigas. Eu fiz coisa pra ela que nem mãe faz pra filho. A Silma me ajudou muito a estudar pros concursos. Ela tinha mais estudo que eu, então ela mesmo me passava tudo, ela me ajudava em tudo e me punha pra frente também. Era desse jeito, a gente criou muita amizade. Ela tem uma filha que é afilhada da dona Orlinda e do senhor Odilon. Chamaram eles porque o marido da Silma gostava de ficar vendendo pinga para ele. O senhor Odilon era um dos maiores fregueses de beber lá, ficaram amigões, sabe.

36) Então primeira escola já foi na zona rural? Ou não?

Foi na zona rural.

37) Porque na zona rural?

Eu acho que aqui em Uberlândia eu nem lembro de ouvir falar se tinha escola municipal dentro da cidade. As municipais estavam todas foras. Quando fui na secretaria pensei

assim: “Uai, mas roça tem escola?” Pra mim era um “trem” do outro mundo. Não sabia nada de zona rural não.

Resolvi entrar, aí foi quando o Renato falou isso no fim do ano de 1967 e depois quando foi no inicio do ano de 1968, deu o concurso, no mês de janeiro logo no começo do ano.

38) Foi nas férias então?

É. “Eu vou dar o curso” - ele já prometia desse jeito, “Quem passou bem, quem não passou amém, que eu vou dar chance pros que estiverem se esforçando no curso”.

Aí eu falei: “Sagrado coração! Esse homem é custoso”. Eu já fiquei apertada, mas fui na luta mais do que tudo. Como se diz eu nem piscava de medo de perder qualquer uma palavrinha uma letrinha um trem. Gostei tanto desse prefeito quanto mais ele exigia mais eu adorava ele, porque eu vi que ele era sincero, era honesto, coisa que você não vê em político brasileiro. Fui lutar com o curso que ia ter nas férias de janeiro que a delegacia de ensino ia dar. Eu mais minha colega Silma entramos com tudo. Deus me ajudou tanto que eu fiquei classificada nas dez, os dez primeiros lugares. Dez primeiros lugares, pra quem era atrasada, era um “trem” do outro mundo. O Renato deu a chance de nós trabalharmos dentro da prefeitura.

Ele falou que as dez primeiras colocadas se quisesse vir procurar o serviço dentro da secretaria de educação, podia ir.

E eu já tinha invocado tanto com as escolas rurais que eu não quis ir.

39) A senhora tinha um ano de experiência?

Nem um ano não tinha. Era iniciante e já tinha gostado. Falei: “não eu vou ficar é nas escolas rurais”. Cheguei a andar na estrada de terra, até 16 km por dia, sendo 8 quilômetros para ir para a escola e 8 quilômetros para voltar. Tinha que madrugar todos os dias. Quando eu conseguia carona com algum conhecido, era um alívio.

40) Qual foi a primeira escola?

Foi a tal de Lembrança que era lá perto no fundo da Saudade de traz da casa do senhor Odilon ali pra cima. Chamava Escola Municipal Lembrança, mais foi o pior ano que eu trabalhei na minha vida foi lá. Um lugar ruim, o povo da casa ruim, tudo ruim. Ai eu pensei: “vou dar jeito nisso”. E já comecei a estudar me pelejar, porque ele falou que ia dar o concurso.

O curso que a delegacia de ensino comandou tinha um povo maravilhoso, povo de classe mesmo, sabe? Então muita coisa que eu aprendi, que pobre não sabe, eu aprendi a ter um pouco de classe com esses lugares que eu frequentei com essas pessoas e tudo.

Então eu e a minha, fomos criados assim. Quando eu saí da alfabetização eu entrei nos ricos e famosos.

(Risos)

Eu pensei assim: “Eu não vou mexer com prefeitura não, porque agora eu já estou entrosando com as escolas, já estou começando a aprender algumas coisas sobre as escolas e não vou largar pelas metades e ir pra lá. Chego lá e vou começar de novo a aprender uma outra coisa que eu ainda não sei. Escolhi essa sina pra mim.

(Risos)

A Silma, que era muito orgulhosa, queria acontecer, ela ficou doida afim de ir pra cidade. Por escolha fiquei na zona rural.

41) E quando a senhora começou, trabalhava em qual, quais séries ou anos?

Naquele tempo, era uma professora só na escola pra fazer de tudo, de tudo, do prézinho até o final da quarta série, não tinha esse negócio não. O prézinho gente do céu...

42) Pré mesmo da educação infantil ou primeira série?

Já entrava na primeira série sem o menino saber nada. O menino entrava sem base aí se tinha que ficar dando a base pro menino ali junto com a primeira série. Você tinha que fazer os dois trabalhos com a sala. O curso que eu fiz para o concurso me ajudou muito tinha que ter foto aqui pra eu te mostrar. Curso das professoras leigas lá no estadualzão (Escola Estadual de Uberlândia). O primeiro diploma que eu peguei lá eu tirei foto, eu tenho a foto dele.

Todo o ano dia das professoras eles mandavam a perua ir lá levar umas flores, um raminho de flor outra hora era umas balas, outra hora era uns bombons, cada ano mandava uma coisa. Os motoristas iam de escola em escola levando presentes pelo dia das professoras. Eu sei que quando chegou o dia das professoras no governo do Renato de Freitas, a Corália que era a secretária de educação (Deus me ajudou tanto que essas pessoas importantes, boa e lutadora todas gostaram de mim).

Então essa Corália falou: “Eurides, põe uma marca lá na virada da Saudade que hoje vai ter uma surpresa lá”. Nesse dia eu tinha ido na secretaria na parte da manhã buscar algumas coisas pra escola e ela então me avisou.

Não deu dica nenhuma do que era. Eu pensei assim: “No máximo é que eles vão mandar os motoristas levar os cartãozinhos para as professoras. Nem esquentei a cabeça. Fiquei numa boa e fui. Quando eu cheguei lá, pus a marca lá no mata-burro quando vira pra Saudade, um “trem” branco amarrado. Não foi nada não, e nesse dia os meninos da

escola já tinham preparado a festa do dia dos professores. Cada um levou um pratinho e fizeram aquela mesa cumprida naquele salão de fora e puseram forro bem arrumado, puseram flor demais em cima da mesa e encheu de quitanda que a meninada levou.

Menina, quando eu estou lá que eu cheguei e que eu vi que os meninos já tinham adiantado a festa e tudo eu fui acabar de coordenar pra eles dar os “finalmentes” e começar a festa. Quando eu estou lá assim e o vitrô ficava assim do meu lado, quando eu estou lá na frente falando com os meninos que eu olho assim, que meu olho atravessou, eu vejo na minha frente o carro do prefeito. A festa ia ser demais.

Porque a Corália que era secretária da educação, era muito fina, muito importante, muito inteligente era tudo muito nela, ela quis preparar surpresa e ela foi com ele. Ela foi com o prefeito, ela gostou tanto de mim que logo no inicio ela fez isso na minha escola.

Foi ela e o prefeito, quando eu bati o olho na janela que eu vi que eu conheci o carrinho dele sabe, que eu bati o olho que eu vi que era o carro do prefeito falei: “Jesus me acode!”.

(Risos)

Mas foi rápido. Na mesma hora ele entrou assim "Ô meninada oooiiii" gritando assim pra lá e pra cá. A meninada ficou boba. Nem acreditavam. Ele não demorou nada, também porque prefeito como se diz já estava fazendo demais fazer essa visita que eu nunca tinha visto falar ele fez vapt vupt lá, mas foi.

E gritou com os meninos e perguntava isso, ou aquilo, outro perguntando pra ver se algum menino dava alguma dica sabe, como que era a escola.

Menina, Deus ajudou tanto, que num teve nenhum fiasco.

(Risos)

Não teve nenhum fiasco, aquela mesa bonita no meio do salão cheia de quitanda e de flor até acho que o prefeito ficou bobo, porque não esperava que ia achar aquilo tão arrumadinho daquele jeito.

Então essa tal de Corália que foi a secretaria de educação toda vida ficou amigona minha eu num sei o que foi isso, que ela foi com a minha cara porque no começo ela não me conhecia, não sabia quem eu era, desde o começo ela já ficou minha amiga e minha fã. E essa Corália também era como se diz “sai de baixo”, se a pessoa não prestasse não ficava não. E ela era assim além dela ter a formatura da área da educação ela tinha direito também. Era advogada.

Era advogada, teve uma época que eu fui trabalhar no setor do lanche porque lá era dos três governos, estadual, federal, municipal. Por esses todos que era mantido esse lugar então todos tinham que colaborar para organização do lugar, então a prefeitura me cedeu pra ir ser a supervisora do lanche. Tempos depois tinha precisado de uma supervisora pro lanche municipal e tinha outra que era supervisora estadual.

Todos os três ajudavam lá e tinha que ter essa participação. Eu sei que teve uma época que ela quis que eu fosse pra lá, aí eu fui e foi o lugar que eu mais sofri na minha vida porque a chefe lá tinha ânsia de poder e de se exibir, fazer o cartaz dela. Então como se diz eu também queria mais eu tinha meus limites a minha educação tudo dentro do cabível.

Porque minha mãe nos criou desse jeito, nós não atravessávamos um “trem” que não podia de jeito nenhum. Foi o lugar que eu mais sofri lá nesse departamento da merenda escolar. Ele ficava na praça da prefeitura quase em frente daquele prédio da prefeitura aquele museu.

Fica na esquina de baixo assim, aí eu fui pra lá e sempre na luta que eu te falo que toda a vida eu gostei e lá eu tive uma felicidade, de achar uma colega que também gostou demais de mim, chamava Egmar ela era supervisora estadual e eu era municipal. Eu ia com ela nas escolas estaduais ajudá-la resolver os problemas dela como ela também me ajudava resolver os problemas municipais. A gente era amiga mais só tive um castigo lá, a chefe não gostava de mim de jeito nenhum, porque ela gostava de pessoas bajuladoras: “Sua blusa de cetim, combina com seus olhos”.

Porque muito dessas pessoas do poder gosta de ser bajulados, porque acha que está se engrandecendo. Então ela era dessas, era bonita vistosa e acho que era um pouco rica também, porque morava no centro perto do departamento. Ela se chamava Valdereza Machado. Teve vez que eu chorei por causa dela, de ódio. Quando eu via a coisa “preta” dai eu tinha que pedir socorro na outra que era assim comigo, a Corália lá na educação. Porque a Corália que me tirou das escolas e quis me por lá aí eu pegava e ia na Corália, porque ninguém podia com ela. Ela tinha os diplomas da área da educação e maus dos pecados ainda tinha direito. Quem podia com uma mulher dessas? Quer dizer que os direitos da lei estavam aqui na ponta da língua dela, quem podia derrubar ela ai quando eu vi que eu não podia derrubar eu falava vou chamar a minha ajudante.

(Risos)

Ela tomou raiva de mim mais eu nunca falei nada pra ela. Eu ficava murchinha. Quando ela falava eu baixava a cabeça, escutava e obedecia. Eu sei que ela tomou raiva de mim,

mas tinha hora que tinham problemas que eu pensava assim: “Eu não dou conta. Antes que eu desmaie e caia estufada no chão eu vou lá chamar a Corália.”

43) Mas que tipo de problema que acontecia?

Eram coisas que eu queria para as escolas rurais que ela não queria dar. Ela queria dar as coisas só para as escolas estaduais, porque era aqui na cidade aparecia na televisão, ia acontecer um fato em tal escola a televisão corria pra lá ai ela fazia sucesso, ela aparecia, ela gostava era disso.

Às vezes eu tinha que resolver problemas do lanche também. A Corália me chamava pra pegar carona com ela no carro dela. Olha se precisa de ver, o tanto que eu me dei bem com as pessoas mais exigentes da prefeitura foi o que eu mais me dei bem. Sabe, agora ela sabia que eu fazia, que eu fazia aquilo eu trabalhava por paixão eu num trabalhava pelo dinheiro que eu recebia, ai quando eu pelejava com a Valderezia de lá, porque teve uma vez que eu estava tendo problema igual teve lá na Saudade que não tinha água.

Aí nós furamos uma cisterna na porta da escola e as águas não estava dando certo. Então eu falei pra Corália assim: “Se a gente comprasse um latão, sabe aqueles latões de leiteiro. Que tem aquela tampa retorcida, que a água não cai que pode viajar de perua que não fica derramando. A gente deixa e a hora que faltar água nas escolas a gente pega o latão enche de e o motorista leva.”

Eu que dei essa ideia. Minha filha quando foi chegar com essa ideia lá na Valderezia, há mais ela queria me matar, ela queria me esganar, queria ela falava assim aqui coisa e tal e tal e tal você num entende não, desse jeito e a cara ela fazia assim na minha cara: “Você num entende não”. Desse jeito que ela falava pra mim. E eu aguentava firme, com toda força e pensava assim quer ir por bem não?

(Risos)

Deixa comigo ficava pior pra ela, porque quando eu via que eu num dava conta eu pensava assim a Corália, eu vou nela, ai eu ia na Corália quem foi, foi igual eu te falei quem podia com a mulher naquele tempo antigo eram poucas as mulheres que eram formadas em direito e essas coisas ela tinha o direito e tinha a pedagogia quem pode derrubar uma mulher dessas. Ai a Corália: “Eurides marca uma reunião com ela pra mim, tal horas depois do expediente eu vou me reunir com a Valderezia”. Na reunião ela disse: “Cadê a verba que a prefeitura aqui?” -Federal

Eu pensei: “Nossa, agora eu vi”. Eu dei o aviso pra ela e virei as costas num fiquei quieta em pé esperando a resposta porque eu sabia que ia ser uma resposta de me derrubar.

Ai antes que ela respondesse, eu já “vazei”.

Menina a Corália foi lá e elas ficaram até tarde da noite. Mas conseguimos. Ficou do jeito que queríamos pras escolas municipais.

Aí quando é um dia a gente foi pra prefeitura fazer uns amigos invisíveis no final de ano. Tem o natal aquela coisa e a mulher fez eu ir, eu num queria ir de jeito nenhum porque ia junto com ela.

Eu pensei: “Sagrado coração segura o meu estomago, porque o meu estomago embrulha”.

Fomos pra lá, quando chega lá que ela gostava de escola estadual porque aqui aparece muito na televisão dá destaque, ela era igual candidato político quando quer fazer o nome.

O meu sistema com a mulher lá foi só ficando ruim e cada vez pior, só pra você ver o tanto que eu trabalhei lá, que quando eu cheguei tinha um quartinho, quase do tamanho desse aqui, estava cheinho de brinquedo de cima até embaixo. Esses brinquedos era pra ter sido distribuído no Natal passado para as crianças rurais, cadê a dona que trabalhava no meu lugar que tinha obrigação de fazer isso.

Então um “trem” que ficava mais custoso um pouquinho, porque tem certas pessoas que querem fazer só o fácil, aí se ficasse mais difícil um pouquinho elas já deixavam. Eu sei que ela ficou lá pouco tempo, num instantinho essa moça saiu e ela deixou o quarto cheinho de brinquedo de cima até embaixo assim. Cheinho de brinquedo, num distribuiu de preguiça de organizar.

Porque dava trabalho, porque eu tinha que ir na escola e eu fazia a lista de alunos na faixa dos cinco anos dos seis anos sete anos que eu ia distribuir, distribuir aqueles brinquedos de acordo com as idades. Ia dar trabalho. As outras supervisoras da educação eram todas do mesmo jeito comigo.

Falavam assim comigo: “Eurides amanhã nós vamos em tal escola, se você quiser aproveitar você vai com a gente”

44) As supervisoras ficavam na secretaria?

Ficavam, nessa época não tinha supervisoras fixas nas escolas rurais.

Como eu não tinha transporte pra mim, e eu tinha que ficar pegando carona nessas outras que iam fazer serviço, eu tinha que avisar que eu ia, pra fazer o meu trabalho também. Eu não ia pra arrumar problemas eu ia resolver.

Então as supervisoras aprenderam a gostar de mim.

Eu ia com elas pras escolas e detectava os problemas, como esse dos brinquedos. O que podia fazer, o que não fazer, o que era pra ter feito e o que não fez, eu sei que dessa vez eu tive que trabalhar com esses brinquedos e pesquisava os meninos de tantos anos disso e tantos anos daquilo e distribuía os brinquedos tudo de acordo, e a outra que era que estava lá antes de mim, tinha mais estudo do que eu que, já era formada em não sei dizer se era assistente social estava bem ligada ao ramo dela, não estava? Mas não gostava de fazer de jeito nenhum. Eu nunca trabalhei com ela, mas trabalhei naquilo que ela não fez e deixou lá sobrar pra mim, não sei se ela pediu pra sair ou se tiraram ela. Então eu tomava um soco na cara dum, um pontapé de outro, mas eu resolvia o problema daquela escola. Eu podia sair até chorando, mas eu resolvia o problema daquela escola.

Existe muita gente preguiçosa. Tinha uma professora numa escola que eu visitei que até hoje trabalha em escola municipal. Se ela visse a gente fazendo qualquer coisa de bem pra uma escola, pra isso pra aquilo, ela falava assim: “Fulano larga de ser boba, o quê que você ganha com isso”. A cabeça dela era desse jeito, até para a supervisora, Aparecida, muito trabalhadeira, ela falava: “Aparecida para que você tá mexendo com isso Aparecida, o quê que você ganha com isso?”. Então tudo pra ela era o que que você ganha com isso. Ela pensava assim: Num vou fazer nada porque não ganho nada. O lema dela.

Uma vez eu fui numa escola que era dela, da Marisa. Aí cheguei na escola da tal de Marisa e ela falou pra mim assim: “Aqui num tem nada pra fazer lanche, não tem nada, não teve lanche, num tem nada de recurso pra fazer o lanche”. Eu pensei: “Não tem nada? Como que na zona rural não tem. Pelo amor de Deus! Eu vou caçar esses “trem”. “Onde é que tá então, minha filha?” - eu pensei. Nem que seja eu vou pedir a Deus um milagre. Vou ter que dar conta de um lanche aqui nessa escola. Fui pra cozinha já viu uma supervisora de alguma coisa ir pra cozinha fazer alguma coisa? Procurei daqui e dali. Pedi à Deus que desse uma luz, uma coisa e outra quando, eu achei uma mandioca e um açúcar. Eu pensei: “Sagrado coração! Vou fazer um lanche aqui e agora de mandioca e açúcar”. E ela lá na sala num foi nem lá pedir mais detalhe procurar assunto não. Esse lanche aqui hoje sai, haja o que houver, mas hoje eu apresento um lanche nessa escola. Piquei a mandioca e cozinhei. Fiz uma calda com o açúcar, uma calda queimada. Sabe que fica uma caldinha morena? Vou dar mandioca para os meninos amassar na caldinha e comem aquilo deliciosamente.

E assim eu fiz, nossa num deu outra, num faltou um menino que não quisesse.

Todos queriam. Eu podia gozar na cara dela e falar se num tem jeito de fazer um lanche aqui hoje não? Aqui o lanche. Eu podia ter desabusado na cara dela. Se fosse a Valdereza, a poderosa minha lá eu tinha acabado com ela, eu tinha acabado com ela porque depois tinha que fazer as escritas e anotar tinha uma folha que tinha que anotar todo o lanche, hoje o lanche tal, tal e tal, tal, tal e tal tem que fazer aquilo todo o mês tem que trazer aquilo preenchido e entregar lá.

Então muitas professoras não faziam esse papel. No fim, eu que ficava investigando o quê que elas fizeram de lanche, investigava com os meninos tudo. Eu anotava, mas isso era obrigação das professoras que tinha que fazer todo mês, não sei, não lembro se era mês ou se era bimestre. O quê que tinha em preencher essa folha do lanche e mandar pra lá? Eu fiz muito pra elas.

Tem coisa grave, em algumas escolas, tinham professoras moradoras da região, que pegavam o lanche e levavam para casa pra fazer para os peões da fazenda. E as crianças ficavam sem comida.

45) Mas a prefeitura não tinha que ter mandado o lanche?

Tinha que ter mandado. Mas a professora também tinha que ter preenchido os papéis, colocado os lanches realizados, o estoque na dispensa e enviar pro setor que eu ficava.

46) Será que tinha professor então que deixava de receber porque não cumpria a parte burocrática? Não seria isso?

Tinha isso também, mas muitas desperdiçavam e deixavam o lanche acabar antes da hora prevista. Deixava acabar porque as vezes por exemplo ia fazer um mingau e punha muito açúcar o açúcar num instantinho o açúcar acabava. Então, tudo você tinha que saber controlar.

Eu fazia a prestação de contas lá com a mulher perigosa, enfezada, complicada.

47) E quanto tempo a senhora ficou nesse setor?

Eu fiquei lá, acho que eu fiquei quase três anos, depois eu cansei que eu falei não mereço. Eu queria te contar uma parte e eu esqueci eu pulei: nós fomos fazer, um amigo invisível lá na prefeitura, que era na esquina. Os funcionários da prefeitura e chamaram nosso setor pra ir no amigo invisível. Aí eu fui com ela, porque eu que era municipal. Quando cheguei lá teve um homem que ficou assim: “A minha amiga é uma mulher que tem um trabalho mais importante, um trabalho nisso um trabalho naquilo e naquilo outro. Santificou o nome da pessoa. Ela dá o alimento pras crianças.

Pensei: “Que ela dá o alimento das crianças, ela é isso, é aquilo outro, então sou eu. Deixe-me levantar”. Me deu vontade de fazer isso. Mas advinha, quem era?

Então ela gostava era disso de ter o nome em destaque, importante que é isso, que é aquilo, então essa mulher me odiou ela fez tudo pra eu ficar mais infeliz aí eu aguentei três anos quando foi dos três anos eu pedi a Corália pra sair.

48) A senhora trabalhava lá o tempo todo? Manhã e tarde ou era só meio período?

O dia todo, porque no segundo ano meu na prefeitura eu adquiri o direito de ter a dobra de turno. Porque, como eu te falei, o Renato entrou deu o concurso de imediato. Eu já fiz e passei no concurso. A dobra de turno eu conquistei com o primeiro concurso que eu fiz na prefeitura, mas antes disso, eu já trabalhei muito nos dois turnos.

Eu sei que no fim eu cansei com aquilo tudo. Gente eu anão aguento mais. Eu já sofri o suficiente e a Valderezia não aposentava apesar de já ter muito tempo de trabalho. As vezes ela resolveria aposentar, como não o fez: “Se eu esperar ela aposentar eu acabo com a minha vida aqui”.

Então dei o que eu pude e o que eu não pude nas escolas nessa época, igual o que eu fiz com a Marisa lá que eu fiz o lanche de mandioca e calda, então eu tinha que fazer milagre porque tinha essas pessoas que não fazia a sua parte.

Mas no governo do Renato essas pessoas foram acabando foram sumindo, ele acabou com muita gente que não queria trabalhar queria só emprego.

Hoje 16 de fevereiro de 2018 estamos novamente com a Eurides Pereira de Souza em seu lar para conversarmos mais sobre sua vida e sua carreira docente.

Formação, Práticas e saberes

49) Hoje, Eurides, eu quero te perguntar em relação a sua prática docente na escola. Como era? E, três grandes perguntas, como era feito o planejamento? Qual currículo era seguido e como você avaliava esses alunos?

Como eu disse o primeiro ano como professora foi o pior ano da minha vida nas escolas rurais, porque, não tinha assistência de nada, apoio de nada, conforto de nada vezes nada. Contando que eu não tinha experiência, então se eles me colocaram lá nessa situação teriam que dar uma assistência maior. “Vamos dar uma assistência maior para a Eurides até ela pegar o fio da meada”. Mas não teve assistência nenhuma. Pra eu ter

uma noção do que eu poderia passar para os alunos, quando chegava sábado e domingo, (durante a semana ficava na casa de alunos, porque não havia transporte) que eu ficava aqui na cidade. E copiava dia e noite matéria dos meninos aqui da cidade pra eu passar pros meus lá, porque eu ficava sem orientação da prefeitura, da secretaria da educação. Eles ti colocavam lá e falava: “Fica com Deus e pronto!” Virava as costas. Eu pensei: “Vou ter que apelar com Deus, Deus vai ter que me ajudar”.

Então o que eu fazia pra eu não fazer muita bobagem, não perde muito tempo, não ficar aquele “trem” atrasado, eu fazia era isso: seguia os meninos da cidade porque os professores tinham assistência. É uma coisa equilibrada e orientada. Ficava dia e noite copiando do caderno dos meninos daqui pra chegar na segunda feira e levar aquilo pra eu aplicar lá. Era desse jeito.

50) Então, seguiu o currículo da zona urbana que era estadual, no caso?

Da zona urbana estadual.

51) Seu planejamento na verdade era uma cópia? Você copiava?

É eu copiava porque a comunidade sabia que eu não tinha experiência de nada, não tinha estudo. Naquele tempo eles admitiam professores que não eram formados, porque muitos prefeitos queriam pagar barato. Professoras leigas recebiam somente 60% do que recebia a professora formada.

Então eu ganhava menos, e eu passei a ganhar mais porque nesse primeiro ano que eu fiquei lá eu já procurei recurso com a ajuda de Deus. Foi o primeiro curso de forma grandiosa que a delegacia de ensino deu. O curso para concurso que eu te falei. Colocaram nós professoras leigas, porque nesse ano não tinha nenhuma formada.

Então a prefeitura arrumou esse gancho pra enturmar com as estaduais e pegar essa beira lá e fazer o curso que o curso foi espetacular com aquelas mulheres de maior classe possível as que dava aula pra gente.

Pessoas preparadas da delegacia de ensino de coisas ligadas ao estado. Aí eu fiquei por dentro. Eu nunca fui tão feliz na minha vida pra fazer esse curso, que o prefeito e a secretaria organizaram com a delegacia de ensino. Além de estudar para o concurso eu aprendia coisas para a escola.

Então ali, minha filha, eu passei a ser a professora mais feliz do município, quando eu vi aquelas orientações, aquelas coisas maravilhosas, aquelas coisas importantes, que as mulheres da delegacia de ensino ensinava pra gente, nossa eu tenho uma foto que eu estou com o diploma que foi meu primeiro diploma. Eu com o diploma na mão, foi o primeiro diploma destinado a uma professora.

Então eu fiz tudo lá com a delegacia de ensino, Deus me ajudou e eu saí bem e fui classificada entre as dez primeiras. Era uma sala lotadinha de gente amontoado. Então nesse monte de gente eu estava entre as dez primeiras.

E apesar do convite para ir para secretaria, eu resolvi ficar na escola rural. Desse momento em diante, não num foi desse momento em diante, depois desse curso da delegacia de ensino que eu adorei demais logo, logo eu fiquei sabendo de um curso que ia ter lá em Ibirité que é coladinho em Belo Horizonte. Que pertence ao estado também, e lá tinha a escola igual aqui tem o colégio agrícola que é fora da cidade. O colégio que chamava...Helena Antipoff. Era, era tipo de um internato.

Tinha quarto, banheiro, comida. Tinha tudo. A gente passava dia e noite lá.

Eu fui pra lá. Foi o curso melhor da minha vida que eu já vi, com aquelas mulheres de classe da secretaria do Estado que dava aula lá pra nós.

Agora pensa naquele tempo, o tanto que as coisas eram mais atrasadas. Se fosse agora gravava tudo, já filmava aquelas mulheres importantes dando aula, bonitas e muito instruídas. Gente se o curso fosse hoje ninguém perdia, fariam a maior reportagem. Fui e me de bem nesse curso maravilhoso.

52) E quando era feito o curso?

Nas férias. Várias férias a gente ia para lá. O governo dava até a passagem.

Era muito difícil viajar, mas o curso valeu a pena. Aprendemos muitas coisas, que hoje não se ensina na Faculdade. Vinham professoras da Delegacia de Ensino de Belo Horizonte. Quando recebi o diploma, foi uma honra: agora sou professora de verdade!

53) Então foi um curso de formação mesmo, na época a gente falava capacitação?

É, e até a passagem a gente ganhava, ganhava estadia que a gente dormia e comia lá no colégio.

54) Era um curso que você tinha que ir ou você quis ir?

Eu quis ir. Era oferecido mais não era obrigado. Uai, da prefeitura que estava lá, só eu. Eu não vi ninguém. E na prefeitura tinha monte de professoras nessas condições, de num saber nada de nada vezes nada.

Esse curso foi equivalente ao magistério.

E tinha até uma professora muito, muito bacana chamava Darcy e agente tinha aula dia e noite. Manhã, tarde e noite, tinha a aula da manhã depois saia pro almoço, almoçava voltava pra sala e de tarde saia pra jantar e voltava à noite pra aula então foi um curso que não foi assim de muito tempo, mas que foi de muito tempo por dia.

Agente num tinha refresco não, era puxado.

55) E quando você pegou esse diploma de magistério, você passou a ganhar o cem por cento?

Sim. Passei a ganhar o cem por cento, porque antes era sessenta por cento, quando eu entreguei esse diploma lá que equivaleu ao magistério. Ai eu já passei a receber o normal.

56) A senhora lembra quando que foi esse curso? Qual ano?

Eu comecei em 66 quando foi em 67, eu num sei se foi 67 ou 68. Eu não lembro.

57) O cursou durou quanto tempo? Quantos anos de férias?

Foi mais de ano, bem mais de ano, porque eu ia nas férias do meio do ano de junho, ia nas férias do fim de ano, era assim. Nesse tempo, nem a tia Inês não morava em Belo Horizonte ainda, eu ficava na casa de uma tal de Anita. Essa mulher já morou aqui em casa quando ela casou. Porque ela não tinha onde morar. Veio ela e o marido pra cá e não tinha lugar pra eles ficarem em Uberlândia. Eles conheciam somente nossa casa, éramos o mesmo que parentes.

Eu pegava ônibus ia pra lá nos finais de semana, passava na casa dela, e o resto da semana toda lá no colégio, que era igual o colégio agrícola afastado assim da cidade.

58) Eurides, quando você fala que entrou na docência sem experiência e sem formação nenhuma, você fazia um planejamento e o currículo seguido das crianças que você pegava caderno na cidade? Depois dessa formação como você planejava e como avaliava?

Depois que eu fiz esse curso, eu já passei a seguir os esquemas tudo do jeito que foi orientado lá.

O curso melhor que eu tive na minha vida, que aquilo lá merecia ser gravado pra passar pros outros que ainda não fez curso nenhum pras pessoas alertar e procurar enquanto é tempo.

59) E eles passavam um currículo pra ser seguido nesse curso?

Sim, para todo primário. Eu só dei aula no primário.

Foi no curso que eu descobri que existia o programa de ensino determinado pela lei. Eu sofri lá na Saudade porque o povo era muito atrasado. Tinha os ignorantes que não concordavam com o sistema de ensino. Eles ficavam implicando.

60) Os pais?

Pais. Teve um que falou pra mim: “Dona Eurides, pra quê ensinar ciências pro menino de roça, dona Eurides? Pra que ensinar geografia dona Eurides? Pra que ensinar

história? Eles achavam que era uma perca de tempo, que o povo nesse tempo eles interessava só assim, aprender a ler e escrever e fazer conta pra fazer conta sobre os negócios que realizavam na fazenda. Então era só isso que interessava, fazer conta e ler e escrever.

Aí eles ficavam desse jeito pra mim. Pra que dona Eurides, aula disso ou daquilo.

61) Eurides, você se lembra como alfabetizava, ensinava a ler e escrever?

Naquele tempo usava bater o alfabeto. Era a primeira coisa que fazia bater o alfabeto abcd... “tantan tantan”, cantava isso direto.

Era desse jeito, mas como eu te falei, no inicio não tinha orientação, não tinha nada, porque eu ficava procurando desse jeito. Depois que fiz o curso já clareou mais um pouco. A gente já ficou mais entusiasmada. Porque facilitou muito, mas mesmo assim a gente começava com o alfabeto.

62) Com o alfabeto, era silábico? Esse curso ensinou a alfabetizar de forma silábica ou de forma do método global?

Silábico foi mais pra frente um pouquinho. Primeiro houve aquele batido pra eles aprenderem as letras. Depois das letras que foi indo mais devagar sobre as sílabas.

63) E tinha uma ordem pra aprender as sílabas ou qualquer sílaba?

Tinha uma ordem, por exemplo, cada letra tinha sua família agente estudava aquela família da letra tal. Era desse jeito.

64) E foi ensinado isso no curso dessa forma?

Foi. E desde desse dia eu não precisei tanto daquele negócio de ficar copiando matéria dos meninos da cidade, pois eu já estava orientada do que eu deveria seguir. Inclusive a gente recebia uma apostila da supervisora. Mandavam uma apostila e na apostila estava tudo esquematizado. A gente seguia aquela apostila da supervisora, a matéria do bimestre.

Então vinha tudo esquematizado na apostila que até cego dava conta de dar aula daquele jeito. E de um jeito melhor, porque aprendemos a ampliar. Mais do que aquele batente que a gente tinha pra trás. E então foi aonde que deu conflito lá que os pais ficavam perguntando pra que ensinar isso, pra que ensinar aquilo, pra que ensinar aquilo, outro queria só que fazer conta e aprender a ler só isso

E aqueles igual ao seu avô João, o senhor Chiquinho que tinham professores particulares dentro de casa. Eles que ditavam a lei para as professoras.

Eu quero que ensina isso aquilo e aquilo outro e pagava elas pra fazer. Elas tinham que obedecer. No meu caso eu tinha que obedecer ao esquema da lei, pois as supervisoras, no governo do Renato teve, fiscalizavam o que estávamos dando pras crianças. O Renato falou: “Eu quero que a escola rural, seja igual ou melhor do que a escola aqui da cidade”. Então quem quiser fazer isso, tudo bem quem não quiser tá fora.

O Renato fez a reunião e falou. Foi por isso que te falo que ele foi o prefeito mais exigente, o mais poderoso e mais caridoso com as escolas rurais. O Zaire também foi bom.

Sabe então é um homem que tenho admiração por ele, não acaba nunca. Ele já morreu há muito tempo, mas eu ainda respeito ele até hoje.

(Risos)

65) Você falou do papel da supervisora. Ela começou no governo do Renato ou no governo do Raul Pereira?

Do Renato. Porque no primeiro não tinha ninguém para orientar. Era só eu e Deus.

66) Quem era o secretário no primeiro ano?

Era o pai da Cora Pavan. Angelino Pavan. No governo do Renato foi a Corália Rio Sales, como eu te falei.

(Risos)

Ela era muito exigente, porque além dela ensinar ela estava com a lei ali decoradinha na ponta da língua.

Então essas pessoas mais exigentes que teve na prefeitura foi os que eu mais me dei bem com eles eu fiz sucesso com essa Corália. Ela apaixonou pelas coisas que eu fazia.

Ela gostava tanto, que uma vez eu pedi pra sua mãe fazer um bolo para mim, porque a secretária ia numa escola, Domigas Caminho”. Eu ainda estava lá no setor do lanche.

Era dia da criança.

Ai eu pensei: “Então eu tenho que levar um bolo, dia da criança, pros meninos”. Sua mãe estava fazendo curso sobre bolo. Eu falei “Darci faz um bolo pra mim!”. Arrumou o bolo aí a Corália me chamou pra ir com ela. “Você pode ir no meu carro que tem lugar para você”. Andar com a secretária de educação de lá toda hora era chique demais. Quando ela viu o bolo, ficou estarrecida: “Que coisa mais linda”.

Eu tenho vontade de mostrá-la para você. Depois que ela saiu da educação, eu a encontrei só uma vez e tem muitos anos. Fui numa formatura de uma prima, filha da tia Nina. A cerimônia foi na igreja da Santa Terezinha. Quando eu estou lá na igreja Santa Terezinha quem eu vejo? A Corália.

(Risos)

Merecia uma foto, essa cena. O povo estava saindo cercado de gente ao redor dela, e ela me apontava pras pessoas: “Gente essa aqui é a melhor professora do município, a melhor do município!” E quase morri de vergonha. Não esperava aquilo. Eu não sabia nem o que falar, de tão boba que eu fiquei: “Melhor professora do município”. Porque ela via o que eu fazia e reconhecia. Foi igual ao dia do bolo: “Gente do céu que coisa linda”.

Ela devia pensar: “Gente uma funcionária nossa providenciar um “trem bonito” desse pra oferecer para uma escola”.

Quanto mais sucesso eu fazia mais raiva de mim a chefe do lanche tomava (risos) porque ela não queria ter rivalidade, ela queria ser a principal, sabe?

Eu admiro a Corália, por isso porque ela podia muito bem chegar com aquele bolo lá e falar: “Nós vamos fazer hoje aqui a festinha pras crianças, nós. Ela podia aproveitar a beira, não é?

Mas não, ela chegava e falava desse jeito: “Nossa, você imagina uma funcionária nossa arrumou um bolo importante desse pros meninos daqui”.

Eu nunca fiz nada por bajulação eu fazia o que eu achava que devia fazer era meu jeito. Eu não sabia passar o dia da criança sem eu fazer nada. Sem comemorar com alguma coisa. Fiz muita coisa às vezes assim que eu nem contava pra ninguém. Não queria me engrandecer. Fazia caladinha: “tchu, tchu tchu” e pronto.

Então a pessoa se não tiver aquele dom, tiver só pensando no dinheiro que vai ganhar, pode largar.

Escola e Igreja

67) Nós sabemos que grande parte da docência, você trabalhou na escola municipal da Saudade e lá tem uma igreja perto. Nesse período havia muita relação da escola com a religião católica, não é? Como se dava essa relação?

Eu sei que quando eu comecei lá, o povo já me convidava pra ir à missa. Comecei ir na missa e depois mais pra frente eu chamava os alunos para fazer a primeira comunhão. Então a primeira vez que teve a primeira comunhão lá na Capela da Saudade foi eu e uma outra professora que organizamos.

E dessa vez eu arrumei inimizade com um dos pais. Eu esqueci de comprar a meia da menina, de tão ocupada que eu era, que eu não tive tempo pra lembrar da meia, porque tinha que fazer a roupa branca pra primeira comunhão. Aí o povo de lá sempre pedia pra eu fazer alguma coisa pra eles aqui na cidade. Porque eu vinha todo o dia nessa época já era o tempo de vir todo o dia. Então é onde que eu fiquei conhecida nas rádios, porque todo mundo mandava eu trazer as cartinhas pra oferecer pros aniversariantes. Então todo o aniversariante que tinha, o povo pedia: “Eurides leva essa cartinha pra nós e entrega lá na Rádia”. Era pra homenagear aquele aniversariante.

Aí eu fiquei conhecida demais. Eu ia nas rádios todas. O povo pensava assim: “A Eurides vai pra cidade mesmo ela leva isso pra nós”. Eu levava cartas para o programa do Zé do Bode. Tinha o tal de Alfredinho também, que era na outra rádio.

Fiquei conhecida! “A professora Eurides está chegando aqui. Veio fazer isso, aquilo e aquilo outro, etc. Bom dia professora Eurides!”. Todos nas fazendas escutavam.

Festas

68) Falando em aniversário. Como eram as festas na escola?

Sempre fazíamos todas as comemorações mais importantes do calendário. A gente sempre fazia alguma coisa. Eu nunca deixei passar em branco, seja lá que data for sempre tinha a comemoração.

Por isso, alguns pais me questionavam, para que fazer isso ou aquilo? Estava longe dos costumes deles. Quando eu fui pra lá, gente, Deus me perdoe! O povo era atrasado mesmo. Se eu fosse uma pessoa esnobe, eu ia esnobar na cara dos roceiros. Eu ia dar a entender que eles eram bobos.

No entanto, eu fiz o contrário, quanto mais emburrado eles eram, mais eu tratava bem. Este foi o modo que eu conquistei o povo.

Porque o povo rural tinha, complexo com o povo da cidade. Eles pensavam que todo o povo da cidade achava eles bobos, idiotas, atrasados, ignorantes e eu nunca os tratei desse jeito. Nunca, nunca, nunca. Então com isso eu fui criando mais confiança ali e amizade.

Por fim, o povo não me deixava fora de nada: era um casamento, um aniversário. Para qualquer coisa eu era convidada, inclusive eu fui convidada pro casamento de algumas pessoas. Sou madrinha de casamento e de batizado de muita gente.

Uma afilhada é filha de um ex-aluno. O pai dela até já morreu, também estudou comigo.

Mobral

A moça que eu fui madrinha de batismo, era filha de um aluno que estudou à noite na Saudade. Eu esqueci de falar essa parte. Teve uma época que eu dei aula pros adultos analfabetos. Eu ia lá pra escola da Saudade de noite.

À pé. Olha bem, se pode uma coisa dessa. De noite e a pé. Ainda bem que na maioria das vezes, algum dos irmãos da sua mãe iam comigo, porque já era de noite.

Então teve uma turma de homens que foram estudar. Sabe como que eu dava aula lá? Com a luz de lamparina. Os alunos levaram. Eu falei: “Vocês trazem a lamparina. Cada um põe na sua carteira”.

Assim fez. Cada um, tinha a sua lamparina de por na carteira e eu tinha a minha de por na minha mesa, começou desse jeito. Foi uma fase difícil, por eu ter que sair de noite, e ainda era só homem. Fora que já tinha trabalhado de dia.

69) Nossa e quanto tempo a senhora deu aula? Seria o MOBRAL?

Foi o mobral. Assim que começou o mobral.

70) Você recebia apostila, alguma orientação pra ensinar?

Nesse tempo (anos 1970), a chefe do Mobral, que orientava, era uma das que foram amigas minha, das casas que eu frequentava no tempo do Hospital Santa Clara. Ela era prima dos meninos lá da Santa Clara chamava, chamava Alba. Alba Castanheira. O povo da sua mãe a conheceu. Não sei se foi o Lindomar ou a Darci. Ela que orientava sobre os analfabetos da noite. Ela trabalhou nessa parte.

Quando a Alba chegou, que eu estava lá, nossa, ela achou bom, ficou feliz de me encontrar na educação.

Outro encontro foi com a Creuza Rezende, que eu também frequentava a casa dela com os meninos do Santa Clara. Quando nós éramos “molecotes” a gente brincava lá na casa da Creuza. Chegou na prefeitura e eu estava lá.

Ela chegou. Ficou feliz, me tratou muito bem. Mandou eu me sentar lá na sala dela (estava como secretária de educação da prefeitura)

71) As idas e vindas (risos). Você ficou quanto tempo no mobral? Foi só lá na Saudade?

Foi só na Saudade. Se eu não me engano foi um ano só, depois eu num lembro se eu quis sair ou se eles mudaram o sistema eu não lembro.

Esse que é pai da minha afilhada que estudou no Mobral, morava aqui pra cima. Pôs um botequinho. Daí um dia eu encontrei com ele fui conversar. Perguntar se ele seguiu os estudos aqui na cidade. Ele falou assim: “Não só com aquele ensino que você me deu tá dando pra mim viver bem aqui na cidade”.

(risos)

Chamava Divino. Eu tinha uma foto que tem ele. Tem a foto dos homens do Mobral e a Creuza Rezende.

72) Eles formaram? Teve alguma cerimônia?

No final do ano teve um tipo de uma formatura. É e entregou os diplomas sabe. A festa foi lá no Liceu. A entrega dos diplomas. É porque lá no Liceu tinha espaço pra fazer essas coisas. A prefeitura pediu emprestado.

73) Devem ter juntado todos as salas de Mobral do município, não é?

É eu acho que aconteceram duas coisas: reunia nos fins de ano era todas as quartas séries pra receber o diploma. E tinha o pessoal do Mobral, que era os analfabetos adultos.

Então todo o ano reunia aquilo e fazia uma festa e entregava os diplomas.

Eu me lembro que quando o Adair, seu padrinho, foi receber o diploma da quarta série, ninguém veio da casa dele. Só eu que fui com ele. A dona Orlinda não veio pra assistir a festa. O pai muito menos.

74) Eurides, nessa época do Mobral e também quando você entrou pra profissão docente estava recente o golpe militar, não é? Você sentia os impactos da ditadura no seu fazer lá na zona rural?

Não. Não era perceptível isso.

75) Ninguém sofreu nenhum tipo de ameaça?

Não, não, não. Eu foquei bem e obedeci o sistema da prefeitura. A assistência que eles davam, tinha hora, que era pouca, mas já tinha melhorado bastante, então foi nisso assim.

76) A supervisora ia de quanto em quanto tempo lá na escola?

Se eu não me engano, que eu não lembro, assim exatamente, acho que duas em duas semanas.

77) O que ela fazia?

Ela revisava o plano de aula e orientava alguma coisa que ela achava que devia acrescentar ou que ela achava que devia tirar seguindo o esquema certo.

Ela dava essa orientação e eram as supervisoras que faziam as apostilas com toda a matéria pra ser dada naquele bimestre e elas davam orientação a respeito daquilo: “Ô Eurides, isso aqui você faz assim, assim, assim”. Então a pessoa já tinha uma luz, pra não ser igual eu no começo, que tinha nada.

E então já vinha tudo esquematizado na apostila. Até cego se quisesse dar aula dava (risos).

Hoje é muito bom as coordenadoras pedagógicas nas escolas. No começo a gente fazia tudo, tudo. Não tinha funcionário nenhum pra nada vezes nada.

78) O que você fazia além de dar aula?

A professora era além dela ser professora, ela era faxineira, era merendeira, secretária e mais outras coisinhas que surgia. Então é onde que eu ensinei aos alunos a colaborar com a escola. Uma vez até deu problema com isso, porque teve uma professora que teve muita inveja de mim. Ela tentou me derrubar porque ela era casada com o povo do lugar lá da Tenda dos Morenos. Ela era casada com um homem do lugar então, o povo quase tudo era parente dela: era cunhado, cunhada, sobrinho. Era isso, era aquilo e aquilo outro. Ela ficou lá séculos e séculos sozinha naquele sistema antigo, atrasado que eu te contei que no começo a gente era. Ela começou naquele sistema, mas só que quando ela começou lá a escola num era da prefeitura era do Estado.

A escola dos distritos e essa Tenda dos Morenos eram do Estado. E o Estado não ia lá dar essa assistência. Ia lá uma vez na vida e tchau.

Num tinha nada não, então a Iranita fazia do jeito que ela queria.

Do jeito que ela entendia e assim fazia todos os professores dessa época.

Porque não tinha orientação nenhuma, foi até na época que eu entrei em 1966. Mas só que tem que elas não procuraram uma melhora qualquer, um fio da miada.

E a escola lá na Tenda dos Morenos era aquela escola antiga e a escola o prédio da escola estava novinho até o Gilberto meu irmão trabalhou na construção da escola lá. Eles fizeram arrumaram a escola novinha, nem com a escola novinha, ela num teve o entusiasmo de: “Nossa eu vou arrumar isso, aquilo e aquilo outro, para a escola ficar bonita”. Não, ela num tinha esse negócio de escola bonita.

Ela queria menos serviço, pra ela, porque ela era dona de casa, uma mulher fazendeira tem muitas ocupações na sua fazenda, num tem?

Aí, ela queria atender a fazenda dela e num queria atender a escola.

Então foi desse jeito e desse tipo ela ficou lá muitos anos porque ninguém sabia o que acontecia isso.

Como não ia supervisora, ninguém ia dedá-la. Foi assim, até o dia em que eu pus o pezinho lá naquela escola. Ela queria que eu morresse.

(risos)

-Eu estava estorvando ela. Tirei a liberdade dela, porque eu podia por ela até na cadeia ela ia ser a primeira professora que ia sair numa reportagem criminal porque uma professora que tira o alimento das crianças que é o lanche da escola e leva pra casa pros peões da fazenda. O que ia sobrar pra ela. Se eu quisesse derrubar ela e massacrar se eu fosse uma pessoa ruim. Eu podia ter feito que meu nome ia sair era um hino no jornal. Eu nunca pensei nisso, foi a sorte dela.

Aí eu pensei: “Sagrado Coração!” Se eu que tive escola mais atrasadinha mais sem recurso eu nunca fiz isso de deixar os meninos sem o lanche, agora a dona Eurides, o povo sabe, o povo daquela capela encostadinha na escola, aquele povo lá era testemunha. Eles falaram: “Ô Dona Eurides, ela encosta o carro dela aqui na porta, um fusquinha e cata os lanches da escola tudo e põe tudo dentro do fusca e leva pra casa”.

Eles viram, eram testemunhas. Levava pra fazer pros peões e deixava só alguma coisa pra disfarçar no dia que fosse uma supervisora que ela tinha que mostrar o lanche.

Ela deixava um trem lá vamos supor: hoje eu vou ter um fubá aqui, eu vou fazer um angu. Porque a professora mostrava pra supervisora via que tinha o lanche, aí a supervisora que era ingênuo acreditava que tinha lanche todo dia. Mas o povo da capela lá me contou que era só no dia que a supervisora vem que tem o lanche.

Aí quando, eu ti contei, já que eu fui pra lá com essa missão: “Eurides você vai dar jeito naquela escola”, a Corália falou pra mim.

Tudo que era “trem” difícil era comigo mesmo. Que eles pensavam assim é a Eurides.

Eles nunca me mandaram para um “trem” fofinho, macinho.

(Risos)

Era desse jeito, aí a Corália disse: “você vai, porque a escola está novinha”. A escola tinha que ficar bonita e com movimento bonito, com atividades bonitas, pra cativar o povo. Aquela coisa NE, tinha que ser ela, mas não fez, aí eu fui fazer e ela quis ficar com ciúmes.

Eu fui encarregada, mas mesmo se eles não tivessem me encarregado dessa missão, o meu pensamento não ia deixar a escola naquela condição. A professora não realçava a beleza dela.

Então eu já cheguei e falei pros alunos: “Gente quem quer plantar umas florzinhas pra mim, nuns vasinhos e trazer os vasinhos de flor pra enfeitarmos o salão aqui?”

Na entrada tinha um salão. “Eu quero, eu quero”, todo mundo concordou de levar a florzinha.

E assim foi dito e certo, que aquilo lá encheu de florzinhas e quem quer ajudar nisso, quem quer ajudar naquilo? Todo mundo queria ajudar.

Quando vimos a escola bonitona - Há meu Deus do céu! A mulher queria que eu morresse.

Até a mulher do compadre Edson, família idolatrada pela Iranita começou a elogiar: “Nossa que coisa linda!” As paredes da escola, aqueles cartazes bonitos que eu fiz para os banheiros das crianças. Em tudo eu pus os desenhos, gravurinhas de crianças na cantina... “Nossa Eurides, coisa linda que ficou isso aqui, quem arrumou isso aqui?” Ela estava perguntando, como é que eu não ia responder. Se ela não me perguntasse, eu não ia falar: “Dirce olha aqui, o que eu fiz!”

Teve uma mãe de duas gêmeas, Marli, que se encantou na escola e elogiou e ficou de boquiaberta, teve um choque quando chegou e viu a escola que eu arrumei. Porque antes, era aquela escola feia, apesar de ser uma escola nova toda pintadinha com as paredes tudo limpa era tinha que ter uma outra visão. Era uma escola morta.

Eu gosto, eu adoro uma escola bonita bem arrumada, porque entusiasma o aluno. O aluno fica mais entusiasmado então ele já vai aprendendo essas coisas desde novinho.

Então pra me envenenar, o que a Iranita fez: ela foi na cunhada dela que a menina da cunhada estudava comigo chamava Eliane, uma menina muito boa, inteligente e falou assim pra mim: “É a fulana de tal estava perguntando isso assim, assim, a fulana de tal estava perguntando aquilo outro. Ela ficava doida pra me envenenar, pra ver se eu desistia. Aí eu pensei: “Ela pensou que ia me derrubar, não vai não. Eu vou é conquistar essas mulheres, as mães que estão falando isso, eu vou conquistá-las, não vou brigar.

Estudei bem o assunto tal e tal. Chamei a mãe da Eliane, ela chegou lá eu e fui explicando pra ela sobre o cartaz na parede com os ajudantes do dia, todo o dia trocava aquele. Porque a Iranita pôs na cabeça dela, que a filha estava sendo empregada da escola, que tinha que fazer tudo na escola, aí eu mostrei pra ela: “Olha aqui pra você ver, os alunos que são os ajudantes do dia, não é da semana, não é do mês, é do dia. Eles pegavam o lixo e punha lá fora, outro varria o terreiro, outro ajudava a arredar as cadeiras da sala pra varrer, pra limpar. Então eles ficavam felizes de fazer aquilo. As crianças também tinham tarefas domésticas em casa. Era normal.

Eles faziam aquilo na maior alegria. (risos) A meninada achava aquilo uma festa. Eles estavam felizes. Mostrei tudo pra mãe e a mãe saiu da escola amiga minha.

Saiu amiga minha, maior felicidade, ficou tão feliz que a menina dela chegava e falava pra mim assim: “Dona Eurides, a mamãe não sabe mais nem o que faz com tia Iranita, porque ela quer ficar lá casa falando da senhora”. A menina me contou, sobrinha dela. Sobrinha, sobrinha falou pra mim desse jeito.

Outra vez ela falou assim: “Nossa a fulana falou que você passa uns problemas muito difíceis”. Uai! Menino da quarta série, eu vou passar problema de primeira série pra eles? Como eu estou te falando. Nós tínhamos um esquema da prefeitura, a supervisora mandava tudo na apostila, o que era que você ia dar. Não era eu que estava inventando e ela estava cansada de saber disso.

Ela ficava me traumatizando para me derrubar com as mães lá, “perder meu cartaz com o povo do lugar”. Quanto mais ela pelejava, mais ela arrumava amigo pra mim.

Virava amizade, quando eles iam falar comigo que eu mostrava tudo como é que era, eles caiam nos meus pés. O feitiço virou contra o feiticeiro.

Tinha uma mesona antiga, parecia uma escrivaninha com aquele tanto de gavetas. Era essas gavetas que ela guardava os lanches. Pra fazer o lanche, o arroz, o feijão, o açúcar, o macarrão, colocava tudo dentro naquelas gavetas. Quando eu cheguei eu perguntava pra gente combinar. Falava: “Iranita como que nós vamos combinar o problema do lanche? E o da limpeza da escola, nós vamos trocar dia ou nós vamos trocar semana?” Eu falava era assim pra ela. Porque ela estava lá primeiro, tem que respeitar. Então, eu a tratava com respeito e nas minhas costas ela queria me derrubar, quanto mais eu tratava ela bem, mais ela queria me derrubar. Ela não queria uma do bem, ela queria uma do mal.

Ela falou assim: “Nós podemos trocar semana”, eu falei então tá você fica na tal semana e eu na outra semana, assim foi. A primeira semana foi dela, quando foi na segunda semana, que era minha eu chamei os meninos pra me ajudar, nós passamos cera, onde chegava o povo, sabe? E onde as crianças tomavam o lanche num salão.

Quando a filha da Iranita chegou e viu o chão bonito ficou até sem graça: “Nossa Eurides ficou bonito né? Pois é a mamãe ficava naquela bobagem querendo economizar a cera.” Me deu vontade de falar se eu fosse bem sem educação eu podia falar assim: “Ela estava economizando então é pra ela mesmo porque pra prefeitura não precisa economizar não”. A prefeitura manda a cera é pra isso mesmo é pra brilhar o chão das escolas.

Aí muitas vezes eu ficava eu fingia que eu nem estava aí, para não brigar, que é o que ela queria. É capaz que ela vai até filmar - Nossa senhora!

E a Dirce que era a maior amiga dela e tudo mais “as filhas do compadre Edson” (que a Iranita vivia falando) elogiavam muito.

Quando foi inaugurar o telefone lá na Comunidade tenda dos Morenos, teve festa com o prefeito Zaire. A Iranita queria que as meninas do compadre Edson entregassem um ramalhete de flores pra mulher do prefeito. Tem base uma coisa dessa? Então não tinha chance pros pobres, feios e sofridos.

O analfabeto, o pobre se não tiver uma chance para o mais fraco, ele fica fraco toda vida. Toda vida agora se eu pusesse um menino desse fraquinho pra entregar o buque pra mulher do prefeito, eu estaria exaltando o menino. Ele ia criar aquela mentalidade que, que eu tive aquela confiança nele e ele poderia melhorar daquele dia em diante.

Que lindo!

Quando chegava a minha vez, eu colocava o pobre. Ela morria de raiva.

79) Quanto tempo a senhora aguentou essa situação?

Fiquei só um ano e pedi pra sair de lá porque eu pensei assim: “Antes que eu perco a cabeça que eu faço qualquer coisa ruim com essa mulher aqui, que vai ficar pior e ela aqui não vai sair nunca que ela é casada com homem do lugar.

80) E de lá a senhora foi pra onde? Primeiro a senhora foi pra Lembrança e depois a Saudade?

É primeiro a Lembrança. Lembrança foi um lugar que eu odiei.

81) No primeiro ano, não é?

Foi. Quando eu fui pra Lembrança sem saber nada de nada vezes nada e orientação do mesmo jeito eu pensava assim: “Sagrado coração!” Se Deus ajudasse que eu fosse trabalhar nessa escola nova, era a escola da Saudade. Eu já fiquei namorando a escola antes dela ficar pronta.

Porque eu queria sair daquela casa porque aquela casa era muito ruim. A mulher muito antiga e não modernizou fiquei o ano todo pelejando com ela e no fim não teve jeito de eu fazer nada por ela porque ela não dava chance. Ela não dava chance, era uma mulher muito sistemática. Chegava de noite que a gente não tinha nada pra fazer naquele tempo, que nem televisão não tinha na zona rural, não tinha nada pra gente fazer. Era aquela morte, a gente ficava sentadas lá caladinhas. Elas não puxavam um papinho comigo.

Aí sentava ela e as meninas eram duas meninas e bobas demais e muito atrasadas. Eu quase cai de costa quando eu fui puxar assunto com ela pra puxar amizade. Qualquer coisa. Aí quando eu pensei eu vi o rádio. Eu vou conversar sobre o rádio, aí falei assim:

“A senhora segue aquela novela tal que tem na rádio Educadora?” Quando é fé, a mulher virou pra mim com uma cara bem ruim como se diz quem que você acha que eu sou? “Sagrado coração!” Dei bandeira (risos), aí ela olhou pra mim com uma cara bem ruim bem arruinada mesmo e falou pra mim: “Não eu num vejo essas coisas”. Eu pensei pronto o que que eu fiz, o que que eu falei. Depois mais pra frente, eu vim a saber pelo povo do lugar que mulher de roça que assistisse novela não prestava. Só mulher que não prestava, mulher preguiçosa, vagabunda, ordinária. Todos os defeitos essa mulher tinha, mulher que visse novela.

Porque eu pensei foi assim se elas seguem as novelas eu posso também seguir as novelas com ela.

Seria um modo de eu me distrair naquele tédio que eu ficava lá. Eu não era acostumada com roça.

Pronto eu tenho é que ficar calada (risos).

82) Nessa época a senhora trabalhava os dois turnos manhã e tarde ou trabalhava só um turno?

Se eu não me engano eu acho que era só um turno com as séries misturadas (multisseriada). Eu era contratada só com um turno.

Então era só você e Deus então esse ano foi o ano mais infeliz da minha vida escolar na zona rural, porque além do lugar que eu ficava eu tinha que copiar a matéria dos meninos da cidade pra eu não ficar tão sem rumo. Eu pensava: “As escolas da cidade têm sistema moderno, secretaria da educação, essas coisas, deve ser bom. Então eu vou segui-los. Então foi desse jeito aí foi o pior ano da minha vida, que eu me dei mal foi nesse primeiro ano de 1966 e a escola funcionava num rancho de pau a pique. O teto era com aquelas folhas de coqueiro.

Só o chão que era melhorzinho cimentado. Não tinha mais nada de nada. Então quando eu vi que estavam construindo a escola da Saudade, eu fiquei rezando o ano inteiro pensando: “Deus podia ajudar que eu passasse pra aquela escola, Deus podia me ajudar”. Aí eu falei isso o ano inteiro e Deus escutou.

83) Que bom! Na escola da Lembrança ofereciam lanche?

Não tinha lanche não. Cada um que levava. Eu era obrigada a comer o que essa mulher mandasse. Eu pensava assim: “Vou almoçar e depois como doce de sobremesa”. Mas ela colocava o doce no café da tarde. Não era mais a hora de comer doce pra mim, mas eu era obrigada a comer pra não fazer desfeita pra ela. Eu como quitanda e café.

Aí eu ia falar isso pra ela? De jeito nenhum.

Porque desde o dia em que ela me deu a patada sobre o rádio, que eu fui puxar assunto eu pensei eu tenho que ficar é calada, quanto mais calada melhor. Então aí eu fazia desse jeito, não era a hora de eu comer doce eu, era obrigada a comer o doce.

84) Ir pra zona rural deve ter sido impactante para a senhora?

Foi. Os costumes. Eu sofri bastante.

85) Depois da Lembrança veio a Saudade, depois a senhora lembra mais ou menos a ordem das escolas que a senhora passou depois da Saudade foi a Tenda, não?

Porque na Saudade, um tempo depois começou aquele negócio de ter a perua pra levar as professoras pra não dormir, no governo do Renato. Porque o Renato falou assim: “É pra todo mundo estudar, eu quero todo mundo estudando, todo mundo vai melhorar de nível”.

86) Antes a senhora ficava na escola e dormia na escola?

Teve uma época que eu dormi na escola, porque éramos duas professoras, mas eu achei ruim que logo fui procurar um recurso porque ela era casada e tinha um marido que gostava de beber e ele vendia pinga pros homens lá do lugar inclusive para o senhor Odilon que era freguês. Juntavam os homens do lugar pra beber pinga, cerveja, essas coisas. Eu não gostava daquilo e não achava aquilo certo.

Mas eu não queria criar caso com a Silma, porque ela era muito boa e eu gostava muito dela. Ela me ajudava muito, me ensinava porque era mais adiantada que eu. Eu não queria criar caso com ela então foi outra cruz que eu tive.

Porque eu achava que o marido dela, não tinha o direito de fazer isso na escola.

Sem liberdade de noite! Tolerei isso muito tempo.

Nesse caso eu teria que ir caladinha na secretaria de educação e falar: “Lá na escola tá acontecendo isso, tá certo?” Pode uma coisa dessa? Isso é exemplo que se dê pros alunos?

Coitada da Silma casou com um homem atrasado tanto de estudo como atrasado assim de vida.

Eu achei duro tolerar ele uns tempos, aí Deus ajudou que foi só no primeiro ano.

Eu sei que depois um grupo de pais se reuniram e pensaram em arrumar uma casa do local pra eu dormir. Fizeram uma reunião na escola pra decidir isso aí. No fim acabou escolhendo o senhor Odilon, porque era o mais perto da escola.

E o marido da dona Hélia, seu Joaquim falava assim (ele tinha tanto cuidado comigo): “Dona Eurides, a senhora pode ir passear com as mulheres, pode deixar que o problema aqui a gente resolve”.

Desse jeito, então o dia que decidiu onde que eu ia dormir eu não estava presente eles que resolveram e combinou onde eu deveria, aí escolheram o senhor Odilon por ser o mais perto. Não gastava dez minutos pra ir lá.

Aconteceu de outras vezes, as mulheres ficar passeando umas na casa das outras e o senhor Joaquim dizer: “Dona Eurides pode passear com as mulheres que elas vão lá pra casa, pode deixar que aqui a gente resolve isso aqui”.

Era pra resolver também problema da escola, porque no começo o povo não entendia o que era escola; como funcionava; como era isso; como que era aquilo. Aí teve aquele trabalho pra “civilizar” o povo no sistema de uma escola. E eles resolviam

Nessa época que a dona Elida ficou ruim da cabeça.

Porque ela teve que ser até internada e se eu não me engano na época que tinha acabado de nascer a Lúcia. Dizem que ela não deu nem mama pra menina. Ela teve que ser internada.

E a Luzia irmã mais velha ajudou a cuidar com a ajuda da família da sua mãe.

Então, era desse jeito, seu Joaquim gostava de resolver e falava que eu não precisava ficar não. Que eu podia ir passear (risos). Esse povo foi bom pra mim toda a vida. Toda vida, porque eles faziam de tudo pra me ajudar.

87) Enquanto a senhora conviveu nas casas, como era o modo de ser delas, de conviver com a senhora?

Olha eu só tive um problema assim lá no na fazenda do seu Chiquinho, porque o Edésio era invocado comigo, quando era solteira. Eu tinha vergonha de ir lá, porque o povo tudo sabia que o Edésio morria por causa de mim. Ele bebia ficava tonto e falava aquelas “bobageiras”. O Jair ia lá perto de mim e falava assim: “Dona Eurides pode correr que o Edésio vai chamar a senhora pra dançar” (risos). Aí eu já peneirava antes, porque ele já era namorado da Darci Rezende.

Eu não queria, então eu tinha que cuidar até nessa parte: eu não podia arrumar namorado pra não desagradar fulano, ciclano, beltrano. Tinha muita moça solteira também, então eu tinha que ter cuidado até nessa parte.

Nem namorado eu podia arrumar (risos) porque eu preferia ter a amizade das mulheres que era um apoio importante do que eu ter namorado sem gostar sem nada só pra exibir.

Pra fazer bonito pro povo do lugar! Eu nunca pensei isso. Tanto é que a Darci casou e mudou ali pra fazenda e demorei muito tempo pra visitá-la, porque eu pensava assim: “Eu que vou lá, de jeito nenhum porque o Edésio é falador de bobagem, aí eu chego lá e ele dana a falar coisa pra mim e eu vou cair de costa de vergonha. Porque o Edésio não tinha tato na língua ele falava o que ele queria e onde ele estivesse, na frente de quem fosse. Ele era desse jeito, desbocado. Imagina se eu vou casar com um homem desse mais é nunca, porque ele tem muito que educar...

88) Então ficar solteira foi opção?

Aqui em casa a gente foi criado nesse sistema, a gente nunca foi casado, nunca foi porque aqui na cidade já tínhamos a turma de amigos com a gente como eu morei ali na Benjamim, quase em frente ao Sesc é onde o meu irmão mora hoje. E lá ao redor era cheinho de jovens, moças e rapazes que era tudo conhecido amigo.

E a gente frequentava tudo junto, fazia aquele “rodão” de gente, tinha os bailinhos do fim de semana. Íamos pra dançar com os colegas, com esses amigos lá. Tinha as moças e os rapazes, tudo naquela faixa de idade. Era tudo ali perto do Sesc e eu tinha uma amiga que chama Elza. A gente combinava de mais da conta. Descíamos a pé pra trabalhar lá no centro ainda era do tempo do a pé. Ainda num tinha ônibus não.

A Elza ficava na minha casa me esperando, ela não me largava pra trás hora nenhuma. Nem no dia do noivado dela. Ela esperou eu chegar pra ficar noiva. Eu aprontava correndo e descíamos as duas a pé pra avenida Floriano pra ir pro serviço e de tarde do mesmo jeito. Foi uma das maiores amiga que eu tive.

Tinha os rapazes eu nunca importei quando um rapaz ficava meio invocado. Eu nunca dei corda, falar que eu queria namorar fulano, namorar ciclano. Dançava com eles, ficava naquela amizade, mas não mudava de ideia, porque a minha mãe era muito enérgica também, então a gente ficava com medo dela. E eu tinha duas pra me vigiar nessa parte, que era a minha mãe e a tia Inês.

Porque, quando a gente não estava andando com a turma, a gente estava andando com a tia Inês e ela também punha os freios (risos). Então eu já tinha acostumando com o sistema. Não tinha liberdade, porque as mães controlavam todos os passinhos das filhas naquele tempo.

Minha mãe era enérgica quando ela falava era uma vez só, o meu pai, a gente nunca pediu pra ele deixa nós irmos no bailinho, não.

Era desse jeito então a minha mãe ficava assim aquela coisa. Eu pensava: “Se eu arrumar namorado minha mãe tira o sossego da gente. Ela não vai deixar a gente ir pra lado nenhum mais. Antes eu ficar sem rapaz nenhum ai eu passeio em todos os lugares”. Essa parte que eu falei agora tá fora do trabalho.

Dessa parte dos rapazes, dos colegas e tudo e as moças e as mãe controlavam, mais a tia Inês vigiava porque às vezes eu saia com ela e quando eu não saia, saia lá com os filhos do médico.

Aí quando chegou lá na fazenda que o Edésio ficou no meu pé, os meninos até já sabia. O Jair mais o Lindomar falavam pra mim: “O Edésio falou que vai dançar com a senhora”. Aí eu já tinha que dá um jeito de disfarçar pra não dá muita confiança. Porque ele já era namorado ou noivo da Darcy. Eu passava apurada.

Uma vez, o irmão da Lindalva que me contou, o Mauricio, acho que foi o Mauricio: “Dona Eurides o Edésio falou que vai casar com a senhora dentro de seis meses”. Então ele saia pras casas e fala de mim desse jeito.

Eu passei apurada pra sair do Edésio. Quando ele ia no baile e que ficava me chamando pra dançar sendo que a Darcy estava lá.

Tinha vez que tinha um outro lá, que eu gostava dele, chamava Lázaro. Era um rapaz tímido mais recatado mais educado. Ele era irmão de aluno.

E os meninos me apresentaram ele. Esse rapaz invocou comigo. Aí eu gostava mais dele e queria ficar livre do Edésio. Eu queria dançar com esse Lázaro que eu gostava, mas o Edésio “intrunfava” na frente e não deixava.

Me chamava quando via o Lázaro andando pro meu lado. Ele já ia na frente e catava eu e saia pra dançar. E o outro era tímido, ao contrário do Edésio.

Na véspera dele casar eu falei pra ele não me chama pra dançar não, que eu ficava com vergonha, porque já estava na semana do casamento. Isso foi numa festa, não lembro onde e ficou me chamando pra dançar. Ele me respondeu: “Eu vou dançar com você o tanto que eu quiser”.

Eu não queria criar inimizade com a Darcy, com o povo do seu Chiquinho que era um povo muito bom, me apoiam muito.

Eu o tratava bem, não o tratava com falta de educação, com grandeza, nem o esnobava, nem nada. Eu não desfeiteava a pessoa que me amolava. Eu tentava resolver assim, da melhor maneira possível pra eu criar amizade.

A Darcy foi morar ali na Fazenda da Saudade, junto com os pais. Ela mandava recado pra eu ir dormir lá. Ai, minha nossa senhora! Eu pensava assim: “Eu não vou de jeito

nenhum. Eu dormir lá perto do Edésio, não. Se ele der fiasco, a culpa fica em mim. Ficava tonto fazia discurso pra todo mundo escutar.

Eu dava aula pros filhos deles. A Darci cansou de mandar o Edesinho e a Ana Maria me chamar. Para cada convite eu tinha uma desculpa: “Hoje eu vou dormir na casa de fulano”.

Então ela cansou de mandar recado, quando é um dia o que aconteceu? A própria Darci foi lá na escola me buscar que era pra eu dormir na casa dela. Nossa aí num teve jeito. O que que eu ia falar pra ela? Nunca que eu tinha coragem de falar pra ela: “Eu num vou lá por causa do seu marido”.

Fui obrigada a ir, sabe? Então fui algumas vezes desse jeito porque a Darci num aceitava eu num ir lá.

O Lázaro era tímido, não tinha coragem de um escândalo desse, de jeito nenhum. Então ele ficava esperando uma chance pra dançar comigo. Custava ter uma chance pra ele.

Eu não tinha coragem de apontar o favorito (risos), porque os candidatos eram muitos e eu não queria fazer desfeita pra ninguém, porque eu tinha me dar bem com todo mundo. Em todos os pontos até isso eu passei (risos). Por fim, eu pensei: “Sabe de uma coisa, não vou casar nem com o rico, nem com o pobre. Nenhum dos dois(risos). Aí desisti de vez assim. Nem com o Lázaro. Eu analisei assim: “Ai meu Deus! Morava na fazenda dos outros, não era deles. Já sou pobre e vou casar com outro pobre igual ou pior, que não tem onde morar. Viver nas pernas dos outros. O que a gente vai conseguir com uma vida dessa?” Acho que eu não tinha tanta vocação pra casamento nem nada. Porque tem umas que tem vocação. Ai num importa com isso. Tem moça que luta pra conseguir e eu lutei pra livrar.

Lutei pra livrar porque eu pensei assim, não queria criar inimizade com os Rezendes, nem com os outros lá da família do Lázaro, todos me adoravam.

Fora os que estudavam comigo, que já era acostumado demais comigo e tinha os outros irmãos mais velhos, tinha uma moça, tinha uns rapazes. Eles ficavam me convidando, me chamando pra ir lá. Antigamente o povo usava rezar terço nas encruzilhadas. E tinha uma encruzilhada lá pro lado da casa deles perto de onde eu estava hospedada. Dessa vez, mandaram me chamar que ia rezar um no meio do mato assim aí eu fui. A família do Lázaro estava lá e a Teresa prima da sua mãe. Ela invocou com o irmão do Lázaro. Ela era corajosa ela queria direto ir passear na casa deles. E eu não queria, porque eu achava feio querendo dar de cima, sabe?

Ela queria ver o dela chamava Zé. Quase morri de vergonha porque eu não tinha coragem de pedir e ela pediu pro senhor Odilon pra deixá-la ir lá.

O senhor Odilon deu uma boa “marretada” nela. Eu pensei assim: “Eu que não vou entrar no meio disso” Porque ela queria que eu fosse junto porque eu tinha o meu namorado lá também. Ela queria esse apoio. Eu passava apurada com ela.

Por causa disso, porque eu gostava dele, eu não tinha coragem de ficar dando corda demais. Assim eu estava respeitando aqueles homens, aquele povo sistemático.

Mas fora isso, os alunos em geral me chamavam para passear nas suas casas aos domingos. Então os alunos ao chegar o fim de semana perguntavam: “Amanhã a senhora vai passear na casa de quem?” Então todos os domingos eu saia pra uma casa. Todo o domingo eu ia numa casa. Fiquei conhecendo a região tudo no pé. No tempo que quase ninguém tinha carro quando, quando não era de carroça de cavalo.

Na casa desse Lázaro tinha quer ver: “Uma, duas três, tinha quatro aluno”. Quatro alunos e lá eles todos me convidavam. Então eu fui algumas vezes, mas eu não ia o tanto que a Teresa queria que eu fosse. Se não era toda semana.

Quando tinha festa, muitos rapazes mandavam reservar lugar da dança. Você acredita que várias vezes teve recado que os meninos falavam assim: “Dona Eurides, o fulano mandou falar pra senhora ir no baile tal, que ele quer dançar com a senhora” (risos). Eles queriam encomendar antes.

Eles pensavam assim: “Se eu num encomendar antes, a Eurides não vai ter vez pra mim. Chego lá todo mundo chama ela”. E olha que eu não era assim dessas moças saídas, exibidas. Se fosse outra, nossa senhora!

Era o contrário, eu encolhia, ficava encolhidinha no canto, morrendo de medo deles me chamarem (risos) mas mesmo assim eles chamavam.

89) Essas festas eram nas fazendas ou na escola?

Tinham muitas nas fazendas e na escola também. Na escola se comemorava as datas importantes pra escola: dia das mães, festa junina. Final de ano tinha a entrega das provas, aquelas coisas a gente fazia convidava os pais as mães os vizinhos, todo mundo ia.

Quando começou essas festinhas começou o entrosamento com o povo das rádios. E também porque como eu ti falei, o povo mandava uma cartinha pra homenagear alguém, que tava fazendo aniversário. Era a Difusora que era ali em cima no Umuarama e tinha a rádio Educadora que era lá em baixo perto do INSS. Os locutores das rádios passaram a invocar comigo, “a professora Eurides assim, aquilo outro, fazendo isso, aquilo e

aquilo outro". Eles já esbanjaram meu nome nas rádios. Eles ficaram envolvidos comigo, com as minhas escolas, o resto da vida(risos), os radialistas.

Tinha um tal de Alfredinho. Esse eu fui lá algumas vezes, mas não foi muito. Agora o tal de Zé do Bode que era na rádio Difusora. E tinha um outro que esqueci o nome. Eram três rádios.

Nas festinhas que eu fazia nas escolas sempre eu chamava um deles pra animar o povo. Tinha aquele show de violeiros cantadores, aquela coisa da música sertaneja e o povo rural achava muito bom.

90) Eu percebo que a escola servia, como se fosse um shopping hoje. Um meio de diversão também?

Era um meio de diversão mais seguindo o programa de ensino com as datas importantes. Naquelas datas importantes sempre fazia uma festinha como era dia das mães. O dia das mães então tinha a as semanas da criança e comemorava as datas cívicas do país.

E e então com isso o povo foi se achegando na escola.

91) A relação com a comunidade era bem estreita, não é?

Bem estreita.

92) Temos notícias da vinda dos alunos pra cidade? Quais eram esses momentos que você trazia os alunos pra cidade e porque você trazia?

Eu trouxe aluno pra cidade antes de usar fazer isso, eu já trazia aluno pra cidade. Era por exemplo todo ano semana da criança eu trazia os alunos.

93) Por que e de onde surgiu essa ideia? O que você pensava com isso?

Eu lembra das escolas aqui da cidade, quando comemoravam as coisas. Então eu achava importante fazer aquilo com os meus alunos, e outra que eu achava importante trazer os alunos na cidade que era um meio de eu civilizar o povo através disso. O povo era de instrução era quase, quase, quase. Eram poucos que tinha alguma. E tinha mentalidade também que a mentalidade também era bem antiga. Não modernizava. E eu tive muito cuidado com isso, porque igual eu te falei que eu não queria perder amizade, não queria perder um no meu time (risos). E então muitas coisas eu planejava. Eu estudava aquilo muito tempo analisava de um jeito, analisava de outro. Pensava pra ver se aquilo teria um resultado bom e tudo. Então eu conseguia, eu acho que eu consegui muita coisa com isso.

Porque eu vi que o povo não se ligava em nada. Eu achava que estava errado aquilo. Porque o aluno desde o início já tem que ter esses conhecimentos, esse desembaraço. Pra não ficar aquele tipo de analfabeto a vida inteira.

Chamamos isso de letramento que é uso social da leitura e escrita. Leitura de mundo...

Pois é eu achava importante isso. Então eu aproveitava as datas importantes do ano pra reunir o povo fazer aquela festinha e ter chance de conversar com mães, com os pais, com todos. Então eu só tive inimizade uma vez com que depois foi a ser meu compadre mais foi uma inimizade, assim bem passageira, bem leve, porque depois ele arrependeu de tudo que ele falou sobre eu ter esquecido de comprar a meia calça para a primeira comunhão da filha dele. Ele pensou que eu não dei atenção.

Porque a primeira vez que teve primeira comunhão lá na Capela da Saudade, fomos nós da escola que organizamos. Preparamos os alunos. O pai pediu, porque eu vinha pra cidade todo o dia, já tinha perua, eles pensavam que era fácil pra eu fazer tudo que eles quisessem.

Então é aonde que eu fiquei conhecendo as rádios por isso porque eles me davam as cartinhas tudo pra levar.

94) A senhora prestava serviço pra comunidade rural, então?

Sim. Levava cartas pras rádios. Comprava as coisas para os alunos. O povo tinha esse costume, inclusive com o caminhão do leiteiro também.

Eu estava tão atarefada, porque a gente estava organizando, a prefeitura tinha que autorizar a banda de música e a gente não sabia como conseguia isso. A outra professora que estava trabalhando comigo era muito festeira. E ela falou: “Vamô chamar a banda de música”.

95) Qual o nome da professora? Era a Silma?

Não. Essa era Terezinha. Se eu não me engano acho que ela já morreu.

96) Quanto tempo a senhora trabalhou assim, em duplas lá? Trabalhou mais em duplas ou sozinha?

No primeiro ano foi sozinha e no segundo ano, já tinha a colega.

97) A demanda de alunos era grande?

Porque no segundo ano, que eu já te falei já estava no governo do Renato. Ele não ia deixar uma professora leiga ficar sozinha numa escola que tinha muito aluno. Ele havia dito que queria a escola igual ou melhor que a da cidade.

98) Durante esse período da docência, trinta e um anos de carreira, a senhora recebeu alguma homenagem?

Nos meus 25 anos fui homenageada na Saudade. Nos 30 anos de carreira recebi homenagens na escola Olhos D'Água e no outro ano fui homenageada na minha aposentadoria.

Deixa-me ver, homenagem. Outra, já no final da carreira eu estava na Escola municipal Olhos D'Água e montei a biblioteca de lá. Depois eles colocaram o meu nome nela.

Foi assim, eu estava na eventualidade, e me deu aquela ideia de eu montar uma biblioteca lá. Peguei as prateleiras. Tinha as prateleiras que era de as professoras utilizar na sala de aula pra poder colocar material e essas estavam todas jogadas fora, abandonadas lá no Olho D'água. Aí eu queria montar a biblioteca mais tinha pouco recurso. Aí eu pensei assim: "Ai meu Deus do céu! Eu vou ter que fazer milagre aqui, mas a biblioteca sai! E fui procurando uma coisa, procurando outra, "quando é fé" eu achei essas prateleiras abandonadas. Pronto, eu achei o que eu precisava (risos).

Hoje dia 21 de março de 2018, numa quarta-feira, estamos novamente aqui na casa da Eurides pra conversarmos mais. Entrevistá-la sobre alguns aspectos que sentimos necessidades.

99) Eurides, você falou e nos contou que foi supervisora do lanche além de ser professora. Tem outro cargo que você atuou na escola?

Na escola a única coisa diferente que eu fiz foi cuidar da biblioteca. Montei a biblioteca e fiquei atendendo. Eu montei um cronograma para cada sala ir para a biblioteca, mas quando faltava professor eles me mandavam pra sala. Teve uma vez q eu fui eu fui substituir até no nos meninos de 5^a à 8^a série. Me jogaram lá. Eu fiquei até... falei com a diretora: "Nossa, nunca dei aula pra menino desse nível". Ela respondeu: "Não, mas, pode ir, que vai dar certo!". Eu fui trabalhei com os meninos, parece que gostaram.

100) Você disse que nessa escola não tinha biblioteca, você que montou?

Foi eu que montei porque que eu num vi ninguém dar essa ideia de arrumar uma biblioteca lá então eu vi uns livros lá jogados num lugar guardado, assim meio de qualquer jeito. Eu pensei: "Gente, aquilo ali eu podia arrumar e montar uma biblioteca".

E logo eu já falei pro povo lá que estava com vontade. A diretora autorizou concordou, achou boa a ideia. Pronto, aí eu fui arrumar aquelas prateleiras que na biblioteca não é prateleira é estante.

Na época teve uma reforma lá na escola e eu pedi aos pedreiros e ao pintor pra eles arrumarem as tintas pra mim, porque eu queria pintar aquelas prateleiras velhas, pra dar um aspecto de nova. Então, eles me arrumaram a tinta eu pintei as prateleiras e se transformaram.

101) Tinha acervo? Pra colocar na biblioteca?

Começou com os livros jogados que eu te falei.

102) Vocês fizeram campanha pra doações, de livros?

Não, campanha não foi feita. Eu não lembro não. Mas num instantinho eu enchi a biblioteca de livros se pode ver na prateleira aqui (foto).

Ficou desse jeito. Tinha era um uma prateleira, outra do lado de cá, duas, tinha umas três ou quatro, acho que umas quatro paredes. Que foi utilizada pra por.

103) E esses desenhos? (foto)

Os desenhos eu tirei dos livros de historinha pra menino, pra ver se encantava os meninos e eles ficassem naquela curiosidade de vontade de ler, saber o que aconteceu aqui e tal. Então assim eu fiz, então eu sempre punha os desenhos lá enfeitando as paredes, que era pra chamar a atenção dos alunos e lá de fora da escola no corredor tinha um corredor comprido eu pus uma seta, indicando assim: SIGA, siga, siga até chegar na porta da biblioteca.

Como se diz as setas estavam convidando os meninos pra ir na biblioteca.

Na porta eu coloquei um sinaleiro igual o de trânsito: o vermelho, o verde e o amarelo, não é? Ai eu escrevi assim: Pare, olhe e leia! (risos).

Pra chamar a atenção dos meninos porque menino adora uma novidade. Eles querem ver aquilo de perto, aquela coisa então eu fiz tudo pra esses meninos invocar com a biblioteca.

Cada sala tinha seu dia e sua hora. Não ia todo mundo assim duma vez não.

Tinha dia que eu não estava pra substituir alguém. Dessa forma, todo mundo acostumou desse jeito, com o sistema.

104) E os professores, não tiveram resistência?

Não. Deus ajudou que não.

Se você ver, aqui tem professora junto comigo (foto).

De educação física, de artes.

105) Você se lembra quando que foi inaugurada?

Eu tenho uma foto que tem o dia da inauguração. Porque aí pegou uma placa com meu nome e colocou do lado de fora da biblioteca no corredor que todo mundo vê. Tá lá...biblioteca municipal Eurides Pereira de Sousa

Foi escolhido meu nome através de eleição. Eles queriam premiar as funcionárias mais antigas da escola, então era eu e a Maria de Lourdes. Fizeram a eleição pra todo mundo, funcionários e alunos terem liberdade de escolher o que quisesse e aí, o meu nome que ganhou.

Mas não tinha nem jeito do povo votar contra, porque se eles tivessem votado contra seria uma traição porque todo mundo sabia que foi eu que montei a biblioteca. Quando os meninos passavam eles me viam desenhando lá fazendo desenho pra por nas paredes, então todo mundo sabia, que a biblioteca era bem dizer minha.

Quando saiu essa eleição aqui eu já não estava mais. Então de certa forma foi uma forma de homenagem.

Eu já tinha aposentado, por fim estava me dando aquele mal-estar na garganta, não aguentava falar mais.

Aí eu já tinha parado porque o dia que eu encontrei com a Agda lá na Pernambucanas que ela falou isso pra mim Eurides vai ter uma eleição lá na escola e seu nome foi cogitado.

A Maria de Lourdes era uma boa professora. Mas ela num tinha esse dom de fazer muita coisa pra escola.

Sabe e então “quando é fé” chegou a notícia aqui pra mim que eu tinha ganhado. Me convidaram pra ir pra lá, na inauguração na festa.

Parece que ia comemorar também o aniversário da escola, parece que tinha mais uma coisa. Esqueci o que era e aproveitou esse dia pra inaugurar a biblioteca.

106) O seu cargo então não era de bibliotecária e sim de professora?

Isso. Quando eu fui pra lá, tive a minha sala mesmo. Fiquei muito tempo. Por fim me arrumaram isso não sei dizer como é que foi, a eventualidade. Desempenhei os dois serviços: bibliotecária e eventual.

107) A senhora participou de alguma formação como bibliotecária na prefeitura?

Não. Nunca vi esse curso.

108) Eurides, agora nós vamos voltar lá no começo da sua carreira: você se lembra o que fez com o seu primeiro salário?

“Vixi”, toda a vida aqui em casa, foi pra ajudar nas despesas. Porque aqui a gente sempre fez desse jeito, cada um dá um pouco e cobre as despesas do mês.

109) Mas, ao longo da sua carreira, você investiu o seu salário?

Eu sempre tive a minha poupança no banco. Deixava um pouquinho, arrumava assim punha lá foi onde eu comecei a viajar, porque eu ia juntando um pouco de dinheiro.

Eu tinha muita vontade de conhecer o mundo assim noutros lugares e então eu penso que foi mais gasto com as viagens.

110) Chegou a comprar algum imóvel?

Desde que mudamos pra Uberlândia eu participei das despesas. Ajudei pagar o terreno dessa casa que nós moramos, trabalhando com a minha mãe no Santa Clara. E o meu pai que era pedreiro foi construindo. Os outros irmãos eram muito novos. Como eu te falei eu não tinha nem roupas pra sair com meus amigos, filhos dos médicos.

Eles me levavam para passear naquelas casas importantes. A Adalgiza ia arrumadinha e eu ia tudo “paiaçada” que eu não tinha nada pra mim eu num tinha nada de roupa boa pra vestir pra frequentar essas casas. O dinheiro ia tudo pra nossa casa.

Eu comprei um terreno com a minha irmã pra chácara, mais pra investir. Depois vendemos e minha parte pagou para eu conhecer a “Terra Santa”.

Uma vez eu comprei um fusca, mas não aprendi a dirigir, aí eu vendi. Eu andava muitos quilômetros a pé, quando a casa do aluno era longe. Lá da sua casa até na escola davam uns 7 quilômetros.

Indagações Diversas

111) Falamos dessa parte financeira. Em relação das práticas, nós ainda ficamos com uma dúvida: você tomava tabuada dos alunos?

Tomava. Naquele tempo usava falar muito na tabuada.

112) Como era? Como você tomava? Tinha algum castigo se a criança errasse?

Não, o castigo sempre teve assim: quando o menino fazia um “trem” errado, por exemplo uma briga com o colega ou uma coisa desse tipo assim. Já mais no final, tinha

menino que roubava coisas dos colegas. Sumia lápis, sumia borracha, sumia muita coisa.

Teve um dia até que a que a orientadora que era a como é que ela chama gente, a Leila. A Leila várias vezes ficou com menino depois do horário. Já tinha tocado a campainha pra sair, pra ir embora e a Leila ficava com a sala cheia de menino dando sarro neles, porque sumia até dinheiro de uns aos outros. Quando brigava ou sumia alguma coisa, a gente falava que ia ficar de castigo na hora do recreio. Agora na tabuada mesmo não tinha castigo não, se errasse.

113) E palmatória?

Não, não. Nunca conheci a tal da palmatória, nunca vi isso.

114) Nem como aluna?

Não, nem como aluna.

O Pedro, meu sobrinho neto passou no vestibular e eu falei que viajaria com ele. Nós fomos em Araxá para ele conhecer. Almoçamos ali perto da igreja matriz. Encontramos o ponto de ônibus e fomos para o Barreiro até de tarde. Participamos da excursão dentro do hotel. Eu nunca tinha visto essa excursão que vai uma pessoa explicando pra gente sobre o hotel. A história do hotel, aquela coisa toda. Depois voltamos para a cidade e mostrei a escola que eu estudei, que ela fica ali perto daquela igreja. Era o Grupo Escolar Delfim Moreira.

115) Tem pesquisas sobre ela?

Então eu estudei lá. Fiz até a terceira, depois a quarta série foi aqui no Coronel Carneiro. Outro dia, até eu entrei lá no Coronel. Cheguei lá e falei pras mulheres assim: “Escuta, eu sou aluna aqui da escola do outro, séc^oulo me deu vontade de vir aqui. Eu posso entrar?” Pode.

Eu fui lá, porque tinha uma árvore antiga. Ela está no mesmo lugar.

Eu disse: “Nossa gente, mas que, que é isso, essa árvore ainda tá aqui até hoje?” (risos). Então foi lá que, que eu terminei a quarta série, o que o pobre usava estudar, até a quarta série.

Você podia contar nos dedos assim, os pobres que vocês achassem, porque naquele tempo quase não tinha essas escolas estaduais gratuitas.

Tinha o Liceu que era pago, então só os ricos que estudavam lá e o Museu lá em baixo, o colégio estadual. Dizem que ficava mais tomado de gente rico. Pulavam tudo na frente e punham os filhos lá e quase num sobrava lugar pra pobreza. Então esses homens importantes aqui de Uberlândia muitos estudaram lá. O pobre não tinha vez. O pobre

parava na quarta série. Esses ricos, a maioria são conhecidos uns dos outros. Eles fazem uma combinação com um, uma combinação com outro, então os pobres usavam estudar só até a quarta.

116) E sobre leitura. A senhora tomava leitura?

Tomava. Tomava leitura direto.

117) Como era que a senhora tomava leitura? Era individual ou coletivo?

A senhora se lembra?

Não, era no individual, aluno por aluno, porque a gente tinha que pensar no jeito de cada menino. Pra ver qual o tipo de atenção que aquele menino precisava. Porque cada um tinha seu problema, cada um do seu jeito. Então a gente fazia isso aí então tinha menino que dava mais trabalho pra gente.

A gente descobria, nessa hora que o fulano precisa mais de explicação, o outro precisa de mais paciência. Porque tinham aqueles meninos devagarinho, tinha que ter aquela paciência, então foi desse jeito.

118) E quando um aluno errava na leitura o que a senhora fazia?

A gente sempre chamava a atenção, mas não tinha esses castigos enérgicos assim não.

Sempre a gente dava um toque, pro aluno prestar mais atenção pra ele melhorar.

Sempre a gente dava um toque, dava um empurrãozinho, pro aluno sentir importante pra aprender melhor.

119) E no sentido da formação, você chegou a dar palestras pra professores. Deu algum curso?

Não, pra professora eu nunca fiz nada, pra professor não. Eu fiz muito curso de professor eu fiz os cursos do estado que tinha aqui, como aluno.

Fiz muito, foi uma coisa muito boa que teve dirigido pela Delegacia de Ensino que cuidava mais da parte estadual, mas sempre eles arrumavam umas beirinhas pra municipal aproveitar também sabe.

Eu gostava demais das aulas deles, porque tinha professora muito eficiente, professora de muita categoria. Eu adorava. A mesma coisa foi na escola onde eu terminei o magistério que foi lá em Belo Horizonte no tal de Ibirité.

As professoras muito bem capacitadas de primeiro nível, maravilhosas. E elas não era exibidas não, porque tem gente que quando está mais que os outros, se acha importante.

Fica às vezes esnobando. Elas tinham muita classe e sabiam comandar com aquela classe o que mais encantava as alunas. Era o exemplo, muito maravilhoso. Eu ia pra lá rindo, muita gente reclamava, porque tinha que ficar lá as férias todas. Tinha algumas

que eram casadas e tinha filho. Eu pensei: “Graças à Deus, não tenho problema nenhum. Tô saindo!” (risos). Achava uma beleza ir. Quando eu comecei a ir pra lá eu nem conhecia Belo Horizonte, porque a tia Inês ainda não morava lá, ela estava em Araxá desde que casou. Depois que ela ficou viúva é que foi para BH.

Lá só tinha a tal de Anita que eu já te contei que morou conosco. Nos finais de semana eu ia pra casa da Anita e passeava.

Tem pouco tempo eu fui para Belo Horizonte visitar a Tia Inês. No domingo fomos pra casa da Anita. Eles foram nos buscar de carro e nos levaram de tarde embora pra casa da tia Inês. Durante o dia eles ficaram fazendo “trem” de comer o dia inteiro pra nós. Fez um almoço, depois do almoço já foi fazer o pão de queijo pro o café da tarde. Quando nós viemos embora, já era umas seis horas, tínhamos tomado o café da tarde com pão de queijo.

Quando vai alguém pra lá, a Anita liga pras filhas dela que já são casadas e não moram com ela e diz: “Fulana vem fazer o almoço, que nós vamos receber visitas”. A Anita tem mais idade é mais cansada e tudo. Tem um pouco de problema de saúde, então quando tem mais serviço, ela chama as filhas, que vão correndo e todas alegres.

Então o Fernando, que é o mais velho, nos pegou de carro e nos buscou. As mulheres foram chamadas pra fazer o almoço (risos). Aí elas ficaram o dia inteiro na cozinha. Acabou o almoço e foi fazer o pão de queijo.

Aposentadoria

120) Que beleza! Eurides agora tem umas perguntas relativas à sua aposentadoria. Você se aposentou quando mesmo?

Dia 12 de setembro de 1997 foi a festa da minha aposentadoria na escola (cartões)

121) E porque você não aposentou com 25 anos de trabalho e sim com 31?

Porque eu estava esperando chegar à escola do meu sonho. Eu esperava que a escola um dia chegasse a ser a escola do meu sonho, porque eu comecei num rancho de pau a pique e então era aquela escola que não tinha graça, aquele aspecto. Eu não gostava de jeito nenhum. Eu sonhava com uma escola bem equipada, uma escola bem arrumada, como se eu fosse um aluno que estava sonhando de ter aquela escola.

122) Então isso aconteceu na época que a Saudade mudou pro Olhos D'água e que construiu aquelas escolas grandes pra reunir várias escolas ali? As nucleações?

Foi muito bom. Lá tinha quase tudo, os equipamentos da escola, o material. A gente sonhava em ter uma cantineira na escola, porque antigamente nós é que fazíamos o lanche.

A gente pegou o lanche como se diz “nu e cru” a gente teve que se virar com o lanche. Quando falou que a escola teria cantineira, faxineira, secretaria, porque nem secretaria não tinha. E sempre tinha aquelas escritas que tem que fazer pra apresentar na prefeitura. Então nós mesmo que tínhamos que fazer e levar todo o mês para a prefeitura. Quando chegou a escola moderna, já tinha as secretarias, pra fazer esse trabalho.

Tirou das nossas costas, a secretaria, a cantineira e tirou a faxineira.

Eu me lembro que um dia eu estava varrendo o terreiro da escola lá na Saudade, se eu num me engano o seu Chiquinho, aquele irmão dele, pai do Itamar.

123) Leonor?

Isso, seu Leonor que morava ali, um dia passou lá na porta da escola de tardezinha, depois que acabou a aula, os meninos tinham ido embora, eu estava varrendo o terreiro, o senhor Leonor falou assim pra mim: “Dona Eurides, num mexe com isso não, manda esses meninos varrer esse terreiro”. Ele achou demais uma professora varrer terreiro. Até ele que é do tempo antigo, que num tinha nada de modernidade, até ele achou demais uma professora está ali varrendo terreiro, então a gente fazia de tudo isso.

Mas essa de pedir aluno para ajudar na limpeza me deu problema, como eu ti falei, lá na Tenda dos Morenos. Eu tive a chance de despedir a professora e não tive coragem.

Outra vez foi lá na Saudade, quando saiu o desfile dos alunos no aniversário de Uberlândia.

Era pros alunos desfilarem. O prefeito mandou uma carta avisando que era pra preparar os alunos pra eles virem desfilar no aniversário da cidade.

Nossa pra que, que ele falou isso: as professoras que trabalhavam lá comigo queriam morrer. Parece que falou num “trem” do outro mundo pra elas. Tinha uma tal de Maria Siman, deu raiva de espernear: “Eu não vou mexer com isso”. Todo o dia ela me passava raiva, dentro da perua. Vivia falando isso sabe: “Eu não vou mexer com isso”, como se diz se você quiser você quem faz.

“Que eu não vou mexer com isso, imagina se eu vou levar esses meninos feios mal arrumados lá no centro da cidade! Eu não vou de jeito nenhum”. Eu num podia ter feito ela perder o emprego?

Então eu já tive várias chances de expulsar as pessoas do serviço porque se eu falasse isso pro Renato de Freitas ela estava “frita”.

Porque o Renato era justo ali em cima ele era muito bom, mas ele exigia. A sua parte com responsabilidade, isso é um desacato a autoridade. Porque ele mandou a cartinha falando que era pra fazer isso e ela falou que num ia fazer. Então ela estava desacatando um prefeito. Pensa se o Renato ia perdoar ela. Nossa ela estava na rua na hora. O Renato não ia aceitar isso nunca e eu fui tão boba que eu nunca dedei essas professoras pra elas perderem o emprego.

Falou que não, que não ia mexer com aqueles meninos feio sujos, empoeirados, levar eles lá no centro da cidade, tudo isso eu podia ter falado. Tinha uma professora que era boa, mas, ela andava pelo lema dessa professora, elas eram amiga.

Ela era boa, foi professora da sua mãe na quarta série. Ela era boa educada, acanhadinha, falava baixo, mas a outra dominava ela. Elas tinham amizade, a outra a dominava, aí acabava acompanhando a outra lá que falava o “trem” tudo errado.

Então o que, que aconteceu: os pais chegavam na porta dela pra perguntar que jeito era pra arrumar os alunos, (pra você ver até os pais estavam oferecendo, até os pais que tinham sistema antigo aquelas antiguidades aquelas coisas até os pais estavam apoiando). Os pais chegavam na porta pra perguntar pra ela as informações sobre o desfile e ela falava: “Num sei, quem sabe disso é a dona Eurides”. Mandava os pais dela pra mim. Nem explicar para os pais ela queria.

E mandava o lanche, porque nessa época a gente era três professoras. O lanche, então eu falei: “Como que nós vamos dividir o serviço da escola?”. Aí ficou combinado: assim cada semana seria uma que ia fazer o lanche. Pergunta se elas já fizeram o lanche alguma vez? Elas falaram que ia fazer mais não fizeram.

Todos os alunos tomavam o lanche nas costas, lá da minha sala.

Quando eu via que elas não iam fazer eu pegava e fazia. Então eu não tive chance de mandar de elas serem demitidas? Porque nada que a prefeitura falava elas queriam obedecer.

Se ela caísse na mão do Renato, adeus. E fui tão boba que eu num tive coragem de dedar elas, o pai chegava na porta perguntando que jeito que era o desfile, “Há num sei quem sabe é a dona Eurides”.

Pra você ver o tanto que eu tive paciência, o tanto que eu gostava de escola para tolerar esses “trem” tudo. E seguia em frente.

124) Então, quando essas escolas foram nucleadas que coincidiu com seus vinte e cinco anos de serviço, de trabalho, você sentiu que realmente foi melhor pro professor?

O estilo da nova escola?

Isso.

Para os alunos, só teve transporte depois da nucleação para os Olhos D'Água. Pra mim, no primeiro ano, 1966, também não tinha, mas eu morava encostado na escola. No governo do Renato foi uma maravilha. Eu voltava todos os dias pra casa, mas quando chegou o Virgílio, a coisa mudou de figura. Cheguei a andar na estrada de terra, até 16 km por dia, sendo 8 km para ir para escola e 8 km para voltar. Tinha que madrugar todos os dias. Quando eu conseguia carona com algum conhecido era um alívio. O prefeito novo justificou que era preciso que nós conhecêssemos a comunidade. Mas sabíamos que era corte nas despesas. Eles estavam construindo o Estádio do Sabiá. Senti “uai”. Mas para os alunos não foi tão bom, porque ficávamos muito tempo dentro do transporte escolar. Saímos às 10h da manhã e retornávamos às 19h. Isso quando a perua, ou ônibus não estragava, ou encravava. Meu pai saia de moto atrás para saber, o que havia acontecido.

125) A senhora disse que numa época tinham três professores. Isso aconteceu durante muito tempo? Mais de um professor, lá na Saudade?

Na época que sua mãe estudava. Tinha muita gente nas fazendas. Mas logo, que o pessoal se mudou pra cidade, aí ficou só eu como professora. Por exemplo, quando o senhor Joaquim da dona Hélia morreu, eles vieram pra cidade e a Sirlei ficou na casa da sua mãe terminando a quarta série.

Na Saudade tinha de primeira a quarta, então era difícil primeira série exigir muito trabalho muito esforço do professor. Para você ficar com outra série era “dose”.

126) Por que chegou o dia da aposentadoria? Já havia passado dos 25 anos, não é?

Eu tinha inaugurado a biblioteca, estava muito feliz com a biblioteca, mas como eu substituía muitos professores eu fui obrigada a me aposentar porque eu estava perdendo a voz.

127) Então foi por problema de saúde?

É, porque lá eu falava o dia inteiro. Então quando eu não estava na biblioteca atendendo alguém, eu estava na sala de aula que eles me punham pra substituir. Nunca me deram moleza.

128) ÁI VOCÊ SE APOSENTOU? E COMO FOI SUA VIDA SEM TRABALHAR NA ESCOLA?

No começo eu achei ruim, fiquei perdida nos primeiros dias que eu me aposentei. Fiquei sem lugar. Não sabia, nem ficar aqui em casa. Fiquei com aquela agonia, parece que eu tinha que fazer alguma coisa. Eu fiquei desse jeito. Custei acostumar a ficar à toa. Depois, bem mais pra frente que eu comecei a inventar uma coisa, a inventar outra. Um cursinho disso, daquilo. Inaugurou o CEAI perto de casa. Eu também ia para a Educação Física. Fui procurando coisas pra eu fazer, porque não aguentava ficar o dia inteiro só em casa. Eu sempre trabalhei nos dois turnos. Saia cedinho com o escuro e voltava de tarde.

No primeiro dia eu fiquei sem lugar, eu num sabia acabar de tomar o café e sentar, ficar quieta olhando. Achei ruim demais da conta. Eu gostaria de ter tido perfeição no meu corpo, na minha saúde. Gostaria de ter tido pra eu ficar mais tempo na escola.

Eu me dei muito bem na escola de Olhos D'água que foi uma escola nova pra mim eu nunca tinha trabalhado numa escola daquele tipo, mas Deus me ajudou que eu dei muito certo com a direção da escola com os colegas e com os alunos também.

129) ENTENDI. ENTÃO VOCÊ IA TRABALHAR COM PRAZER MESMO?

Há sim! Eu gostava muito dali. Se não fosse a garganta ficar ruim era capaz que eu não tinha pedido pra aposentar.

130) O QUE VOCÊ DIRIA COM TODA A SUA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E PESSOAL PRA QUEM ESTÁ INICIANDO A CARREIRA DOCENTE HOJE?

“Uai”, a coisa mais importante que eu acho numa professora é ela ter aquele ideal, aquele sonho que de fazer o melhor para o aluno e que ser professora é bom. Trabalhar com escola é bom. Ela tinha que ter isso.

131) E PRA QUEM ESTÁ MUITO TEMPO NA PROFISSÃO, O QUE VOCÊ DIRIA? PARA QUEM JÁ ESTÁ MAIS NÃO APOSENTOU?

“Uai”, eu acho que é uma boa a pessoa ir trabalhando, porque a pessoa ficar sem trabalhar ficar quieto, sem fazer nada é muito ruim e tem gente que fica até doente. E começa a inventar problema de saúde. E vai virando um velho acabado (risos), que ainda não é o meu caso (risos). Ficar aquele velho desiludido, que não tem coragem de sair nem pra passear, nem pra ir em tal lugar e nisso e naquilo não eu estou pronta pra ir em todas (risos).

Desse tempo que você viveu na escola qual é a importância da comunidade escolar na sua vida?

A comunidade é o mais importante. São os primeiros que você tem que conquistar. São os mais difíceis e com quem você tem que estar bem naquele relacionamento.

Eu tenho aluno que até hoje traz convite de casamento, de batizado, velório, formatura. Eles não me esquecem. A amizade perdura até hoje.

Se não tiver bom relacionamento, o povo acaba com você, porque muita gente foi mandada em embora das escolas, que eu ouvia falar que era demitido porque muitos pais iam na prefeitura reclamar de professora.

Ia tinha muitos pais que não gostavam desse negócio de ficar com professora em casa, outros não aceitavam modernidade, certos estilos de ensinar e então tinha vezes que eles implicavam com uma professora acabava com ela. Não foi o meu caso. Você vê que eu num eu fiquei lá na Saudade e nunca me faltou casa pra ficar lá.

Tinha vez que eu ia dormir na casa dum na casa, doutro na casa doutro dormi naquelas casas tudo lá o povo me chamava.

O povo me chamava e então assim você tem que saber se tem que saber educar a comunidade sem expressar, discretamente, porque você tem que fazer de conta que eles são pessoas capazes de evoluir.

Você acredita nisso, que eles são capazes?

“Uai”, eu acredito. Pensa no sistema do povo lá na Saudade era terrível aquela antiguidade.

Aquele sistema. Olha o povo lá era tão sistemático, tão antigo, que a mulher nem podia vestir calça comprida que era uma roupa condenada. Pra eu ir pra lá, muitas vezes eu tinha que ir de caminhão. Tinha um leiteiro, que era o ônibus de lá. Esse leiteiro colocava os bancos lá em cima do caminhão na carroceria. O povo tinha que subir. Então como que eu ia subir no caminhão com aquele tanto de homem ao redor e eu com uma saia, por exemplo. Uma saia mais curta um pouquinho os homens ficariam vendo a minhas pernas tudo. Quando eu vi que eles não aceitavam calça comprida eu pensei: “Pronto, o que, que eu vou vestir? Como que eu vou subir naquele caminhão de saia?” Se fosse subir de saia o show era pior. Os homens tudo embaixo, vendo minhas pernas. Eu ficava quebrando a cabeça com isso e tudo eu sei que no fim eu fui tentando devagar. Não, no começo eu fiz assim eu pegava a calça comprida e punha por baixo do vestido. Eu pensava: “subir na carroceria sem um ‘trem’ tampando a perna, eu não vou!”. Porque era muito homem que transitava pra lá e pra cá pra lá e pra cá.

A maioria era rapaz solteiro que gostava de namorar. Nossa Senhora! Aí eu tinha que ter o equilíbrio. Redobrar os cuidados. Eu pegava a calça e punha por baixo do vestido pra eu poder subir com decência em cima do caminhão (risos).

132) Com essa fala eu percebo que você levava urbanidade a zona rural.

Era o meu sonho, de urbanizar o povo do lugar. Eu ia devagar porque eu sabia como que eram as “peças”, porque muitas que tentaram assim mudar eles na bruta saíram mal. Teve até professora que foi mandada embora porque não sabia lidar com o povo.

Uma professora, disse uma vez, que ia largar a escola rural, porque sujava o tênis dela. Além de sujar o meu sapato eu via até rastro de onça no caminho.

Ela, ela quis parar de trabalhar no lugar por causa do tênis (risos). Ai eu pensei: “A não gente, essa aí não tem jeito não, não vai dar em nada não, (risos) porque se ela tem tanto amor no tênis desse jeito, não vai dar conta.

Deus me ajudou que eu conquistei muita gente. Nas primeiras vezes, que eu andei sozinha na estrada, foi assim que eu ia no caminhão de leiteiro até ali perto do senhor Leonor. O povo lá da casa que eu ficar me buscavam de carrinho, mas teve um dia que eles não foram. Eu pensei: “Sagrado Coração!” Eu não tinha costume de andar sozinha, por lá, ainda não conhecia o povo direito. “Como é que eu vou agora a pé e sozinha, tô frita”. Mesmo assim, eu não parei não, fui andando, andando e quando passei na porta do senhor Leonor, eles viram eu passando e me gritou: “Dona Eurides, dona Eurides (eles falavam gritado) dona Eurides, dona Eurides, vamos entrar, tomar um café , depois a senhora vai. Não precisa ter medo de andar aqui não, que aqui não tem nada demais. O povo aqui é gente boa, não tem perigo, não”. Desse jeito me consolou, me animou, fez eu entrar, tomar um café, pra depois eu seguir (risos). “No caminho, a senhora pode ir tranquila, que aqui não acontece nada de ruim com ninguém”.

Então eu tive muita paciência com o povo. Em muitas horas compensou.

Compensou, agora muitas professoras não tiveram paciência. Largaram ou foram mandadas embora.

133) O que a senhora pensa: aprendeu mais com a comunidade ou a comunidade com você?

Ai, ai - foram ambas as partes, porque eu encontrei muita gente também que não queria modernizar de jeito nenhum inclusive lá nos parentes de vocês. Era a casa que tinha muito homem e os homens queriam dominar as mulheres.

O que eles falavam acontecia: é isso e é aquilo. As mulheres deles não podiam dar nem um “piu”. Eu pensava: “Sagrado coração de Jesus, tem misericórdia!”. Fui pelejando devagar e melhorei muito.

Levei muitas receitas diferentes para as mulheres aprenderem outros pratos. Aprendi muita coisa de comida na casa de uma “turca” e na casa do povo do Liceu de Uberlândia.

Eu sempre levava novidades para as escolas. Como sempre gostei de viajar, comprava lembranças e presenteava os alunos, muitas pessoas.

A primeira radiola da Saudade foi eu quem apresentei. Ficávamos ouvindo à noite. Teve uma época que a música mexicana estava no auge. Comprava todos LP's. Depois comprei uma TV portátil, pra gente ver televisão. Era um sucesso!

Tinha um moço que estava noivo de aliança que morava na fazenda do senhor Chiquinho, e os meninos parentes dessa moça lá eram alunos meus. O menino passou lá na escola para falar que o rapaz tinha mandado recado pra mim. Eu pensava: “Sagrado Coração! Esses moços daqui são doidos mesmo, se eles tivessem encontrado uma doida eles fariam aquilo tudo que eles planejavam.

Será que esse recatamento da senhora foi por criação ou por questão religiosa?

Criação. Era o sistema da minha mãe, era o sistema da minha mãe trazer as moças mais ali, recatadas.

Em muitas coisas ela não deixava nos irmos. Só íamos quando ela deixava.

Uma vez quando ficou noiva a minha...uma das maiores amigas que eu tive, a minha mãe não queria deixar eu ir no noivado dela. Morávamos pertinho na Benjamim e ela morava na rua de cima ficava quase de fundo a fundo as casas. A minha irmã Angélica inventou pra falar pra minha mãe deles, e a minha mãe acreditou e eles era um povo bom até. Era um povo muito bom, muito amigo nosso e tudo, mas a Angélica foi fazer fuxico, foi fazer encrenca deles com a minha mãe.

Essa amiga minha era assim se falasse: “Gente vamos pra um baile agora? Então vamos mandar chamar a Eurides, vamos em tal lugar? Vamos então...”. Em todos os lugares que ela ia ela não me deixava pra trás, aí então nesse dia que eu queria ir lá era o noivado dela e a minha mãe falou que eu num ia.

Veja se tem base. Fiquei lá em casa chorando o tempo todo, por conta da festa de noivado da amiga.

Quando a minha mãe resolveu relaxar um pouco e pensar mais com a cabeça, ela resolveu: “Você vai só um pouquinho”.

134) E a senhora já era moça?

Já era moça, eu já trabalhava.

Ai que eu tive que sair correndo, porque a nossa casa era distância de um quarteirão. Aprontei e sai correndo. Quando eu cheguei lá que já era tarde da noite, a Elza falou estava esperando eu chegar pra eu arrumar o cabelo dela pra ela ficar noiva.

Você acredita numa coisa dessa. Imagina se eu não tivesse ido?

Quando a minha mãe resolveu, eu já estava com a cara inchada de chorar, aí eu chego lá e a Elza me esperando pra ficar noiva pra arrumar o cabelo dela. Arrumei o cabelo dela.

O povo gostava dos cabelos que eu arrumava.

Eu arrumei o cabelo dela e ela resolveu ficar noiva nessa hora. (risos)

Então a gente nesse tempo era esse sistema de obediência a mãe sabe só fazia o que a mãe deixava.

135) Eurides tem alguma questão que você quer falar que não foi perguntado?

Há! Eu gostaria de fazer a minha homenagem para a primeira secretária da educação, que eu conheci na prefeitura, a Corália Rio Sales. Ela era uma mulher muito importante, muito capacitada, muito instruída e eu me dei muito bem com ela.

Deus me ajudou tanto, que eu me dei bem com ela e ela gostava do meu serviço e falava. Depois, se eu não me engano, de já ter me aposentado, um dia eu encontrei com ela na formatura das minhas primas, filhas da Tia Nina. Tinha uma, que era conhecida dela. Na hora da gente sair pra ir embora, sair da igreja (o povo fica ali na porta conversando), a Corália estava lá. Quando ela me viu, exclamou em alto e bom tom: “Nossa gente! Olha aqui, essa aqui é a melhor professora do município, a melhor professora do município”. Ela fez assim lá pro povo, lá na igreja de Santa Terezinha.

Chamava Corália Rio Sales e ela era exigente e não dava mole. No governo dela com o Renato de Freitas, pra mim foram os melhores que comandaram essas escolas. Eles eram bons, mas eram exigentes. O Renato ainda falou, ele fez uma reunião com a gente e falou: “Olha eu quero que as escolas rurais sejam iguais ou melhor do que as escolas aqui da cidade. Quem quiser bem, quem não quiser tá fora”. Ele deu o curso e o concurso: “Quem passar no curso bem, quem não passar...”.

Deus me ajudou tanto, mais tanto que eu adorei o curso. Era o povo lá da delegacia de ensino. Era um povo maravilhoso, eu apaixonei no curso. Não achava nada difícil, não desanimava com nada. Eu fiquei feliz em estar fazendo aquilo.

E então foi uma coisa que eu não esqueço, porque era pra ser uma coisa difícil pra mim, mas como a equipe da delegacia de ensino era de tirar o chapéu (eles estavam por dentro de tudo).

A gente pra combinar com esse tipo de coisa, se a pessoa não tiver preparo, não tiver consciência, não tiver ideal, não vai com nada. Eu fui muito bem tratada pela equipe do Renato de Freitas que mandou muita gente embora. Muita gente, não foi um, nem dois não, ele não aceitava a pessoa não cumprir aquilo.

Eu combinei com essa Corália! Não estava escrito! Ela, nossa! Ela ficava boba, qualquer coisinha que eu fazia ela encantava, igual da vez do bolo, que eu te contei.

Teve uma vez que até uma pessoa falou assim, uma das mais poderosas lá da secretaria, esqueci o nome dela: “Eurides com qual supervisora, você mais gosta de trabalhar?” Às vezes eles ficam sondando a gente só pra te conhecer melhor, pra ver se você tem a capacidade e vai indo. Eu respondi: “Uai me dou bem com todas elas, eu combino de trabalhar com todas elas”. Ela me replicou: “Mas também quem não combina com você”.

Eu me dei bem com a diretora dos Olhos D’Água. Um dia ela me pediu para substituir de 5^a à 8^a. Eu pensei: “O povo está é doido, confiar em mim, professora de primeira a quarta, pra ficar com aluno de quinta a oitava?” Deus me ajudou a sair muito bem que eu fui procurar algumas coisas que eu podia fazer com aqueles alunos eu sei que o horário era da professora de religião e eu arrumei uns filmes muito bonitos, muito importantes daquelas histórias antigas de Jesus. Aqueles homens poderosos que tiveram naquele tempo. Depois fizemos comentários sobre o filme. Pra mim foi o máximo porque eu nunca tinha dado aula pra menino de quinta a oitava e Deus me ajudou que eu sai bem. No fim ficou tão bonitinho, que no fim na última aula, aquilo tudo que a gente tinha criado, no final do livro o que estava pedindo pro aluno fazer era o seguinte: cada aluno era pra trazer um bombom, pensei: “pronto, ai, ai pra que era esse bombom?” Os alunos iam confraternizar entre eles. Cada um ia dar um bombom pra alguém. Estava ensinando eles a terem esse amor com o próximo, eu achei muito bonito. Falei, “Vou fazer isso daqui” e não deu outra, todo mundo gostou, a meninada ficou feliz de dar o bombom e de ganhar outro.

136) Falando em religião, você sempre fala de Deus. A sua religião teve um papel importante na sua trajetória pessoal e profissional ou você não tinha essa ligação, apesar de você dar aula em escola pública, do papel da religião no seu fazer?

Acho que sim, porque eu sempre gostei da igreja. A gente quando tem fé em Deus, ajuda a gente, Deus nos ilumina porque tem as situações difíceis como muita que eu já te contei. Tem situação difícil pra pessoa, se ela não tiver protegida, às vezes dá burrada. Igual a outra professora que não queria levar os alunos no desfile, ela num podia ter falado aquilo pros alunos ficar sabendo, que os alunos eram feios, bobos.

Pra mim, isso foi uma coisa séria que ela falou, que cabia demissão e eu fiquei chocada dela falar isso. Mas Deus ajudou que eu tive paciência, pra não brigar com ela e fiquei com ela até o fim do ano e os meninos saíram bem no desfile eu queria achar, eu tenho uma foto dos meninos no desfile e depois, sabe aquele jornal que tem do meio dia e fala mais de Uberlândia? Pois é, naquele programa eles falaram sobre o desfile e no fim eles pegam a imagem mais importante do assunto e fica fiscando ela assim. Eles fizeram desse jeito com os alunos da Saudade.

Nesse desfile, a Corália que era a chefe, me perguntou que jeito que eu ia arrumar os meninos. Eu pensei assim: “Uai, mas ela que tem que me dar uma ideia do jeito que eu arrumo os meninos, agora ela vem me perguntar que jeito que eu vou arrumar”. Eu pensava que tinha que vir uma orientação deles: “Olha, vocês arrumam os meninos assim, assim e assim. Eu pensei que eles iam mandar arrumar os alunos com o uniforme até o Décio foi lá pra me desafiar sobre esse desfile, você lembra do Décio?

Lembro sim.

Dos Rezendes, até o Décio foi lá na escola. Não queria fazer a roupa, era um dos mais ricos e não queria arrumar o menino com as coisas que eu pedi: estilo country. Eram não sei se três ou quatro meninos. Quem vem da roça, fazenda, combina mais com esse estilo, se bem que naquele tempo nem falava em country ainda. Então eu pedi pros meninos fazerem a roupa jeans, tinha a calça, a jaqueta e a camisa de manga comprida por baixo da jaqueta, com bota e o chapéu e o lenço no pescoço.

Descrevi como seria pra Corália: “Nossa Senhora! Eu vou por os seus meninos na frente, vai no carro de abertura!” Arrumou um carro muito chique, muito enfeitado pra por esses meninos na frente, na abertura do desfile. A Corália quase ficou doida, do tanto que ela achou bom. Mas o Décio, pão do Delcimar, ia lá na escola e não queria arrumar o menino e falava assim pra mim: “Dona Eurides, menino que vai desfilar tem que ir é de uniforme”. Ele queria ditar como que era pra eu fazer. Não queria concordar de jeito nenhum com aquilo, não esqueço disso.

Sendo que ele era um dos mais ricos dos pais e o seu Odilon que era menos rico e era ignorante demais aprovou. Olha bem se tem base um “trem” desse. O menino dele era o Adair, ele falou: “Do jeito que arrumasse os outros meninos eu arrumo os meus também”.

Eu sei que esses meninos fizeram tanto sucesso, que eles foram à loucura. Quando voltou pras aulas naqueles primeiros dias ninguém queria estudar, eles queriam ficar o dia inteiro falando do desfile. “A senhora viu aquele lugar que nós passamos, a gente ia passando e eles bateram palmas, aplaudiam”.

Eram três grupos: os cowboys, as cantineiras, se eu não me engano com avental, com o traje de uma cantineira que fazia o lanche e o outro foi comum só com o uniforme.

138) E eles já tinham uniformes naquela época?

Se eu num me engano tinha, porque o Décio falou pra mim que menino desfilava era de uniforme.

Todos os alunos foram a loucura por causa do sucesso que eles fizeram aqui na cidade. E eu fiz tão pouco sucesso porque eu vim com um ônibus cheio de menino aqui pra minha casa aprontar os meninos. Eu falei: “Vocês deixam a roupa pra vestir lá na cidade”, porque eu fiquei com medo de no caminho pegar poeira e sujar a roupa: “Vocês trazem as roupas na sacola e chega lá na cidade a gente troca”. Chegando aqui em casa a gente quase ficou doido tinha que ligar o ferro pra desamarrotar roupa de menino, tudo eu sozinha, porque as duas outras professoras não ajudaram. Então eu sozinha liguei o ferro pra desamarrotar. Eu trabalhei tanto pra aprontar esses meninos, pra eles ficarem bonitos que eu não tive tempo de aprontar. Fui se eu num me engano de bobes na cabeça, porque não deu tempo de eu pentear meu cabelo, porque “quando é fé” que eu estou naquela peleja pra aprontar os meninos (se as outras tivessem vindo cada uma ajudava um pouco) o motorista do ônibus me chamou : “Dona Eurides tá na hora! Vamos agora!”. E já saiu andando e eu correndo atrás então num deu tempo de eu pentear meu cabelo, você acredita?

Quem fez sucesso foi só os meninos eu não fiz. E então naquela última cena, que aparece no jornal do meio dia que fica faiscando a imagem, eles ficaram com os meninos que vestiram de cowboys. Ficou com eles na tela assim.

139) Quando foi? Deve ter nos arquivos da TV.

Foi no primeiro ano que o Renato, no aniversário da cidade.

140) Eurides pra finalizar, eu sei que depois a gente vai ficar pensando outras coisas, talvez a gente sente novamente, mas me fala duas importantes

questões: o que mais te marcou positivamente nessa carreira? O que foi melhor e o que foi o pior? O que você não gostou em relação a sua carreira?

O que eu não gostei era do sistema do povo, era muito antigo; no começo, a escola não tinha assistência de nada, a gente que tinha que fazer todo o serviço da escola, de limpeza, de lanche, de escrita que tinha que entregar todo o mês na prefeitura. Qual é a outra coisa que você falou?

141) O que de bom você mais gostou em trabalhar nas escolas?

“Uai”, eu gostei mais da modernidade que chegou na nas escolas, aquele progresso, aquela mudança que teve maravilhosa no sistema sabe quando modernizou e depois quando fez as escolas nucleadas que era chamada a escola lá dos Olhos D'Água que reunia várias escolas numa só. Então esse nucleamento, foi a coisa mais importante que teve. Era a escola que eu sonhava de ter um professor pra cada série, ter os funcionários pra fazer cada tipo de serviço. A modernidade da escola foi o que mais me encantou, que fez eu ficar trabalhando mais seis anos.

Entendi, ok, muito bom. Obrigada!

APÊNDICE C

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA DE EURIDES PEREIRA DE SOUZA



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE ENTREVISTA

Eu, EURIDES PEREIRA DE SOUZA, brasileira, professora aposentada, portadora do RG: MG-2.469.996 SSP-MG e CPF: 013.082.266-32, residente e domiciliada no município de Uberlândia – Minas Gerais, autorizo a Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, Kellen Cristina Costa Alves Bernardelli, orientanda da Profª Dra. Sônia Maria dos Santos, a fazer uso das entrevistas concedidas por mim nos dias 14 e 16 de fevereiro de 2018, para sua pesquisa intitulada “Vivências Rurais da professora Eurides Pereira de Souza: 1966 – 1997”. Outrossim, autorizo a pesquisadora a usar a entrevista integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data, para fins científicos.

Uberlândia, 24 de junho de 2019.

Eurides Pereira de Souza
Colaboradora da pesquisa.